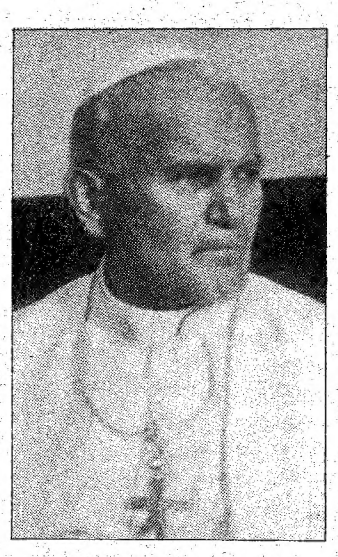


Incidente em Estrasburgo

«ANTI-CRISTO»

— gritou Ian Prasley contra João Paulo II

Pág. 15

ECONOMIA

Portugal tem «trunfos substanciais» para enfrentar a plena integração europeia, quem o afirmou, em Lisboa, foi António Borges, economista português de renome internacional, recentemente escolhido para ilustrar a capa da revista «Fortune»

Pág. 13

MEDIA

Há uma certa tendência administrativa para a manipulação e uma das situações que apontam nesse sentido é a que resulta do processo de atribuição de frequências de rádio, agora culminado com a publicação do D.L. 338/88, escreve Carlos Adrião Rodrigues na

Pág. 2

CIDADE

As três Juntas de Freguesia do Bairro Alto estão preocupadas com a eventualidade de uma catástrofe na zona, como aquela que ocorreu no Chiado. Os responsáveis por aquelas Juntas manifestam-se preocupados pela falta de medidas de prevenção.

Pág. 7

MODA

A inconsistência da imagem portuguesa ficou patenteada, em Madrid, na Feira da Moda, que durante uma semana reuniu diversos países, entre os quais uma significativa representação portuguesa, escreve a enviada do «DL», Lourdes Féria na

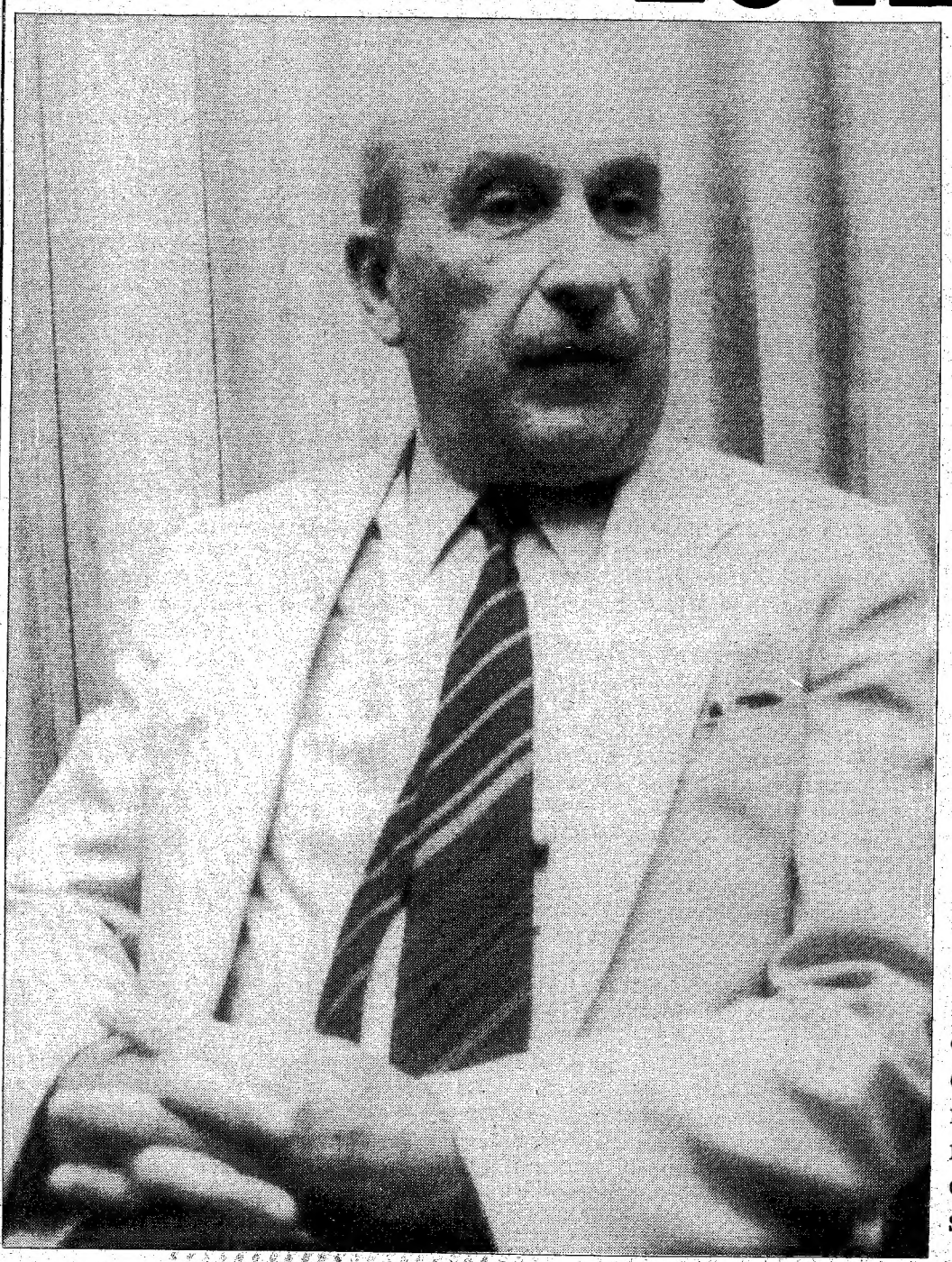
Pág. 23

Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 787 Terça-feira, 11 de Outubro de 1988 Preço 50$00

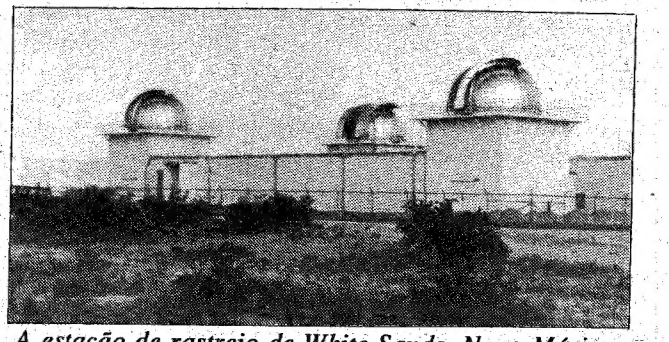
Cerca de 100 mil casos, em Portugal, em 1978, contra 10 mil o ano passado

ABORTO BAIXOU 90% EM 10 ANOS



Os número de casos de aborto, em Portugal, sofreu uma queda drástica nos últimos dez anos. Segundo revelou o director dos Serviços de Ginecologia do Hospital de Santo António, no Porto, Albino Aroso, a baixa é da ordem dos 90 por cento: contra cerca de 100 mil abortos praticados em 1978 apenas se registaram 10 mil o ano passado. Albino Aroso atribuiu estes resultados ao grau de conhecimento e informação da população feminina, resultado das campanhas de esclarecimento em matéria de planeamento familiar e de educação sexual.

Pág. 7



A estação de rastreio de White Sands, Novo México, idêntica à que deveria ser ser construída em Almodôvar

É inconstitucional a forma como foi aprovado acordo com os EUA

ESTAÇÃO DE ALMODÔVAR: INSTALAÇÃO SUSPENSA

O Tribunal Constitucional declarou a inconstitucionalidade do «acordo por troca de notas» entre os governos de Portugal e dos Estados Unidos da América, que autoriza(va) a instalação em Almodôvar de uma estação electro–óptica para vigilância do espaço exterior. O TC sustenta no seu acórdão haver violação ao que dispõe o texto constitucional no seu artº 200, nº 2. O acórdão em questão ocupa mais de metade da edição de hoje do «Diário da República», citando a sua apreciação, ao longo de 14 páginas, tratadistas e constitucionalistas, nomeadamente Gomes Canotilho, Vital Moreira, Nuno Bessa Lopes, Afonso Queiró e Jorge Miranda. O pedido de inconstitucionalidade, não apenas daquele ponto, mas de outros de um acordo geral entre Portugal e os EUA,

continua na pág. 32

A MANIPULAÇÃO DOS MEDIA

Carlos Adriao Rodrigues

A sala estava cheia. O filme era bom, do livro de Kundera, antiestalinista — a «Insustentável leveza do ser».

O jovem médico e a sua mulher vão à «Tasca do Milos» (simpática homenagem a Milos Forman), onde a juventude inconformista checa discute livremente política, dança ao som de ritmos «rock», bebe uns copos e saboreia o prazer da liberdade recentemente conquistada. Estamos em 1967, e é a Primavera de Praga. Numa mesa, criando o contraste, um grupo da nomenclatura» checa confraterniza com políticos russos. De repente um deles levanta-se e dirige-se à orquestra e cochicha com o chefe da banda. Este hesita mas dá satisfação ao pedido e logo a orquestra arranca os acordos cadenciados do hino russo. A mesa da nomenclatura russo-checa está encantada. O resto da sala enerva-se. E de repente a orquestra passa a atacar o hino em ritmo de «rock». Os da nomenclatura irritam-se. Levantam-se e saem, dizendo um: ««Já não há nada sagrado». A sala do cinema agita-se com risos. Os da nomenclatura tornam-se ridículos, idiotas, parvos, por pretenderem que o valor dos símbolos ou o seu respeito, tenham alguma coisa a ver com o ritmo em que são tocados, e a plateia do Londres reagiu saudavelmente. Mas lembrar-se-iam aqueles cidadãos, que ainda há bem pouco tempo a incansável RTP castigava um actor por ter interpretado a «Portuguesa», em ritmo de «rock». Fez-me lembrar quando, em pleno salazarismo, um poeta, Vergílio de Lemos, foi acusado de desrespeito à bandeira nacional, por um poema seu, publicado, conter um verso que se lhe referia como a «Capulana verde e vermelha». José Craveirinha, depondo em defesa, afirmou que capulana era um traje nobre das mulheres de Moçambique. Afonso Ribeiro também a testemunhar pela defesa, garantiu que nas suas múltiplas viagens por Moçambique, costumava ver mulheres moçambicanas, aquando de visitas de ministros, presidente da República ou até simples governadores-gerais, envergando capulanas verdes e vermelhas, distribuídas pelas autoridades administrativas, pelo que a imagem até era factualmente correcta. Felizmente que correndo o processo as três instâncias possíveis, o poeta Vergílio de Lemos foi sempre absolvido. E a PIDE, incapaz de devolver os livros apreendidos por se terem «extraviado», teve de os pagar, em cheque.

Apesar da «insustentável pressão» do estado policial, havia gente com vergonha na cara, incapazes de pactuar com tais acções censóricas e pidescas.

Agora, 14 anos depois do 25 de Abril, começam a aparecer umas actuações de carácter censórico que ninguém parece querer criticar ou depressa caem no olvido. É rockista ostracizado, é a voz do Zeca Afonso saneada, é um filme português impedido de ser exibido, é o caso de Herman José que o ministro Couto dos Santos (da juventude, ainda por cima) considera não ser caso de censura baseado num espantoso parecer jurídico.

O que é então a censura?

Todo o censor é beócio

A primeira coisa a dizer da censura é que ela é uma manifestação primitiva da estupidez humana. Em regime de censura vivemos em Portugal durante todo o período do Estado Novo e mesmo depois do 25 de Abril, de 1974 ainda houve algumas tentativas de prolongar o sistema, falhadas totalmente em virtude da consciência nacional desperta contra uma actividade que punha em causa todo o processo de desenvolvimento que todo e qualquer cidadão nacional, fosse qual fosse a sua cor política, achava urgente e necessário. E até epígonos da extrema direita recearam que lhes aplicassem a eles a receita censórica que eles próprios tinham aplicado aos outros, no regime anterior, o que como castigo não seria malfeito, mas como princípio democrático teria sido péssimo. Mas enfim, venceu o princípio democrático e a Constituição da República contém um artigo, o 37°, que proíbe a censura sob qualquer das formas. Só que os beócios, com espírito de censores, continuam entre nós, intitulando-se a si próprios de liberais (do que nem Adam Smith nem o Hayek tem a culpa).

O caso Herman José

O caso Herman José fez já correr muita tinta, mas não tanta quanto a necessária, visto que o ridículo da situação pode fazer esquecer que ela pode servir para definir os limites a estabelecer entre uma actuação legítima e uma prática indirecta, talvez não querida, de censura. Sem nos preocuparmos muito com a justeza da definição podemos caracterizar a censura como todo o acto tendente a suprimir a divulgação convencionada de uma obra, por outras razões que não as resultantes do contrato de edição, ou a modificá-la ou alterá-la, sem autorização do autor. É o que resulta muito claramente do Art.° 56° e 59° do Código de Direitos de Autor em conjugação com o Art.° 37° da Constituição da República. Também não há dúvida que o programa «Humor de Perdição» era da autoria de Herman José e lhe estava garantida a protecção que a lei confere a toda a obra da criação.

Que faz a RTP? Negoceia não com o autor da obra, mas sim com o produtor — a EDIPIM — a qual se obriga a produzir a obra em estrito respeito pela sinopse e de acordo com as directivas da RTP e a «abster-se de todo o elemento que contraria gravemente os valores fundamentais ético-juídicos, em que assenta o Estado democrático».

Mas parece que depois de tudo isto a RTP nem sequer rescindiu o contrato, visto que segundo declarações da EDIPIM pagou a esta o convencionado pela totalidade dos programas. Ora o direito de rescisão, se existisse, por culpa da outra parte, implicaria o não pagamento dos programas não transmitidos.

Por outro lado aconteceu ainda que como razão determinante da rescisão do contrato, a RTP invocou perante o Conselho de Comunicação Social o facto do autor ter solicitado a intervenção de poderes públicos. Isto é, de ter exercido o seu direito de petição.

Razoavelmente desconfiado que esta actuação inculcàva um acto censórico, o Conselho de Comunicação Social emitiu uma directiva no sentido da exibição dos programas suprimidos e não sendo obedecido pelo Conselho de Gerência, pediu ao ministro da tutela a instauração de processo disciplinar contra este.

Quer dizer a RTP ao contratar a exibição de uma obra — não contrata com o autor, contrata com um produtor, que não tem, de forma nenhuma, poderes de representação do autor. Mesmo assim suprime a exibição da obra por razões extrínsecas à mesma, isto independentemente de o autor ter feito bem ou mal em andar a queixar-se do tratamento que estava a ser dado à sua obra. E depois de tudo isto o ministro acha que é tão evidente não haver censura, que nem vale a pena instaurar processo.

É evidente que os órgãos de gestão de uma empresa de Televisão podem escolher com quem contratam e não exibir as obras que não estejam de acordo com o contratado. Mas o que não pode é excluir do contrato o autor da obra e deixar de exibir a obra por razões diferentes daquelas que previamente foram contratadas, embora só com o produtor; e não pode, por a Constituição lho proibir, praticar, directa ou indirectamente, actos de censura.

O mistério das frequências

Mas náo é só este caso que faz transparecer uma certa tendência administrativa para manipular os «media». Outra situação estranha é a que resulta do processo de atribuição de frequências, agora culminado com a publicação do DL 338/88 de 28 de Setembro, que regulamenta a lei 87/88 de 30 de Julho. Depois das expectativas criadas é patente a admiração das forças políticas e das novas rádios, por constar que apenas vai ser aberto concurso para atribuição de alvarás para frequências locais, isto é, aquelas cuja potência permite abranger, nos termos da lei, uma cidade, uma vila ou um município. Se assim for, isto quererá dizer que muitas das emissoras agora toleradas deixarão de emitir e muitas outras terão de reduzir a potência dos emissores e, consequentemente, a área de cobertura, o que fatalmente conduzirá à asfixia de projectos profissionais de qualidade, como é por exemplo, em Lisboa, o caso da TSF. E novamente se levanta o fantasma da atribuição de duas frequências nacionais à RDP e à RR que estará na base da actual «falta de frequências» para distribuir.

Ora, seja qual for a opinião que se tenha sobre aquela atribuição, o problema é todo outro e uma análise ponderada da legislação publicada leva a outras conclusões.

Existe actualmente dentro das convenções negociadas, para disponibilizar ou uma frequência nacional ou onze frequências regionais de FM, em que aquela se pode desdobrar. É ainda possivel, através de acertos com a Espanha, dispor de mais uma rede nacional de frequências, também desdobrável em 7 ou 8 frequências regionais.

Portanto, não é por falta de frequências que estas não são postas a concurso.

Mas não existem apenas estas duas redes de frequências.

O n.° 3 do art.° 2.° da Lei 87/88 de 30 de Julho reza o seguinte:

> «A empresa pública que presta serviço público de radiodifusão sonora pode concessionar, mediante concurso público, a exploração de qualquer programa comercial com utilização das correspondentes frequências desde que autorizada pelo membro do governo a quem compete a tutela...»

Ora a RDP possui, pelo menos, dois programas caracterizadamente comerciais: o da Rádio Comercial, com cobertura nacional em FM e OM, e a da antiga Rádio Porto, hoje conhecida por Rádio Comercial Norte, com cobertura regional em FM e com uma cobertura de quase todo o litoral, do Norte até Lisboa, e de vastas regiões do interior, em OM.

Ora repare-se que, neste caso, a Assembleia da República, por voto do PSD foi para uma solução ambígua. Um partido que se bate por privatizações, resolveu possibilitar a manutenção no sector público de dois programas comerciais. E havendo uma empresa vocacionada para exercer a radiodifusão do sector público, vai entregar esses programas a empresas concessionárias. É uma solução sem lógica, que não se adapta ao programa deste governo e que só tem uma explicação: perante as incertezas de uma revisão constitucional e perante as dúvidas suscitadas, na revisão em curso, quanto à soluação do problema da irreversibilidade das nacionalizações, os deputados do PSD quiseram garantir a «privatização» da RDP através do processo ínvio de concessionar um serviço público a empresas privadas.

Ao concurso que será feito não se aplicarão sequer as regras do concurso público estabelecidas no DL 338/88, pelo que provavelmente as condições de preferência serão bem outras, aliás as estabelecidas pela entidade concedente que, para este caso, não será o governo mas sim a própria RDP, dentro da qual ou quase dentro da qual se encontram estabelecidos os principais candidatos à obtenção da concessão que, como é natural, não será estabelecida pelo período de duração previsivel do actual governo ou da actual maioria, mas por muito mais.

As tecnologias de informação e os novos «media»

Estes exemplos são graves, porque pela preocupação de controlo dos «media» que deixam adivinhar, denunciam a existência entre nós de metalidades vetustas, com concepções muito pouco liberais sobre os «media». Ora o País o que precisa não é de propaganda mas sim de informação. Sem informação não vamos conseguir sobreviver ao impacte do Mercado Único de 1992. Essa informação livre e descomprometida, náo é necessária só ao nível dos «media» clássicos — é necessária nas empresas, nas comunidades, nos grupos, nas associações. Só com ela, geral ou especializada, se pode construir um País competitivo e capaz de enfrentar os desafios do mundo moderno. Mas a forma como parece estar a ser manipulada a organização da informação de carácter geral, deixa-nos, sérias dúvidas, quanto à mentalidade que presidirá à introdução dos novos «media» na sociedade portuguesa. E se a mentalidade for a mesma, dificilmente deixaremos a cauda da Europa, por muito de esperanças com que andem os nossos governantes.

Eleições presidenciais: antecipações e bloqueios

EM anteriores notas cursivas, falámos das consequências de afirmações do tenente-coronel Vítor Alves relativas a uma eventual candidatura à Presidência da República do general Ramalho Eanes. Seria irrelevante no plano político — dizíamos — o desmentido de Ramalho Eanes. Pelas palavras de Vítor Alves e pelo pessoal desmentido, a candidatura ficava inscrita na lista das candidaturas possíveis e constituía um facto político.

Com um enunciado diferente, e na posição de quem evoca uma situação que se teria verificado e não teve sequência, o tenente-coronel Vasco Lourenço, sem afastar outras e futuras solicitações, recordou um convite de Mário Soares para disputar a Presidência da República. Surgiu, há dias, a referência a uma candidatura partidária do Partido Social Democrata protagonizada pelo engenheiro Eurico de Melo. Atribuiu-se, pouco depois, ao deputado social-democrata europeu, dr. Pedro Santana Lopes, a intenção de apoiar uma possível recandidatura do dr. Mário Soares. Todas estas antecipações, mesmo as que são objecto de desmentidos ou rectificações, projectam sobre a realidade política luz e sombra.

Não se estranhe que Mário Soares não declare — e nada o obriga a fazê-lo — que não é candidato à sua sucessão; nem surpreendeu que Ramalho Eanes tenha vindo pressurosamente desmentir o seu camarada, colaborador e amigo Vítor Alves; nem surpreenderá que Vasco Lourenço venha corrigir o alcance das suas recordações e disponibilidades. Mais estranho seria — mas não inimaginável — que Eurico de Melo reduza o quase anúncio a uma indesejada hipótese. Pedro Santana Lopes não demorou a rectificar o desvio de que fora inculpado. Com efeito, afirmou no sábado passado: «É falso que tenha defendido a candidatura de Mário Soares. Limitei-me a considerar errado que sejam os partidos a promover a apresentação de candidaturas.» ("Diário de Notícias", 9/10/88).

Todavia, a rectificação de Pedro Santana Lopes, não só o demarca da hipótese social-democrata da candidatura Eurico de Melo, como é significativamente favorável a Mário Soares. Ele entende que o Partido Social Democrata "deveria começar a deixar claro que não tem de andar à procura de um candidato à Presidência da República" e considera que Mário Soares "contribuiu positiva e decisivamente para a clarificação do sistema de governo português". Se assim foi, se assim é, o eleitor perguntar-se-á, com boa razão, se vale a pena substituir, quando se pode reeleger, quem "positiva e decisivamente" contribuiu "para a clarificação do sistema de governo português"?

Com grande antecipação o tema das eleições presidenciais invade a actualidade política. E os dados de que dispomos propõem-nos problemas interessantes. A esta distância os dados podem alterar-se, mas por agora tudo indica que o candidato Diogo Freitas do Amaral não é candidato para o Partido Social Democrata e que a hipótese Eurico de Melo é avançada como uma advertência a Mário Soares e um aviso a Ramalho Eanes. O Partido Social Democrata está empenhado na continuidade governativa, com o seu Primeiro-Ministro, com o seu líder, e tem um candidato próprio à Presidência da República. Esse candidato poderá ser o engenheiro Eurico de Melo, um homem **de** governo, um homem **do** Governo, um fiel de Cavaco Silva.

A candidatura de Eurico de Melo será uma candidatura de recurso para o PSD, mas é uma boa candidatura para Cavaco Silva. É, sem dúvida, a candidatura que lhe permitirá a continuidade governativa sem atritos com Belém, apagando, banalizando Belém.

Resta saber se neste lapso de tempo — tenham-se em conta os níveis de abstenção nas eleições das Regiões Autónomas — não será posta em causa no plano eleitoral, por desgaste ou desinteresse, a maioria social-democrata. Não é seguro que, nas eleições presidenciais de 1991, um partido logre impor o seu candidato. Não é seguro que o Partido Social Democrata consiga fazer eleger um candidato sem apoios eleitorais externos, sem combinações, acordos, coligações.

Considere-se a situação de outros referidos candidatos: o general Ramalho Eanes não será um candidato do PRD, o dr. Mário Soares não será um candidato do Partido Socialista. A Oposição, dividida em oposições que na dispersão pretendem afirmar-se, perdeu, em matéria de eleições presidenciais, a iniciativa estratégica e apesar dos muitos meses que nos separam do acto eleitoral não se descortina que a situação se possa modificar. Não é, contudo, difícil presumir que eventuais candidaturas de Ramalho Eanes e de Mário Soares não serão miscíveis. E é claro que o Partido Socialista não tem, e não alcançará em dois anos, a força eleitoral necessária para lançar, num esforço autónomo, isolado, uma candidatura à Presidência da República.

Nesta matéria, é uma evidência política que os outros partidos parlamentares não dispõem, igualmente, de capacidade para apresentarem, isoladamente, candidaturas credíveis: nem o CDS, nem o PRD, nem o PCP. Candidaturas de afirmação, de contagem de votos, não serão mais do que referências eleitorais para possíveis negociações. Pergunta-se todavia se a actual orientação do Partido Socialista permitiria (permitirá) uma reeleição de Mário Soares.

Não é claro — anotemo-lo com isenção —, o posicionamento do general Ramalho Eanes, que, apesar de não estar inteiramente desligado do pessoal político do PRD, se mostra sensível às "virtudes" do professor Cavaco Silva. Se este tem candidato, a oposição ao candidato do PSD terá de ser suportada pelas oposições. Dir-se-á que se desligou do anúncio de Vítor Alves. Mas...

Se a candidatura de Eurico de Melo é (será) a da continuidade repousante, a candidatura de Ramalho Eanes seria a da continuidade condicionada, e a de Mário Soares seria a da continuidade inquieta, e, apesar de tudo, candidatura alinhada com uma tradição republicana, democrática e social. Dizemos **social,** e não **socialista**. Apesar de tudo "presidência aberta", com memória da Resistência, sensibilidade democrática, capacidade dialogante.

O eng. Eurico de Melo, na sua qualidade de ministro da Defesa Nacional, recusou, recentemente, um subsídio à Associação 25 de Abril. Destinava-se o subsídio solicitado à "publicação do... boletim **'O Referencial'".** Entendeu o ministro da Defesa Nacional que era de recusar "uma vez que os subsídios concedidos pelo MDN se destinam a entidades, que, no âmbito das FA, se propõem objectivos de natureza cultural e social, não tendo qualquer componente de carácter político, facto este que, obviamente, não se enquadra na acção desenvolvida, pública e notoriamente, por essa Associação".

O texto não carece de comentário. De impressionante clareza revela uma atitude, Eurico de Melo reprova a "componente de carácter político" da actividade da Associação 25 de Abril.

O presumível candidato social-democrata apresenta-se com uma imagem de ordem liberal e de recuperação conservadora. Apresenta-se como um candidato hostil ao 25 de Abril, reprovador da sua "componente política".

Novo passo na legalização das rádios livres

Comissão Consultiva da Rádio foi hoje empossada

A Comissão Consultiva da Rádio tomou hoje posse no Palácio Foz, com a presença do Primeiro Ministro, Cavaco Silva. Esta nova Comissão, de natureza técnica, está vocacionada para emitir pareceres consultivos sobre as candidaturas à criação de emissoras de rádio, cabendo a decisão final ao organismo da tutela.

O desembargador José dos Santos Monteiro foi a pessoa designada pelo Conselho Superior da Magistratura para presidir à Comissão, que integrará ainda três membros designados pelo Governo - Leopoldo Camarinha, Alçada Batista e Francisco Galego - , e outros três indicados pelo Parlamento: Pedro Pais de Vasconcelos, Jorge Araújo e Sebastião Garcia.

Manuel Chaves e João Afonso de Almeida representarão, na Comissão, os governos regionais dos Açores e da Madeira, enquanto Torres Pereira foi o elemento indicado pela Associação Nacional de Municípios e Fernando Santos Cunha pela entidade superintendente do espectro radioeléctrico. Finalmente, serão também empossados como membros da Comissão, Beltrão de Carvalho (RTP), Carlos Mendo de Miranda, Carlos Barbosa e Alberico Fernandes.

Após a publicação da Lei do Exercício da Radiodifusão, a 30 de Julho, e do respectivo decreto regulamentar, a 28 de Setembro, a Comissão Consultiva da Rádio representa mais um passo para o avanço da normalização da situação das rádios em Portugal.

Assim, a Comissão deverá apresentar ao Governo as propostas de atribuição ou de renovação de alvarás para o exercício da actividade de radiodifusão e respectivos pareceres, devidamente fundamentados. Fica apenas a faltar a publicação do mapa das frequências disponíveis e o regulamento do concurso público.

Quando este processo estiver concluído, ficam criadas as condições para a abertura do concurso, que deverá durar 45 dias, estando o silenciamento das rádios previsto para o 35º dia do concurso. O prazo para a sua reabertura não está ainda definido, só devendo ocorrer quando as frequências estiverem atribuídas.

Também esta tarde, o Primeiro Ministro recebe o Conselho Nacional de Reabilitação, que lhe entregará a sua proposta de um plano orientador da política nacional de reabilitação, elaborado ao longo do último ano por 46 organizações não governamentais.

Ontem, Cavaco Silva recebeu em audiência uma delegação da UGT com quem discutiu a concertação social e a política de rendimentos e preços, tendo igualmente almoçado com os responsáveis do Ministério das Obras Públicas. Este almoço de trabalho vem na sequência de outros que o chefe do Executivo teve nas últimas semanas com os ministros da Educação, Finanças e Saúde.

Na próxima sexta-feira, Cavaco Silva dará uma conferência de imprensa conjunta com o Primeiro Ministro belga, Wilfred Martens, que chega na quinta-feira de manhã a Lisboa. Nesse mesmo dia, Martens será homenagedo pelo seu homólogo português com um jantar no Palácio de Sintra.

Finalmente, no domingo, o chefe do Governo partirá para uma visita de quatro dias a Marrocos, durante a qual deverão ser assinados os acordos esta semana negociados pela Comissão Mista Luso-Marroquina que está reunida em Rabat desde o passado domingo até à próxima terça-feira.

Desenvolver cooperação bilateral

De acordo com o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso, que chefia a delegação portuguesa da Comissão Mista, o Governo português está interessado em desenvolver quantitativa e qualitativamente a cooperação bilateral com Marrocos nos domínios económico, social, cultural, científico e técnico.

No seu discurso, Durão Barroso declarou que Cavaco Silva pretende activar as relações e a cooperação com os países árabes, começando por Marrocos, e propôs a análise das questões que se relacionam com os transportes, a acção no domínio aduaneiro, no tráfico de droga e na Comunicação Social.

As áreas das pescas, turismo e comércio externo foram apontadas pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros como susceptíveis de serem desenvolvidas no âmbito da cooperação bilateral. No que se refere especificamente ao sector pesqueiro, Durão Barroso mencionou o facto de a adesão de Portugal às Comunidades exigir um novo enquadramento das relações luso-marroquinas.

Para a nomeação dos directores de jornais

PARECER VINCULATIVO DO CONSELHO DE REDACÇÃO DEFENDIDO PELO PS

Daniel Reis

A defesa do pluralismo ideológico, nos orgãos de Comunicação Social estatizados, e a liberdade de expressão e criatividade dos jornalistas, em geral, foram assuntos profundamente debatidos na Comissão Eventual de Revisão Constitucional. O Partido Socialista apresentou a proposta mais forte nesta matéria, em defesa do carácter vinculativo de alguns dos orgãos de controlo previstos na nova arquitectura constitucional.

O PS já em sede do art. 38º avançara a proposta de atribuição de carácter vinculativo aos pareceres dos Conselhos de Redacção, em todos os os orgãos de Comunicação Social, para a designação dos Directores, bem como para a fiscalização do cumprimento dos estatutos editoriais.

Nenhum dos outros partidos acompanhou os socialistas na inclusão desta matéria em sede constitucional. Porém, os socialistas aprofundam-na, retomando na proposta de art. 39º o carácter vinculativo do parecer de outro orgão--desta vez, o Conselho de Comunicação Social-- para a nomeação dos Directores dos orgãos de Comunicação Social estatizada.

Esse parecer do Conselho de Comunicação Social tem de ser «prévio, público e fundamentado». A importância desta proposta pode avaliar-se por um hepisódio recente: caso vigorasse agora uma norma constitucional como esta que o PS propõe, uma dos mais recentemente nomeados directores de jornais diários do sector público não poderia ter tomado posse.

Quer num caso quer noutro, o Partido Socialista pretende clarificar as dúvidas que a jurisprudência ainda não afastou de vez ou tornar explicitamente vinculativo aquilo que, actualmente, tem apenas natureza indicativa.

Também o Partido Comunista e os Verdes apresentaram propostas de reforço da capacidade de intervenção do Conselho de Comunicação Social nas empresas do sector público.

Para o PCP, a nomeação dos gestores das empresas de Comunicação Social pertencentes a entidades públicas ou delas dependentes, assim como dos directores dos respectivos orgãos, deve ser precedida «de parecer favorável do Conselho de Comunicação Social, cuja aprovação depende de maioria de dois terços dos conselheiros».

O Verdes colocam idêntica exigência na sua proposta mas apenas quanto à nomeação dos gestores.

CDS, PS e PRD também falam da necessidade de salvaguardar o pluralismo ideológico e a independência, perante o Governo, dos orgãos de informação do sector público. Mas limitam-se a remeter o controle da sua orientação, de forma genérica, para o Conselho de Comunicação Social, deixando à lei a definição da respectiva competência.

1988 ANO DA REVISÃO CONSTITUCIONAL

Alta Autoridade para o Audiovisual

Um tanto à semelhança do PS, mas com funções e eficácia mais localizadas, o Partido Renovador Democrático incluiu na sua proposta de revisão constitucional um aditamento ao artigo 39º visando a criação da Alta Autoridade para o Audio-Visual.

O objectivo do PRD--proposta de art. 39º-A--é a garantia da «independência, da qualidade e do pluralismo das estações de radiodifusão e radiotelevisão não pertencentes ao Estado».

A organização e a competência da Alta Autoridade para o Audio-Visual, segundo a proposta dos renovadores, seria determinadas por lei posterior, decorrente da aprovação do novo articulado constitucional.

Reabertura da Assembleia confirmada para o dia 18

A abertura da Assembleia da República, para a segunda sessão legislativa da actual legislatura, foi ontem confirmada para o dia 18, terça-feira próxima. A sessão anual do Parlamento português principia, regimentalmente, a 15 de Outubro; mas, por ser sábado, foi este ano deferida para a terça-feira seguinte, ou seja, o dia da habitual primeira reunião semanal do plenário.

Em confereência de lideres parlamentares, em que participou também o ministro António Capucho, foi analisado o futuro funcionamento do plenário, à luz das novas regras regimentais, aprovadas na sessão passada. Segundo o Presidente da Assembleia da República, prof. Vitor Crespo, a entrada em vigor do novo Regimento não diminuirá o tempo de trabalho em plenário, não obstante ter sido reforçado o elenco de matérias reservado às Comissões.

A Mesa da AR vai ser eleita no dia 20, agora também para um período mais longo de mandato, sendo um dado adquirido a continuação de Vitor Crespo, deputado do PSD, na Presidência. Na primeira reunião plenária e depois das habituais declarações políticas, a Assembleia aprecia uma proposta de alteração do Código do IVA, apresentada pelo Governo.

A conferência de líderes parlamentares analisou uma proposta de calendarização da discussão do Orçamento e das Grandes Opções do Plano, a submeter agora à Comissão de Economia e Finanças. Fez também a abordagem inicial do processo a seguir para a revisão constitucional, o prato forte do ano parlamentar que principia de hoje a uma semana.

Hoje e amanhã as Jornadas Parlamentares Socialistas

Entretanto, decorrem nas instalações da Assembleia as Jornadas Parlamentares do PS, estando agendado o debate das principais iniciativas legislativas a apresentar pelos socialistas e a eleiçao da Direcção do respectivo Grupo Parlamentar.

A interpelação ao Governo, sobre inflação e política de rendimentos, abre o leque das iniciativas do PS, contando-se que ela seja marcada para uma das primeiras reuniões do plenário. Além disso, o Partido Socialista debate, nas Jornadas de hoje e amanhã, a sua estratégia para a discussão do Orçamento, assim como a revisão constitucional, matéria até agora circunscrita a negociações mais ou menos sigilosas com o PSD.

Jorge Sampaio, actual Presidente do Grupo Parlamentar, candidatou-se à reeleição, sendo acompanhado pelos seus anteriores Vice-Presidentes, Lopes Cardoso e Jorge Lacão.

Raúl Rêgo

A República civilista

Ao que me parece toda a República tem em si mesma o conceito de civilismo, comunitarismo, repelindo qualquer constituição aristocrática e muito mais totalitária, classista.

Na Constituinte da República, em 1911, houve muitos deputados favoráveis à não existência do cargo de Presidente da República, deixando as funções deste distribuídas pelos Governo e, sobretudo, pelas assembleias de eleição directa ou indirecta, a Câmara dos Deputados e o Senado. Também houve muitos deputados constituintes que se opunham à existência duma Câmara Alta, ou Senado. E isso viria a fazer vencimento na República reconstituída de após o 25 de Abril.

A proclamação da República, no momento em que foi feita e na luta travada desde a meia-noite do dia 3 até às oito ou nove horas de 5, ficou a dever-se mais ao elemento civil do que aos militares. Destes é importante o papel desempenhado pelos marinheiros com Machado Santos, por José Afonso Pala, em Artilharia 1, por Sá Cardoso, em toda a noite de 3 para 4, até que os cálculos técnicos e profissionais levam os oficiais a abandonar a Rotunda.

Ao que nos parece, um militar que se revolta rompe definitivamente com a disciplina castrense, não se podendo reservar para o dia de amanhã, para nova oportunidade. Esse costuma ser o raciocínio dos que se revoltam na certeza da vitória. E um revolucionário corre sempre riscos. Sá Cardoso, pela vida além, virá dar provas de uma decisão e capacidade de renúncia grandes, deixando inclusivamente o cargo de presidente da Câmara dos Deputados para ir para a guerra; e depois revoltando-se contra a ditadura.

Os militares são homens para a guerra, para a defesa das instituições; não o devem ser para as querelas políticas. A revolta militar é como os canhões para Luiz XIV: **«Ultima ratio regum».** Ou seja: O último recurso de qualquer homem que preza a honra e a dignidade mais do que a vida. Por isso arrisca a mesma vida para fazer valer a sua razão. Não são apenas os reis que têm dignidade. Os cidadãos (que eles se habituam a chamar de súbditos) também são homens e quanto mais conscientes mais dignos.

O grande erro da República foi o de não ter nascido inteiramente civilista, fazendo recolher os Machado Santos, os Jovens Turcos, os tenentes e os generais aos quartéis. Ou então, se preferiam a política, que despissem a farda. Um militar ou um sacerdote, em cargo político, raras vezes põe o civilismo acima do seu carisma profissional. Na Constituinte da República houve umas dezenas de militares e alguns sacerdotes; e no Parlamento português houve sempre de uns e de outros. Sobretudo militares.

A Constituição de 75 veda o Parlamento aos militares no activo e aos eclesiásticos com cura de almas. E tem-se mantido a regra, com utilidade para a comunidade. As intervenções políticas, mesmo de fora do Parlamento têm sido mais de eclesiásticos (a despeito de termos uma Concordata que regula as relações Estado-Igreja), a propósito de tudo e de nada.

A República, e esse foi o seu principal defeito, nunca foi inteiramente civilista; e nasceu com uma mentalidade passa-culpas, amnistiando tudo e todos; mas sobretudo os seus piores inimigos. Tantas vezes repetiu a amnistia que acabou por ser vítima dos amnistiados. Regime imbele que foi, amnistiou tudo e todos; e eles não se convertiam diante de tamanha compreensão ou fraqueza. Acabaram por tornar o regime republicano, apoderando-se dele, na mais estreita das monarquias e em feroz ditadura.

Seria curioso e útil fazer a relação dos homens que foram governantes ou sustentáculos do regime totalitário, implacáveis para com o pensamento e a acção democráticos, perseguindo, demitindo ou desterrando os mesmos que para os cargos os tinham nomeado ou que tinham mandado arquivar os processos e inquéritos contra eles levantados na República. Não se esqueça que Carmona, na função de promotor da Justiça, pede a absolvição de Cabeçadas, revoltado contra a República em 19 de Julho de 1925; e o mesmo Carmona, Presidente da República, deixa condenar o mesmo Cabeçadas, em 1949, por conspirar contra o Estado Novo. Não esqueçamos que um inquérito aos professores da Universidade Oliveira Salazar, Fezas Vital, Magalhães Colaço, por propaganda contra a República, nas aulas, é arquivado e eles continuam professores. O mesmo Oliveira Salazar, Fezas Vital presidente da Câmara Corporativa, demitirá pura e simplesmente ou passará compulsivamente à reforma, dezenas de professores universitários, incluindo os da Faculdade onde tinham ensinado.

De estranhar esta passagem do civilismo republicano para o totalitarismo monárquico (de **monos,** seja um **só** pensamento e um **só** mandante) e esta mentalidade perseguidora de homens a quem os adversários não tinham perseguido e até haviam guindado a posições de relevo?

De forma nenhuma. Alguém com tanto cinismo, como verdade, dizia a um democrata que estranhava essa aparente contradição dos discípulos de Maurras: «Nós invocamos o vosso espírito liberal para pedir a nossa liberdade; usamos a nossa mentalidade totalitária no Governo para não consentir a expressão de outro pensamento que não o nosso.»

Mas como é bom escrever em paz e franqueza, sabendo que tanto escrevemos não passará ao crivo de nenhum censor!

Artur Albarran no comando das operações

"O Seculo" tem novo director a partir de amanhã

Artur Albarran passará, a partir de amanhã, a ser o director do matutino lisboeta «O Século», cuja tiragem deverá ser elevada para 40 000 exemplares. O jornalista de 35 anos, dos quadros da RTP, afirmou que se pretende reforçar nas páginas do jornal o pluralismo de opiniões e apresentar «uma outra maneira de estar no jornalismo».

Para a implementação do seu projecto, a concretizar dentro de duas semanas, o novo director de «O Século» conta com seis editores: José Mensurado (Internacional), Horácio Piriquito (Economia), Vasco Resende (Desporto), Carlos Vargas (Política Nacional), Gualdino Paredes (Informação Geral) e Viriato Dias (Secretaria e Planeamento). A direcção criativa do novo modelo do jornal, com dois corpos e quatro «primeiras páginas a cores», bem como com páginas de publicidade a cor no interior, é do caricaturista António, dos quadros do semanário «Expresso».

Alves Fernandes, cujo nome aparece terça-feira pela última vez como director de «O Século», passa para o Conselho de Administração da empresa proprietária do jornal, conselho esse presidido pelo embaixador Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros no tempo de Salazar. Duas antigas revistas portuguesas, a «Vida Mundial» e «O Século Ilustrado», reaparecerão no fim deste mês como suplementos de «O Século», devendo o primeiro sair às terças-feiras, como tribuna onde se manifestem as mais diversas opiniões sobre economia e política, tanto nacional como internacional, enquanto que «O Século Ilustrado» sairá aos domingos, com características mais populares.

Arquitectos portugueses num colóquio em Marrocos

Uma delegação de arquitectos portugueses do Norte deixou ontem Marrocos depois de ter participado na cidade de Sale num colóquio internacional sobre a preservação dos centros históricos.

A delegação, constituída pelos arquitectos Nuno Portas, da Faculdade de Arquitectura do Porto, Maia Gomes, de Vila do Conde, e Alexandra Gesta, de Guimarães, abordaram no colóquio, organizado pela Associação Bou Regreg, a salvaguarda do centro histórico de Guimarães.

DL NACIONAL

PCP ENTREGA NO TRIBUNAL CONSTITUCIONAL PEDIDOS DE INCONSTITUCIONALIDADE

Uma delegação do Partido Comunista Português entregou esta manhã, no Tribunal Constitucional, os pedidos para apreciação e declaração de inconstitucionalidadé por aquele tribunal das leis e normas relativas ao pacote laboral, à Reforma Agrária, à Reforma Fiscal, à Delimitação de Sectores a ao condicionamento da actividade de propaganda.

«Tratam-se de cinco diplomas que consideramos gravíssimamente inconstitucionais», frisou o deputado comunista José Magalhães, quando saia do tribunal acompanhado pela delegação do seu partido constituida pelo economista Octávio Teixeira, e os deputados Lino de Carvalho e João Amaral.

Questionado sobre as possiblidades de os diplomas serem deferidos, José Magalhães lembrou que o Tribunal Constitucional é soberano na sua apreciação, e afirmou que o «carácter ilegal dos decretos-lei merece só por si uma os pedidos do PCP».

«Por exemplo, a segunda versão do pacote laboral não chegou a entrar no TC, apenas tendo sido apreciada a primeira que foi considerada inconstitucional. Daí que se justifique uma nova verificação», disse José Magalhães, acrescentando que «em relação à lei da propaganda é importante que o tribunal discuta a matéria rápidamente para evitar a proliferação de regulamentos ilegais e o impedimento prático das liberdades dos cidadãos».

Admitindo que o Tribunal Constitucional tem neste momento um volume considerável de processos, o PCP não prevê quando poderá obter uma resposta daquele orgão de soberania. «No entanto, foi pedido urgência - referiu o deputado comunista - para evitar o andamento dos diplomas».

Coube a Octávio Teixeira explicar os principais aspectos inconstitucionais que o seu partido encontrou na Lei da Reforma Fiscal, ou seja aquilo que denominam de «unicidade do imposto». Para aquele economista, «o Imposto Único é para toda a gente e todos os rendimentos têm de ser contabilizados. Não me parece que a Constituição seja conivente com o Imposto, quando se excluem os rendimentos de capital e as mais-valia».

Octávio Teixeira sublinhou ainda que o próprio tratamento das familias portuguesas é discriminatório, uma vez que irão pagar mais aquelas que tiverem um único rendimento, quando deveria ser atendidas as necessidades de cada uma delas e ao mesmo tempo devia ser privilegiado os rendimentos de trabalho.

O deputado Lino de Carvalho pronunciou-se sobre a Lei da Reforma Agrária que reputou igualmente de «discriminatória». Segundo ele, «a Constituição manda expropriar o latifúndio e entregar a terra a quem a trabalha, enquanto esta legislação inverte o processo, expropriando as cooperativas e entregando as terras aos latifundiários». Crítca também o impossibilidade dos trabalhadores rurais poderem recorrer a tribunal «por mais ilegais que os actos da Administração sejam»

«Uma das mais escaldantes e com impacto impacto no futuro sector público» foi como José Magalhães se referiu à Lei de Delimitação de Sectores, criticando os dois tipos de efeitos que irá, na sua opinião, gerar: por um lado, suprime a existência de sectores industriais vedados ao capital privado, por outro lado, reduz a um ínfimo número sectores considerados básicos, de serviço público e sem carácter lucrativo.

«O Governo prepara alguns negócios que envolvem a evocação desta lei, o que é extremamente melindroso, precisamente pelos vicíos que o diploma comporta».

Quanto à Lei da Propaganda, a maior censura vai para a falta de distinção no que é considerado propaganda e publicidade, remetendo para regulamentos das autarquias locais a consignação de novas proibições. O facto de o decreto-lei também não permitir os verdadeiros autores da propaganda, e a consequente remoção da mesma dos locais públicos é, na óptica de José Magalhães, «susceptível de provocação política».

Soares recebe Nino Vieira e aceita visitar a Guiné-Bissau

A decisão do Presidente da República, Mário Soares, de visitar no próximo ano a Guiné Bissau, foi o ponto mais importante do encontro realizado ontem entre os chefes de Estado dos dois países. A aceitação do convite, feito há um ano por Nino Vieira e reiterado recentemente pelo embaixador guineense em Lisboa, veio, aparentemente, sanar os problemas existentes entre Mário Soares e Nino Vieira, surgidos em 1986 na sequência do fuzilamento de seis réus condenados à morte em Bissau.

Nessa altura, Soares enviou um telegrama ao presidente da Guiné Bissau, pedindo a comutação das 12 penas de morte e manifestando «um vigoroso repúdio» por aquele sentença.No final, apenas seis penas acabaram por ser comutadas e Mário Soares recusou-se a receber um enviado que Nino Vieira mandara a Lisboa para «explicar as condenações à morte». João Bernanrdo Vieira regerssou ontem ao princípio da noite ao seu país, após uma visita privada a Portugal e aos Estados Unidos.

Dirigente trabalhista recebido em Belém

Durante o dia de ontem, o chefe de Estado recebeu igualmente o presidente do Partido Trabalhista Britânico, Michael Foot, a quem ofereceu um almoço no Palácio de Belém. No almoço estiveram presentes diversas personalidades dos meios socialista, sindical e cultural, designadamente Torres Couto, Vitor Constâncio, Jorge Sampaio e Jaime Gama. Michael Foot encontra-se em Lisboa a convite do British Council, onde proferiu uma conferência sobre Lord Byron.

O telegrama enviado por Mário Soares à viúva do falecido presidente chileno, Salvador Allende, no dia do triunfo do «não» ao ditador Pinochet recebeu ontem uma resposta na qual Hortensia Allende agradece, em seu nome e de suas filhas.

No texto, Hortensia Allende afirma-se especialmente impressionada com a menção que Soares fez a seu marido, «cuja pessoa os chilenos demonstraram também que vive na sua recordação». A viúva do antigo presidente assassinado no golpe de Estado de 11 de Setembro de 1973, classifica ainda o dia do plebiscito como «o dia do triunfo do povo chileno para estabelecer a democracia».

Açores e Madeira à espera dos novos executivos

O ministro da República para os Açores, Rocha Vieira, recebeu ontem o pedido de demissão do Executivo açoriano, na sequência das eleições de domingo. A demissão do terceiro Governo líderado por Mota Amaral segue-se a uma nova vitória, embora menos expressiva que as precedentes, dos social-democratas nas legislativas regionais.

Após a publicação no Diário da República dos resultados eleitorais de domingo, Rocha Vieira receberá formalmente os partidos representados na nova Assembleia Regional com vista à formação do 4º Governo Regional. Só depois destas audiências é que será formalmente indigitado o novo presidente daquela região autonóma, neste caso, e novamente, será Mota Amaral.

O líder social-democrata divulgou ontem mesmo a composição do Executivo que irá integrar. Dele fazem parte dois adjuntos da presidência, Rolando Lalanda Gonçalves e Joaquim Machado, que terão cargos de subsecretários de regionais.

Dois antigos membros do anterior gabinete, Américo Viveiros e Álvaro Damâso, voltam ao Governo, respectivamente, com as pastas da Habitação e Obras Públicas (ex-secretário do Comércio e Indústria) e Economia (ex-secretário das Finanças e actual presidente da Bolsa de Lisboa).

O restante elenco governativo açoriano para os próximos quatro anos manterá mais cinco membros do anterior Executivo: Adolfo Lima, na Agricultura e Pescas; Manuel Arruda, na Juventude e Recursos Humanos (ex-secretário do Trabalho); Costa Neves, na Administração Interna (ex-Assuntos Sociais); António Meneses, na Segurança Social e Saúde (ex-Administração Pública); e Eugénio Leal, no Turísmo e ambiente (ex-director regional das Pescas). Os membros novos são Gualter Furtado, nas Finanças, e Azevedo Rosa, na Educação e Cultura.

Madeira: nova maioria para João Jardim

Também na Madeira, e após publicação em Diário da República da acta de apuramento eleitoral, a Assembleia Regional, nos termos da lei, reúne-se no décimo dia consequente. Neste caso, o Executivo madeirense não apresenta a demissão ao ministro da República, porque já o tinha feito antes do acto eleitoral de domingo.

Na primeira sessão plenária serão verificados os poderes dos deputados e eleita a respectiva mesa que integra, além do presidente e de dois vice-presidentes, dois secretários de e dois secretários-adjuntos.

A nova Assembleia Regional da Madeira eleita no domingo é constituida por 53 deputados, mais três que no anterior Parlamento.

Os mandatos foram distribuidos pelo PSD com 41 (tinha 40), o que dá novamente ao novo Executivo uma maioria absoluta, pelo PS com 7 (tinha 6), pela UDP com 3 (tinha 2) e pelo CDS com 2 (tinha um). A Coligação Democrática Unitária (CDU) que, desde 1980 mantinha um deputado do PCP no Parlamento, perdeu este ano o seu representante.

Comité Central do PCP prepara XII Congresso

Com a «perestroika» como pano de fundo, o Comité Central do Partido Comunista Português vai reunir-se hoje e amanhã na sua sede em Lisboa. O encontra destina-se, oficialmente, a apreciar o andamento dos trabalhos preparatórios do seu XII Congresso, que se realizará em Dezembro.

Da agenda, consta igualmente o «exame e aprovação do projecto de teses do Comité Central, a debater em todas as organizações do partido». Segundo o jornal «O Diário», as teses do Comité Central deverão abordar também, e de forma promenorizada, a situação internacional, passando por uma caracterização da «perestroika» soviética.

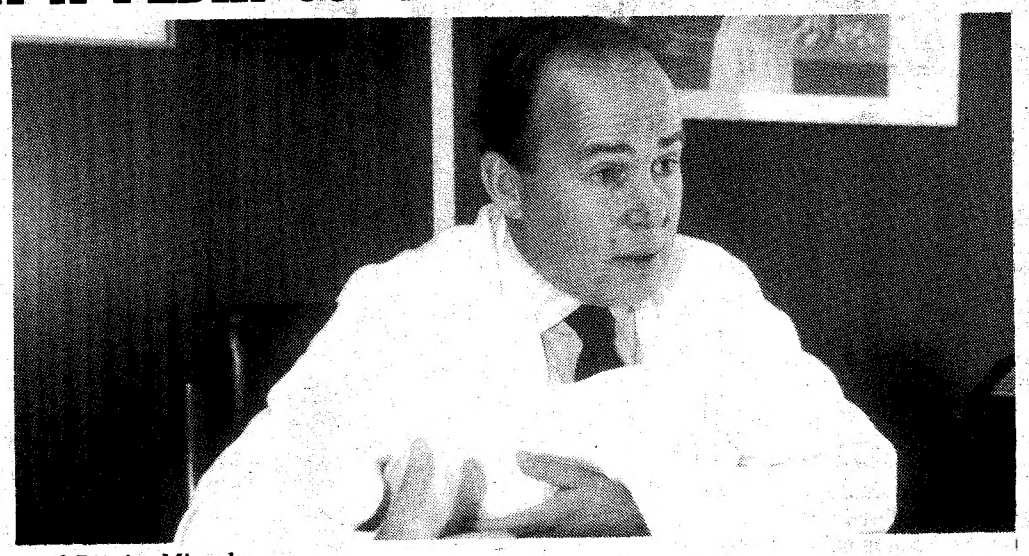
As clivagens internas do PCP deverão também fazer parte dos trabalhos. Recorde-se que recentemente têm vindo a público posições divergentes dentro do partido, que emanam de três facções diferentes: a direcção do partido, o chamado «Grupo dos Seis» e a «Terceira Via». A renovação dos comunistas portugueses em termos estatutários e programáticos, bem como as diferentes formas de levar essa tarefa a cabo, são os pontos que têm dividido os militantes do PCP.

As propostas de alteração aos projectos de programa e de estatutos, assim como as teses que o Congresso votará sob a forma de uma resolução política, deverão ser apresentadas até ao dia 15 do próximo mês, estando prevista a sua apreciação para a segunda quinzena de Novembro. No entanto, antes dessa data, o Comité Central irá ainda reunir-se novamente.

Classes média e alta são as mais afectadas

COLESTEROL ELEVADO ESTÁ A PEDIR COMBATE NACIONAL

As pessoas que pertencem às classes média e alta são as mais afectadas pela hipercolesterolemia, designação vulgar do colesterol — segundo o prof. José Pereira Miguel, especialista em medicina interna do Hospital da Cruz Vermelha.



Prof. Pereira Miguel

Das cerca de cinco mil pessoas que foram submetidas a exame no Hospital da Cruz Vermelha, mais de vinte por cento apresentaram níveis elevados de colesterol. De acordo com o mesmo especialista, esse número tem fundamentalmente a ver com hábitos alimentares em que se privilegia o consumo de gorduras.

Os indivíduos em que foram encontradas gamas de colesterolemia superior a 300 miligramas por decilitro de sangue pertencem a um dos grupos de maior risco, devido aos seus hábitos dietéticos. Uma dieta rica em alimentos de origem animal, carne, peixe e lacticínios, tem um impacto decisivo nos níveis de colesterol. Os inúmeros estudos feitos nas últimas décadas provam igualmente que a hipercolesterolemia é um factor de risco para as doenças coronárias.

«Entre as várias análises que constituem o 'check-up' medimos, por rotina — disse o prof. Pereira Miguel à «Infoplus» — o nível dessa substância, porque a quantidade de colesterol no sangue é um elemento importante para avaliar a saúde das pessoas, já que pode ser expressão de risco para certas enfermidades cardiovasculares. Em determinadas circunstâncias pode, por si só, ser considerada doença» — acrescenta.

Programa nacional

Aquele especialista de medicina interna do Hospital da Cruz Vermelha defende a concretização de um programa nacional contra o colesterol, com duas vertentes: uma dirigida à população indiscriminadamente; e outra, voltada para os indivíduos em alto risco, aos que já são portadores de colesterol elevado.

A primeira estratégia assenta principalmente na educação para a saúde, na educação alimentar, e tem por objectivo criar hábitos alimentares mais saudáveis; a segunda está já a ser desenvolvida, a título experimental, na CVP, onde o serviço de «check-up» oferece gratuitamente uma segunda determinação do nível de colesterol aos utentes com valores superiores a 300 mg/dl.

O exame na CVP é também extensivo aos familiares, na medida em que — refere o prof. Pereira Miguel — existem «muitos aspectos de saúde e doença que tendem para uma agregação familiar em função de mecanismos genéticos, de vivências comuns relacionadas com o ambiente alimentar e económico».

«Sabemos, à partida, que os familiares das pessoas com hipercolesterolemia têm uma maior probabilidade de sofrerem do mesmo problema. Estamos, portanto, a investigar, a apalpar terreno», acrescentou o professor, que propõe que seja o Estado a defender e combater a doença, desenvolvendo «uma acção concertada».

João Caiado faz rastreio

É uma equipa chefiada pelo dr. João Caiado que está a fazer o rastreio sobre o colesterol. Na opinião do prof. Pereira Miguel, esse rastreio contém «um elemento de investigação destinado a conhecer a realidade portuguesa, a definir a exiquibilidade de acções de medicina preventiva no sector privado. Ao mesmo tempo — acrescentou — estamos a prestar um serviço aos que, por serem portadores de uma anomalia não detectada, estão em situação de risco sem o saberem».

A acção é pontual, segundo aquele especialista. Poderá vir a ser alargada — admite-se na CVP — aos utentes que apresentarem valores superiores a 250 miligramas, nível que se considera elevado, tendo em atenção que o normal oscila entre os 200 e os 220 miligramas.

O método de determinação é conhecido: tudo começa através de uma «picadela» no dedo e um aparelho, equipamento tecnológico que permite detectar os níveis de colesterol e que neste caso é operado pela dra. Ana Bouchinho e a enfermeira Celeste Simão. Uma operação simples, rápida e cómoda que permite ler imediatamente o colesterol sanguíneo.

A determinação da colesterolemia na CVP insere-se no quadro dos aperfeiçoamentos que têm sido introduzidos, nestes últimos quatros anos, naquele hospital.

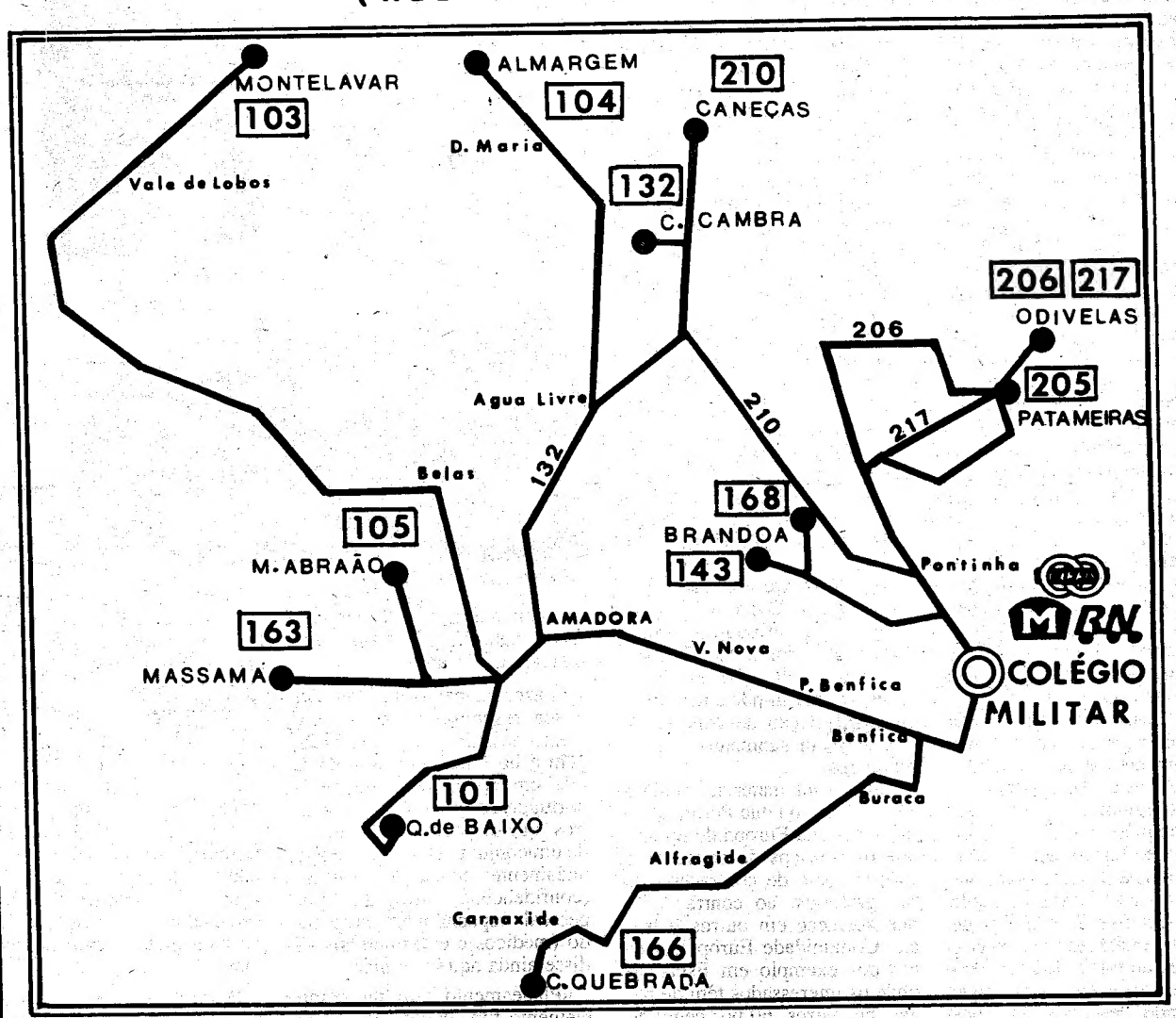
RN RODOVIÁRIA NACIONAL, E.P.
D.G.R.L.

A RODOVIÁRIA NACIONAL, E.P. - DIRECÇÃO GERAL DA REGIÃO DE LISBOA INFORMA QUE, COM A ABERTURA DA NOVA ESTAÇÃO DE METROPOLITANO COLÉGIO MILITAR, VÃO SER INTRODUZIDAS ALTERAÇÕES NOS TERMINUS DAS CARREIRAS DE AUTOCARROS QUE ACTUALMENTE TÊM TERMINAL EM SETE-RIOS E BENFICA (GRÃO VASCO), BEM COMO SERÃO INTENSIFICADAS AS RESPECTIVAS CIRCULAÇÕES.
ASSIM, COM INÍCIO EM 15.OUT. DE 1988 VÃO SER TRANSFERIDAS PARA O TERMINAL DO COLÉGIO MILITAR AS SEGUINTES CARREIRAS:

Com acesso pela Estr. de Benfica		Com acesso pela Estr. da Pontinha	
Nº	ORIGEM	Nº	ORIGEM
101	Queluz de Baixo	143	Brandoa (Alto)
103	Montelavar	168	Brandoa (R. Paiã)
104	Almargem	205	Patameiras
105	Queluz (Monte Abraão)	206	Odivelas (V. Famões)
132	Casal de Cambra	210	Caneças
163	Massamá	217	Odivelas (V. Patameiras)
166	C. Quebrada		

TERMINAL COLÉGIO MILITAR

(REDE DE ACESSOS)



CONSULTE OS NOVOS HORÁRIOS

Cerca de 100 mil em 1978 contra 10 mil em 1988

ABORTO EM PORTUGAL DIMINUI 90 POR CENTO

Margarida Santos
Exclusivo Lusa/«DL«

A percentagem de casos de interrupção de gravidez diminuiu em Portugal 90 por cento, nos últimos dez anos, isto é, em 1978 registaram-se cerca de 100 000 abortos, contra 10 000 no ano transacto. Em 1978, o número de casos desta natureza, tratados no Hospital de Santo António, do Porto era, segundo o director dos Serviços de Ginecologia desta unidade hospitalar, Albino Aroso, da ordem dos dez diários, enquanto actualmente apenas se pratica, em média, um por dia.

Estes números referem-se globalmente aos casos de aborto, não sendo, no entanto, especificadas as situações de interrupção voluntária, ou involuntária, da gravidez.

Albino Aroso, que também é director do Instituto de Clínica Geral da Zona Norte, disse que estes resultados reflectem o grau de conhecimento e informação da população feminina do Grande Porto.

Aquele especialista participa no Congresso Mundial sobre Ginecologia, que decorre de 24 a 28 deste mês no Rio de Janeiro.

Na opinião de Albino Aroso, é nesta região do País que as mulheres estão mais informadas sobre qual o contraceptivo mais adequado ao seu caso.

Indicadores recentemente divulgados revelam que os países da América Latina gastam mais anualmente com o tratamento e complicações muitas vezes resultantes dos abortos, do que com o resto da assistência materno-infantil.

Na União Soviética, que não dispõe — segundo Albino Aroso — de um serviço de planeamento familiar suficientemente desenvolvido, são praticados anualmente um terço a um quarto dos abortos registados em todo o mundo.

Na Noruega o número anual de interrupções voluntárias de gravidez ronda os 14 mil.

Referindo-se à taxa de mortalidade infantil portuguesa, relacionada em grande parte com os cuidados de saúde por parte das parturientes, Albino Aroso considerou que ela baixou «significativamente nos últimos dez anos».

Esta taxa — precisou — é actualmente de 13,5 por mil e é considerada, por aquele especialista, «elevada se comparada com a Europa Ocidental, baixa relativamente aos países da Europa de Leste e muito boa no contexto mundial».

Na opinião do director do Serviço de Ginecologia do Santo António, a progressiva diminuição da taxa de mortalidade infantil deve-se à melhoria de algumas condições sanitárias e às acções de informação, orientação e aconselhamento que vêm sendo desenvolvidas, nos últimos anos, no âmbito do planeamento familiar.

Depois de destacar as vantagens do nosso planeamento familiar, Albino Aroso referiu que ele «teve um impacto muito grande na saúde materno-infantil. Através dele — observou — é possível aos casais ter o número desejado de filhos e manter-se um equilíbrio afectivo e conjugal eficaz».

Salientou, a propósito, que a política oficial considera o planeamento familiar um direito humano e uma medida de saúde e não um factor de política demográfica.

Para aquele especialista, o nível de planeamento familiar praticado em Portugal está ao nível do da Grã-Bretanha, salvaguardando, todavia, as proporções económicas, estruturais e sociais dos dois países.

O Estado português — sublinhou ainda — reconhece e garante, desde 1984, altura em que foi publicada a legislação sobre esta matéria, o direito da população à educação sexual.

O Decreto-Lei 3/84 compromete as autoridades a promover a divulgação dos métodos do planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma maternidade e paternidade conscientes.

Os métodos de planeamento familiar, segundo o mesmo diploma, «constituem instrumento privilegiado de defesa da saúde, das mães e dos filhos, de prevenção do aborto e de defesa da saúde e da qualidade de vida dos familiares».

Esta lei estabelece, por outro lado, que as consultas sobre planeamento familiar, e os meios contraceptivos proporcionados por entidades públicas, sejam gratuitos.

Relativamente a esterilização voluntária, o Decreto 3/84 determina que «só pode ser praticada por maiores de 25 anos, mediante declaração escrita e assinada exprimindo a inequívoca manifestação de vontade de que desejam submeter-se à intervenção».

Sobre esta matéria, António Aroso precisou que Portugal é o único país da Europa do Sul em que os serviços de consultas e fornecimento de contraceptivos são gratuitos, ao contrário do que acontece em outros países da Comunidade Europeia, como por exemplo em Espanha, onde os interessados têm de pagar, por vezes, 60 por cento do valor dos anticoncepcionais.

Por outro lado, é um dos poucos países do mundo em que se procede, também gratuitamente à esterilização voluntária, feminina e masculina, que, no entanto, somente pode ser adoptada como método contraceptivo por maiores de 25 anos.

Albino Aroso

«Fazer planeamento familiar é ser responsável pelo nascimento dos filhos e essa mensagem é hoje mais do que nunca tida em conta pelas mulheres portuguesas, dos grandes centros, que dispõem, actualmente, de um conjunto de meios, designadamente consultas próprias (confidenciais), dirigidas por pessoal especialmente preparado (médicos e enfermeiras)» — disse ainda aquele clínico.

«Planeamento familiar como elemento fundamental da saúde materno-infantil e como uma fonte de harmonia conjugal e estabilidade social» é o tema de um curso que decorrerá na Batalha a partir de 31 de Outubro.

Esta iniciativa, organizada pela Associação Regional do Planeamento Familiar, é financiada pelo Fundo Social Europeu e pretende fazer um levantamento do planeamento familiar.

Neste encontro serão analisados os aspectos psicológicos dos contraceptivos (efeitos benéficos de alguns); educação e disfunções sexuais (feminina e masculina); rastreio do cancro genital e mamário; contracepção e adolescência na gravidez e na menopausa, entre outros temas.

O Porto é a única cidade do País que dispõe actualmente de dois centros de atendimento de jovens, onde especialistas (psicólogos, sociólogos, ginecologistas e outros técnicos de saúde) dão apoio e fornecem informações pormenorizadas sobre a problemática sexual.

Estes dois centros, montados pela Administração Regional de Saúde, têm uma consulta de apoio que funciona no Hospital de Santo António.

Albino Aroso e outros especialistas portugueses participam, a partir de 24 de Outubro, no Rio de Janeiro, num congresso mundial sobre obstectrícia e ginecologia, onde se espera que sejam apresentados e debatidos novos métodos contraceptivos, com vista à rápida colocação no mercado.

Organizado pela Federação Internacional de Obstectrícia e Ginecologia, o congresso, que termina dia 28, reunirá especialistas de todo o mundo que abordarão aspectos metabólicos dos novos anticoncepcionais, tendo em conta as suas vantagens e inconvenientes.

Professores e educadores de infância ameaçam com greve

Professores do 1.º ciclo do ensino básico e educadores de infância poderão vir a aderir à greve nacional de 28 de Outubro, caso o ministro da Educação não concretize uma proposta de «revalorização materia digna» — informou fonte sindical.

Segundo a direcção do Sindicato dos Professores do Norte (SPN), esta decisão foi tomada pelos docentes dos concelhos de Santo Tirso, Paços de Ferreira, Castelo de Paiva e Vale de Cambra, no decorrer de reuniões concelhias nas sedes destes concelhos.

Numa moção aprovada por unanimidade, os professores e educadores esperam que o Ministério concretize uma proposta de «revalorização material digna e dignificante da profissão docente».

UGT apoia reformas educacionais

A reforma do sistema educacional, para uma melhor adequação aos níveis europeus em 1992, foi ontem tema de uma reunião, classificada por Torres Couto como «extremamente estimulante», entre o ministro da Educação, Roberto Carneiro, e a UGT.

Torres Couto expressou «o maior apreço» pela política de combate ao insucesso escolar e apresentou ao ministro uma proposta no sentido da implementação de uma rede de escolas profissionais, a distribuir pelas capitais de distrito do País.

As escolas, no âmbito do ensino não superior, iriam desenvolver cursos de higiene, gestão de cooperativas, informática, artesanato e ambiente, entre outros.

Encontros de enfermeiros para análise do futuro estatuto

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses anunciou uma série de encontros, a realizar a partir do dia 29 deste mês e até 10 de Dezembro, com vista a analisar aspectos relacionados com o desejado anteprojecto de um estatuto profissional.

Aquela estrutura sindical refere que «está firmemente decidida a contribuir para a redacção de um anteprojecto de estatuto profissional, que salvaguarde, de forma inequívoca, o exercício da profissão de enfermagem».

Os encontros visam «permitir a participação dos enfermeiros de diferentes áreas geográficas e recolher contributos que conduzam à elaboração do referido estatuto».

Tribunal de Setúbal sem sala de audiências

O edifício do tribunal judicial de Setúbal está a deteriorar-se progressivamente sem que se vislumbre a construção do novo Palácio da Justiça — disse uma fonte judicial.

Segundo a mesma fonte, «actualmente não se podem fazer audiências devido a obras na sala, as quais só deverão estar concluídas no final do mês».

«O edifício está em degradação progressiva sem que o Ministério da Justiça inicie a construção do novo Palácio da Justiça, que está previsto ser construído há cerca de 22 anos, com terreno já adquirido na Praça da República daquela cidade.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Camião-cisterna matou três pessoas em Famalicão

Três mortos e um ferido (Joaquim Silva) foi o balanço de um acidente pouco vulgar ocorrido, pelas sete horas desta manhã, na localidade de Cruz de Pelo, na Estrada Nacional que liga Famalicão a Guimarães, quando uma cisterna se soltou do camião que a transportava, indo colher várias pessoas, a maioria das quais se encontrava junto a uma paragem de autocarros.

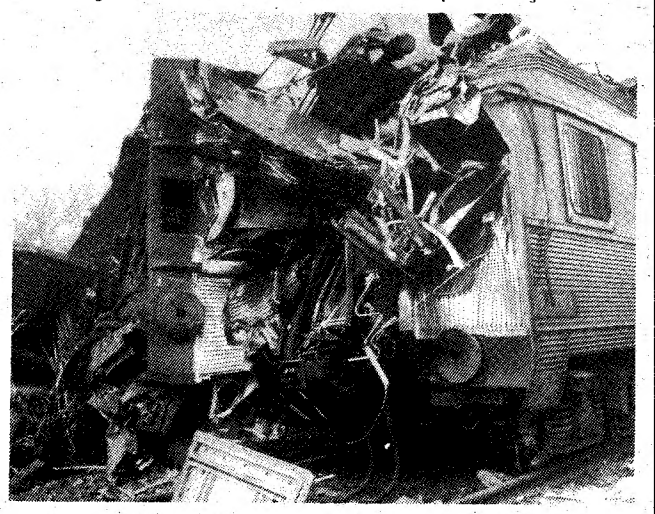
De acordo com a Brigada de Trânsito da GNR, o camião, levava a cisterna deficientemente condicionada, pelo que a mesma tombou na estrada quanbdo efectuava uma curva. A identidade dos mortos é a seguinte: António Campos Araújo, de 48 anos, Ernesto Araújo Veloso, de 43 e Mário Pinto Ferreira, de 46.

Mas já ao fim da tarde de ontem, dois camiões tinham estado envolvidos num outro acidente, felizmente sem vítimas que transformaram a Avenida dos Combatentes, em Lisboa, por baixo do viaduto ferroviário num autêntico pandemónio.

Tudo aconteceu quando um camião transportador de automóveis, ao entrar em marcha de recuo embateu num outro veículo semelhante carregado de óleo e de sabão, provocando um congestionamento de trânsito de cerca de uma hora. O responsável pela colisão foi o motorista do primeiro camião que, ao ir telefonar, deixou o veículo mal travado. Dois dos automóveis foram lançados à via tendo ficado bastante danificados.

Na Estrada Nacional de Cascais, um automável despistou-se, pelas 6 e 30 desta manhã, junto aos semáforos de Carcavelos, saindo fora da estrada na direcção da praia e indo cair a sete metros de distância, frente ao Hospital da Parede. O condutor do veículo saiu ileso, mas o despiste provocou problemas no trânsito.

Finalmente, em Espanha, na estrada que liga Palência a Cáceres, um autocarro que transportava a banda da GNR foi abalroado por um automóvel, ficando ferido com gravidade o soldado-condutor, Nélson Gomes Paiva. e causando escoriações várias em dois elementos daquela força.



Primeiro acidente ferroviário foi há 110 anos

O primeiro acidente, registado nos anais da história ferroviária portuguesa, teve lugar há precisamente 110 anos, ou seja em 11 de Outubro de 1878, na Linha do Minho, com a particularidade de um dos 20 feridos ter sido o escritor Camilo Castelo Branco. A tragédia provocou ainda seis mortos.

De acordo com a notícia inserta no «Primeiro de Janeiro», tudo aconteceu quando a máquina de um comboio descarrilou e resvalou para um pinhal, arrastando consigo a composição. O maquinista e o fogueiro tiveram morte imediata, não sendo possível dar conta de todos os passageiros feridos porque, entretanto, muitos deles não vieram para o Porto preferindo voltar para as terras de onde haviam partido ou ficar nas estações mais próximas.

Em pena contestada pelo Sindicato dos Trabalhadores Judiciais

ESCRIVÃO DO TRIBUNAL DE SINTRA CONDENADO POR NÃO "CUMPRIR ORDEM" DE JUIZ

Manuel Geraldo

Numa altura em que na Boa Hora está a decorrer o controverso julgamento da dr.ª Marinela Coelho, advogada no processo das FP-25, acusada da posse de dois projécteis de espingarda «Flaubert» à entrada de Monsanto, a cena jurídica portuguesa voltou a ser agitada por um caso deveras insólito, com uma escrivão do Tribunal de Sintra a ser condenado no final da semana passada por não «cumprir ordens» do juiz de Instrução Criminal daquela comarca.

Henrique Santos, uma condenação após 20 anos de «serviço exemplar»

De acordo com o libelo acusatório, lido durante o pleito, Henrique Santos, escrivão do 1.º Juizo, 2.ª Secção, com «20 anos de serviço exemplar», recusou-se quando solicitado pelo magistrado, dr. Pedro Gonçalves Mourão, a indicar um funcionário para o acompanhar numa diligência, referindo que, antes de o fazer, iria falar com o juiz da 1.ª Secção de processos. O juiz de instrução, porém, declarou o escrivão imediatamente detido, e considerando haver desobediência, promoveu o seu julgamento em processo sumário, condenando-o à pena de «admoestação», para além do pagamento de 5000 escudos de taxa de Justiça.

Comentando o sucedido, para o «DL», Manuel José Gonçalves Pereira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Judiciais, afirmou que este caso, que ameaça repetir-se se a situação não for clarificada a breve prazo, resultou da confusão gerada com a extinção dos tribunais de Instrução Criminal (TIC), que se mantêm em funcionamento somente para liquidação dos processos pendentes, não tendo, nalguns casos, funcionários para as diligências». Pelo que, nessas situações, e ao que disse, «não há grandes dúvidas sobre quais os funcionários que devem assistir os TIC, se os da secção de processos, se os do Ministério Público, fazendo com que Henrique Santos pudesse, no máximo, ser acusado de infracção disciplinar e nunca criminal».

Mas fazendo um pouco de história sobre as implicações deste polémico processo, há que recordar a publicação, e entrada em vigor, no início deste ano, do novo Estatuto dos Funcionários Judiciais, tendo o Conselho Superior de Magistratura, em despacho datado de Julho, regulamentado que o apoio ao juiz de Direito quando este exerce funções de instrução criminal seja da competência da respectiva secção de apoio.

No entanto, e ao que afirmou em julgamento o dr. Ernâni Rodrigues, advogado de defesa do escrivão condenado, não há ainda no tribunal de Sintra «um entendimento específico entre as diferentes categorias quanto à competência interna para designar funcionários que supram esta lacuna».

Não havendo, por isso, e ao que concluiu, qualquer razão moral, e jurídica, para deter, e posteriormente sentenciar, o seu constituinte.

Tribunal de Madrid não considerou cartas de portugueses

Amedo Fouce e Michel Dominguez vão continuar detidos em Espanha

O Tribunal Central de Madrid (Secção Criminal) ratificou ontem a prisão incondicional do subcomissário da Polícia Amedo Fouce e do inspector Michel Dominguez, acusados de terem criado os Grupos Antiterroristas de Libertação (GAL)). A decisão do tribunal respondeu ao terceiro recurso do advogado de defesa dos dois polícias que invocava para a libertação dos seus constituintes o desmentido, feito por carta, de três mercenários portugueses que tinham identificado, durante o processo de instrução, os dois detidos.

Amedo Fouce e Michel Dominguez têm direito a foro especial, dada a sua condição policial e porque as autoridades do Ministério do Interior consideraram que a viagem de ambos a Lisboa, a partir da qual começaram as investigações sobre a sua participação nos GAL, foi de carácter profissional. O tribunal ainda não se pronunciou sobre o processamento ou não dos dois detidos, apesar da proposta nesse sentido do juiz de instrução, Baltazar Garzon, quando em Julho deste ano entregou o processo e ditou o auto de prisão contra ambos.

Na resposta ao recurso, ontem divulgada, o tribunal considerou que não há elementos suficientes para mudar de atitude. Por outro lado, ordenou ao juiz de investigação que continue as diligências sobre as presumíveis implicações dos arguidos nos GAL. O tribunal atribuiu a Baltazar Garzon amplos poderes para que investigue todas as circunstâncias em que se verificaram as declarações em que os três cidadãos portugueses afirmaram, perante o juiz português, identificar os dois polícias como sendo os que os contrataram para participar em atentados contra a ETA-Militar — o que agora desmentem.

Os três portugueses em causa são Rogério Carvalho da Silva, António Ferreira Cisneros e Mário Correia da Cunha, todos detidos numa cadeia da área de Lisboa.

GALP DINAMIC Gasóleo

Octogenário desmentiu violação de rapariga

O Tribunal de Penela, no distrito de Coimbra, condenou ontem a seis meses de prisão um homem de 82 anos acusado de ter tentado violar uma menor, tendo o réu no entanto saído em liberdade, uma vez que a pena foi perdoada ao abrigo da última amnistia, mas terá de indemnizar a menor em 10 mil escudos.

A rapariga foi submetida a exames médicos, cujos resultados indicam não ter havido violação, enquanto o arguido também sempre negou a tentativa por que se encontrava pronunciado.

Amadora bateu recorde na apreensão de droga

A Polícia de Segurança Pública deteve, no mês passado, 92 indivíduos por posse e tráfico de drogas, tendo o maior número de detenções ocorrido nas áreas de Lisboa, com 43 casos, e Porto, com 25. A PSP indica em comunicado ter havido também detenções nas regiões de Almada (10), Aveiro, Viseu, Leiria, Évora, Santarém e Minho. Quanto às maiores apreensões registaram-se na Amadora, onde foi apreendida heroína no valor de 1047 contos, Caparica, Santarém, Alhandra e Cascais.

Funcionário público detido por tráfico de heroína

A Polícia Judiciária de Ponta Delgada anunciou ontem a prisão de um funcionário público de 26 anos acusado de estar ligado à introdução de heroína no mercado de estupefacientes da ilha de S. Miguel. Trata-se da segunda detenção no espaço de um mês de presumíveis implicados no tráfego daquela droga «dura» na maior ilha açoriana.

Ciganos só saem para casas em Moscavide

Polícia Municipal destruiu duas barracas em Benfica

Começaram ontem a ser demolidas em Benfica as barracas de ciganos, junto à futura estação do «Metro» chamada Colégio Militar, para dar lugar a uma passagem aérea. Foram apenas duas das quarenta que aí se levantam, gerando-se confusão, choros e protestos. A Polícia Municipal não foi incomodada. Os homens da comunidade cigana — «filhos do vento» — prometem manter hasteada no local uma bandeira nacional até que lhes dêem «casas condignas» em Moscavide. Mudar-se para tendas, nos Olivais — como chegou a ser ventilado — isso nunca.

Sem incidentes, os agentes da Polícia Municipal deitaram abaixo as barracas onde viviam dez pessoas, pelo menos, entre as quais seis crianças, numa altura em que se encontravam muito poucos homens no local.

O pretexto foi a necessidade de se construir no local um pilar da futura passagem aérea que vai dar à entrada da estação do «Metro» do Colégio Militar, que deverá ser inaugurada no dia 15.

José Manuel Andrade hasteou há mais de oito dias uma bandeira nacional sobre a sua barraca, onde vive há cerca de 10 anos, e recusa mudar-se para Moscavide enquanto não lhe derem garantias de que terá «uma casa e não uma tenda».

«Quem quiser deitar as barracas abaixo, deita a bandeira nacional abaixo...», comentou ele à Lusa.

No local, um graduado da Polícia Municipal prometeu a um dos líderes da comunidade, Agusto Caldeira, que as casas que começaram a ser construídas em Moscavide serão para realojar a comunidade de Benfica, «se aceitarme ir, por enquanto, para as tendas». Assegurou ainda que, dentro de dois meses, algumas das casas já estarão habitáveis.

O director dos Serviços de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, Mário Pinto Coelho, assegurou também que as 42 casas de Moscavide estarão prontas dentro de dois meses e destinam-se a realojar as famílias ciganas de Benfica.

«Pedimos um esforço para que compreendam que têm de sair dali, para não atrasarmos as obras da passagem aérea que vai dar ao Metropolitano», adiantou.

Crianças e haveres

«Até lhes estamos a dar um tratamento especial...«comentou.

Augusto Caldeira, que já visitou o local de construção das novas habitações, responde: «nem pensar que aquilo estará pronto dentro de dois meses, e ninguém nos garante que sejam para nós».

«Se vocês mantiverem que só saem daqui depois das casas feitas, o comandante da Polícia Municipal desliga-se do processo...», assegurou o graduado da PM no local.

Em Benfica, encontravam-se ao ar livre, as crianças e os haveres de Maria Odete Jimenez, com dois filhos, e da viúva Hermínia Silva, com três crianças. «Se fosse a cantadeira não estava agora aqui», comentou Hermínia Silva à Lusa.

A comunidade queixa-se que a Polícia Municipal «tinha prometido deitar abaixo aquelas duas barracas, mas reconstruí-las um pouco mais acima».

«Se ela tivesse homem, isto não ficava assim», assegurou Joaquim Caldeira, outro dos habitantes da comunidade. «Enganaram uma mulher viúva, que não se pode defender...»

O graduado da Polícia Municipal convidou vários dos homens da comunidade a visitar o local onde se começou a construir as novas habitações, há cerca de uma semana.

As casas de um só piso serão construídas em alvenaria de tijolo, garantiu Mário Pinto Coelho. «A experiência com ciganos diz-nos que a construção em altura é dramática...partem aquilo tudo», explicou.

Vários ciganos queixam-se de outra característica do local em Moscavide, onde os querem alojar em tendas: «Aquilo é um pivete, está mesmo ao lado de um vazadouro de lixo».

Quanto ao local de construção das novas casas, queixam-se também: «As portas estão viradas mesmo para a linha do comboio, e isso é um perigo para as crianças...»

Por enquanto, a comunidade recusa-se a mudar para Moscavide, enquanto não estiverem as casas prontas: «Isto ainda vai haver tiro...», comentou um jovem cigano, indignado com o facto de ver uma jovem e uma viúva com os seus haveres no meio da rua. Mas não houve...

E depois do Chiado?

BAIRRO ALTO SEM DEFESAS NUMA SITUAÇÃO CATASTRÓFICA

Julio Rodrigues

As três juntas de freguesia do Bairro Alto (Encarnação, Mercês e Santa Catarina) estão preocupadas com a eventualidade de uma catástrofe na zona. Manifestaram esse receio, uma vez mais, ontem à noite, numa reunião promovida no salão da Junta de Freguesia da Encarnação, por iniciativa da AABA (Associação dos Amigos do Bairro Alto), que se apresentou assim, pela primeira vez, em público. Desse receio já deram conta — e no caso da JF da Encarnação por mais de uma vez — à Câmara Municipal.

A reunião não foi muito concorrida, mas as intervenções e esclarecimentos prestados justificaram-na plenamente. O presidente da JF anfitriã, Leonel dos Prazeres Neves, fez um inventário da sua área, afirmando desconhecer, numa situação sísmica, quais as zonas mais consistentes, por não ter informações sobre o subsolo. Quanto a abastecimento de água — em caso de incêndio — e zonas apropriadas para evacuações, reforçou a sua (santa) ignorância. Na hipótese de poderem ser (admitindo ainda essa situação de excepção, catastrófica), também não sabe como prestar os primeiros socorros.

De todas estas questões se falou na reunião de ontem, aqui, no Bairro Alto — que já tinha uma Associação de Defesa do Seu Património Cultural e a curto prazo passará a ter uma Associação de Amigos —, numa sessão em que Câmara Municipal e Serviço Nacional de Protecção Civil não foram poupados. Críticas ligeiras, mas pertinentes.

Como pano de fundo, como devem calcular, o desastre do Chiado. «Apesar do que aconteceu, apesar de antes termos alertado a Câmara Municipal para as dificuldades de uma situação catastrófica aqui, nada aconteceu», acentuou Leonel Neves. Segundo ele, a primeira vez que oficiaram à Câmara sobre a falta de segurança na zona, foi em 20 de Outubro de 86. Está a fazer dois anos.

Uma anarquia completa

O Bairro Alto é, quanto a trânsito, estacionamento e intervenção em caso de perigo, uma anarquia completa, como ficou patente durante a sessão, em que falaram representantes dos bombeiros, escuteiros e assistentes sociais.

A presidente da Junta de Freguesia de Santa Catarina animou a troca de impressões entre os presentes, referindo um falso alarme de fogo na Rua das Vinhas, há não muito tempo. Descreveu o que se havia passado, com larga soma de pormenores. Face ao exposto, não lhe foi difícil concluir que, caso se tratasse de um incêndio — e de grandes proporções —, tal o atravancamento das ruas, tal a anarquia da zona, os próprios bombeiros seriam as primeiras vítimas.

Foi um bombeiro — acrescentou o autarca — quem deu o falso alarme, para testar a situação. A residente da JF de Santa Catarina deu esta informação marginal, mas logo um presente se levantou a dizer que não, que houve mesmo um fogo, que foi um pandemónio. Está bom de ver que o homem se reportava a um princípio de incêndio na «Bola», na Travessa da Queimada, felizmente depressa debelado.

Conversa puxa palavra, a sessão animou-se, tendo os presentes concluído «ser urgente que se faça a defesa deste local». Do Bairro Alto, está bom de ver.

Aliás, aquela autarca traçou um quadro que, se por ora é cominatório, numa situação de catástrofe (incêndio de grandes proporções, tremor de terra ou outra calamidade), poderá ser dantesco. Numa das artérias da sua freguesia há apenas isto (é de levantar as mãos ao céu e bradar para que Deus proteja a população da área): um depósito de papel, outro de tintas, um vendedor clandestino de petróleo (sem porta aberta), uma padaria e também um depósito de bilhas de gás, tão ilegal e clandestino como o do petróleo.

Reabilitação urbana do BA

Tinha saído o primeiro boletim da ADEBA (Associação de Defesa do Património Cultural e Reabilitação do Bairro Alto) quando ocorreu o desastre do Chiado. «Bem próximo do Bairro Alto, que esteve à beira de ser atingido pelo fogo», aviva a ADEBA.

Por essa razão a ADEBA veio agora a público actualizar a situação. E fê-lo na sessão de ontem, no Salão da JF da Encarnação. «Esse incêndio acentuou dramaticamente as nossas palavras, ao salientar que 'os problemas a considerar são vastos, agravados por anos de incúria' e que 'a natural delegação de poderes que a população realiza nos autarcas eleitos não impede nem isenta da necessidade de uma intervenção nos problemas urbanos».

A ADEBA põe o acento tónico nas «normas mínimas de segurança» que não existiam (e continuam por existir) no Chiado e que quer ver accionadas no Bairro Alto. «Esse risco — o da falta de condições mínimas de segurança — parece, de novo, a caminho de ser esquecido, sendo o ênfase posto, sobretudo, na reconstrução do Chiado (sem dúvida urgente), não se falando já na necessidade imediata de tomar medidas adequadas para impedir que novo sinistro leve um pouco mais de Lisboa».

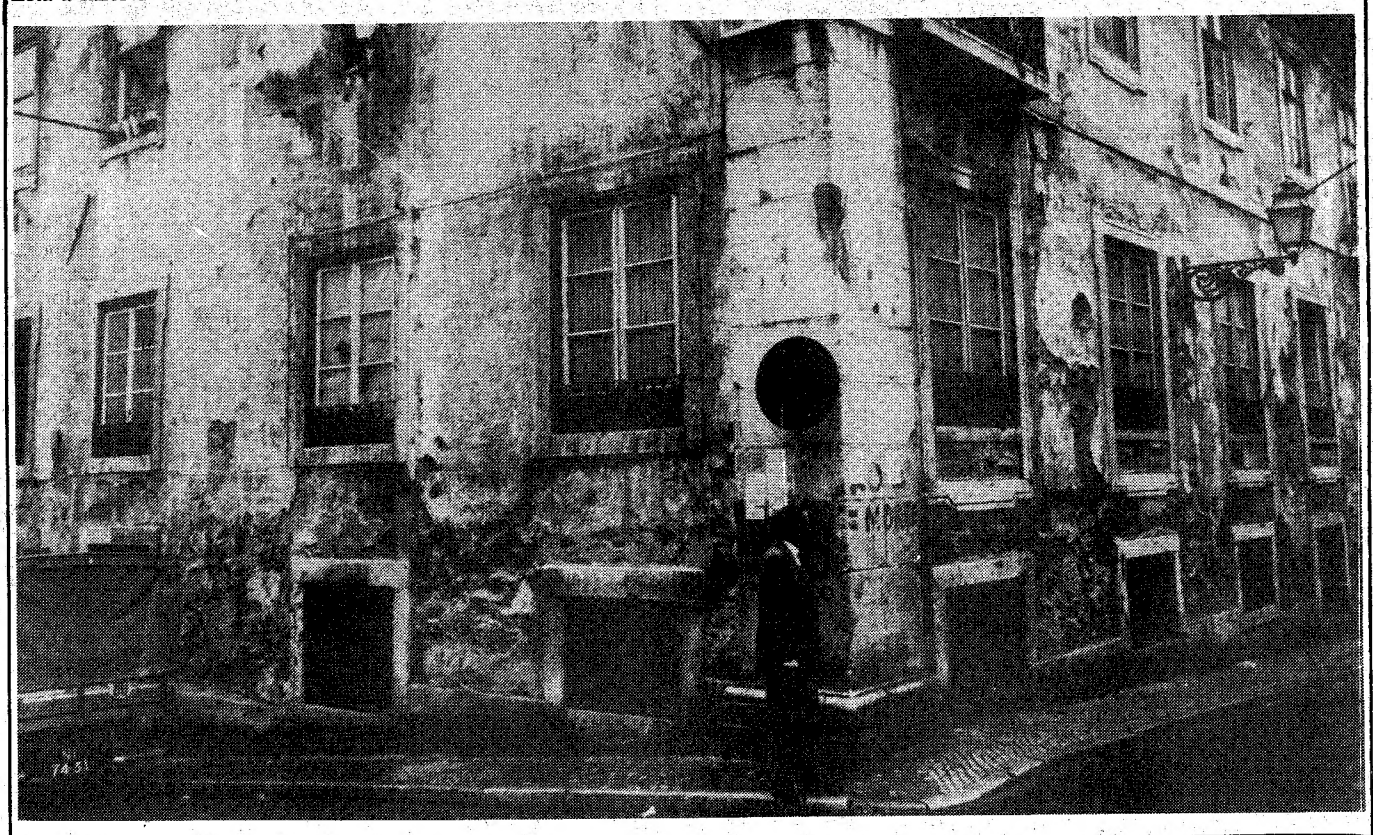
Para que a memória de tudo quanto foi fogo catastrófico em Lisboa se avive, a ADEBA lembra que o Chiado se veio juntar aos incêndios na Igreja de S. Domingos, Faculdade de Ciências, Teatro D. Maria e Teatro Ginásio.

Meus senhores, a AABA!

A AABA (Associação dos Amigos do Bairro Alto) apresentou-se ontem à sua população, como nesta reportagem se frisa. Com sede provisória na Travessa dos Fiéis de Deus, n.º 52-1.º, a AABA promoveu a sessão sobre a (in)defesa do Bairro Alto, sob o tema «Defendamos o Bairro Alto».

A sua formação legal foi concretizada por escritura pública em 30 de Julho de 1987, no 2.º Cartório Notarial de Lisboa, exprimindo «a vontade de um grupo de pessoas que entendiam existir um espaço a ocupar nos múltiplos interesses do Bairro Alto».

A AABA apresenta-se como uma Associação com a «missão específica» de intervir na «defesa, preservação e valorização do património histórico, cultural, arquitectónico e paisagístico» do Bairro Alto.



Promoção do nosso turismo no estrangeiro

CENTROS DE PORTUGAL NÃO TÊM DINHEIRO PARA AS SUAS NECESSIDADES

Os Centros de Turismo de Portugal (CTP) no estrangeiro não têm dinheiro para trabalhar, nem sequer para as suas necessidades básicas. É essa a ideia dos entendidos no sector sempre que visitam os nossos CTP's no estrangeiro.

Mas ninguém o havia dito, publicamente, até ontem. O vereador Vítor Gonçalves, que apareceu em Amesterdão a saudar o Sporting pela sua passagem à fase seguinte das provas europeias, é o responsável pelo pelouro de Turismo e Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, tendo, naturalmente ideias próprias sobre tão importante problemática. Delas deu conta em entrevista concedida à Lusa, de que destacamos os trechos que nos parecem mais significativos.

Num balanço feito das acções promocionais desenvolvidas pelo município da capital em cidades da Holanda, na semana passada, Vítor Gonçalves reiterou a sua posição sobre a necessidade da constituição de um grupo de pressão da indústria turística «para consciencializar a opinião pública».

«Os CTP's, que são as principais armas da promoção externa do nosso produto urístico, não só não têm estruturas como não dispõem de meios para cumprir minimamente os seus objectivos, acrescendo que não há CTP's que cheguem para as necessidades portuguesas» — considerou Vítor Gonçalves.

Para o responsável pelo Departamento de Turismo do Município de Lisboa, «trata-se de um problema meramente político, espelho da importância que os políticos dão ou não dão ao turismo».

«As pessoas — prosseguiu — pensam que tanto faz investir como não, porque a procura turística tem aumentado sempre. Mas a perspectiva é a de que as coisas começem a correr ao contrário porque o crescimento espontâneo dessa procura atingiu o seu limite.»

«Manifestamente insuficientes»

Segundo Vítor Gonçalves, essa limitação, aliada ao facto de, por um lado, se continuar a investir na oferta, e, por outro, a concorrência ao produto Portugal aumentar todos os anos, «deveria consciencializar a administração para a necessidade de se aumentarem os investimentos na promoção».

«Sem investimento na área da procura não será possível compatibilizar essa procura com o crescimento da oferta e corre-se o risco da ruptura. Era bom evitar que isso acontecesse, que não estivéssemos à espera dessa ruptura para depois nos lamentarmos e corrermos a arranjar soluções de recurso» — defendeu o vereador.

Comentando as verbas previstas para o próximo ano para a promoção turística, de parte da Administração Central, Vítor Gonçalves considerou-as «manifestamente insuficientes», ao mesmo tempo que tecia elogios às preocupações denunciadas pela Secretaria de Estado do Turismo nesta matéria.

«O Instituto de Promoção Turística (IPT) tem procurado fazer o que lhe é possível e os seus eforços têm sido meritórios, mas é transparente a insuficiência de meios. Não se podem fazer omeletas sem ovos», considerou o edil.

Defende ser necessário que «os diversos sectores da indústria turística se constituam em federação e se organizem em grupo de pressão para, juntamente com os organismos locais e centrais, conseguir mobilizar mais meios».

«Uma Federação poderá ter uma força inexcedível, junto da opinião pública, o que vale por dizer junto do poder público. É preciso dar a essa opinião pública a consciência da imnportância da indústria turística para a economia nacional. Só assim se poderão evitar erros», afirmou o vereador lisboeta, que sublinhando a receptividade da acção agora desenvolvida na Holanda, um dos mercados que mais tem crescido para Portugal, e sobretudo para Lisboa.

Vítor Gonçalves, considera tais acções como «indispensáveis para mantermos a nossa oferta ocupada».

Momento importante

Nas cidades de Amesterdão e Roterdão, os dois mais importantes centros urbanos holandeses, o Departamento de Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, em colaboração com o CTP do Benelux, fez campanha, ao longo de uma semana, de «pacotes» turísticos para a época baixa.

«Não possuímos estatísticas correctas para podermos saber qual o aumento preciso de Lisboa, mas as indicações que possuímos da Direcção-Geral de Turismo (DGT) e dos CTP's no exterior mostram, sem dúvida, que desde há dois anos tem aumentado constantemente o fluxo de turistas para a capital», afirmou Vítor Gonçalves.

O Departamento de Turismo do Município lioboeta tem promovido regularmente, em várias origens, acções promocionais da cidade, cujos resultados são considerados, quer pelas autoridades municipais, quer pelos operadores como «francamente positivas».

«Promover Lisboa, que é, de facto, uma capital que está na moda, é promover Portugal ao mesmo tempo», disse o vereador responsável pelo departamento.

Procurando intervir promocionalmente num dos mais importantes segmentos de mercado da actualidade — o dos congressos, negócios e incentivos —, o município criou o GICOL, um gabinete exclusivamente destinado a efectuar o levantamento da oferta lisboeta, considerada com os seus arredores, neste domínio e a promovê-la no exterior.

«Atravessamos um momento importante para a indústria turística nacional, que é já a segunda do País, em termos económicos, e não nos podemos deixar levar pelas facilidades. Temos de compreender todos que cada vez será mais difícil colocar a nossa oferta sem meios para a promover», considerou Vítor Gonçalves.

Acrescentou ainda ser hoje do domínio da indústria que, só este ano, foram desviados entre 250 a 300 mil contos das verbas dos CTP's da promoção para o pagamento da sua manutenção, por insuficiência de meios neste domúnio.

«Se assim não acontecesse, alguns centros correriam o risco de ter de despedir pessoal, que já é diminuto, ou diminuir drasticamente a sua actividade, o que não se pode admitir — afirmou.

Câmara vai relançar o programa "Recria".

A Câmara Municipal de Lisboa quer lançar uma nova campanha para a dinamização do programa «Recria», junto dos proprietários, com vista à recuperação dos edifícios degradados.

O vereador socialista Vasco Franco adiantou ontem que entre Maio e Setembro deste ano, 116 proprietários de Lisboa solicitaram a comparticipação financeira do referido programa. Mas apenas foram deferidos trinta e dois processos para uma verba de 29 mil contos de comparticipação.

Por edifício a média de comparticipação financeira ronda os 2900 contos, o equivalente a 30 por cento permitido por lei.

A iniciativa de reforçar a campanha do «Recria» está a ser estudada em conjunto com a Secretaria de Estado da Habitação, uma vez que a média de 20 processos por mês é considerada baixa em função do parque habitacional degradado existente em Lisboa.

O vereador Vasco Franco considera que «apesar de tudo, como arranque, os números satisfazem, mas há urgência de reconstruir os edifícios, pelo que é necessário dinamizar a iniciativa».

A CML tem ainda para o projecto «Recria» cerca de 50 mil contos, verba que tem de ser gasta até ao fim do ano. Mas o vereador do PS presume que a verba não terá interessados até esse prazo.

A preocupação da CML tem a ver com a aproximação do Inverno, o que faz prever mais algumas derrocadas se entrentanto os proprietários não iniciarem as obras de restauro necessárias.

Segundo Vasco Franco, o município já finalizou os processos de levantamento das habitações nesse estado, nas Avenidas Novas e Bairro Alto, estando a decorrer o levantamento dos Anjos e de Belém.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALVAIÁZERE

ANÚNCIO

Pelo Tribunal Judicial da comarca de Alvaiázere, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação, deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados MARIA RITA BARRADAS CORTE-REAL e marido DIAMANTINO RECHINHO CORTE-REAL, residentes no Largo Dr. Alves de Sousa, n.º 6, Portalegre, para no prazo de DEZ dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos, pelo produto dos bens penhorados ao executado Diamantino (1/3 do vencimento) sobre que tenham garantia real, na execução de sentença movida por Artur Caetano da Silva, residente em Alvaiàzere.

Alvaiàzere, 22 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,
Carlos Manuel Rodrigues de Carvalho Guerra
O Escrivão de Direito,
José Henriques de Freitas

«DL» – 11/10/88 – 2.ª Pub.

EMPOR

EMPREENDIMENTOS COMERCIAIS E FINANCEIROS, S.A.

CAPITAL SOCIAL: 100 000 000$00 MATRÍCULA 28116 C. R. C. LISBOA

NOVAS INSTALAÇÕES

EMPOR - Empreendimentos Comerciais e Financeiros, S.A. tem o prazer de comunicar que a partir do próximo dia 12 de Outubro transferirá todos os seus serviços em Lisboa para instalações próprias na RUA DE S. JOSÉ, N.º 35, 3.º - A (EDIFÍCIO LIBERSIL), onde passará a funcionar a sua sede. Telefone provisório — 37 10 76.

EMPOR

PERDE CABELO?

LABORATÓRIO C. MARCEL, LDA

TEM PELADAS? ETC...
Dirija-se aos Consultórios do
LABORATÓRIO C. MARCEL

★ Sem compromisso encontre a melhor solução
★ Pode tratar-se no Consultório ou em sua casa
★ Não faça coisas à sorte. Consulte o Especialista

MARCAÇÕES:
Das 10.30 às 13.00 e das 15 às 20 h. Sábados 9 às 13 h

Telef. 77 12 73 e 73 51 81 - Campo Grande, 30, 3.º B, LISBOA
Telef. 69 86 79 e 66 76 96 - Edifício Brasília, 113, 8.º Piso, PORTO

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA DEPARTAMENTO DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
R. Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

AD-HOC

Direito, História, Antropologia, Filosofia, Sociologia C. Sociais, Gestão e Adm. Pública C. Social (também correspondência)
Rua G. Garcia Rosado, 10, R/C
☎ 56 27 58 - 74 95 31

AS CHAVES QUE GARANTEM O TESOURO FAMILIAR

FÁCIL REEMBOLSO
MÁXIMA SEGURANÇA
ELEVADO RENDIMENTO

Em 15 de Dezembro de 1988 comemoram-se duzentos anos do Ministério das Finanças. A melhor forma de comemorar este aniversário é reconhecer que a poupança das famílias portuguesas tem um papel fundamental a desempenhar na economia nacional. Por isso, são lançados novos empréstimos do Tesouro associados ao Bicentenário do Ministério das Finanças, com condições especialmente atractivas.

TESOURO FAMILIAR 88 — BICENTENÁRIO

QUAL O VALOR DE CADA OBRIGAÇÃO?
— Valor nominal de cada obrigação — 10 000$00

QUAL É O RENDIMENTO?
— A taxa de juro será a taxa de juro dos depósitos a prazo a 181 dias, ou o seu limite acrescida de:

0,25 pontos no	1.º semestre	1,25 pontos no	6.º semestre
0,25 pontos no	2.º semestre	1,5 pontos no	7.º semestre
0,5 pontos no	3.º semestre	1,75 pontos no	8.º semestre
0,75 pontos no	4.º semestre	2 pontos no	9.º semestre
1 ponto no	5.º semestre	2,25 pontos no	10.º semestre

ou seja, a taxa anual aplicável no 1.º semestre é 13,25%. Não havendo alteração das taxas actuais dos depósitos a prazo, o rendimento anual médio do Tesouro Familiar — Bicentenário, detido durante 5 anos será 14,9% (taxa efectiva de juro).

QUAIS SÃO OS IMPOSTOS SOBRE OS JUROS?
— O TESOURO FAMILIAR-BICENTENÁRIO é totalmente isento de impostos.

O cupão, devidamente preenchido, deverá ser enviado à:
JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO — Praça do Comércio, 1194 LISBOA CODEX

Subscrevo _____ **TESOURO FAMILIAR 88 — BICENTENÁRIO** no valor de 10.000$00 cada o que perfaz o capital de _____

Nome _____

Endereço _____

N.º Cheque _____ Banco _____

N.º Vale Postal _____

QUANDO E ONDE SÃO PAGOS OS JUROS?
— São pagos todos os semestres em qualquer dos locais de subscrição, independentemente de onde esta se efectuou.

COMO RECEBER O DINHEIRO SE PRECISAR?
— A partir do final do primeiro ano poderá ser pedido o reembolso a qualquer momento nos locais de subscrição, independentemente do local onde este foi efectuado:
- **Sem qualquer penalização se o pedido coincidir com os períodos de pagamento de juros;**
- **Perdendo apenas 10% do juro corrido no semestre fora daqueles períodos.**

COMO COMPARA COM APLICAÇÕES ALTERNATIVAS?
— O TESOURO FAMILIAR-BICENTENÁRIO oferece um elevado rendimento quando comparado com aplicações alternativas de risco análogo e com semelhante facilidade de "levantamento". Por exemplo, para dar um juro líquido de impostos equivalente, um depósito a prazo de 6 meses precisaria de oferecer uma taxa de juro de 15,6%.

QUEM PODE SUBSCREVER?
— Apenas pessoas singulares, ou seja, não podem subscrever empresas e outras pessoas colectivas.

ONDE SUBSCREVEM?
— Nas 370 Tesourarias da Fazenda Pública espalhadas por todo o País e na Junta do Crédito Público (Lisboa e Porto).

TESOURO FAMILIAR 88 — BICENTENÁRIO
Subscrição a partir de 10 de Outubro e até 15 de Dezembro de 1988.

VIDA MÁXIMA DO EMPRÉSTIMO — 5 anos.

Em suma, este empréstimo oferece:
A segurança de um empréstimo do Estado.
O Rendimento mais elevado quando comparado com aplicações alternativas.
A disponibilidade de poder reaver o capital investido após um ano.

DIRIJA-SE
À JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO (Lisboa e Porto)
ou às TESOURARIAS DA FAZENDA PÚBLICA

TESOURO FAMILIAR 88
BICENTENÁRIO
uma oportunidade a não perder

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Bairro dos Pescadores da Quarteira

Demolições têm em vista recuperação da imagem turística

– *diz a Câmara Municipal de Loulé*

As demolições ontem iniciadas no conhecido Bairro dos Pescadores da Quarteira «inserem-se num plano mais vasto que tem em vista a recuperação da imagem turística da localidade» — diz a Câmara Municipal de Loulé ao justificar a medida.

Bastante conhecido no Algarve, e não só, pelos alegados negócios de droga que nele se fazem e pela onda de marginalidade que o caracteriza, o Bairro dos Pescadores, na Quarteira, tem, assim, os seus dias contados.

A autarquia de Loulé, que pretende que em 1989 «todos se possam orgulhar de Quarteira», investiu nesta localidade nos últimos quatro anos cerca de um milhão de contos em infra-estruturas básicas.

O Bairro dos Pescadores era considerado como a «mancha negra» da vila, sendo frequentemente alvo de reportagens de jornalistas estrangeiros que dele se serviam para denegrir a imagem turística do Algarve — diz a edilidade de Loulé.

Tendo as suas origens em barracas destinadas a guardar os apetrechos dos pescadores, aquele bairro viria a crescer sem quaisquer condições no período pós-25 de Abril, com a vinda dos retornados das ex-colónias.

A situação do Bairro viria a tornar-se ainda mais confusa com um novo afluxo populacional, particularmente com a chegada de trabalhadores cabo-verdianos para o Algarve, chamados pelo surto do desenvolvimento do sector da construção civil.

Em pouco tempo, o Bairro dos Pescadores transformou-se num autêntico «bairro de lata» e num importante centro de marginalidade, nomeadamente de prostituição e de tráfico de droga.

A decisão das autoridades de eliminar totalmente aquele bairro no mais curto prazo de tempo foi tomada após ter sido ali apreendida, em Fevereiro de 1987, grande quantidade de drogas fortes, armas e objectos roubados.

Em Abril de 1987, seria desencadeada a primeira operação de demolições que levou à eliminação de vinte casas ilegais, das cerca de três centenas que nessa altura existiam naquele bairro.

Em Junho do mesmo ano, um violento incêndio destruiu cerca de 70 barracas e, em Janeiro de 1988, por determinação da Câmara de Loulé, iriam abaixo mais cerca de duas dezenas.

Na operação que ontem se iniciou, que vai prosseguir nos próximos dias, vão ser demolidas mais quatro dezenas, ficando depois disso o Bairro reduzido a cerca de cinquenta barracas.

Em relação às pessoas desalojadas, foi estabelecido um protocolo entre o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (ex-Fundo de Fomento da Habitação) e a Câmara de Loulé, que garante o realojamennto das que habitavam o Bairro até 1981.

Com a operação referida fica completo o número de habitações construídas pela Câmara de Loulé no âmbito de um protocolo destinado a realojar aqueles moradores, ficando assim por se saber qual vai ser a solução para as famílias que ainda habitam no Bairro dos Pescadores.

Câmara de Setúbal limpa e conserva monumentos

A Câmara Municipal de Setúbal iniciou a utilização de modernos processos na limpeza do património municipal, monumental e artístico do concelho — revelou uma nota do município.

Segundo a nota «está a decorrer uma operação de limpeza na fonte luminosa e em breve obras de estatuária e edifícios camarários vão beneficiar de idêntico tratamento».

«Com a presente acção de limpeza procura-se melhorar a imagem da cidade e manifestar o respeito devido ao património do município» refere a nota.

As estátuas de Bocage e de Luisa Todi são dois dos monumentos que vão ser alvo de limpeza.

Seminário Internacional sobre Integração Económica

COOPERATIVAS DE CONSUMO: QUE FUTURO?

A dimensão económica do ramo cooperativo em Portugal, a sua evolução recente e as perspectivas que se colocam ao sector face à integração na CEE e à entrada em vigor do Mercado Único de 1992 estiveram este no último fim de semana em debate no «Seminário Internacional sobre Integração Económica» promovido pela FENACOOP (Federação Nacional das Cooperativas de Consumo) e que, para além de várias organizações estrangeiras, contou com a presença do Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP), do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC) e da Direcção-Geral do Comércio Interno (DGCI).

A realização desta iniciativa visou a «criação de um espaço de debate simultaneamente teórico e prático, alargando a participação a entidades nacionais e estrangeiras» com o intuito «não só de enriquecer a discussão sobre a integração económica, como também de detectar oportunidades, fomentar ligações e conhecimentos mútuos, e, fundamentalmente, responder a duas grandes questões: como realizar o processo de integração nas suas diferentes vertentes (económica, social e cultural) e que resultados práticos advirão desse processo para o sector cooperativo de consumo».

Cooperativas de consumo: uma realidade socio-económica

Em traços gerais, e apesar de alguns exemplos significativos (mas pontuais) de consolidação e evolução económicas (casos das cooperativas «Novos Pioneiros», CoopPinhal, CoopLisboa e CoopBancários), a actual dimensão do sector cooperativo de consumo tem-se caracterizado por um abrandamento de cooperativas constituídas e um aumento do número de dissoluções, que a partir de 1984 tem mesmo sido superior ao das constituídas. Actualmente existem quatrocentas e vinte e três cooperativas de consumo, das quais setenta e três por cento se localizam em cerca de um terço do território nacional, seguindo, aliás, a tendência da concentração da distribuição dos agregados familiares e da concentração dos índices mais elevados de poder de compra, num total de trezentas e oitenta mil famílias associadas.

As cooperativas de consumo constituem o segundo maior sector do movimento cooperativo nacional, estendendo-se a sua acção «a outros domínios da própria comunidade, nomeadamente a actividades culturais, como por exemplo no âmbito da educação dos consumidores», sublinha José Luis Cabrita, presidente da direcção da FENACOOP.

Definindo-se como «empresas constituídas por consumidores e para os consumidores», as cooperativas de consumo afirmam-se «cada vez mais como um dos parceiros que devem participar na organização do direito nacional e europeu de consumo».

Isto mesmo foi referido pelo Drº Beja Santos, acessor do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, durante uma das sessões do seminário realizado: «as cooperativas deverão perder a mentalidade fatalista do 'parente pobre', dado que têm um excelente posicionamento para tirar partido da dimensão comercial, económica, social e consumista».

«Entre a transnacional, que põe e dispõe, e as formas mais ou menos sofisticadas do capitalismo monopolista de Estado, há cada vez mais espaço para a realização da pessoa humana em cooperação. A CEE sabe que precisa de um vastíssimo sector de pequenas e médias empresas para contrapôr aos grupos influentes que estão desejosos de se desembaraçar da 'pequena concorrência'».

Se os grandes grupos económicos nacionais, muitas vezes associados a outros internacionais, «têm desencadeado uma guerra de gigantes» no comércio em geral, com preocupantes consequências para o sector do comércio a retalho, no qual se inserem as cooperativas de consumo, quer pela conquista de espaços e de potenciais mercados, impondo novos hábitos e novas leis, quer pelo uso de novas tecnologias e de novas técnicas de «marketing», o desafio que constitui a integração económica das cooperativas de consumo situa-se precisamente no âmbito das recentes mudanças operadas nos mercados nacionais.

Uma nova política que se impõe

«São ainda muito nítidas as diferenças que nos separam da generalidade dos restantes países da Europa, em matéria de hábitos de compras dos consumidores portugueses», referiu ao «DL» José Luís Cabrita, presidente da FENACOOP.

José Luís Cabrita

«Estamos longe de ter a experiência de outros países. Em Itália, por exemplo, o movimento cooperativo de consumo é o que apresenta maiores índices e, nesta matéria os italianos possuem uma larga experiência de intervenção em todos os domínios. Esta é, aliás, uma das dificuldades maiores que temos em Portugal, dado que há falta de experiência na gestão comercial das cooperativas e muitos dirigentes ainda não estão sensibilizados para a questão da integração económica, necessária para o avanço e enriquecimento do sector».

Tecendo críticas à actuação do governo que «desmente com a sua prática as afirmações de alguns dos seus membros que referem ser importante incentivar e apoiar o movimento cooperativo, e de que são exemplos o afastamento de que fomos alvo do acesso directo ao Fundo Social Europeu e a recente piblicação da Reforma Fiscal», este dirigente cooperativista reafirmou a «necessidade de, apesar do contexto desfavorável, ser aplicado o Plano de Desenvolvimento e de Integração Económica para o sector, aprovado no IV Congresso da FENACOOP». «Este é o mais sério e importante objectivo a atingir; a integração de que falamos refere-se ao ramo em si próprio - integração horizontal - através de grandes cooperativas que aumentem o poder negocial de compra, suprimam os custos de funcionamento e de investimento e aproveitem melhor os recursos - que existem ! - disponíveis».

Verbas para as Universidades dependem de Cadilhe

A proposta de orçamento para o ensino universitário, ontem saída do Conselho de Reitores, já foi enviada para o Ministério das Finanças,

A resolução do problema das verbas para as universidades depende em grande parte do Ministério das Finanças, segundo declarou à Lusa o administrador da Universidade Nova, Mário Marchante.

Aquele administrador, que assistiu ao Conselho de Reitores que ontem se realizou, acrescentou que não existem divergências entre o CR e o ministro da Educação pelo que não havia nada a acrescentar às declarações do ministro da Educação.

Roberto Carneiro, que por sua vez presidiu ao Conselho de Reitores, declarou que os problemas das verbas para as universidades relativas a 1988 estão a ser debatidos caso a caso e as relativas a 1989 serão também debatidas caso a caso, nomeadamente as que forem consideradas indispensaveis.

Segundo notícias vindas a público, o ministro terá prometido a realização de uma reunião entre ele, ministro da Educação, o Conselho de Reitores e o ministro das Finanças.

O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, entretanto, vai participar de um grupo de estudo do Orçamento de Estado de 1989, visando o reforço das verbas para o ensino universitário.

A Universidade Clássica de Lisboa anunciou a suspensão da abertura do ano lectivo até ao próximo dia 24 por considerar insuficiente a verba com que foi dotada, para funcionar normalmente.

O reitor da Universidade Nova, Esperança Pina, manifestou-se optimista quanto ao desbloqueamento do impasse.

Na reunião foram debatidos também aspectos do ensino universitário como o diploma da autonomia universitária, o novo regime de acesso ao ensino superior, que Roberto Carneiro espera pôr em prática já no próximo ano lectivo e o aumento das propinas.

Roberto Carneiro considerou que o aumento das propinas do ensino universitário é um «gesto de solidariedade» dos alunos que podem pagar em relação aos que não podem pagar.

Apesar do "subdesenvolvimento geral do País"

PORTUGAL TEM TRUNFOS QUE FALTAM A PARCEIROS EUROPEUS

• *diz António Borges, que foi capa da revista "Fortune"*

«Não há razões específicas para supor que Portugal, as empresas portuguesas e muito menos os dirigentes portugueses, tenham necessariamente de sair prejudicados do grande confronto que a criação de uma Europa mais unida permitirá». Quem o disse foi António Borges, convidado para a abertura solene do ano lectivo do Instituto Superior de Gestão, ontem realizada. Disse-o, apesar de considerar que o país vive num estado de «subdesenvolvimento geral». António Borges não terá por certo ponderado convenientemente o significado da expressão «subdesenvolvimento» — cuja utilização, aliás, não o impediu de considerar que «Portugal tem trunfos substanciais que faltam a muitos dos nossos parceiros europeus», nem de afirmar o seu «orgulho de português».

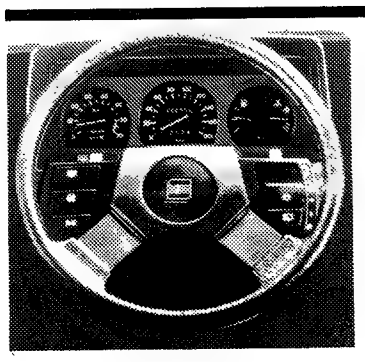
António Borges é um economista português, licenciado em Lisboa pelo Instituto Superior de Economia em 1972 e autor de uma bem sucedida carreira internacional, onde se destaca o facto de ser desde 1980 professor de economia no INSEAD — uma importante escola de economia e gestão de Fontainebleau —, para além de um doutoramento pela Universidade de Stanford, também em 1980. É ainda consultor de vários membros do Governo português (incluindo o próprio primeiro-ministro), do Departamento do Tesouro dos EUA, da OCDE e de várias empresas nacionais e estrangeiras, sendo igualmente professor nas Universidades Católica e Nova.

No entanto, não foi por nenhuma destas razões que António Borges se tornou subitamente conhecido em Portugal, mas sim por ter sido escolhido pela conceituada revista «Fortune» para ilustrar a capa de uma sua recente edição. A partir daí, todos os ouvidos se aprestam para escutar António Borges.

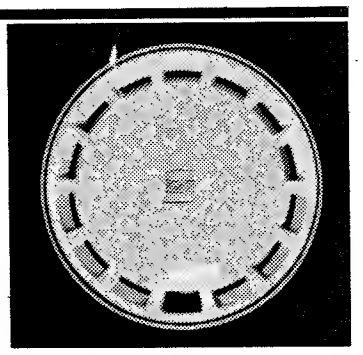
Para concretizar a sua idéia de «trunfos substanciais» de que Portugal, ao contrário de «muitos parceiros europeus», dispõe para enfrentar a plena integração europeia, citou António Borges alguns factores bem definidos na economia portuguesa, mas também outros algo imprecisos. Referiu-se, nomeadamente, a «um espírito empresarial e uma capacidade de aproveitar as oportunidades» raros na Europa actual, «com excepção, talvez, da Itália»; à «ausência de conflitos sociais» e a uma «capacidade de adaptação do mercado de trabalho que faz a inveja de franceses e alemães»; a uma «predisposição para o contacto além fronteiras que, apesar de todos os esforços, os espanhóis ainda estão longe de atingir»; e a «uma capacidade de poupança», «um desejo de investir no futuro», que o Governo britânico «daria tudo por copiar». Afirmando-se em contacto estreito com a realidade do ensino superior da maioria dos países europeus, norte-americanos e orientais, António Borges afirmou também estar em condições de garantir que, nomeadamente na área da gestão, «os jovens estudantes portugueses partem para a vida activa em muitos aspectos melhor preparados do que muitos dos seus companheiros no estrangeiro». «Acima de tudo, é a qualidade da preparação dos nossos jovens que representa a nossa maior esperança no futuro da Europa», concluiu, convicto, António Borges.

No entanto, António Borges não identificou apenas «trunfos» da parte de Portugal para as «profundas transformações» causadas pela plena integração europeia, algumas das quais «estão já em curso». Após considerar que a evolução económica do nosso país nos últimos quinze anos «não tem sido motivo de grande orgulho» e que o crescimento se tem baseado na degradação dos salários reais (que hoje se mantêm «abaixo dos níveis de 1973»), António Borges apontou a necessidade de melhorar os métodos de gestão das empresas portuguesas, com crescente recurso à especialização em marketing e com maior preocupação na estrutura organizacional das grandes unidades que, disse, irão certamente surgir na sequência da criação de grandes grupos económicos.

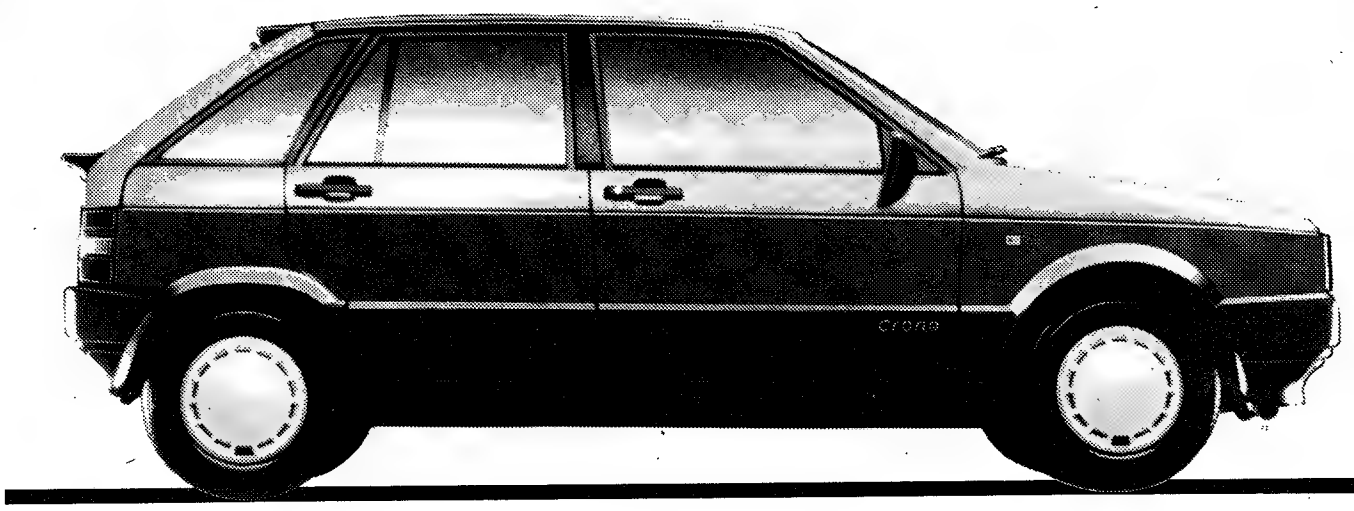
António Borges: Portugal é «subdesenvolvido» mas tem «trunfos»...



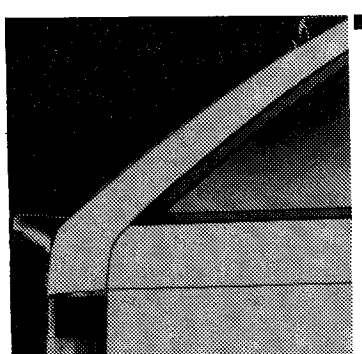
MAIS SEAT AO MESMO PREÇO



O NOVO **«IBIZA CRONO»** É UM CARRO SUPERIOR A TODOS OS NÍVEIS, EXCEPTO NO PREÇO. É ELEGANTE, GRAÇAS À SUA INCONFUNDÍVEL LINHA GIUGIARO. A POTÊNCIA E A ECONOMIA DO MOTOR **SYSTEM PORSHE** PROPORCIONAM-LHE «PERFORMANCES» E RENDIMENTOS EXCEPCIONAIS. NO PREÇO JÁ ESTÁ INCLUÍDO TODO UM CONJUNTO DE «EXTRAS» QUE NO IBIZA CRONO É EQUIPAMENTO DE ORIGEM. SINTA A ESTRADA NAS SUAS MÃOS, COM MAIS CONFORTO, QUALIDADE E ROBUSTEZ.



"SPOILER" DUPLO QUE O FAZ VOAR COMO O VENTO E QUE, MESMO ASSIM, O PRENDE À ESTRADA. TAMPÕES-DE-RODA INTEGRAIS, AR ELEGANTE E DESPORTIVO. ASSENTOS ANATÓMICOS — O MELHOR QUE SE PODE ENCONTRAR EM CARROS DESTA CATEGORIA. E AINDA: PAINEL COMPLETO DE INSTRUMENTOS, ASSENTOS TRASEIROS SEPARADOS E REBATÍVEIS, VOLANTE DESPORTIVO, ESTOFOS EXCLUSIVOS, LOGOTIPO CRONO.



Novo IBIZA crono

MAIS QUALIDADE. MELHOR EQUIPAMENTO. MAIS CONFORTÁVEL.

Recomendamos Produtos Shell

Concessionários Lisboa e Arredores (Vendas e Assistência):

CASA CATELA
Av. D. Carlos I, 47 49
1200 LISBOA

C. SANTOS
Av. da Liberdade, 29 - 41
1200 LISBOA

FASSIO
Lg. Com. Madureira, 6 - A B Alges
1495 LISBOA

FRANCISCO B. RUSSO & IRMÃO
Av. Inf. D. Henrique - Cabo Ruivo
1900 LISBOA

GARAGEM VICTÓRIA
R. Nova de S. Mamede, 38
1200 LISBOA

IBERPEÇAS - SOBRESSALENTES, LDA.
R. dos Soeiros, Lote 2-B
1500 LISBOA

JAIME SANTOS
R. Artilharia Um, 105 - A
1000 LISBOA

SAIDECAR
Av. de Paris, 4 D
1000 LISBOA

AUTO-MECA
R. Estado da India, Lote 9 A
2685 SACAVEM

E.J.P.
R. Elias Garcia, Lote 8 B - Venda Nova
2700 AMADORA

E. J. P.
R. Elias Garcia, Lote 42, Loja Frente
2745 QUELUZ

FONSEAT, SA
Av. 5 de Outubro, 45
2560 TORRES VEDRAS

MORGADO & AMADO, LDA.
R. Com. Antonio Feio, 84
2800 ALMADA

MULTIPNEUS, COM. DE PNEUS, LDA.
R. Elias Garcia, 105 A B
2735 CACEM

MULTIPNEUS
Av. Alm. Gago Coutinho, 54
2725 MEM MARTINS

SERVIPOR
R. Heróis de Chaimite, Lote 8
2675 ODIVELAS

UNIMEC - STARAUTO
R. João Soares, Lote 1
2775 PAREDE

EMPRESAS

Grupo S.Caetano investe 3 milhões

O grupo Salvador Caetano vai investir, ainda este ano, cerca de 3 milhões de contos canalizados essencialmente para as unidades industriais de Gaia e Ovar. Na fábrica de Ovar serão investidos cerca de um milhão de contos, e na de Gaia aproximadamente 250 mil contos. Ambos os investimentos se destinam à aquisição de novos equipamentos.

Destaque também para os cerca de 130 mil contos que o grupo vai investir na Transmotor, a aplicar em stands e oficinas do Porto e Lisboa e na informatização da área administrativa. O grupo irá ainda investir cerca de meio milhão de contos na empresa Baviera para aquisição de imóveis em Lisboa e Porto.

Arborfil: resultados descem 43% devido à conjuntura internacional

A Arborfil — Fiação da Trofa, SA registou no primeiro semestre do ano 62 mil contos de luros líquidos, o que reflecte uma quebra da ordem dos 43% face a igual período do ano passado.

A empresa facturou no primeiro semestre 429.866 contos, pelo que o volume de negócios desceu 11% face aos primeiros seis meses de 1987. A situação líquida da Arborfil, cujo capital é de 550 mil contos, passou de mais de 524 mil contos no final de Junho de 1987 para 985.734 contos no fim de Junho último. O aumento de preços das matérias–primas e a acentuada subida do câmbio do dólar — moeda em que são feitas todas as transacções em rama — são os principais factores apontados pela empresa para explicar a quebra nos resultados.

Durante a primeira metade do ano, a Arborfil investiu 80 mil contos na aquisição de máquinas e equipamento de produção. Para o exercício em curso, a adminstração espera obter 900 mil contos de volume de negócios e 150 mil contos de resultados líquidos.

Sistel aumenta lucros em 16%

A Sistel, empresa do grupo Centrel, registou no primeiro semestre deste ano lucros antes de impostos de 74 mil contos, o que representa um acréscimo de 16% face a igual período do ano passado.

O volume de facturação nos primeiros seis meses de 1988 atingiu os 1.145 mil contos, o que é mais 13% que o verificado na primeira metade de 1987. O resultado alcançado representa uma rentabilidade das vendas superior a 6% e deve–se não só ao aumento da actividade, mas também à redução dos custos de operação, na ordem dos 2,3% do volume de vendas.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$70	58$70
ALEMANHA FED. (marco)	81$60	82$60
ÁUSTRIA (xelim)	11$55	11$75
BÉLGICA (franco)	3$685	3$935
BRASIL (cruzado)	$258	$458
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$15	127$65
(notas de 5 a 1000)	125$65	128$15
DINAMARCA (coroa)	21$15	21$55
ESPANHA (peseta)	1$197	1$317
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	151$15	154$55
(notas de 5 a 1000)	151$65	155$15
FINLÂNDIA (marka)	34$50	35$10
FRANÇA (franco)	23$85	24$55
HOLANDA (florim)	72$15	73$25
IRLANDA (libra)	219$20	223$20
ITÁLIA (lira)	1$099	1$154
JAPÃO (iene)	1$103	1$158
NORUEGA (coroa)	22$00	22$50
REINO UNIDO (libra)	259$70	264$20
SUÉCIA (coroa)	23$75	24$25
SUÍÇA (franco)	95$85	97$35
VENEZUELA (bolívar)	3$691	4$491

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

BOLSA ABRE SEMANA COM FORTE TENDÊNCIA DE QUEDA

Quando estavam decorridos cerca de dois terços da sessão bolsista de hoje, o mercado oficial de acções da Bolsa de Valores de Lisboa iniciava mais uma semana de actividade denotando uma fortíssima tendência de queda das cotações.

Devido ao atraso com que decorreu a sessão — atraso já habitual às terças–feiras, mas que hoje foi maior — mais uma vez não nos é possível apresentar hoje a lista completa das cotações, ficando por conhecer o resultado da negociação de 55 das 168 espécies accionista que integram o mercado oficial.

De qualquer modo, à hora de fecho desta edição do «Diário de Lisboa» era notório um tremendo desequilíbrio entre os números de subidas e de desvalorizações registados até então. O mercado dava também a impressão de ir registar um menor número de «não efectuados» do que vinha sendo habitual.

Assim, estavam até ao momento contabilizadas 46 descidas de cotação contra apenas 11 subidas, o que dava uma média de mais de quatro quedas por subida. Renovando as cotações mais recentes sem as alterar ficavam já 32 títulos, enquanto o número de «não efectuados» (os títulos que não logravam motivar qualquer transacção) era apenas de 24.

A sessão de hoje do mercado oficial accionista foi também marcada pela ocorrência de algumas variações de cotação de amplitude assinalável. À hora de fecho da nossa edição, destacavam–se já quatro quedas e duas subidas para além da margem de 10%.

A subir, o realce cabe à Sociedade de Construções ERG e à Penina — Sociedade Turística. A ERG registou um ganho de 10,2 por cento face à sua cotação mais recente, que fora conseguida na quinta–feira passada. Quanto à Penina, obteve um ganho semelhante (de 10 por cento), mas reportado à cotação formada na última sexta–feira. As maiores quedas iam para a Novembal (menos 12,2% que na quinta–feira última), a Construtora do Tâmega (recuo de 11,1% face à cotação mais recente, de 28 de Setembro), a Somague (16,4% abaixo da cotação de quinta–feira) e a Transmotor (menos 20% que a 2 de Setembro, data da última cotação).

Realce também para as acções ao portador da Marconi e do BPI e as da Sonae, pela movimentação, respectivamente, de 61,5 mil contos, 34,6 mil contos e 44,6 mil contos.

Subidas

FITOR - 1.700$ (transaccionadas 600 acções; cotação anterior: 1.570$); SONAE - 11.100$ (4.020; 11.050$); ERG - 1.300$ (20; 1.180$); ENGIL - 1.750$ (700 ; 1.720$); SOARES COSTA - 1.660$ (510; 1.650$); PENINA - 3.300$ (140; 3.000$); ORBITUR - 1.660$ (70; 1.650$); TRANSBEL - 1.400$ (920; 1.300$); B. P. I. (nom.) - 5.900$ (3.183; 5.850$); B. C. I. (nom.) - 6.100$ (100; 6.000$); HELLER - 4.620$ (100; 4.540$).

Descidas

VIDAGO - 1.500$ (transaccionadas 130 acções; cotação anterior: 1.550$); MACEDO COELHO - 1.500$ (255; 1.510$); SOPRAGOL - 2.120$ (80; 2.140$); MADEIRENSE TABACOS - 2.940$ (80; 3.000$); SUMOLIS - 5.900$ (200; 6.000$); RAÇÕES PROGADO - 3.200$ (10; 3.400$); PRAZOL - 1.950$ (50; 2.000$); ALCO - 410$ (580; 424$); AVEIRENSE MOAGENS - 1.060$ (375; 1.070$); VILA FRANCA - 1.000$ (20; 1.060$); TORRES NOVAS - 1.920$ (180; 2.000$); AMIEIROS VERDES - 1.760$ (10; 1.800$); ARBORFIL - 2.600$ (150; 2.820$); LAMEIRINHO - 4.400$ (100; 4.500$); NOVOPAN - 3.300$ (760; 3.440$); SIAF - 2.600$ (80; 2.640$); CORTICEIRA AMORIM - 4.000$ (30; 4.100$); IPOCORK - 3.500$ (50; 3.600$); CAIMA - 11.050$ (707; 11.300$); NOVEMBAL - 2.300$ (140; 2.620$); COPIDATA - 2.000$ (50; 2.060$); PORTO CAVALEIROS - 2.500$ (100; 2.520$); MABOR - 2.960$ (1.080; 2.980$); FISIPE - 3.000$ (640; 3.040$); Cª PORTUGUESA HIGIENE - 1.750$ (49; 1.800$); ISAR RAKOLL - 1.820$ (40; 1.980$); PROADEC - 1.350$ (175; 1.400$); CIN (em. 88) - 3.300$ (100; 3.400$); SOPOL - 1.500$ (40; 1.510$); TÂMEGA - 2.400$ (10; 2.700$); SOMAGUE - 2.040$ (200; 2.440$); AMADEU GAUDÊNCIO - 1.310$ (478; 1.390$); BETÃO LIZ - 3.100$ (100; 3.400$); SUPERMERCADOS INÔ - 2.440$ (40; 2.500$); TRANSMOTOR - 2.400$ (30; 3.000$); DOM PEDRO - 1.950$ (200; 2.060$); HOTELAGOS - 1.200$ (600; 1.260$); OREY ANTUNES - 1.220$ (1.032; 1.230$); TRANSINSULAR (nom.) - 2.320$ (200; 2.500$); MARCONI (nom.) - 8.700$ (370; 8.900$); LOCAPOR - 5.250$ (175; 5.400$); IMOLEASING - 4.500$ (304; 4.880$); CISF - 23.000$ (423; 23.500$); MANUFACTURERS HANOVER (port.) - 5.950$ (1.360; 6.000$); CITIBANK (Port.) - 3.800$ (290; 3.900$); EUROLEASING - 6.100$ (30; 6.450$).

Cotações Repetidas

GESTÃO AGRO PECUÁRIA - 1.240$ (transaccionadas 202 acções); TRIUNFO - 1.200$ (844); PROALIMENTAR - 2.240$ (470); ANTÓNIO HENRIQUE SERRANO - 1.300$ (80); REFRIGE - 2.960$ (100); COFACO - 4.000$ (200); SOJA PORTUGAL - 4.400$ (1.678); RAÇÕES VALOURO - 2.460$ (150); CARNES NOBRE - 2.200$ (100); GREGÓRIO - 1.650$ (210); BORDALIMA - 1.500$ (570); ESTAMPARIA IMPÉRIO - 1.200$ (10); AMORIM E IRMÃOS - 3.500$ (290); CHAMPCORK - 6.000$ (20); LITHO FORMAS - 2.400$ (560); MOTA E Cª - 5.000$ (320); SOMEC - 1.800$ (100); EMPOR - 1.300$ (200); PAPELARIA FERNANDES - 1.940$ (1.270); S. G. O. - 2.000$ (200); J. S. CORREIA - 3.700$ (20); MUNDINTER - 4.000$ (10); A. C. SANTOS - 1.900$ (50); SOPONATA (port.) - 2.100$ (10); SERVIÇO PORTUGUÊS CONTENTORES - 1.500$ (30); TERNOR - 1.210$ (310); TERTIR - 2.700$ (10); MARCONI (port.) - 12.800$ (4.809); B. P. I. (port.) - 6.900$ (5.017); SOFINLOC - 12.200$ (434); LUSOLEASING - 7.000$ (50); B. C. I. (port.) - 7.300$ (270).

Não transaccionadas

FINAGRA, SICEL, CURIA, FÁBRICA NACIONAL MARGARINAS, VASCO GAMA, EMASA, PERSUÍNOS, COPAM, FEPSA, VELDEC, MOURA MATOS, FIACO, LUÍS CORREIA, FOSFOREIRA PORTUGUESA, IBERFAR, CIN, SABEL, INFORGAL, JÚPITER, TUROPA, SOPONATA (nom.), TRANSINSULAR (port.), MANUFACTURERS HANOVER (nom.), CITIBANK (Nom.).

Confederações patronais contestam reforma fiscal

A proposta governamental de reforma fiscal é «decepcionante», afirmaram ontem em Lisboa responsáveis das três confederações patronais, em conferência de imprensa conjunta.

«O alargamento da base de incidência objectiva dos novos impostos sobre o rendimento redunda — temos fundadas razões para o acreditar — em sobrecarga fiscal da generalidade dos contribuintes», salientou o presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP), Rosado Fernandes, que leu aos jornalistas o comunicado conjunto das três confederações: CAP, Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) e Confederação do Comércio Português (CCP).

No que respeita ao sector empresarial, as três organizações são unânimes em considerar que a situação será pior para as empresas que, pela sua menor dimensão, beneficiavam de uma taxa reduzida de 30 por cento. «Todas terão o problema de, em 1989, terem de liquidar a contribuição industrial de 1988 e ainda por cima pagar imposto sobre o rendimento das pessoas colectivas (IRC) com base nos resultados de 1988 que, tudo indica, não se repetirão em 1989», sublinha o documento conjunto.

Rosado Fernandes salientou que as medidas anunciadas pelo Governo «não têm verdadeiro impacto» e afirmou que o executivo de Cavaco Silva deveria ter utilizado de «moderação fiscal» nesta matéria.

Crespo de Carvalho, presidente da CCP, disse não haver justificação para o Estado ir receber em 1989 mais cerca de 100 milhões de contos de impostos que em 1988.

Para o presidente da CIP, «seria natural que o Governo português adoptasse medidas que conduzissem ao desagravamento fiscal», mas afinal 1989 vai registar uma sobreposição do pagamento de dois impostos. «Não houve coragem para levar as alterações até ao fundo», afirmou Ferraz da Costa, numa alusão ás propostas adiantadas pela Comissão de Reforma Fiscal.

Em colaboração com a França

GOVERNO ESPANHOL INICIA NOVA OFENSIVA CONTRA ETA-MILITAR

Manuel Lopes
Serviço Lusa/«DL«

Os governos de Espanha e França anunciaram, após um seminário interministerial que reuniu em Leon 18 ministros e secretários de Estado dos dois países, uma série de novas medidas para lutar contra o terrorismo da ETA-Militar. Todavia as medidas concretas não foram divulgadas, para «não lhes tirar eficácia», se bem que segundo alguns meios ainda existem divergências quanto ao teor da cooperação.

Poucas horas antes de serem anunciadas essas medidas, dentro de um amplo pacote de uns 20 acordos de cooperação entre Madrid e Paris, a Polícia francesa de Biarritz anunciava o malogro de uma operação com que tinha pretendido deter alguns dos principais membros da direcção da ETA-Militar, entre eles Francisco Mugica Garmendia, «Artapalo».

Um falso alarme provocou a intervenção da Polícia numa casa onde pensava que estariam reunidos os dirigentes «etarras», segundo a explicação policial, mas só foram encontrados dois espanhóis, cuja identidade não foi revelada ainda e que estão sendo interrogados.

Contudo, não são os indivíduos procurados, nem se sabe se pertencem à organização, informaram as mesmas fontes policiais.

Paralelamente a estas medidas, a direcção das instituições penitenciárias iniciou no último fim-de-semana a transferência de presos da ETA-Militar, de modo a misturar alguns com presos comuns e entre eles próprios, nomeadamente os que agora defendem estratégias diferentes para a organização.

Os 500 presos «etarras» que se encontram distribuídos por um total de 16 prisões espanholas, mas concentrados sobretudo nas de máxima segurança de Herrera de La Mancha (Ciudad Real), Alcala-Meco (Madrid) e Nanclares de Oca (Vitória), usufruem de uma série de condições especiais, estão isolados dos restantes presos, organizam assembleias e, desde o interior, condicionam a direcção da ETA-Militar.

De acordo com fontes próximas a meios bascos, os presos «etarras» encontram-se neste momento divididos entre os que são a favor de uma negociação com o governo central para o fim da luta armada e os que pretendem continuar a actividade terrorista.

Entre os primeiros encontram-se os que não estão implicados em delitos de sangue e seriam libertados, desde que haja um acordo sobre o fim do terrorismo.

Os restantes, pertencentes à linha mais dura, são acusados de delitos de sangue e a sua libertação não está contemplada no primeiro acordo, ou poderia demorar algum tempo, como medida de prudência.

Na semana passada, dirigentes políticos do partido «Herri Batassuna», o braço político da ETA-Militar, pretendiam iniciar um programa de visita aos presos «etarras» para «animá-los», mas a direcção de instituições penitenciárias não autorizou essas visitas, alegando que não se tratava nem de advogados de defesa nem de familiares, e que eram apenas visitas políticas.

Mas, além da frente Madrid-Paris, a outra área de actuação do governo nesta nova fase do plano para acabar com a ETA-Militar é Argel, onde residem meia centena de dirigentes «etarras» e onde se realizaram contactos entre representantes da ETA e do governo central de Madrid, no fim de 1987 e princípios deste ano.

Nos últimos dias, surgiram em alguns meios de comunicação espanhóis informações segundo as quais haveria ameaças de expulsão de Argel dos referidos «etarras».

Contactos com Argel

Argel é a favor de que as partes cheguem a um acordo negociado para resolver o problema do terrorismo no País Basco, mas pelo menos oficialmente recusa-se a aparecer como medianeiro.

Fontes oficiosas revelaram à agência Lusa que Madrid mantém contactos com Argel, com base em diferentes contrapartidas, entre elas o apoio espanhol à construção do gasoduto Argélia-Marrocos-Espanha-Europa, no sentido das autoridades argelinas influírem nos dirigentes «etarras» para negociar o fim da luta armada.

As negociações iniciadas no princípio do ano, sob certos auspícios, tanto de Paris como de Argel, foram interrompidas, após o sequestro do industrial Emiliano Revilha, em 24 de Fevereiro, que ainda se mantém em poder do comando «etarra», sendo o rapto mais prolongado e em que houve maiores exigências económicas da meia centena perpetrado até agora.

Alguns jornais publicam informações no sentido de que o governo chegou a oferecer dinheiro à ETA-Militar para libertar o empresário, e o «El Pais» revela que, em troca da desarticulação do comando Madrid, que mantém preso o industrial, e da sua libertação, foi proposta a saída da prisão de 60 presos «etarras».

Estas informações não foram confirmadas nem desmentidas, mas em círculos do Ministério do Interior desencadeou-se nas últimas semanas uma intensa actividade para potenciar novas linhas de acção, de modo a não só a libertar Emiliano Revilha, mas encontrar também uma solução para o terrorismo da ETA.

Na semana passada, o ministro do Interior, José Barrionuevo, reuniu-se com dirigentes de cada um dos partidos parlamentares, para auscultá-los sobre umas novas negociações ou medidas contra a ETA-Militar.

O governo condiciona o início de novos contactos à libertação de Emiliano Revilha, cujo sequestro tem uma componente económica e política.

Os dirigentes «etarras» exigiram à família, como resgate, grandes quantias que vão entre 1000 e 1500 milhões de pesetas, mas o governo considera que, além disso, se trata também de um sequestro político, como forma de pressão política para obrigar Madrid a negociar em condições propícias e posição de força.

Apesar de a primeira entrega de dinheiro aos «etarras», 725 milhões de pesetas, ter sido interceptada pela Polícia francesa, assim, como mais 100 milhões de uma segunda entrega, à família de Emiliano Revilha, um dos homens mais ricos de Espanha, com interesses imobiliários nos últimos anos também em Lisboa, diz que já satisfez todas as exigências da ETA-Militar e que a responsabilidade da sua não libertação cabe ao govenro.

A Polícia espanhola tem procurado impedir que o dinheiro chegue às mãos da ETA-Militar, que, segundo algumas fontes, atravessa dificuldades financeiras, mas ninguém sabe se os milhões de pesetas chegaram ou não ao seu destino.

O longo sequestro de Emiliano Revilha e as últimas medidas adoptadas entre Madrid e Paris, o cenário de Argel, assim como as iniciativas espanholas de pressão sobre a ETA-Militar fazem esperar novidades nas próximas semanas, disseram à agência Lusa fontes oficiosas.

Papa no Parlamento Europeu

Deputado irlandês expulso por protestar contra a visita

O deputado europeu e dirigente protestante da Irlanda do Norte, Ian Pasley, foi hoje expulso do hemiciclo do Parlamento Europeu por protestar contra a visita do Papa à assembleia.

Depois das palavras de boas-vindas do presidente do Parlamento Europeu, lord Plumb, ao Pontífice, Ian Pasley começou a protestar contra a visita de João Paulo II, acenando com um cartaz onde se lia: «João Paulo II Anticristo».

«Senhor Pasley, peço-lhe que respeite a dignidade deste hemiciclo» — solicitou, por duas vezes, lord Plumb.

O «senhor está expulso deste hemiciclo até ao fim da sessão» — ordenou o presidente do Parlamento.

Depois de uma interrupção de 45 segundos, o tempo de duração do incidente, João Paulo II iniciou a leitura da sua mensagem aos deputados europeus.

Ontem no período antes da ordem do dia, Pasley, dirigente do Partido Unionista Democrático, da Irlanda do Norte, disse não aceitar «o poder de Roma» e acusou os republicanos e católicos irlandeses de serem responsáveis pelo que considerou o desaparecimento dos protestantes na Irlanda.

João Paulo II, que se dirigiu pela primeira vez à assembleia dos 12, visitou a sede das outras instituições comunitárias no âmbito da sua viagem ao Benelux, na Primavera de 1985.

A sua preocupação pela «grande Europa», à qual se referiu durante esta visita pastoral a Estrasburgo, coincide com o início da aproximação oficial entre a CEE e os países comunistas do Comecon.

A defesa da vida e as liberdades individuais, a harmonia com a natureza e o controlo ético do progresso económico, são temas que João Paulo II, tem repetido nos discursos pronunciados nos foruns europeus.

Manifestação contra a visita do Presidente sul-africano a Zurique.

Presidente Botha encontra-se com banqueiros suíços

Corespondente «DL»

O presidente Pieter Botha da África do Sul, acompanhado do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha, chegaram ontem a Zurique para conversações com representantes da banca suíça. Em princípio, os dois dirigentes encontram-se em visita privada, embora se saiba que eles vão participar igualmente numa reunião com os embaixadores sul-africanos em posto na Europa.

A Suíça continua a ser na Europa o grande angariador de fundos para a África do Sul e as sanções decretadas pelos Estados Unidos e pela CEE contra Pretória não são acatadas na Suíça. A praça financeira de Zurique constitui neste momento um dos raros interlocutores do regime sul-africano. O «apartheid» é regularmente criticado pelo governo suíço, mas a neutralidade da Suíça, diz esse mesmo governo, não admite a aplicação de sanções seja contra quem for.

Dois terços do ouro vendido pela África do Sul são escoados através da praça de Zurique, ou seja uma das 600 toneladas por ano. As exportações de diamantes sul-africanos para a Suíça aumentaram em 1987 de 100 (!) vezes em relação ao ano precedente, para atingirem 188 milhões de dólares em fins de 1987. É com efeito a Suíça que constitui actualmente o principal mercado dos diamantes sul-africanos. A explicação deste fenómeno está no abandono parcial da praça de Londres, em consequência das sanções decretadas pela Grã-Bretanha.

Os activos bancários suíços na África do Sul representam actualmente oito biliões de francos suíços (800 milhões de contos) e os créditos suíços concedidos à África do Sul, representam a quarta parte de todos os créditos obtidos no exterior pelo regime de Pretória. Os três grandes bancos suíços continuam a investir na África do Sul, onde se encontram instaladas cerca de 40 empresas e filiais de empresas suíças.

Na Primavera passada, o Partido Socialista suíço tinha pedido o congelamento do intercâmbio económico com a África do Sul, mas a sua proposta foi rejeitada pelo Parlamento federal.

O Presidente franês, François Miterrand, conversa com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, durante um encontro no palácio do Eliseu. Shevardnadze, que ontem iniciou uma visita oficial de dois dias a França, considerou à sua chegada a Paris ser "extremamente necessário o diálogo sovieto-francês e o seu aumento para um grau qualitativamente novo.

Um grupo de ecologistas austríacos, entre eles deputados e dirigentes da coligação ecopacifista, bloquearam ontem um posto fronteiriço com a Checoslováquia, para protestar contra a construção, em território daquele país, da central nuclear de Telemin, a maior da Europa central. Segundo a agência austríaca Apa, várias dezenas de activistas "verdes" bloquearam durantes horas a circulação no posto fronteiriço de Neu-Nagelberg, como forma de protesto pela construção da citada central atómica, a perto de 50 quilómetros da fronteira da Áustria. A presidente da coligação ecopacifista, Freda Meissner-Blau, presente no posto fronteiriço, declarou que em questões humanitárias e de protecção do ambiente não é válida a pretensão de que não se deve intervir nos assuntos internos de outros países.

A princesa Ana de Inglaterra conversa com o con aéreas do Kuwait, Subhi Youseef, após este ter sido cona pelo seu comportamento durante o desvio do seu avião,

Conservadores britânicos em congresso

O Partido Conservador da primeira-ministro britânica, Margaret Thatcher, regressou hoje a Brighton para novo congresso anual, depois de aqui ter sido alvo de um atentado bombista há quatro anos. Receando novo atentado do Exército Republicano Irlandês (IRA), as autoridades britânicas montaram um forte dispositivo de segurança em torno do centro onde ocorre a convenção e do hotel onde ficarão alojados os principais dirigentes conservadores. A 12 de Outubro de 1984, no então último dia da conferência anual dos conservadores britânicos, o IRA perpetrou um atentado bombista contra o Grande Hotel onde se encontrava Thatcher e alguns dos ministros do seu gabinete. Thatcher saiu ilesa do atentado que viria no entanto a vitimar cinco proeminentes conservadores, para além de dezenas de feridos. Muitos dos 4500 participantes no congresso encontram-se já na elegante estância balnear britânica, alojados precisamente no mesmo hotel, cujas obras de restauro após o atentado, que provocou uma fenda enorme na sua fachada vitoriana, custaram mais de um milhão de libras.

Bush elogia Dukakis?

O candidato republicano à presidência norte-americana, George Bush, disse ao primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, que o seu adversário democrata, Michael Dukakis, «é um tipo sólido que não enfraquecerá as forças dos EUA no Pacífico», afirma a «Newsweek». Contudo, a porta-voz da candidatura de Bush, Sheila Tate, afirmou que o actual vice-presidente, em campanha eleitoral em Nova Jersey, desmentiu esta e outras afirmações que lhe são atribuídas.

Durante a sua campanha, Bush tem repetido que caso seja eleito, Dukakis contribuirá para o enfraquecimento das forças de defesa dos EUA. Segundo a revista, Hawke terá manifestado a Bush a sua preocupação por uma eventual retirada das forças norte-americanas do Pacífico, caso Dukakis seja eleito para a presidência. «Se Dukakis ganhar não têm de se preocupar. Ele é um tipo sólido, fará as coisas certas», terá dito Bush, segundo a «Newsweek». Depois de Bush ter lido a revista, a sua porta-voz afirmou:

«Não é uma citação directa e o vice-presidente não faz comentários sobre as suas conversações privadas com outros líderes.»

A luta no Camboja

O exército do príncipe Sihanouk está a enviar reforços para o interior do Camboja, para enfrentar os ataques dos guerrilheiros maoístas khmeres vermelhos, revela um telegrama divulgado em Paris pelo filho deste dirigente no exílio. «Confrontados com a ameaça dos khmeres vermelhos, tomei a liberdade de enviar 75 por cento das nossas tropas e todos os comandantes em exercício para o interior», refere a mensagem. O exército de Shianouk, os khmeres vermelhos e as forças do antigo primeiro-ministro, Son Sann, têm as suas bases ao longo da fronteira com a Tailândia, de onde, desde há dez anos, lutam contra a ocupação vietnamita do Camboja. Mas, em Julho, o príncipe afastou-se da liderança de uma coligação formada por três organizações oposicionistas de resistência, acusando os khmeres vermelhos de atacar o seu exército e de se servir do seu prestígio internacional para conspirar e impedir o seu regresso ao Poder. Assessores e conselheiros de Sihanouk, que exigiram o anonimato, afirmam que o exército deste líder integra 20 mil homens. Em 1979, o Vietname invadiu o Camboja para pôr cobro a quatro anos de domínio khmer vermelho, durante o qual mais de um milhão de pessoas foram mortas.

A retirada das tropas cubanas de Angola

DELEGAÇÃO DE HAVANA DESMENTE ACORDO EM NOVA IORQUE

O chefe da delegação cubana nas negociações quadripartidas para a paz no Sudoeste Africano, Carlos Aldana, desmentiu ontem que nas reuniões mantidas em Nova Iorque se «tenha chegado a um acordo». Aldana, secretário do Comité Central do Partido Comunista de Cuba, disse que os contactos do fim-de-semana «sublinharam as divergências e a impossibilidade de encurtar uma distância muito grande entre as posições das partes».

O negociador cubano efectuou estas declarações nos corredores das Nações Unidas para desmentir notícias do «The New York Times», segundo as quais haveria um acordo para que a retirada das tropas cubanas de Angola se fizesse entre 24 e 30 meses.

«Não se discutiram prazos, mas a forma como essa retirada deve ocorrer e em que condições», referiu o dirigente cubano.

Carlos Aldana confirmou que «a principal divergência neste momento radica na pretensão de converter a decisão soberana de Angola e Cuba na solução global do conflito» e que «com a independência da Namíbia e a retirada das tropas sul-africanas desse território cessam as causas pelas quais as tropas cubanas foram chamadas», afirmou Aldana.

O dirigente cubano, referindo não poder «ir mais longe para não violar a ética das negociações, que têm uma série de elementos que não devem ser conhecidos publicamente», disse que a informação do «N.Y. Times» sobre o acordo «introduz um optimismo que infelizmente não podemos subscrever, por não corresponder à realidade».

Carlos Aldana comentou que «a retirada deve ser feita com ordem e honra, salvaguardados de requisitos de segurança de Angola».

O representante de Angola nas Nações Unidas e membro da delegação negociadora do seu país, Pedro Pacavira, reconheceu que o prazo de 24 meses para a retirada proposto pelos Estados Unidos e África do Sul foi aceite por cubanos e angolanos como uma base de negociação.

«A nossa proposta é de 30 meses. Baixamos de 48 para 30 e este é o limite das nossas concessões.»

«Trata-se de um gesto que estamos dispostos a continuar a fazer, mas necessitamos de garantias para a nossa segurança», disse Pacavira.

Segundo Pacavira, a retirada das tropas cubanas constitui «um gesto soberano de Angola e Cuba para facilitar a solução de um problema que é da responsabilidade da comunidade internacional, como o é a independência da Namíbia».

O embaixador angolano lamentou que os Estados Unidos, que actuam como medianeiro nas negociações, «estejam a apoiar terroristas como Savimbi», o chefe da União para a Independência Total de Angola (UNITA), movimento guerrrilheiro que há 13 anos luta contra o Governo angolano.

Reunião na RFA

Dirigentes da Namíbia e o principal grupo nacionalista, SWAPO, vão reunir-se este mês na Alemanha Federal com dirigentes locais e representantes dos Estados Unidos, anunciou a rádio sul-africana.

A reunião, que se inicia no próximo dia 28 e tem a duração

Itália: Governo de De Mita depende de votação que hoje decorre no Parlamento

A continuidade do governo do primeiro-ministro italiano, Ciriaco de Mita, depende do resultado de uma votação que hoje decorre no Parlamento e que visa abolir as votações secretas neste órgão.

Tratando-se de uma votação secreta é bem possível que o governo venha a ser derrubado pela própria prática que pretende reformar.

De Mita, democrata-cristão, propôs uma redução drástica das votações secretas, quando, em Abril, formou uma coligação governamental com socialistas, republicanos, liberais e sociais-democratas.

A votação de hoje culmina um vivo debate travado na semana passada, no qual o projecto foi contestado por mais de 60 deputados da coligação governamental.

O projecto governamental prevê a abolição das votações secretas no Parlamento, exceptuando matérias relativas às liberdades fundamentais e questões de consciência, tais como aborto e manipulação genética.

A coligação precisa de 316 votos para a aprovação do projecto.

«Em caso de derrota, tirarei as minhas conclusões da situação. Não se trata de uma ameaça, mas de uma constatação da realidade», disse De Mita.

Num encontro de ontem com jovens democratas-cristãos, De Mita advertiu que quem sabotar a reforma parlamentar, sabotará a continuidade do próprio governo.

Apesar de alguns dos democratas-cristãos «rebeldes» terem prometido já lealdade a De Mita, na terça-feira, receia-se que isso não aconteça dado que a própria votação é secreta.

Chile

Há indícios de que quer candidatar-se

O ministro da Defesa, Patrício Carv Estado chileno, general Augusto Pin dato nas próximas eleições presiden

Horas antes, o ministro secretário-g do Poblete, tinha dito ser prematuro chet será ou não candidato nas eleiçõ

A declaração de Poblete ocorreu n ministros realizado no palácio presid qual Pinochet «reiterou confiança nos

Por seu turno, o próprio Pinochet grupo de apoiantes que «neste momen to e que isso depende de vós».

Apesar de a maioria dos constituci opinião de que a Constituição imped chet, sua mulher Lúcia Hiriart, apelo marem um grande movimento de apo der alterar a Constituição e ser releit

om o comandante das linhas
sido condecorado em Londres
eu avião, em Abril deste ano.

de quatro dias, realiza-se em Koeningswinter, e visa debater o futuro da antiga colónia alemã administrada pela África do Sul.

Pretória acordou na implementação, a partir de 1 de Novembro, do plano das Nações Unidas de independência para a Namíbia.

O subsecretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, chefe da delegação norte-americana de mediação às conversações para a independência da Namíbia, abrirá a reunião com uma exposição acerca dos progressos nos últimos encontros havidos entre a África do Sul, Angola e Cuba.

A rádio não nomeou mais delegados à conferência, que é organizada pelo Instituto Naumann, ligado ao Partido Democrático Livre.

e que Pinochet tar-se em 1989

atrício Carvajal, disse que o chefe de ugusto Pinochet, poderia ser candi- s presidenciais.
secretário-geral do Governo, Orlan- prematuro referir se o general Pino- nas eleições previstas para 1989.
ocorreu no fim de um conselho de ício presidencial de La Moneda e no nfiança nos elementos do Governo».
o Pinochet disse no domingo a um ste momento não posso ser candida- vós».
s constitucionalistas chilenos ser da ição impede a candidatura de Pino- riart, apelou aos chilenos «para for- nto de apoio para o presidente po- e ser releito».

Situação na Argélia

Presidente Benjedid prometeu reformas políticas

Correspondente «DL»

Toda a Argélia estava ontem à espera de ouvir a alocução do presidente Chadli Bendjedid, tanto mais que mesmo ontem à tarde, após seis dias de distúrbios em que teria havido já 200 mortos, os soldados tinham voltado a atirar contra os manifestantes, causando pelo menos uma trintena de vítimas. Pouco antes da intervenção presidencial na rádio e na televisão, ontem à noite, Argel, e principalmente as suas artérias centrais, encontrava-se completamente abandonada pelos seus habitantes, inquieta pelo desenrolar dos acontecimentos, e que tinha preferido refugiar-se em casa para ver e ouvir o presidente. Seria que ele iria propor as soluções que todos esperavam?

A alocução do presidente Chadli Bendjedid, que durou 21 minutos e que tinha sido gravada de antemão, nada prometeu de concreto, pelo menos para já. O presidente ficou-se pelas promessas: ele apresentará dentro em breve aos cidadãos um projecto de reformas políticas «no seu sentido mais amplo». Reformas essas que não excluem uma modificação das instituições constitucionais.

O presidente pediu a todos para que se mantivessem calmos, embora admitisse ao mesmo tempo que a população se encontrava perante escolhas difíceis. Certos dirigentes serão demitidos, deixou ele entender, mas quanto a ele próprio, partindo do princípio que o povo lhe tinha feito confiança, ele continuaria no cargo para cumprir o seu dever até ao fim.

Questões sem resposta

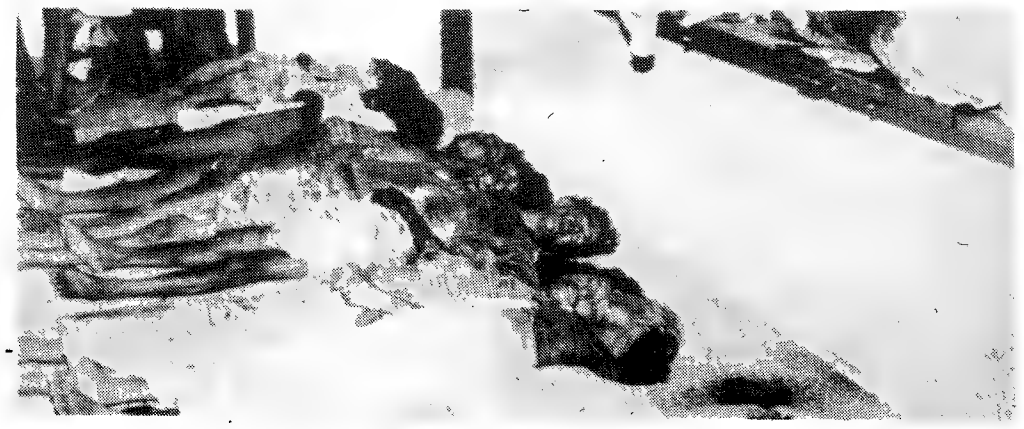
As perguntas que corriam na boca de todos sobre a maneira de trazer um pouco de alívio à situação económica da população, que para muitos é suportável, essas perguntas ficaram sem resposta. Sem resposta se encontra igualmente a questão de se saber se a situação nas ruas não irá piorar, na ausência duma contrapartida da parte do presidente, e até que ponto a repressão poderá continuar sem ir provocar a queda final do regime, como o antigo presidente Ben Bella já previu?

Os acontecimentos de ontem à tarde são bem reveladores do estado de desorientação das forças da ordem, e indirectamente da classe dirigente. Convocados por certos movimentos integristas, cerca de 20 000 manifestantes, que pela primeira vez incluíram muitas mulheres, tinham partido da zona popular de Belcourt, a leste da capital, após terem rezado pela memória das vítimas dos últimos dias. Os manifestantes tencionavam protestar contra a recusa das autoridades de restituir os corpos dessas vítimas às suas famílias. Calcula-se que tenha havido até agora 170 mortos, embora o número de 200 apareça como mais credível aos olhos de muitos jornalistas presentes.

Os manifestantes tinham a intenção de ir até Bab-El-Oued, a oeste da capital, mas foram bloqueados à entrada do bairro por um cordão duplo de segurança à volta do quartel-general da Sureté. Quando um grupo de manifestantes tentou contornar o dispositivo de segurança, os soldados abriram fogo.

Certos manifestantes dizem não compreender o comportamento brutal das forças da ordem, tanto mais que os manifestantes se encontravam desarmados e não tinham demonstrado qualquer atitude hostil. Outras testemunhas oculares garantem que o fogo foi aberto primeiro contra um grupo de integristas que enquadravam a manifestação, quando a certa altura eles se precipitaram sobre as forças da ordem aos gritos de «Deus é o maior».

Diversos responsáveis políticos têm expresso em particular a sua preocupação em acalmar os espíritos «indo se preciso for à raiz do mal». Esses dirigentes dizem-se absolutamente conscientes de que é preciso «que as coisas mudem depressa» para que a população possa «enfim exprimir-se politicamente e na sua vida quotidiana através de associações representativas». Isso não quer dizer, segundo estes mesmos dirigentes, que o partido único esteja em causa: ele deverá somente «abrir-se às diferentes correntes de pensamento».



Vítimas da violência tâmil no Sri-Lanka.

Sri Lanka: 66 mortos em confrontos

Pelo menos 66 pessoas morreram em incidentes de violência política no Sri Lanka após um massacre numa aldeia, ocorrido no passado fim-de-semana, anunciaram fontes militares.

Segundo as mesmas fontes, entre 75 e 100 guerrilheiros separatistas tâmil cercaram no domingo à noite uma aldeia do Norte do Sri Lanka e mataram 13 homens, 14 mulheres e 18 crianças.

O ataque, na aldeia de Mahakongaskade, provocou ainda 17 feridos que tal como as vítimas mortais pertencem à comunidade cingalesa, maioritária no Sri Lanka.

Fontes militares dizem suspeitar que os rebeldes que efectuaram o massacre pertencem ao grupo de guerrilha «Tigres de Libertação do Eelam Tâmil».

Por outro lado, fontes políticas dizem que o ataque visou protestar contra a prevista criação de um conselho provincial na região Norte do país, predominantemente tâmil e no Leste, região de etnia mista, ao abrigo de um pacto de paz assinado entre o Sri Lanka e a Índia e destinado a pôr fim à violência étnica no país.

Entretanto forças policiais e militares disseram ter morto ontem 11 guerrilheiros tâmil e ferido sete outros quando os rebeldes fizeram uma emboscada ao camião em que seguiam numa selva também na região Norte da península.

No Sul do Sri Lanka, a Polícia e militares usaram bastões e gases lacrimogéneos para dispersar milhares de manifestantes que protestam nas ruas contra a fusão das províncias do Norte e do Leste do país, ao abrigo do referido acordo de paz, segundo testemunhas.

As escolas foram encerradas em todo o país por ordem do Governo e uma greve de protesto convocada pela Frente Popular de Libertação Marxista paralisou também os transportes nas regiões dominadas pela etnia cingalesa, levando ainda ao encerramento de lojas e restaurantes.

Sete membros da frente foram mortos em incidentes com as autoridades na região de Matara, no Sul e três violadores do cessar-fogo em vigor foram abatidos pela Polícia na mesma região.

Tanto a minoria tâmil como a maioria cingalesa contestam o pacto de paz acusando-o de ser uma cedência total face à Índia.

O Primeiro-Ministro checo, Lubomir Strougal, que agora se demitiu.

Conservadores não querem reformas amplas e rápidas

Demitiu-se o 1.º ministro checoslovaco

O primeiro-ministro checoslovaco Lubomir Strougal, demitiu-se ontem, após 18 anos de chefia do governo — anunciou a agência noticiosa oficial checoslovaca Ceteka. Strougal, de 64 anos, era considerado um adepto da linha reformista preconizada pelo líder soviético Mikhail Gorbachev. A sua demissão foi anunciada no primeiro dia de uma reunião do Comité Central do Partido Comunista.

A agência Ceteka acrescentou que o vice-primeiro-ministro Peter Colotka, que também é chefe do governo eslovaco, demitiu-se igualmente.

Diplomatas ocidentais em Praga tinham especulado no ano passado sobre a situação de Strougal, particularmente desde um diferendo com Vasil Bilak, um ortodoxo do Politburo, sobre o ritmo e alcance das reformas económicas no país.

A liderança checoslovaca adoptou publicamente reformas de estilo soviético pouco antes do líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, ter visitado o país em Abril do ano passado.

Mas alterações destinadas a introduzir flexibilidade na economia checoslovaca, em estagnaçãoo, avançaram lentamente.

Diplomatas notaram nisto um reflexo de receios da liderança de que o processo de reformas pudesse ficar sem controlo e levar a uma reedição do movimento de liberalização de 1968, conhecido como Primavera de Praga, esmagado por uma invansão liderada pela URSS.

Strougal, não sendo um reformista radical ao estilo de Gorbachev, pode todavia ter ficado impaciente com o fraco ritmo de progressos, disseram os diplomatas.

As mesmas fontes afirmaram à agência Reuter que Strougal pode ter provocado a sua própria queda ao apelar a mudanças económicas mais amplas e rápidas do que aquilo que os seus companheiros mais conservadores do Politburo poderiam admitir.

Jugoslávia

Líder de Montenegro chora ao demitir-se

O líder comunista da república jugoslava de Montenegro demitiu-se ontem, chorando perante uma multidão de trabalhadores que, desafiando a ameaça do presidente do país de impor medidas de emergência se a agitação não terminasse, continuaram a protestar.

Radivoje Brajovic, tinha sido enviado para Niksic, no Norte da república de Montenegro — para tentar acalmar os operários metalúrgicos e estudantes que se manifestavam contra a carga policial (com bastões e gás lacrimogéneo) efectuada sobre eles no sábado, quando exigiam maior autonomia regional e melhores condições de vida.

O dirigente do Partido Comunista daquela república falou aos milhares de manifestantes que exigiam a demissão do chefe da Polícia ou dos próprios líderes regionais.

«Tenho de me demitir e estou orgulhoso de o poder fazer perante os trabalhadores da fábrica de aço Boris Kidric», declarou Brajovic, abandonando em lágrimas as instalações da fábrica — onde os operários em greve se tinham reunido.

Entretanto, foram decretadas medidas de urgência, que, embora não especificadas pelas autoridades, consistem habitualmente em patrulhas policiais e operações «stop».

Segundo uma nota governamental, estas medidas destinam-se apenas «àqueles que estão a abusar das justas reivindicações dos trabalhadores e de outros cidadãos».

De acordo com a agência noticiosa Tanjug, que cita um comunicado oficial, as medidas de urgência foram introduzidas para evitar a imposição de medidas de emergência, conforme tinha advertido o presidente da Jugoslávia, Raif Dizdarevic, durante uma comunicação ao país difundida na noite de domingo pela televisão estatal.

Informação COMERCIAL

NOVO SERVIÇO DE FIM DE SEMANA
RÁPIDO DA ESTREMADURA
LISBOA / BADAJOZ / LISBOA

PREÇOS DE PROMOÇÃO

1.ª CLASSE – 2500$00
IDA E VOLTA

2.ª CLASSE – 1800$00
IDA E VOLTA

Este serviço efectua-se a partir de Lisboa aos Sábados às 8.45 h e Domingos às 14.17 h.

Partidas de Badajoz às sextas feiras às 14.05 h e sábados às 19.25 h.

Informe-se na sua Agência de Viagens ou na estação mais próxima.

Caminhos de Ferro Portugueses

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º JUÍZO

Proc. n.º2962 – 1.ª Secção
ACÇÃO ORDINÁRIA

ANÚNCIO

Por este Juízo e primeira secção, nos autos de Acção Ordinária n.º 2962 em que é autor Otis Elevadores, Lda. e réus José Gonçalves Marques e Outros correm éditos de trinta dias contados da segunda e última publicação do anúncio citando os réus José Gonçalves Marques, Bruno Duarte Cardoso e Armando Wylie Cabral de Almeida, com últimas residências conhecidas na Rua Garcia da Horta, Lote D.F. 13 – 7. Dt.º, Rua Garcia da Horta, Lote 11 – 1.º Esq.º, e Rua Garcia da Horta, Lote D.F. 13 – 8.º Dt.º, Almada, respectivamente, para no prazo de 20 dias, findo que seja o dos éditos, contestarem a Acção Ordinária com a advertência de que a falta de contestação importa a confissão dos factos articulados pelos autores, tudo pelos fundamentos constantes dos duplicados da petição inicial que ficam à sua disposição na Secretaria deste Tribunal.

Lisboa, 29 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,
José Geraldes Pereira de Carvalho

A escrivã adjunta,
Ana Maria N. Leitão de O. Borges

«DL» 11/10/88 – 1.ª Pub.

5.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA
ANÚNCIO
Acção Ordinária

Proc. 8936 **3.ª Secção**
Autor – Otis Elevadores, Lda.

Réus – José Martins Oliveira e mulher, Dilia Maria Fernandes Alexandre Oliveira, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Av.ª António José de Almeida, 25, 3.º P – Lourinhã e Outros.

Por este Tribunal correm éditos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando os Réus supra-indicados para os termos da Acção pelos fundamentos constantes da petição inicial. Como a referida petição foi indeferida no despacho liminar o Autor interpôs recurso de agravo para os termos do qual os mesmos Réus são igualmente citados declarando-se-lhes que o prazo para contestar decorrerá da data da notificação que há a fazer-lhe se o despacho de indeferimento da petição for revogado – Art.º 475, n.º 3 do C.P. Civil encontrando-se à disposição dos aludidos Réus os duplicados da petição inicial, e despacho de fls. 49 a 52 e 54 dos Autos supra-indicados.

Lisboa, 30 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)

O Escrivão – Adjunto,
(Assinatura ilegível)

«DL» 12/10/88 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Magistrado Judicial do 1.º Juízo Cível da comarca de Lisboa, FAZ SABER que, nos autos de Acção de despejo n.º 1496 da 3.ª Secção, que Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho move contra os réus José Vicente de Magalhães Gonçalves Zarco da Câmara e mulher Teresa Maria Cabral Gonçalves Zarco da Câmara, ausentes em parte incerta e com última residência conhecida na Travessa Cova da Moura, n.º 2, 2.º, em Lisboa, foi designado o dia 25 de Outubro próximo, pelas 10 horas, neste Tribunal, para a tentativa de conciliação a que se refere o art. 972.º do Cód. de Proc. Civil, ficando os réus citados para a ela comparecerem pessoalmente ou fazerem se representar por procurador com poderes especiais para transigir e ainda para, no caso da tentativa se frustrar, contestarem a acção, no prazo de dez dias a contar daquela data, sob pena de serem condenados no pedido que consta em que seja decretado o despejo do rés-do chão direito, da cave direita e de uma divisão na cave esquerda do prédio sito na Rua Castilho, n.º 15 em Lisboa.

Lisboa, 21 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,

(Assinatura ilegível)

O Escrivão-Adjunto

(Assinatura ilegível)

«DL» 11/10/1988 — 1.ª Pub.

UNIÃO DE ALGÉS
Cooperativa de Consumo, CRL
Convocatória

A pedido da Direcção e nos termos do Código Cooperativo e dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária para reunir na sede social, Rua Anjos, 23, em Algés, no próximo dia 28 do corrente mês, pelas 20 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único – Discussão e votação de uma proposta da Direcção para a venda de equipamento excedentário da Cooperativa.

Se à hora marcada não se encontrar presente ou representada a maioria dos cooperantes, os trabalhos terão início uma hora depois, com qualquer número de presenças.

Algés, 10 de Outubro de 1988

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
(João da Costa Ferreira)

3.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. 1732
3.ª Secção

Faz saber que pela 3.ª Secção do 3.º Juízo Cível de Lisboa, e na Acção Especial de Despejo, n.º 1732, que a autora Custódia Maria de Oliveira Martins da Costa de Sousa Machado, move contra SECURINTER - SEGURANÇA INTEGRAL E INFORMAÇÃO COMERCIAL, Ld.ª, com última sede conhecida na Av. das Forças Armadas, Bloco 3, lote C, 6.º, andar frente em Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, citando a ré para comparecer neste Tribunal no dia 23 de Novembro de 1988, pelas 17 horas, a fim de tomar parte na tentativa de conciliação dos autos acima indicados e, se esta se frustrar, contestar, querendo, o pedido feito pela autora no prazo de DEZ DIAS, que começará a contar da data da tentativa de conciliação, pedido que consiste no despejo imediato e resolução do contrato de arrendamento do 6.º andar Frente do bloco 3, do Lote C da Av. das Forças Armadas, em Lisboa, livre e desocupado de pessoas e bens.

A ré poder-se-á fazer representar na tentativa de conciliação por procurador com poderes especiais para transigir e, na contestação, pode deduzir em reconvenção, o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgue com direito, ficando os duplicados da petição inicial e documentos à disposição da ré na Secretaria deste Tribunal.

Lisboa, 29 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito
a) António João Casebre Latas

O Escrivão Adjunto
a) Sérgio Paulo do Nascimento da Silva

«DL» – 11/10/88 – 2.ª Pub.

13.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Foi designado o dia 13 de Outubro próximo, pelas 11 horas, para a tentativa de conciliação nos autos de Acção de Despejo n.º 2640, pendentes na 2.ª Secção deste Juízo, em que são Autoras ISABEL DE JESUS MARIA PINHEIRO DE MELO ESPÍRITO SANTO SILVA, residente na Quint a da Peru em Azeitão e TERESA MARIA PINHEIRO DE MELO RAMOS DE MAGALHÃES, residente na Rua Sampaio Pina, 72, 4.º, em Lisboa e Ré JORGE FERREIRA DA COSTA, Ld.ª, com última sede conhecida na Rua de Santa Marta, 56 F, em Lisboa, ficando a ré por este meio citada, para comparecer neste Juízo, no mesmo dia e hora ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à referida tentativa de conciliação nos autos supra-indicados, e a que se refere o duplicado da petição inicial que fica à sua disposição na secretaria deste Juízo.

Mais fica citada ainda, para, no caso de não comparecer qualquer das partes ou de não se obter o seu acordo, contestar a acção no prazo de dez dias, sob pena de ser condenada no pedido.

Pode no mesmo prazo deduzir em reconversão, o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito.

Fica advertida de que a falta de alguma ou da ambas as partes não é motivo de adiamento, mas o faltoso incorrerá em multa.

Lisboa, 20 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,
Jaime Manuel Belém Santana Guapo

A Escrivã Adjunta,
Eduarda Maria Pereira de Oliveira Cruz

«DL» 11/10/88 — 1.ª Pub.

3.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc. 6432
2.ª Sec.

FAZ SABER que na Acção Especial de Despejo, registada sob o n.º 6432/88, que GRACIETE FELISMINA DOS SANTOS MOTA DA COSTA E SILVA e marido JOSÉ MARIA RIBEIRO DA COSTA E SILVA, residentes na Rua Francisco Franco, n.º 8-r/c Esq.º, em Lisboa, movem contra OLÍVIA FERREIRA TENREIRO, viúva, cuja última residência conhecida foi na Av.ª Marconi, n.º 12-2.º Esq.º, em Lisboa, designado o próximo dia 3 de Novembro de 1988, pelas 14.15 horas, neste Tribunal, para tentativa de conciliação ordenada naqueles autos, devendo aquela comparecer pessoalmente no mesmo dia, hora e local, podendo fazer-se representar por procuradór com poderes especiais para transigir, não sendo motivo de adiamento a falta de comparência e, ainda para, contestar, no caso de aquela tentativa se frustrar, no prazo de DEZ DIAS, a contar da data marcada para a realização da aludida tentativa de conciliação (3-11-1988), nos termos do art.º 972.º do Cód. Processo Civil, conforme tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra à sua ordem na Secretaria deste Tribunal.

Lisboa, 19 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,
Alfredo Carlos André dos Santos

A Escrivã Adjunta,
Maria dos Anjos Ferreira Gaspar

«DL»11/10/1988

4.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 2.ª secção deste Juízo da Comarca de Lisboa e nos Autos de Acção Sumária n.º 3584 em que é Autora OTIS ELEVADORES, LDA. e RÉUS ALBERTO JORGE e MARIA JORGE, actualmente ausentes em parte incerta, que tiveram a sua última residência conhecida na Rua António Nobre, 3.º-3-A – Linda-a-Velha, correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio citando os Réus, para dentro do prazo de DEZ dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, aquela acção como os fundamentos da qual pretenda a Autora a sua condenação solidária no pagamento da quantia de 361 759$00, e juros vincendos, sob pena de, o não fazendo virem a ser condenados no pedido, tudo em conformidade com a respectiva petição inicial cujos duplicados se encontram na secção à disposição dos Citandos.

Lisboa, 28 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,
a) Fernando Pinto Monteiro

O Escrivão-Adjunto,
a) José António Cardoso Alves

"D.L." 11/10/88 – 1.ª Pub.

Futebol

PORTIMONENSE ESCOLHEU JOSÉ TORRES

O treinador José Torres que, entre outros cargos, já foi responsável pela selecção nacional sénior de futebol, vai assinar hoje um contrato com o Portimonense.

José Torres substitui Manuel Cajuda, que domingo último colocou o seu cargo à disposição da direcção da colectividade, no final do encontro Portimonense — Sporting de Braga, a contar para a 8.ª jornada do campeonato nacional de futebol da I Divisão, e que terminou com a vitória da equipa algarvia por 1-0.

Vários outros treinadores foram considerados potenciais candidatos ao lugar deixado vago por Manuel Cajuda, nomeadamente Octávio, Fernando Cabrita e Manuel José, mas a direcção do Portimonense, depois de uma reunião de várias horas, acabou por se inclinar para José Torres, que hoje assinará um contrato válido até ao final da temporada em curso.

Recorde-se que o Portimonense, após oito jornadas, ocupa o 19.º e penúltimo lugar da classificação do campeonato, com 5 pontos, menos oito do que os líder da prova, o Benfica e Sporting.

A equipa algarvia soma duas vitórias, um empate e cinco derrotas, com cinco golos marcados e dez sofridos.

Taça: os maiorais não se encontram

O sorteio referente à 2.ª eliminatória da Taça de Portugal caprichou em não juntar qualquer dos vinte participantes no campeonato da divisão principal. Outra curiosidade: Benfica, Sporting e Porto são visitados, cabendo-lhes, respectivamente, receber o Cova da Piedade, Almancil e Vilafranquense.

Vejamos quais os confrontos a terem lugar no próximo dia 1 de Novembro: Valonguense - Marinhense; **Vitória de Guimarães** - Sacavenense; Sesimbra - União de Lamas; **Marítimo** - Peniche ou Tomar; Freamunde - Seixal; Santiago do Cacém - União de Coimbra; Valpaços - Rio Ave; Grupo Desportivo Beira Mar ou Benfica Águias Sport - Portosantense; Lusitano V.R. St.º António - Torreense; Covilhã - **Fafe**; Mirense - Lixa; Macedo de Cavaleiros - **Braga**; Varzim ou Vieira - Moreirense; Vasco da Gama - Valadares; Felgueiras - Maria da Fonte; Salgueiros ou Amadores de Caminha - **Chaves**; Portalegrense - Alvorense; Gil Vicente - Figueiró dos Vinhos; Santacombadense - **Espinho**; Ermesinde - Angústias; Oliveirinha - Fanhões; Alcobaça - Lourinhanense; Ol. Moscavide - Bombarralense; **Portimonense** - Aliados do Lordelo; Vianense ou Cerveira - Ac. Coimbra ou Mealhada; Vitória FC - Vila Real ou Régua; Alba - Pinhelense; Moimenta da Beira - Argus, Benf. C. Branco - Ponte da Barca; Palmeiras - GD Luso; **Farense** - Santa Maria; **Sporting** - Almancilense; **FC Porto** - Vilafranquense; Marialvas - Senhora da Hora; Alhandra - Lousada; Oliveira do Bairro - Fátima; **Estrela da Amadora** - Caldas; Oriental - SC Barreiro; Trafaria - **Leixões**; Barreirense - Atouguiense; Beneditense - Leverense; Amarante - Vizela; Ovarense - Naval 1.º de Maio; Leça - Gouveia ou Nazarenos; Albergaria - Riachense; Palmelense - Torres Novas; Pescadores - Seia; Almeirim - Moura; Sintrense - **Belenenses**; **Benfica** - Cova da Piedade; Câmara de Lobos - Unidos; Vilanovense - Olhanense; Anadia - **Boavista**; **Penafiel** - Elvas; Lusitânia - Joane; Marco - U. Santarém; Aves - **Ac. Viseu**; Valenciano - Campomaiorense; União Leiria - **Beira Mar**; São Romão - Famalicão; Esp. Lagos - Estoril; **Nacional** - Tirsense; Santa Clara - Atlético e SL Marinha - Feirense.

Liège-Benfica assistência repartida

Os adeptos benfiquistas deverão ocupar metade dos 40 mil lugares do Estádio Rocourt, onde o Benfica defronta o FC Liège (Bélgica) na primeira mão da segunda eliminatória da Taça UEFA em futebol.

Em declarações publicadas na Imprensa belga, André Marchandise, presidente do FC Liège disse que João Santos, presidente do Benfica, lhe prometeu a presença de 20 mil portugueses no próximo dia 26.

O responsável do clube belga revelou ainda ter recebido inúmeros pedidos de bilhetes de diversas regiões da Bélgica e também do estrangeiro. No entanto salientou que, para atrair público, talvez preferisse que FC Liege defrontasse a equipa onde milita o alemão-federal Karl-Heinz Rummenigge, ou seja o Servette da Suíça.

«Mas o Benfica é também bom se comparado com o Victoria de Bucareste» — acrescentou o presidente do FC Liège.

Por seu turno, o técnico do FC Liège, Robert Waseige, afirmou que a equipa vai dispor de 15 dias para preparar o encontro com o Benfica, período que também será aproveitado para recuperar três dos seus titulares que se encontram lesionados. «Trata-se do médio Quain com problema nos adutores, e o avançado Malbasa com uma lesão no joelho esquerdo e do líbero De Sart, o caso mais grave com um problema nas costas» — explicou.

Waseige desloca-se a Fafe no próximo domingo para «espiar» o Benfica no seu jogo do campeonato frente à equipa local.

O técnico adjunto do FC Liège, Emile Lejeune, assistiu no domingo em Lisboa ao encontro Benfica-Belenenses.

Entretanto, Eusébio era aguardado no Estádio Rocourt, pois segundo a Imprensa belga o Benfica havia anunciado a deslocação da «pantera negra» para observação do FC Liège frente ao Beveren, o que não veio a acontecer.

Cartão Jovem: descontos em oito jogos

Os portadores de Cartão Jovem beneficiam de um desconto de 50 por cento nos preços dos bilhetes de oito jogos da 9.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da primeira divisão.

O desconto abrange os jogos Sporting-Boavista, Estrela da Amadora-Penafiel, Vitória de Setúbal-Espinho, Chaves-Portimonense, Beira Mar-Marítimo, Leixões-Farense, Nacional-Vitória de Guimarães e Braga-Académico de Viseu.

Campeonato angolano

O Petro Atlético de Luanda goleou o Inter, também de Luanda, por 7-0, na 22.ª jornada do campeonato angolano de futebol da primeira divisão.

O Petro consolidou a sua posição de guia da classificação, tendo agora 39 pontos, contra 26 do Inter e do Primeiro de Agosto, equipa que tem menos dois jogos.

Resultados: Primeiro de Agosto-Mambroa, 2-2; FC Cabinda-Desportivo TAAG, 1-1; Inter-Petro Atlético, 0-7; Petro Huambo-Desportivo Benguela, 1-1.

Um dia já distante José Pargana, que ontem nos disse adeus, fez este traço de José Torres

Sorteio da Taça: a retirada das bolinhas

Cocktail mortífero

O defesa David Croudir, da equipa dos Falcons da primeira divisão da Liga de Futebol Americano, morreu ontem vitimado por um ataque cardíaco, que as autoridades relacionam com o consumo de cocaína.

Uma estação de rádio de Atlanta noticiou que o futebolista havia preparado um «cocktail» de cocaína no domingo à noite, depois da sua equipa perder por 33-0 com o Rams de Los Angeles, em jogo das eliminatórias para o campeonato nacional.

Um dirigente da equipa dos Falcons anunciou que a mulher do jogador, Holly, chamara uma ambulância a meio da madrugada, e que uma hora depois David Croudir morria num hospital de Duluth, na Jórgia.

Grécia: desordeiros para a prisão

O Tribunal Correccional de Salónica condenou 10 adeptos gregos a penas de prisão, acusados de terem participado nos incedentes de quinta-feira, no jogo de futebol entre o Paok e o Nápoles, de Itália, para a Taça UEFA.

Nos incidentes, registados depois de terminado o encontro em que a equipa grega foi eliminada, ficaram feridas 23 pessoas quando mais de 1000 adeptos do Paok apedrejaram cerca de 200 italianos.

O Tribunal de Salónica condenou quatro dos réus a 26 meses de prisão, quatro a 20 meses, um a 14 meses e outro a 12 meses de reclusão, proibindo-os ainda de entrar em qualquer estádio durante dois anos e meio.

PARGANA: O ÚLTIMO TRAÇO

Entrou um dia nesta casa, pela mão de Tavares da Silva. Tinha no olhar a chama continuada de Stuart de Carvalhais e Anarelhe, mas o traço preferia retratar pessoas envolvidas em pequenas questões de diferente quotidiano.

Apaixonado pelo futebol, de águia ao peito, fez deslizar pela sua caneta centenas de artistas dos estádios. E, com fama correndo por aí fora, tornou-se convidado obrigatório para ilustrar os então famosos livros de curso das diversas faculdades, logo pulando as suas caricaturas para os gabinetes da gente mais importante deste país.

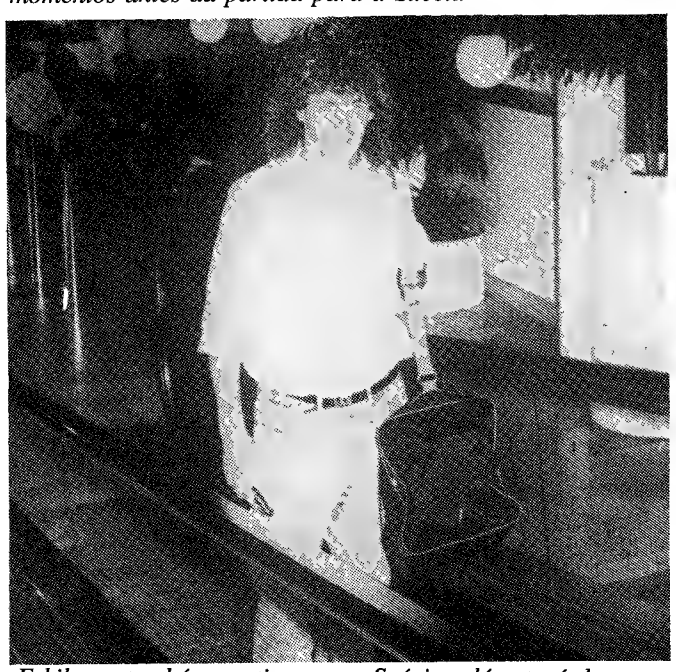
Foi imperador da boémia lisboeta, e companheiro inseparável de Alfredo Marceneiro. Trabalhou até poder: mesmo quando as forças já lhe faltavam, o pulso fraquejava, os olhos começavam a enevoar-se. O último sinal para uma desistência surgiu quando deixou de ir ver o Benfica do seu coração: era a renúncia às armas, a tinta preta e o papel branco ficavam encostados no estirador.

Ontem, o artista disse-nos adeus. De seu nome completo José João Carvalho Pargana, nascera há 71 anos em Lagoa, no Algarve que sempre desejou ter como última morada. O destino não quis isso: o funeral sai esta tarde, pelas 16 horas, da Igreja das Mercês para o Alto de S. João, na grande capital que o adoptou desde menino.

Na Imprensa desportiva ficará sempre em branco o espaço da última caricatura do «nacional» de futebol. Pargana vai reunir-se a Martins: lá no alto, podem agora ter tempo inteiro para o livro do curso das estrelas que tanto admiravam.

Neves de Sousa

Jaime Magalhães, Carlos Xavier, Chalana, Dito e Silvino momentos antes da partida para a Suécia



Eskilsson também partiu para a Suécia e lá estará do outro lado da «barricada»

Selecção na Suécia

Foi uma viagem cansativa a que a comitiva futebolística nacional fez ontem entre Lisboa e Gotemburgo, com escala em Pedras Rubras e transbordo em Amesterdão.

A temperatura encontrada na Suécia rondou os 9 graus e o treinador Juca apenas deu tempo aos seus comandados para arrumarem as malas já que, seguidamente, houve uma ligeira sessão de treino num parque anexo à unidade hoteleira onde se encontram.

Muitos foram os contratempos com destaque para o facto de Rui Jordão se haver esquecido do passaporte («foi o nervosismo que me provocou este lapso. É coisa que nunca me aconteceu e hoje foi o que se viu») e o desaparecimento das malas com as botas dos jogadores benfiquistas.

Juca não parava de lamentar as forçadas ausências de Futre, Rui Barros e André, enquanto se iam escutando certas «bocas» entre «águias» e «dragões». Quanto à forma dos eleitos de Juca, apenas Toni, Nunes e Morato se apresentam com algumas mazelas mas não se trata de caso a merecer preocupações quer ao seleccionador quer ao departamento clínico.

Recorde-se que a comitiva é integrada pelos dirigentes Pais do Amaral e António Pimenta, o funcionário António Malva, os técnicos Juca, Costa e Barnabé, o médico Abel da Silva, os massagistas João Silva e Joaquim Cotovio e o roupeiro António Gonçalves. Quanto aos artistas temos: Silvino, Neno, Vítor Paneira, Chalana, Dito, Jaime Magalhães, Sousa, Gomes, Nunes, Oliveira, Morato, Fernando Mendes, Carlos Xavier, Oceano e Jordão.

Esta manhã os jogadores foram submetidos a mais uma sessão de treinos e logo pelas 18.30 voltarão ao trabalho.

No que se refere à possível constituição da equipa tudo aponta para que o onze inicial seja formado assim: Silvino; Toni, Dito, Oliveira (ou Morato) e Fernando Mendes; Jaime Magalhães, Oceano, Sousa e Chalana; Gomes e Jordão.

O encontro inicia-se às 18.30 (hora portuguesa).

Já agora recorde-se que este encontro é o 11.º entre Portugal e a Suécia e, aqui se recordam os resultados das dez partidas anteriormente realizadas:

Data	Local	Resultado
20-11-55	Lisboa	2-6 D
21- 5-59	Gotemburgo	0-2 D
13-11-66	Lisboa	1-2 D
1- 6-67	Estocolmo	1-1 E
24- 6-81	Estocolmo	0-3 D
14-10-81	Lisboa	1-2 D
12- 9-84	Estocolmo	1-0 V
14-11-84	Lisboa	1-3 D
12-10-86	Lisboa	1-1 E
23- 9-87	Estocolmo	1-0 V

Hóquei em patins

"EUROPEU" DE JUNIORES COMEÇA HOJE

A experiência é um dos principais triunfos da selecção portuguesa de hóquei em patins envolvida no Europeu de juniores, que se inicia hoje em Follonica, na Itália.

Além de Portugal, vice-campeão europeu, participam na prova, a decorrer até ao dia 16, a Espanha, detentora do título, Itália, RFA, Holanda, Suíça, Bélgica, França e Inglaterra.

Os portugueses, que ganharam o seu último título europeu de juniores em 1980, ano em que o campeonato teve lugar em Barcelos, apresentam-se como fortes candidatos à vitória.

Tal como nos restantes escalões etários, a Espanha e a Itália são uma vez mais os maiores rivais da selecção das «quinas», dirigida por António Livramento e formada por um lote de hoquistas com grande experiência, apesar da sua juventude.

Cinco dos dez jogadores seleccionados — o guarda-redes **José Carlos,** os defesas **Vítor Fortunato e Paulo Jorge** e os avançados **Pedro Alves e Rui Lopes** — estiveram já no último Europeu de juniores, em 1987, na cidade alemã-federal de Walsun, onde Portugal foi 2.º classificado, repetindo o lugar obtido em 1985 e 1986.

Este quinteto, em princípio o «cinco base» da equipa portuguesa em Follonica, integra mesmo dois jogadores — Vítor Fortunato e Pedro Alves — que participaram no recente Europeu de seniores na Corunha, com actuações à altura das qualidades que lhes são reconhecidas.

Portugal apresentará ainda o guarda-redes **Paulo Veríssimo,** os defesas **Afonso Miranda e Nelson Ferreira** e os avançados **Pedro Teles e Luís Barroso,** todos eles internacionais como juvenis, à excepção de Nelson Ferreira, que faz a sua estreia na turma das «quinas».

O seleccionador António Livramento recorreu pois à experiência para surpreender os espanhóis e os italianos, que nos últimos sete anos têm alternado no primeiro lugar do pódio, em resultado do trabalho de base desenvolvido nos dois países.

Em Follonica, Portugal começa por descansar na jornada inaugural do campeonato, estreando-se frente à Bélgica, amanhã à noite.

Na quinta-feira, dia em que terá lugar o Itália-Espanha, primeiro «duelo» para o título, os pupilos de António Livramento jogam com a Suíça, de manhã, e com a Holanda, à noite, adversários que não apresentarão problemas de maior.

As maiores dificuldades devem surgir na sexta-feira, dia em que os portugueses terão nova jornada dupla, defrontando primeiro a modesta Inglaterra e depois a difícil Espanha, partida que será o primeiro teste a sério às capacidades da equipa das «quinas».

No sábado, Portugal joga com a Alemanha Federal, de manhã, e com a Itália, à noite, encerrando a sua participação na prova, no domingo, perante a França.

A comitiva portuguesa, chefiada pelo dirigente Albano Silva, integra ainda o coordenador Luís Barros, o preparador físico José Carlos Manaças, o médico Pedro de Almeida, o massagista José Benedito e o mecânico Luís de Almeida.

Calendário

Hoje — Bélgica-Suíça (18 e 30 horas), Holanda-RFA (19 e 30), Espanha-Inglaterra (20 e 30) e Itália-França (21.30).

Amanhã — inglaterra-Holanda (18 e 30), RFA-França (19 e 30), PORTUGAL-Bélgica (20.30) e Itália-Suíça (21.30).

Dia 13 — RFA-Inglaterra (9.30), França-Holanda (10.30), Bélgica-Espanha (11.30), Suíça-PORTUGAL (12.30), Bélgica-RFA (18.30), Suíça-França (19.30), PORTUGAL-Holanda (20.30) e Itália-Espanha (21.30).

Dia 14 — RFA-Suíça (9.30), Inglaterra-PORTUGAL (10.30), Espanha-Holanda (11.30), Bélgica-Itália (12.30), Inglaterra-Suíça (18.30), Bélgica-França (19.30), Itália-RFA (20.30) e Espanha-PORTUGAL (21.30).

Dia 15 — Holanda-Suíça (9.30), França-Espanha (10.30), RFA-PORTUGAL (11.30), Itália-Inglaterra (12.30), Holanda-Bélgica (18.30), Inglaterra-França (19.30), Suíça-Espanha (20.30) e Itália-PORTUGAL (21.30).

Dia 16 — Bélgica-Inglaterra (9), Espanha-RFA (10), França-PORTUGAL (11), Itália-Holanda (12) e a distribuição dos prémios e a cerimónia de encerramento às 13.

As horas indicadas são locais, ou seja, mais sessenta minutos do que no nosso país.

SPORT SOCIETY

«Prémios Castor 1987/88»

O Hotel Castor vai, pela quarta vez, outorgar os «Prémios Castor», destinados a personalidades das áreas do desporto e da Comunicação Social, que mais se tenham distinguido na época transacta.

O júri, composto por David Sequerra (COP), Serafim Ferreira (O Jogo), Vítor Sérgio (CNID), Joaquim Letria (Sindicato dos Jornalistas), prof. Manuel Puga (DGD), Alexandre Pais do Amaral (FPF) e Álvaro Nazareth (RTP/RDP), reunirá naquele hotel, no próximo sábado, dia 15, pelas 15 horas.

Interline: 10 anos

O Interline Clube de Portugal comemora o seu 10.º aniversário em Novembro, com um torneio internacional de golfe em Vilamoura e outras actividades em Montechoro.

Na festa do aniversário, a realizar entre 4 e 6 de Novembro em Montechoro, o Interlane terá a participação de 600 pessoas, a maioria estrangeiras oriundas de 32 países.

No torneio internacional de golfe (Passarola Cup), conhecido como «Taça do Mundo» das companhias de aviação, estão já inscritos mais de 100 jogadores de todos os continentes.

O Interline Clube de Portugal realiza anualmente torneios internacionais de várias modalidades em vários pontos do País, desde o futebol (mundialito) ao voleibol, xadrez, ténis e golfe, tendo organizado recentemente o congresso mundial da World Airlines Clubs Association (WACA).

O clube, com mais de 1000 sócios, funcionários de todas as companhias de aviação que operam em Portugal, é um dos membros mais influentes da WACA e as suas actividades desportivas «têm como objectivo principal a promoção da imagem turística de Portugal junto dos mercados exteriores, através dos colegas estrangeiros».

Futebol juvenil

Juniores

Resultados completos da jornada do campeonato nacional de futebol de juniores:

SÉRIE A: Guimarães - Vianense, 1-1; Mirandela - Fafe, 1-1; Braga - Merelinense, 1-0; Limianos - Famalicão, 0-4 e Chaves - Gil Vicente, 1-0.

Líder: Guimarães, 9 pontos.

SÉRIE B: Sanjoanense-Porto, 1-0; Vizela-Rio Ave, 1-0; Boavista - Régua, 4-1; Salgueiros - Bomb. Almeida, 12-0 e Varzim - Leixões, 2-1.

Líder: Boavista, 10 pontos.

SÉRIE C: Anadia - Ac. Viseu, 1-2; Águeda - Beira Mar, 2-1; Guarda - U. Santarém, 1-2; Viseu Benfica - Covilhã, 1-0 e Marialvas - Mangualde, 0-3.

Líder: Ac. Viseu, 10 pontos.

SÉRIE D: Caldas - U. Santarém, 0-1; Proença-a-Nova - U. Leiria, 0-6; Académica - Nazarenos, 4-0; U. Almeirim - Lousanense, 2-1 e Marrazes - Óbidos, 2-0.

Líder: Académica, 10 pontos.

SÉRIE E: Atlético - Barreirense, 1-2; Est. Amadora - Estoril, 7-1; Campomaiorense - Sporting, 1-2; Oriental - Belenenses, 1-0 e Benfica - Ol. Moscavide, 10-0.

Líder: Benfica, 9 pontos.

SÉRIE F: Juv. Évora - Farense, 1-1; Setúbal - Beja, 2-0; Seixal - Amora, 1-0; Portimonense - Lus. Évora, 2-1 e Lus. Vila Real - Pescadores, 0-1.

Líder: Setúbal, 9 pontos.

Juvenis

Resultados dos encontros da 5.ª jornada do campeonato nacional de futebol em juvenis (juniores B):

Zona Norte: Série A — Leixões - Salgueiros, 0-0; Famalicão - Varzim, 1-2; Merelinense - Paços de Ferreira, 0-2; Rio Ave - Braga, 1-1; Monção - Mirandela, 4-0 e Bragança - Guimarães, 2-1. Líder: Leixões, 9 pontos.

Série B — Ac. Viseu - Guarda, 4-2; Porto - Feirense, 8-0; U. Coimbra - Régua, 1-0; Beira Mar - Boavista, 0-1; Estação - Espinho, 2-1 e Lourosa - Marialvas, 1-0.

Líder: FC Porto e Boavista, 10.

Zona Sul: Série C — Ol. Moscavide - Torreense, 3-0; Elvas - Marrazes, 5-0; Sporting - Oriental, 5-0; Benfica - Académica, 4-0; U. Tomar - Est. Amadora, 0-8 e Unidos - Caldas, 2-2.

Líder: Benfica e Sporting, 10 pontos.

Série D: Pescadores - Portimonense, 0-2; Belenenses - Casa Pia, 0-2; Amora - Lus. Évora, 0-0; Estoril - Mar. Olhanense, 3-1; Farense - Setúbal, 0-1 e Beja - Atlético, 2-1.

Líder: Setúbal, 10 pontos.

MICROSCÓPIO

Portugal é 18.º na Olimpíada de Bridge

Portugal ocupa o 18.º lugar da Olimpíada de Bridge, que se está a disputar em Veneza.

Portugal, que participa no grupo B, empatou 15-15 com Marrocos e tem 43 pontos, contra 59 do Brasil, que lidera o grupo.

A Áustria comanda o grupo A, com 75 pontos, depois de ter alcançado o máximo possível de 25 pontos em cada uma das três jornadas disputadas.

Atletismo: Hélder de Oliveira vence em Málaga

Hélder de Oliveira venceu o IV circuito de marcha atlética de Nerja, nos arredores da cidade espanhola de Málaga, com o tempo de 42.23 minutos para os dez mil metros do percurso.

Participaram na prova três dezenas de concorrentes, entre os quais o espanhol Jordi Llopart, campeão da Europa de marcha atlética, que se classificou em 6.º lugar.

Outro concorrente português, Paulo Reves, cortou a meta em 8.º lugar, cronometrado com 46.36 minutos.

Atletismo: corrida do Almonda

Organizado pelo Clube Desportivo de Torres Novas vai realizar-se uma edição da «Corrida do Almonda» destinada a atletas de todos os escalões etários e que terá lugar no próximo dia 16 do corrente.

As inscrições poderão ser efectuadas até ao dia 13 e refira-se que os prémios são aliciantes com o 1.º classificado a embolsar 35 notas de mil.

Portugueses visitam Estrasburgo

Um grupo de atletas amadores portugueses, vencedores da corrida do «Dia da Europa», foi recebido pelo presidente do Parlamento Europeu, Lord Plumb, em Estrasburgo.

Os vinte e três atletas, de idades entre 17 e 40 anos, foram ainda recebidos pelo presidente da Câmara de Estrasburgo.

Recorde-se que a visita ao Parlamento Europeu premeia os três primeiros classificados de cada categoria.

A corrida, realizada a 10 de Maio último, entre a Torre de Belém e a Avenida da Liberdade, foi organizada pelo gabinete de informação do Parlamento Europeu em Lisboa em colaboração com a Federação Portuguesa de Atletismo.

Nuno Antas de Campos, responsável pelo gabinete de informação de Lisboa, garantiu a manutenção da iniciativa nos próximos anos.

Ben Johnson: colega lança acusação

O atleta canadiano Ben Johnson, recordista mundial dos 100 metros, que perdeu a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos por controlo «antidoping» positivo, tomou esteróides anabolisantes antes de bater em 1987 o recorde do mundo, afirmou a atleta canadiana Angella Issajenko.

Em declarações ao jornal «Toronto Star», a atleta afirmou que o médico George Mario Astaphan administrou os esteróides e orientou o programa com o conhecimento de Charlie Francis, treinador do Optimist Track Club, a que ela própria e Johnson pertencem.

Já não me importo, disse Issajenko. Estou farta disto tudo. Ben toma esteróides, eu tomo esteróides. Jamie (Astaphan) é que os dá e Charlie não é um cientista, mas sabe o que se passa, acrescentou.

Mais tarde, o marido da atleta, Tony, disse que as suas declarações tinham sido mal interpretadas, mas recusou-se a deixar que um jornalista falasse com ela.

O caso de «doping» de Ben Johnson está a ser alvo de dois inquéritos: Um ordenado pelo governo canadiano sobre a utilização de substâncias proibidas por parte dos atletas canadianos e outro da Ordem dos Médicos de Ontario sobre o médico Astaphan.

Atletas americanos furam o boicote

Um grupo de atletas norte-americanos rompeu o boicote desportivo contra o «apartheid» e iniciou, domingo, uma digressão à África do Sul que pode pôr em causa a sua participação em competições desportivas internacionais.

Os 12 atletas que integram este grupo, o primeiro a deslocar-se à África do Sul desde que o país foi expulso da Federação Internacional de Atletismo Amador, em 1976, receberam mais de dois milhões de dólares (30 mil contos) em patrocínios, informa a Imprensa sul-africana.

Carole Cady, detentora do recorde norte-americano do lançamento do disco e uma das finalistas do Jogos Olímpicos de Seul, e John Powell, ex-recordista mundial do lançamento do disco e medalha de prata do campeonato do mundo de atletismo de 1987, em Roma, integram este grupo de 12 atletas que decidiu contrariar o boicote desportivo internacional contra a política de segregação racial do governo de Pretória.

Sean Kelly: no pódio do pedal

O irlandês Sean Kelly continua no 1.º lugar do «ranking» mundial dos ciclistas profissionais, com cerca de 400 pontos de vantagem do 2.º classificado, anunciou a Federação Internacional de Ciclismo Profissional.

A classificação é divulgada mensalmente pela Federação, depois de atribuídos pontos aos ciclistas de acordo com os resultados obtidos nas corridas.

Kelly totaliza 1046 pontos, estando o holandês Steven Rooks na 2.ª posição com 649, seguido do seu compatriota Adri Van Der Poel, com 619. O francês Charles Mottet é 4º classificado com 606 pontos seguindo-se o canadiano Steve Bauer com 588 e o francês Laurent Fignon com 571.

Jackie Milburn: óbito

O antigo futebolista Jackie Milburn, um dos melhores avançados ingleses de sempre, faleceu domingo, vitimado por cancro.

Milburn, que contava 64 anos, vivia na sua cidade natal de Ashington, no Nordeste da Inglaterra, tendo-se celebrizado como jogador no Newcastle, ao serviço do qual apontou 178 golos em 354 jogos da Liga.

No princípio da década de 50, Milburn ganhou por três vezes a Taça de Inglaterra, tendo estabelecido em 1955 um recorde da prova, ao abrir o activo aos 45 segundos, frente ao Manchester City.

Entre 1949 e 1956, Milburn vestiu por 13 vezes a camisola da selecção inglesa, pela qual marcou 10 golos.

Numa recente sondagem, Milburn foi eleito o maior e o mais popular dos jogadores oriundos do Nordeste da Inglaterra, uma região que forneceu talentos como Bobby e Jackie Charlton, membros da equipa inglesa vencedora do Mundial de 1966.

Ténis

CUNHA E SILVA: MAIS UNS DEGRAUS

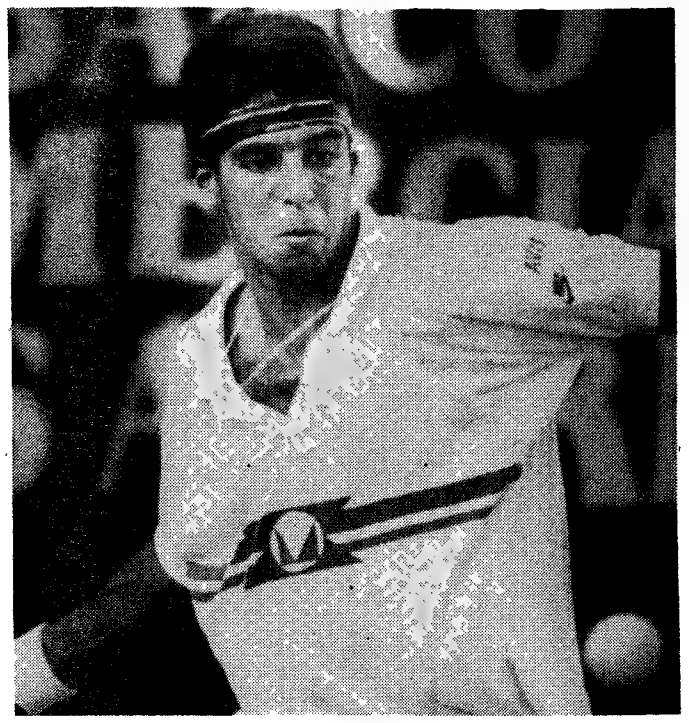
O tenista português João Cunha e Silva ocupa o 90.º lugar na classificação de pares da Associação de Tenistas Profissionais ontem divulgada em Arlington, Texas.

Cunha e Silva, que tem a sua melhor classificação de sempre no «ranking» mundial, subiu 12 lugares em relação à última semana devido à vitória no Estoril Open, onde fez equipa com o francês Jean Fleurian.

O tricampeão nacional tem agora 281 pontos em 13 torneios, o que lhe dá a média de 21,615 pontos.

A anterior melhor posição de Cunha e Silva era o 99.º lugar, que ocupou durante uma semana, em 19 de Setembro.

Em singulares, Cunha e Silva, derrotado na primeira eliminatória do Estoril Open, pelo espanhol Javier Sanchez, que venceu a prova, baixou para o 204.º lugar, com 109 pontos em 16 torneios, uma descida de 16 lugares em relação à última semana.



Cunha e Silva: entra no grupo dos 100 na variante de pares

Nuno Marques, que não participu no Estoril Open, baixou quatro lugares no «ranking» de singulares para a posição número 232, mas mantém os 96 pontos em 16 torneios, ocupando o lugar número 437.º, com 44 pontos em 4 torneios na classificação de pares.

Os dez mais

O norte-americano Jimmy Connors regressou aos 10 primeiro lugares do «ranking».

Connors tinha descido na última semana para o 11.º lugar da classificação, que continua a ser liderada pelo sueco Mats Wilander.

A classificação dos 10 primeiros é a seguintes (entre parêntesis a posição da última semana): 1.º (1) Mats Wilander, Suécia; 2.º (2) Ivan Lendl, Checoslováquia; 3.º (3) Stefan Edberg, Suécia; 4.º (4) Andre Agassi, Estados Unidos; 5.º (5) Boris Becker, Alemanha Federal; 6.º (6) Kent Carlsson, Suécia; 7.º (7) Pat Cash. Austrália; 8.º (9) Tim Mayotte, Estados Unidos; 9.º (11) Jimmy Connors, Estados Unidos e 10.º (10) Henri Leconte, França.

Elas

A tenista alemã-federal Steffi Graf continua a liderar o «ranking» mundial, segundo a lista divulgada segunda-feira pela Associação das Tenistas Profissionais (WITA).

As 10 primeiras do «ranking» são: **1.ª Steffi Graf,** Alemanha Federal; 2.ª Martina Navratilova, Estados Unidos; 3.ª Chris Evert, Estados Unidos; 4.ª Gabriela Sabatini, Argentina; 5.ª Pan Shriver, Estados Unidos; 6.ª Helena Sukova, Checoslováquia; 7.ª Natalia Zverena, União Soviética; 8.ª Manuela Maleeva, Bulgária; 9.ª Zina Garrison, Estados Unidos e 10.ª Barbara Potter, Estados Unidos.

Xadrez: torneio "Paz e Amizade"

O grande mestre alemão-federal Wolfgang Unzicker mantém o comando do VIII torneio de xadrez «Paz e Amizade», ao vencer o mestre internacional mexicano, Denis Verduga.

Cumprida a antepenúltima jornada da prova, a decorrer na Cova da Piedade, Unzicker totaliza 7,5 pontos, mais um ponto que a dupla constituída pelo grande mestre húngaro Peter Lukacs e o mestre internacional inglês Julian Hodjson, segundos classificados.

Lukacs e Hodjson inpuseram-se aos mestres internacionais portugueses Luís Santos e Fernando Silva, respectivamente.

António Antunes, o xadrezista português melhor situado na tabela classificativa, que empatou com o grande mestre jugoslavo, Jurag Nikolac e Denis Verduga repartem o 4.º posto, com 6,5 pontos cada.

Resultados da 9.ª ronda: António Antunes (Por) - Jurag Nikolac (Jug), 0,5-0,5; Álvaro Pereira (Por) - Rui Dâmaso (Por), 0-1; Wolfgang Unzicker (RFA) - Denis Verduga (Mex), 1-0; Luís Santos (Por) - Peter Lukacs (Hun), 0-1; Julian Hodjson (Ing) - Fernando Silva (Por), 1-0 e António Fróis (Por) - António Fernandes (Por), 0,5-0,5.

Classificação: 1.º Jurag Unzicker, 7,5 pontos; 2.ºs Peter Lukacs e Hodjson, 6,5; 4.ºs Denis Verduga e António Antunes, 6; 6.ºs Luís Santos e Rui Dâmaso, 5; 8.º Jurag Nikolac, 3,5; 9.ºs António Fernandes e António Fróis, 2,5 e 11.ºs Fernando Silva e Álvaro Pereira, 1,5.

Luís Galego em Luanda

O português Luís Galego empatou com o brasileiro António Resende, detentor do título, em partida da jornada inaugural da VII edição do torneio internacional de xadrez de Luanda.

Luís Galego defronta na segunda ronda, o angolano Manuel Andrade, que domingo perdeu com o seu compatriota Nélson Ferreira, segundo classificado na última edição da prova.

Outros resultados da primeira ronda do torneio em que participam xadrezistas de Portugal, Angola, Argélia, Brasil, Cuba e Egipto. Adelkis Remon (Cuba) - Alexandre Nascimento (Ang), 1-0; Abílio Ribeiro (Ang) - Armindo de Sousa (Ang), 0-1 e Francisco Briffel (Ang) - Youssef Elgazali (Egipto), 0,5-0,5.

Pilotos franceses morrem em San Remo

O piloto francês Jean Marc Dubois e o seu navegador, Robert Moinier, morreram hoje quando participavam no Rali de São Remo.

O Citroën AX Sport de Dubois derrapou na estrada molhada, despistou-se, embateu num rail de protecção e caiu numa ravina, acrescentou um porta-voz da organização.

O acidente ocorreu perto de Turim, a cerca de dois quilómetros do fim da primeira prova classificativa da segunda etapa do rali.

Minutos antes do acidente, o campeão mundial de ralis, Juha Kankkunen, da Finlândia, despistou-se na mesma curva e foi forçado a desistir.

Kankkunen, que faz equipa com Juha Pironen, num Toyota 4WD, era o comandante do rali ao fim da primeira etapa, com o mesmo tempo do espanhol Carlos Sainz e do italiano Dario Cerrato.

Na mesma classificativa, um Lancia Delta Integrale, pilotado pelo italiano Giacomo Bossini, atingiu um espectador que se encontrava numa zona proibida ao público.

A vítima sofreu fracturas múltiplas nas pernas e a prova esteve interrompida durante algum tempo para permitir a passagem de uma ambulância.

Juventude de Fernão Ferro e Estrelas de S. João, são duas das seiscentas equipas que participam na «Festa do Desporto Seixalense». O «DL» foi vê-los e apreciou alguns talentos

Seixalíada: festa que prossegue

Tal como temos vindo a anunciar, a Seixalíada — Jogos Desportivos do Concelho — decorre com singular animação em todos os recintos desportivos da zona siderúrgica, desde Miratejo a Paio Pires, do Seixal ao Fogueteiro, da Amora a Arrentela. São, nesta primeira fase cerca de sete mil jovens a praticar 23 modalidades desde o atletismo ao xadrez, do andebol ao ténis de mesa, do boxe ao remo.

O notável acontecimento vai continaur até ao dia 23 do corrente e, para que o leitor possa participar na «grande festa», aqui lhe deixamos o programa para os próximos dias: **HOJE:** andebol (Vale de Milhaços, às 21 horas), futebol de salão entre veteranos (Águias Unidas das 21 às 23h) e xadrez (Escola Preparatória de Corroios a partir das 20); **AMANHÃ:** basquetebol (Escola Preparatória Paulo da Gama das 20 às 24 h) e futebol de salão (Cavaquinhas a partir das 21h); **5.ª FEIRA:** futebol de salão (Cavaquinhas 21h) e xadrez (Esc. Prep. Corroios, a partir das 20h); **6.ª FEIRA:** basquetebol (Esc. Paulo da Gama a partir das 20h), andebol (Alto do Moinho (21h) e futebol de salão (Cavaquinhas, 21 horas).

Sábado e domingo a actividade será redobrada com todo o concelho a mexer.

DL HÁ 20 ANOS

Decisivo para os EUA o voo espacial desta tarde

A nave espacial americana «Apolo7» será hoje, às 15 horas TMG, lançada para o cosmos do centro de ensaios de Cape Kennedy, levando a bordo três astronautas para a mais demorada viagem no espaço já efectuada - e a mais crucial se os EUA desejam ganhar a corrida para a Lua.

Funcionários deste centro disseram que a contagem final estava a decorrer muito bem e que os três cosmonautas - o astronauta veterano Walter Schirra e os seus companheiros Donn Eisele e Walter Cunningham - se encontravam, segundo se anunciou, «muito descontraídos e esperando cumprir a tarefa.»

Refira-se que seria um grande salto em frente no espaço dos Estados Unidos colocar no fim da década - e antes dos russos - um homem na Lua.

Desacordo nas conversações entre Wilson e Ian Smith

Os primeiros-ministros britânico e rodesiano, Harold Wilson e Ian Smith, recomeçam hoje a sua reunião, após duro regateio - e aparente desacordo - durante o dia de ontem, sobre o ritmo do progresso africano para governo numa Rodésia independente.

A questão é o primeiro dos seis princípios da Grã-Bretanha para aprovar a independência rodesiana - progresso sem barreiras para governo de maioria africana.

Após conversações, durante todo o dia, a bordo do navio de guerra britânico «Fearless», no porto de Gibraltar, um informador britânico disse que se registara «duro regateio».

Fundada em Praga o «Dubcek Clube»

Mais de duzentas pessoas entraram para o «Dubcek Clube», nos seus primeiros dias de existência - anuncia o vespertino de Praga «Vencerni Praha».

EFEMÉRIDES

1775 Em Portugal, o genovês João Baptista Pelle é esquartejado, na Junqueira, sob a acusação de ter atentado contra a vida do Marquês de Pombal.

1779 O nobre polaco Pulaski é morto, na batalha de Savanná, quando lutava a favor da independência da América do Norte.

1797 A esquadra holandesa é derrotada pelos britânicos ao largo de Camperdown, na Holanda.

1829 As forças russas ocupam Varna no decurso da guerra com a Turquia.

1875 É fundado o matutino funchalense «Diário de Noticias».

1879 Em Portugal, sai o primeiro número do jornal «A Voz do Operário».

1915 A enfermeira britânica Edith Cavell é executada em Bruxelas no decurso da primeira guerra mundial.

1933 Os países latino-americanos assinam, na cidade do Rio de Janeiro, um Pacto de Não Agressão.

1963 As Nações Unidas condenam, com 106 votos a favor e um contra, a repressão na África do Sul.
- Morre a cançonetista francesa Edith Piaf.

1967 As autoridades bolivianas afirmam que o corpo de Ernesto «Che» Guevara foi enterrado numa sepultura secreta.

1968 As autoridades indianas anunciam que o ciclone que atingiu a baia de Bengala deixou cerca de meio milhão de pessoas sem casa.

1969 A URSS lança a nave espacial «Soyuz-6» transportando a bordo os cosmonautas soviéticos Georgy Shonin e Valery Kubasov.

1983 O presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel em visita oficial a Portugal, é recebido na Assembleia da República por todos os grupos Parlamentares. Paralelamente,

Portugal anuncia que vai abrir uma linha de crédito a favor de Moçambique, até 1985, no valor de 85 milhões de dólares.
- Falanda na Assembleia Geral da ONU, o ministro angolano dos Negócios Estrangeiros Paulo Jorge, pede à organização que imponha sanções económicas contra a África do Sul, a fim de persuadir este país a abandonar a política agressiva na Namíbia e Sul de Angola, possibilitando a indepência daquele território.

1986 O Presidente de El Salvador, Napoleon Duarte, declara o Estado de emergência, na sequência de uma série de sismos, ocorridos na véspera, que mataram centenas de pessoas.
- O presidente Reagan e o líder soviético Gorbachev iniciam, em Reikjavik, o seu segundo encontro em 11 meses.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	9	9	0,0	Nevoeiro
V. Castelo	14	11	0,0	M. nub.
Vila Real	12	10	0,0	Chuva
Porto	13	12	0,0	M. nub.
Coimbra	14	13	0,0	Chuvisco
C. Carvoeiro ..	15	15	0,0	Chuvisco
C. Branco	14	12	0,0	Neblina
Portalegre	13	11	0,0	Chuva f.
Lisboa	16	16	0,0	M. nub.
Évora	15	14	0,0	Chuva
Beja	16	16	0,0	Aguac.
Faro	18	18	0,0	Chuvisco
Sagres	20	19	0,0	Encob.
P. Delgada	20	20	0,0	P. nub.
Horta	21	21	0,0	M. nub.
Funchal	19	18	0,0	Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 19, Porto 16, Faro 21, Ponta Delgada 24, Funchal 25.

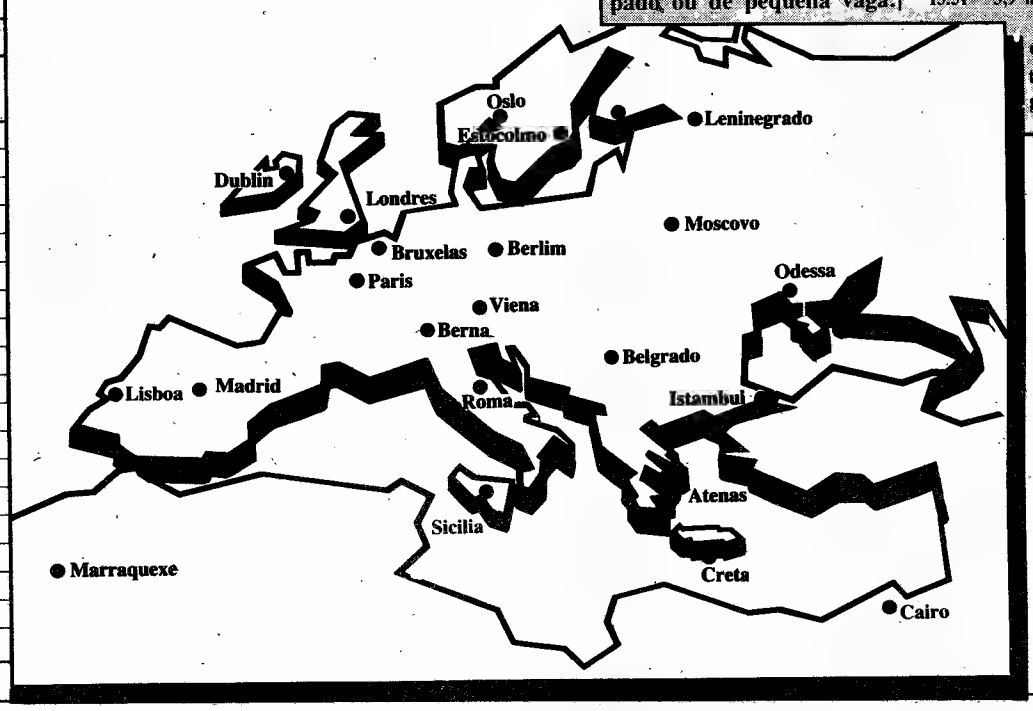
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 6 h	Min.	Às 18 h.
Madrid	15	15	Chuva
Londres	7	4	Pouco nub.
Paris	8	7	Chuva
Bruxelas	6	5	Muito nub.
Amesterdão. ...	4	4	Neblina
Genebra	11	11	Chuva
Roma	15	15	Muito nub.
Oslo	0	0	Pouco nub.
Copenhaga	4	3	Limpo
Estocolmo	1	1	Muito nub.
Berlim	2	2	Neblina
Viena	12	10	Neblina
Varsovia	7	7	Muito nub.
Atenas	17	15	Limpo
Moscovo	14	10	Neblina

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	17	25	Chuva
Joanesburgo ...	18	29	Limpo
Los Angeles	18	31	Limpo
Montreal	4	12	Nublado
Nova Deli	19	33	Limpo
Nova Iorque ...	5	7	Nublado
R. de Janeiro ..	17	29	Limpo
S. Francisco ...	11	28	Limpo
São Paulo	–	–	—
Tóquio	0	12	Nublado



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte: Céu muito nublado apresentando boas abertas ao longo da manhã e gradualmente do Litoral para o Interior. Vento fraco a moderado de noroeste. Aguaceiros diminuindo de frequência e pequena descida da temperatura. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros.

Regiões do Centro e Sul: Céu muito nublado apresentado boas abertas a partir da tarde. Vento fraco a moderado de sudoeste rodando para noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros fracos e pequena descida da temperatura. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de dois metros na costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a um metro na costa Sul.

Nos Açores:

Grupos Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco do quadrante oeste. Períodos de chuva fraca.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de norte. Aguaceiros fracos.

Estado do Mar: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros, especialmente nas vertentes voltadas a norte.

***Estado do mar:* Costa Norte:** Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco a moderado de noroeste. Neblina ou nevoeiro matinal. Aumento de nebulosidade nas regiões do Norte para o fim do dia.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de sudoeste. Períodos de chuva, especialmente nas regiões do Norte e Centro.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
03.06	4,0 m	08.40	1,0 m
15.21	4,0 m	20.56	1,0 m

Amanhã

03.36	4,0 m	09.10	1,0 m
15.51	3,9 m	21.26	1,3 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Na Feira de Moda, em Madrid

A INCONSISTÊNCIA DA IMAGEM PORTUGUESA

Lourdes Feria

APOIADA numa estratégia comercial, coerente e agressiva, Madrid foi, durante uma semana, a cidade da Moda. Ali se reuniram, vindos de diversos países, industriais do sector têxtil, vendedores e compradores, estilistas e manequins, entre os quais se destacou uma significativa representação portuguesa. Tratou-se de uma feira que se propunha mostrar e vender a imagem da moda feminina para a temporada da Primavera-Verão de 1989.

Em termos de oferta traduziu-se numa operação de grande envergadura, desenvolvida pelos nossos vizinhos espanhóis, com base na mercadoria de quase meio milhar de expositores que procuram atingir uma clientela de estatuto social médio. Cabenos, pois, referir o sector **Moda Portugal,** patrocinada pelo ICEP (Instituto do Comércio Exterior Português), que abarcou a participação de 18 empresas e ainda de alguns estilistas e criadores, dando-se, assim, continuidade a um projecto que visa a conquista de certos mercados internacionais.

O que havia no **pavilhão 10,** concretamente numa zona especial que ocupava um espaço de 600 metros quadrados, era de etiqueta portuguesa. Produto concebido e fabricado no território nacional. Moda de expressão portuguesa onde convergia a inventiva, o **design,** toda a experiência de uma tradição nesta matéria que é a feitura de roupa. Que imagem de **nós** levámos a Madrid? Talvez não fosse ainda a ideal. «Estamos a desenvolver um esforço enorme, sobretudo desde há dois anos, com vista a especializarmo-nos na confecção de artigos de qualidade média. Sem dúvida que temos imaginação e criatividade, como se pode observar nas propostas veiculadas pelos desenhadores. Quanto à nossa política, em Espanha, eu diria que assenta numa arma de dois gumes: a penetração do sector de maior volume, envolvendo milhões de contos, e a tentativa de impor o segmento da autoria que produz a alta de preço, com destino a lojas de prestígio.» Eis o que opina **Domingos Viana Simões,** conselheiro comercial e delegado do ICEP, em Madrid.

Daí que seja necessário ajudar as empresas de molde a que se introduzam num mercado, já de si, bastante competitivo. «Há que incentivar os industriais a instalarem aqui pequenos escritórios ou, se preferirem, a trabalharem com agentes. Os espanhóis não poêm reservas à aquisição de material estrangeiro, mas não sabem importar. Tudo o que seja pagamentos, alfândegas e transacções bancárias resulta, para eles, numa tremenda maçada a que, por vezes, se furtam.» Entretanto, enquanto conversávamos, um empresário nortenho comunica ao delegado do ICEP que já recebera uma encomenda no valor de um milhão de pesetas. **«Agora tenho de abrir uma firma»,** acrescenta, excitadíssimo.

Por acaso também recolhemos o testemunho de uma agente espanhola que, no ano passado, importou para cima de 20 mil peças, o que, em dinheiro, representa cerca de 40 e tal milhões de pesetas.

«Acho a moda portuguesa ainda um pouco frouxa, gostaríamos que progredisse mais no **design.** Por simpatia, preferimos antes comprar a Portugal do que à França ou à Itália. Sim, visitaram-nos muitos compradores, sobretudo da Andaluzia e do Levante. Nós vendemos somente para Espanha, a clientela estrangeira negoceia directamente com a empresa.» Esta intermediária, com conhecimentos vastos do ramo do vestuário, vende uma marca portuguesa: modelos de algodão, dentro dos tons cor-de-rosa.

Forte presença

Da Figueira da Foz deslocou-se a Madrid a **Scottwool,** empresa de malhas e confecções que produz, anualmente, 500 mil peças. Com 300 trabalhadores e exportações garantidas para os Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Noruega, Suíça, Áustria, Alemanha e Dinamarca, insere-se na categoria de indústria média. Ao que informou o seu proprietário, **António dos Santos Pinguel,** o movimento das vendas, na feira **Imagem/Moda,** não parece ter sido muito compensador. «Com efeito, verificou-se uma quebra do negócio, o mercado, este ano, não está muito apetitoso. Mas, para Portugal, no aspecto de imagem, julgo que foi positivo. Os industriais preocuparam-se em trazer melhores colecções, os **stands** portugueses primavam pelo arranjo e o nosso **show,** no conjunto geral, também se me afigurou de alto nível. Comparando com o resto da feira, a meu ver, marcámos uma forte presença.»

A estratégia da **Scottwool** está, fundamentalmente, canalizada para o mercado nacional, tendo a seguir em mira a Europa e depois os Estados Unidos e o Japão.» Possuímos artigos capazes de entrar nesses mercados, tanto mais que trabalhamos com matérias-primas naturais. Como o algodão e a lã. Dispomos de uma excelente **designer** que se encarrega de imprimir às colecções uma linha actualizada mas vendável. Sem perder de vista, como acontece com certos criadores completamente fora da realidade, as exigências do mercado. Como industrial, penso que foi um erro misturar, no **show,** as empresas com os estilistas. Se calhar tal critério até prejudicou o nosso negócio.»

A roupa triunfa se houver uma harmonia entre a indústria téxtil, o desenho, a concepção e a comercialização. Portugal ainda é um principiante na produção da verdadeira **Moda,** no que respeita a desenho tem muito que aprender. Infelizmente, no nosso país, as coisas começam sempre tarde. No entanto, com a emergência de alguns jovens estilistas, perfilam-se já, no horizonte, algumas **hipóteses** de construirmos uma imagem personalizada no mundo da moda, cujo domínio pertence quase, em exclusivo, aos italianos, franceses e alemães.

Ainda não possuimos figuras consagradas, no plano internacional, como os espanhóis que a um **Armani** contrapõem o jovem Adolfo **Dominguez,** a um Jean Paul Gaultier, o seu Francis **Montesinos.** Ou a diferença de uma Sybilla, de um António Alvarado, de uma Elena Benarroch, de um Loewe. Claro que investiram muito dinheiro na promoção destes autores, política que o ICEP terá de seguir, se pretender, realmente, contribuir para a melhoria da imagem da Moda portuguesa. «Na verdade, o show não transmitiu a mensagem que tínhamos em mente. Nisso falhámos. Um espectáculo de teatro, um concerto, um filme ou um ballet só funcionam se conseguirem fazer passar uma mensagem. De outro modo, são inúteis. Nós queríamos dizer aos visitantes da feira que Portugal tem qualidade e design. Do global sobressairam alguns quadros que corresponderam às nossas intenções enquanto houve outros que considero francamente fracos e pobres.

As palavras desta economista, de 28 anos, com um cargo de responsabilidade no ICEP, reflectem uma dose de sensatez e inteligência. Chama-se Maria de Los Ângeles (nome bonito) e tem um perfil de **Yuppie.** É portadora de um **look** formal e discreto. «Se não nos adaptarmos às regras da CEE, quando acabar o período de transição o que é que vamos fazer? Perante um mercado de 320 milhões de pessoas compete à indústria prepara-se. A apostar é já: não há um minuto a perder. Ou estamos como deve ser, ou então mais vale não estarmos. Doulhe razão quando diz que a nossa presença, na feira de Madrid, não foi a melhor. Da próxima será diferente, vamos tentar ser mais agressivos. De facto, concordo que os estilistas estavam deslocados naquele contexto. Apagaram-se no conjunto, baralhando a mensagem. Temos de pensar noutra forma de os promover... Projectos? Achamos que vale a pena insistirmos nos mesmos mercados: Dinamarca, Alemanha e Espanha. Aspiramos também a penetrar na França e no Reino Unido, mas isso requer uma estratégia muito bem ponderada.»

Marca de autoria

Em princípio, o selo de autoria, a assinatura, confere à moda um estatuto cultural. É criação artística que pode ir buscar inspiração a outra arte, ao universo urbano ou rural, à ficção científica ou a um simples gesto do quotidiano. **Carla Cartier,** um dos seis criadores que compareceram na feira de Madrid, imaginou a sua colocação a partir de um tema, a poesia de Fernando Pessoa, e de uma cor, o cinzento. Peças em tecido vaporoso e transparente que sugerem algo de diáfano e de etéreo, bem como estados de espírito próximos do depressivo. «Por temperamento sou espiritualista», sublinha a autora. A propósito da inclusão dos estilistas na feira, achou que **«não era o local próprio».** Lógico seria estarem num espaço fechado, onde só entrassem pessoas com convite, de forma a evitar a tentação da cópia. «Há que limar arestas, arranjar outras soluções. Se o ICEP não fizesse nada seria muito pior.»

Da autoria de Isabel Quaresma

Manuel Alves arquitectou uma silhueta essencialmente feminina, sem, todavia,se confundir com o **sexy.** São perceptíveis, na sua colecção, referências ao vestuário regionalista português, em especial da zona nortenha. Essa evocação está patente nos bordados e nas cores que utiliza, não sendo, porém,nada descabido associá-las aos trajes folclóricos dos paises do Leste. «Temos de reconhecer que Portugal, não obstante a sua experiência na indústria téxtil, se encontra ainda longe da criação de moda. Aqui, em Madrid proporcionou-se uma possibilidade de fazer contactos, mas preciso de averigurar se são as pessoas indicadas para ter as minhas roupas. Concretamente, falei com agentes que vêndem para os Estados Unidos e a Europa. Apareceu-me também um português que vai abrir uma loja no Canadá e, ainda, compradores fixados nas Canárias. Alguns jornalistas, japoneses e americanos, que assistiriam, casualmente, ao nosso desfile, fotografaram as minhas roupas. Resta-me aguardar o resultado de todos estes contactos.»

Curiosamente, na feira, os fatos de banho e os sapatos, desenhados por **Matos Ribeiro,** causaram algum impacto. Os fatos de banho despertaram o interesse dos comerciantes de Ibiza,de Santander e de Bilbau, locais onde a moda assume aspectos bastante vanguardísticos; no que toca aos sapatos mereceram as atenções da Associação Cultural da Moda de Espanha, conhecida pela sigla ACME, que é proprietária de duas lojas e está em vias de abrir uma terceira. «Não havia uma clientela específica para nós. Devia-se ter tentado sensibilizar os compradores de outro maneira, talvez alugando uma sala de hotel e esperar que os clientes, convocados através de convites, surgissem. Creio que não se estudou uma estratégia para a promoção dos estilistas portugueses. No meu stand não esteve nenhum jornalista estrangeiro, o que significa que vou ser ignorado pelas revistas de moda europeias e americanas.»

Vedada a introdução dos criadores portugueses na passerelle **Cibeles** (acessível somente aos espanhóis) a nossa imagem de moda, no sentido artístico, diluiu-se na amálgama de fábricas e de artigos de valor menor. Foi um equívoco lamentável. A imagem de Portugal merece ir mais além do anonimato e do conformismo. Que, na próxima oportunidade, se corrija este descuido.

Peça assinada por Joana Barreto

João Perry vai continuar a encenar

PROFISSIONALISMO NÃO É SUBORDINAÇÃO

Maria José Belo Marques

João Perry, de 48 anos, 36 de actor. Encenador de vez em quando. É um dos nomes grandes dos nossos placos. Influenciou, indirectamente, alguns a optarem pela carreira teatral. Envolvente, de olhos intensos, sabe usar as palavras. Não hesita, resposta pronta para qualquer pergunta. Talvez desencantado. De certeza, lúcido. Fala com palavras, ruídos e gestos. Fascina. Ri de alguns se lembrarem ainda da sua primeira encenação. Mostra-se atento e preocupado com todos e tudo o que o rodeia. Usou-se como pretexto o seu último trabalho de encenação, ZERLINA, e, partiu-se à sua redescoberta.

O nome de João Perry é conhecido, de todos os que se mantêm a par da cena teatral portuguesa, como um dos mais modernos, brilhantes e talentosos actores portugueses. Menos conhecida será a sua faceta de encenador. No entanto, não menos importante.

Quisemos saber como funcionam e co-existem, numa mesma pessoa, o actor e o encenador.

— Gosta de encenar?

— *Sim. Exercita, reforça o meu sentido de trabalhar para atingir um estado que eu identifico como perfeição. É um sítio onde me refugio, com muita ansiedade, do que há no exterior, da desorganização. Crio um microcosmo organizado onde eu encontro uma coerência. Onde eu estabeleço uma coerência. Isso tranquiliza-me.*

A sua segunda encenação, ZERLINA, foi-lhe encomendada pelo Teratro Nacional. Uma peça com praticamente uma só personagem. Uma peça difícil.

— Se não tivesse sido uma encomenda teria escolhido à partida, esta peça para encenar?

— *Não. Porque não sou suficientemente corajoso para arriscar dizer: eu quero fazer isto, ou apetece-me expressar através desta peça, ou apetece-me comunicar esta peça. Geralmente, sou muito tíbio nessa matéria. Como sou receoso aceito uma proposta que me fazem e, acho isso, já um descanso. Põe-me à prova com uma coisa que me dão. Portanto, eu tenho, depois, que ultrapassar essa prova.*

Para esta encenação o João contou com uma actriz, que já muito contracenou com o actor, que é sua amiga de longa data, e, a maior actriz portuguesa, Eunice Munõz.

— Trabalhar, como encenador, com a Eunice foi bom?

— *Foi óptimo. Foi muitíssimo estimulante. Tanto quanto é estimulante descobrir um texto e comunicá-lo, quando se comunica a uma pessoa que tem ouvidos, que ouve, que tem uma memória prodigiosa, que desenvolve conversas passadas em dias anteriores, que se sente que é uma pessoa que está atenta, desperta e a construir, realmente, um personagem, a exercitar a perfeição para depois poder improvisar nela, diariamente.*

— Entre a tua primeira encenação e esta passaram cerca de 14 anos. Porquê tanto tempo?

— *Primeiro porque é difícil montar espectáculos em Portugal. Não há patrocinadores, ou seja, não há pessoas que invistam dinheiro para montar espectáculos, a não ser as entidades oficiais. Não me apetecia pedir subsídio para pôr em pé um espectáculo. Conheço os problemas que isso põe aos actores. Os honorários são baixos, o que, por vezes, dificulta um estado ode unidade, perfeito, em que se sinta divertimente com o que se faz. Nós vivemos com subsídios muito baixos, portanto os ordenados que recebemos, por vezes, para os actores que podem trabalhar em projectos pontuais, é inexistente, para o tempo que ele esteve desempregado.*

— Quer dizer que não houve convites durante este tempo?

— *Houve convites de grupos. Mas os grupos também tinham problemas por quererem uma peça determinada e de dinheiro. O que fazia a minha escolha ser muito condicionada, pelo facto de eu, para fazer uma encenação, ter de parar como actor. E, às vezes, não tenho dinheiro para isso. Não tenho dinheiro para fazer uma encenação, porque a encenação é muito mal paga em relação ao período de tempo que é preenchido. Tem que se trabalhar muitíssimo um texto antes de chegar ao primeiro ensaio. A não ser que se queira arrastar os ensaios três, quatro ou cinco meses. Esses espectáculos, que se podem arrastar por esse tempo, são feitos, também, em cima dos ordenados dos actores. Não gostaria de sujeitar os outros a uma coisa que eu não me sujeito.*

Por vezes estou como que recuperando de um estado falhado de amor

O João Perry, ultimamente, também não tem aparecido muito como actor.

— *Habitualmente, faço uma peça por ano.*

— Tens dito, nalgumas entrevistas, que gostas de escolher os trabalhos em que participas. Não aceitas fazer qualquer peça.

— *Pois. Isso penso que todos nós. Mesmo estando ligado a uma companhia espera-se que o actor tenha, um actor já com um certo trabalho apresentado, a possibilidade de dizer: não, neste espectáculo não gostaria de entrar. Há pessoas com quem não me apetece, realmente, trabalhar e, seria incómodo, com certeza para essas pessoas eu trabalhar com elas, iria pôr questões, iria criar situações de conflito. Não seria, nunca, uma coisa passiva. Pessoas dirão que isso é pouco profissional. Não entendo a palavra profissional como sinónimo de subordinação. Subordinar-se é ser profissional, parece-me uma coisa meio de circo, de animais de circo, de domadores, não de criadores em estado de diálogo que são o encenador e os actores.*

— Isso terá a ver, também, com uma gestão de talento? Com a defesa de uma imagem?

— *Repara. No fundo isto pode redundar também, numa outra coisa. De vez em quando, eu sinto que tenho pouco a dizer. Não tenho motivação para comunicar, digamos assim. E, não me vejo a comunicar, dentro de um espectáculo de outrem, um propósito vago, como fazer uma marcação, cumprir uma rotina, exercitar-me numa mentira organizada. Apetece-me ter um investimento nos espectáculos e, por vezes, não estou motivado para ter investimento. Estou como que recuperando de um estado falhado de amor, da situação anterior, que é o espectáculo anterior e, ainda, não acredito o suficiente para me envolver numa nova coisa. Isto é capaz de ser muito confuso, mas, para mim, não é!*

— O que é que fazes, entretanto, para sobreviver?

— *Faço dobragens para a televisão. Dirijo e faço, como actor, dobragens para a televisão. Esperemos que as dobragens sejam um facto cada vez mais alargado a filmes e outros programas que a televisão transmita. Isto, porque é a única maneira de certas pessoas poderem seguir o espectáculo de televisão. As pessoas eruditas terão ocasião de ver aqueles mesmos filmes nas cinematecas ou comprarem um vídeo e verem em casa. A televisão é um espectáculo popular, portanto, devé chegar ao maior número de pessoas possível.*

Aqui, detivémo-nos. É que eu tenho opinião contrária. No entanto, o João, não por interesse próprio, até porque tem consciência de que as vozes se esgotam, apresentava argumentos cada vez de maior peso: a dificuldade da terceira idade de acompanhar a velocidade de legendagem, etc... Mas, pela minha cabeça passavam imagens, como Vitorio Gassman com a voz do António Montez, ou a voz inesquecível, de Greta Garbo trocada pela da Ermelinda Duarte. Passei as mãos pelos ouvidos e, perguntei ao João em que espectáculo o vamos poder ver, em breve, antes que, num qualquer país, a sua voz seja dobrada por um qualquer actor de segunda ou terceira categoria.

— *Vou fazer, no Nacional, o "Fausto" de Fernando Pessoa, com encenação do Ricardo Pais e cenários do Lagarto. Parece-me ser um projecto muito, muito interessante.*

— E que outros projectos?

— *O que eu estou a fazer, agora, é o que me interessa. Sabes, não sou muito de misturar. Vou fazer um filme com o Joaquim Leitão, nem sei muito bem como, visto o «Fausto» ir viajar. Vamos a Espanha, França e, possivelmente, ao Brasil. Vou continuar a fazer dobragens. Agora, precisava assim de uns dez dias para pensar se quero fazer alguma coisa como encenador, para a próxima temporada, porque então, aí, terei que apresentar um projecto. Não ando muito longe de o ter, mas preciso, primeiro, de falar com pessoas, para ver o que é que se passa. Depois logo vejo se quero ou se posso.*

— Tu és dos actores portugueses com maior formação teatral. Queres citar alguns nomes que te tenham dado pistas, como actor ao longo da tua carreira?

— *Todos os actores de cinema, todos os actores de teatro me dão pistas, mesmo os maus. Aprende-se imenso a ver um mau actor, sabes? Porque nós vemos as nossas asneiras postas noutra pessoa. E, nós, vemos: Ai que horror. Eu também faço aquilo. Como é que eu vou contornar aquele problema?*

Quando se vê um óptimo actor é tão superlativo que se fica esmagado, esborrachado, liquefeito no chão, a ver, de língua de fora, aquele a fazer aquilo e, a dizer: meu Deus estou na praia. Percebes?

— E o Peter Brook como teu professor, teve alguma importância?

— *As aulas e coisa assim, não. Foi mais importante para mim, na altura em que o foi, o trabalho que fiz nos Estados Unidos, quando fui bolseiro da Fundação Ford. Fiz a minha primeira encenação nos Estados Unidos, no sítio em que estava a fazer aulas, depois de me convidarem a encenar com um grupo de pessoas que eu escolhesse. Fiz uma coisa terrível, que foi audições para 300 pessoas, o que é horrível. Espero que os portugueses só venham a sentir isso muito mais tarde. Fazer audições é coisa em que a nossa profissão, infalivelmente, irá cair, mas é uma prova difícil, como já se viu nos «Chorus Line», etc., são coisas selectivas, são sempre difíceis de ultrapassar.*

Eu gosto mais de fazer teatro do que ir ao teatro

Se alguma coisa aflige particularmente os amantes de teatro será a pouca presença de jovens nas salas de espectáculo.

— *Repara isso é um bocado natural. Tal e qual como no passado, ainda não há em Portugal, no ensino, uma preparação desde a escola primária do que é o acontecimento teatral, do que é representar. Têm-se dado alguns passos titubeantes pela animação e jogos. Haverá escolas que nem, neste sentido estão incluídas. Mas a maior parte delas sabemos que as salas mal chegam para dar aulas da matéria que está estabelecida, quanto mais para «divagações» como o teatro, não é? Que é uma coisa que se pode*

muito bem escusar, pode passar-se ao lado, infelizmente. Isso, acho que é uma das causas de as pessoas conhecerem o teatro tarde. Conhecem primeiro a televisão, o vídeo, depois o cinema, ou se têm a sorte de ter uns pais que são introdutores, vão ao ballet, ou a um concerto. As pessoas que estão isoladas só terão isso mais tarde.

— Os jovens, com quem contacto, acusam o teatro de velho e cansativo...

— *Nós sabemos que pode ser chatíssimo, não é?*

— E, na maior parte das vezes, não será?

— *Acho que sim, francamente. Pode entender-se que o teatro não é suficientemente dinâmico para as necessidades, momentâneas, da nossa sociedade, ou seja, não é, suficientemente apelativo. Mas isso é tentar atribuir ao teatro a função de ser ele o elemento que chama as pessoas, tornar-se acessível ou dialogar com as camadas mais jovens. Eu acho que depende muito dos espectáculos, porque há espectáculos que são muito apelativos para grupos sociais mais novos e, onde encontrariam, se os viessem ver, um bom espectáculo (se não fosse a falta de informação). Isto, se não estão refugiadas num sentimento de não querer experimentar, por ter experimentado uma vez e, não ter saído bem. Sabemos que se na vida fizéssemos isso, com outras coisas, chegávamos a uma triste conclusão, ao fim de 10 anos não fazíamos nada, porque cada coisa que fizemos já saiu mal uma vez, pelo menos. Nós reincidimos, e tentamos encontrar, e tentamos procurar. Essa curiosidade, penso, é o que falta. Há muito teatro em Lisboa, por exemplo, há muitas linhas diferentes, que não me parecem nada mortas, parecem-me até bastante interessantes e individuais.*

— Penso, que serás a pessoa com melhores condições para poder chamar uma camada jovem de público ao teatro, pelo teu vanguardismo e pela tua própria juventude. Isso foi patente na tua primeira encenação.

— *Muito obrigado. Isso, já foi há muito tempo. Não sei se ainda sou a mesma pessoa.*

— Não és?

— *Não sei. É claoro que deve haver laivos, e o facto de estares a dizer isso efectua esses laivos. Mas se eu sou não sei. Não me pus à prova, de maneira que não sei.*

— Ao fim dos teus trinta e seis anos de carreira, se eu te pedisse para em poucas palavras, fazeres um balanço...

— *Eu fazia um balanço para fora dessa pergunta e caía. Não sou capaz. Eu vivo o quotidiano, sou muito distraído, talvez porque não me convém olhar...*

— Se fosses lá atrás, mudavas de profissão?

Se fosse lá muito atrás, ao princípio do túnel? É inventar uma hipótese que era preciso ter escolhido à partida. Eu não a escolhi. Eu mudei só de sítio na sala de espectáculos, eu estava na parte de trás, nos camarins com os colegas do meu pai, e um dia, puseram-me na cena e subiram o pano. Mudei de sítio. Não foi uma vontade. Eu não queria ser actor.

O que queria ser?

Ai! Imensas coisas. Dependia da semana e do que eu tivesse visto nessa semana. Mas, geralmente, a persistência era sempre em escultor, arquitecto. Era sempre nessa área.

Gosta de ver teatro?

Eu vejo muito teatro. Gosto pouco do que vejo. Gosto mais de fazer teatro do que ir ao teatro.

És uma pessoa feliz?

Nem sei o que isso é. A última vez que olhei para essa palavra e a vi pintada com tinta de unhas, foi para aí quando tinha dez anos ou uma coisa qualquer assim. Depois as surpresas levaram-me a acreditar que aquele filme não era o que estavam a passar neste cinema aqui.

Mas gostas de estar vivo?

Tem dias, horas, minutos, segundos. Há vezes em que me chateio como um bárbaro.

És uma pessoa desencantada?

Nunca, sempre. Essas coisas acho que ninguém é sempre a mesma coisa. Temos fases em que não acreditamos em nada e não vemos saída, que é um buraco negro, que a gente afasta-se das janelas para não partir qual pássaro janela fora, e a gente sabe que está próximo da linha onde a coisa vai, talvez, cair da ribanceira, mas aguentamo-nos, não é? Essas coisas é que fazem a vida mesmo, esse lado só bom da vida, só fantoche é que tem, não é? Não há pessoa assim. Não existe. Há é pessoas que querem distrair-se e não querem ver. Mas lado bom, mau, lá para cima é quando a gente se assusta, porque já sabe que vai cair na outra fase a seguir, esse é que é o lado mais chato. Já sabemos da história o suficiente para não acreditar que vamos para cima e lá vamos ficar.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

T. 726 08 18

2.º MÊS

TERÇA A SÁBADO ÁS 21.30h
DOMINGO ÁS 17.00 h

* ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
* TRADUÇÃO - AGOSTINHO DA SILVA
* MÚSICA - EDUARDO PAES MAMEDE

«ASSIM HÁ NOITES DE TEATRO QUE SÃO INESQUECÍVEIS» — J. MARTINHO — «EXPRESSO»

EDIPO-REI

SÓFOCLES

SUBSÍDIO S.E.C. * APOIO F. GULBENKIAN

BORDA D'ÁGUA
Repertório útil a toda a gente
— Para 1989 (Comum)
Contendo todos os dados astronómicos e religiosos e muitas indicações úteis de interesse geral
CALENDÁRIO PARA 1989
JANEIRO FEVEREIRO MARÇO
ABRIL MAIO JUNHO
JULHO AGOSTO SETEMBRO
OUTUBRO NOVEMBRO DEZEMBRO
PEDIDOS À DISTRIBUIDORA DA
EDITORIAL MINERVA

JÁ ESTÁ À VENDA O
ALMANAQUE BORDA D'ÁGUA

(Agora com 20 páginas)
Para 1989, da Editorial Minerva-Lisboa

Uma publicação útil e indispensável a toda a gente durante todo o ano.
À venda nas tabacarias, jornaleiros e vendedores ambulantes de todo o País.

Distribuidora Minigráfica – Cooperativa de Artes Gráficas, CRL
Rua Luz Soriano, 33 – 1200 Lisboa

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA/VOZ DO OPERÁRIO
TENNESSEE WILLIAMS
Vieux Carré
Subs. SEC
Horário: de terça a sábado às 21.00 h
Domingo só às 16.00 h
MARCAÇÃO pelos Telefs.: 87 56 26 – 87 58 00

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando o réu IDALINA MARTINS DA COSTA, cuja última residência conhecida em Juízo foi na Rua Cruz da Carreira, 5-r/c, em Lisboa, para no prazo de DEZ dias, findo o dos éditos, contestar querendo a acção, na qual a Autora ELVIRA DA CONCEIÇÃO RIBEIRO, reclama o pagamento da quantia de 180 000$00 referente a um empréstimo, como tudo melhor consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secção à disposição da citanda.

Acção Sumária n.º 2327 1.ª Secção.
Autor Elvira da Conceição Ribeiro.
Réu IDALINA MARTINS DA COSTA
Lisboa, 15 de Setembro de 1988

O Juiz de Direito,

a) José David Pimentel Marcos

O Escrivão Adjunto

a) Francisco Antunes do Nascimento

«DL» 11/10/1988

SPGL - SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

Os professores da Grande Lisboa vão decidir da sua participação na Greve Nacional de 28 de Outubro

ASSEMBLEIA- GERAL

19 DE OUTUBRO

Nos termos dos Estatutos, convoca-se a Assembleia-Geral de Sócios para o dia 19 de Outubro nos locais e horas a seguir indicados com a seguinte O.T.:

1) Aprovação da metodologia da Revisão de Estatutos
2) Acção Reivindicativa:
   - A Luta pelo Estatuto da Carreira Docente
   - A nova Grelha de Vencimentos

Locais:
Lisboa: Salão Nobre do Instituto Sup.Técnico- 21 horas
Santarém: Escola Secundária Ginestal Machado- 15 horas
Santarém: Sociedade Musical CAPRICHO Setubalense
Largo da Misericórdia -15 horas

Notas: 1. A falta a actividades lectivas será justificada nos termos da Lei Sindical.

2. O prazo limite de apresentação de propostas expira às 18.00h do dia 13 de Outubro na Sede ou delegações distritais do SPGL.

PICOS DOS JOGOS OLÍMPICOS

Mario Castrim

ROBERTO CARNEIRO estava visivelmente emocionado. Quando quiseram a sua opinião, afirmou que a emoção não era só dele, mas do País inteiro. «Todos os portugueses — diśse ele — correram com Rosa Mota.»

Perdão, ministro os que quiseram «correr com ela» foram apenas meia-dúzia. Felizmente que não o conseguiram....

Proponho um jogo

Foi de Rosa a única medalha de ouro. A segunda em toda a história da representação olímpica portuguesa, já lá vão setenta anos...

...Enquanto a Hungria e a Bulgária, países da nossa dimensão física, só este ano somaram dez cada uma.

«Descubram-se as diferenças» como naquele jogo dos magazines...

Publicidade antipática

A publicidade na Televisão é tramada. Das coisas mais tenebrosas que há. Manipulação ideológica na pirâmide (ou na base?) do consumismo. O ter contra o ser.

Mas ao menos, à conta dela, não pratique a RTP as maiores tropelias. Aquela interrupção na corrida de Rosa Mota, por exemplo. Aquela interrupção quando a bandeira olímpica desce no mastro, momento alto da cerimónia!

A antipatia desencadeada não beneficiou os produtos. Nenhum publicitário aprovaria aquilo.

Nem mesmo «estes publicitários!»

Ainda publicidade

Há publicidade e publicidade. A que é paga, e a que não é. A que se apresenta como tal e a que como tal se não apresenta. A difícil distinção entre o pormenor de reportagem e a intenção publicitária...

Viram aquela telespectadora a ver o fogo-de-artifício e a mascar pastilha elástica? Viram aquele jogador russo, no intervalo do jogo com o Brasil, a beber uma lata de coca-cola?

Garanto-lhes que as máquinas publicitárias daqueles produtos seriam incapazes de inventar cartazes mais sugestivos...

Coreanos, esses coreanos!

Durante a corrida da maratona, Galvão (é um anjo de peso!) desfez-se em amabilidades para com os coreanos.

Mais tarde, um dos seus companheiros menos emotivo, e talvez mais corajoso, veio dar outra luz à realidade.

Os coreanos não ligavam puto àquilo. Eram frios e indiferentes. Só compareciam quando estava envolvido algum atleta dos seus.

Nesse caso, chegavam a impor a sua lei. Assim, um pugilista americano massacrou um coreano e depois atribuíram a vitória a este. Ingratos, depois de tudo o que os americanos fizeram pela Coreia do Sul...

Mais: um árbitro chegou a ser agredido pelo próprio pessoal da segurança. Afinal, o que é que eles seguravam?

Houve ou não boicote

Por mais de uma vez se disse que os Jogos não foram boicotados. Falso. Cuba levou até às últimas consequências a sua solidariedade para com a Coreia do Norte.

E não se diga que Cuba é micharuca no desporto. A sua falta foi unanimemente reconhecida, desde o atletismo ao pugilismo, passando pela ginástica, vólei, etc., etc.

Cuba: a maior potência desportiva das Américas, a seguir aos Estados Unidos. Foi ou não uma baixa de peso?

Pingue-pongue e «snooker»

Pois o pingue-pongue, perdão!, o ténis de mesa (parece que é mais fino...) teve a sua estreia nos Jogos Olímpicos.

A estreia não foi feliz, em termos de telegenia, entenda-se. Não há espectáculo. Bola quase invisível, movimento vertiginoso.

Aquilo fica melhor ao retardador. Mas o retardador é uma explicação da realidade, e não a realidade.

Compare-o com o «snooker» e compreenda-se a popularidade deste jogo. Eu sempre disse: Televisão é mais fotografia do que cinema.

Sebastião-futebol come tudo...

O futebol está devorando as outras modalidades. É pena. O vólei, por exemplo, de tanta beleza plástica e desportiva...

Para quem tivesse alguma dúvida, aí tivemos o URSS-Peru. Que maravilha, meus senhores!

Obrigado a ambas as equipas. Gracias, spassiba.

Agora, andebol

O que se diz do vólei, direi do andebol. Em Portugal, o interesse pelo andebol está a aumentar. Ainda bem.

Aquele jogo URSS-Coreia! Uns mais felinos, outros mais sabedores. Dos mais belos momentos dos Jogos Olímpicos.

Os comentadores, João Barata e Fernando Pais, nunca insinuaram o resultado final. Correcto. Aliás, foi a tónica na acção dos comentadores, em geral.

Diga-se já que nunca na RTP houve lote de comentadores de melhor qualidade. Permitam-me que eu, simbolicamente, entregue o prémio a Jorge Matias, pela perfeita conjugação da experiência, do conhecimento e da capacidade de comunicação.

Mas tornando ao andebol. Alguma «genial» qualidade pode surgir, sem razão: Eusébio, Carlos Lopes, Rosa Mota, Camões, João de Desus. Mas não perde força a máxima da transformação da quantidade em qualidade.

Praticamente federados em Andebol, na URSS: 1 milhão 217 mil. Depois admiram-se...

Língua má é má consciência

A língua portuguesa continua a sofrer tratos de polé.

Desde as «duzentas gramas» do instruído comentador até ao «hadem ter reparado», noutra locução, passando pelos «portugueses em **Seoul** (?) e pelo cavaleiro que está «au point», sem esquecer os **repleis** — essa praga suilita! — houve de tudo.

Ao menos nisso, devemos ter batido todos os máximos...

Nós, na vida real, dizemos «pingue-pongue». Jogar o pingue-pongue, mesa de pingue-pongue, etc.

Os jornais e a Televisão dizem, teimam em dizer, «ténis de mesa». E até, em privado, são capazes de aceitar que é o povo quem faz a língua...

Fachada

O campo de futebol onde se desenrolou o jogo URSS-Brasil encontrava-se em péssimas condições. Cretado e careca como uma praça de Lisboa. O campo estva coberto de uma ex-relva.

Explicação: ali se haviam desenrolado as competições de dardo, peso e martelo...

Os pavilhões eram lindíssimos. Os estádios, belíssimos. Para a função é que não prestavam muito. As obras de fachada já chegaram à Coreia do Sul...

A imaginação sonha os golos a organização mete-os.

E já que falamos de futebol. Jornalistas, aliás, distintos, defendem que o Brasil merecia ganhar porque... tem mais imaginação, e os soviéticos mais organização.

É uma infantilidade. «A imaginação ao poder» foi em Maio 68 (viu-se o resultado...) e não no futebol. Futebol é «**association**« — trabalho de conjunto, organização. Imaginação posta ao serviço do jogo individual, e não do colectivo, é, pura e simplesmente, antifutebol. Por muito vivaço que pareça, ou seja.

A selecção do Brasil faltou a organização da selecção soviética. Tem de atingi-la. Se não, continuará a ganhar... moralmente.

Aos 51 anos, na gasosa!

Em cada dia. Orlando Dias Agudo levou um convidado olímpico da velha guarda.

Mereceriam todos aqui menção especial. De uma forma ou outra, cada um deles nos trouxe algo de bom para a nossa construção.

Permitam que, simbolicamente aqui recorde Armando Aldegalega. A simplicidade, os olhos límpidos, o amor da prática de uma modalidade. Ei-lo a correr, aos 51 anos!

«Com a velocidade que a idade consente...», acrescentou com um sorriso. Sorriso que de súbito iluminou a nossa casa.

As palavras ouvistas

Isso não quer dizer que por vezes nos não divertíssemos à brava com algumas intervenções de locutores e atletas. Passo por cima de páginas e páginas do meu canhenho. Nem sei porquê. Talvez porque ferir (isto é, ser cruel) não seja o meu projecto e a minha especialidade.

Coisas inocentes:

Aquele locutor que falava de um atleta: «Quando ele atacou, primiu um rítmo cadenciado...»

Outro: «Fulano rapado, pelo menos em termos de cabelo...»

Mais outro: «A desilusão foi só nos cinco mil metros. O resto foi positivo...»

Uma atleta amadora: «O Benfica é o clube que me está...»

Um comentador: «Fulano é o mais idoso, passe o temro, dos três...»

Só mais uma: «O Futebol Clube do Porto é o **ex-líbris** da região do Norte...»

Diabo! Agora reparo que esta não é dos Jogos Olímpicos, ouvi-a num Jornal da Tarde e pertence a Nuno Pinto da Costa. Mas pronto, escrevi-escrevi.

Good-bye, Farwell, etc.

A despedida dos Jogos foi anunciada em quatro línguas: o coreano, o inglês, o francês e uma outra não me lembro qual.

Não sei a que princípio obedece esta utilização linguística. Mas acho estranho, isso acho, que o país que venceu tão folgadamente os Jogos, deveria ter o direito a ouvir meia dúzia de palavras na sua língua. Obter 132 medalhas (mais de 50 de ouro...) é obra, meus senhores.

Já nem, sensatamente, se exigia muito. Ao lado do adieu, good-bye e outra que o José Galvão não me conseguiu ensinar, ao menos, que diabo, um dacevidaniazinho...

Michael Foot no British Council falou de Byron

"Reabilitado" o escritor maldito

Luisa Alexandra Botinas

Foto Francisco Paraíso

Para os portugueses, Lord Byron aparece normalmente conotado com as paisagens paradisíacas de Sintra. No entanto, no ReinoUnido, seu país de origem, até há bem pouco tempo, Byron era considerado um escritor maldito devido às suas ideias consideradas demasiado ousadas e inovadoras para a sua época.

A propósito do bicentenário do seu nascimento, o British Council convidou Michael Foot, antigo ministro do emprego do Governo trabalhista e estudioso da obra de Byron, para uma palestra sobre a personalidade e percurso literário do poeta.

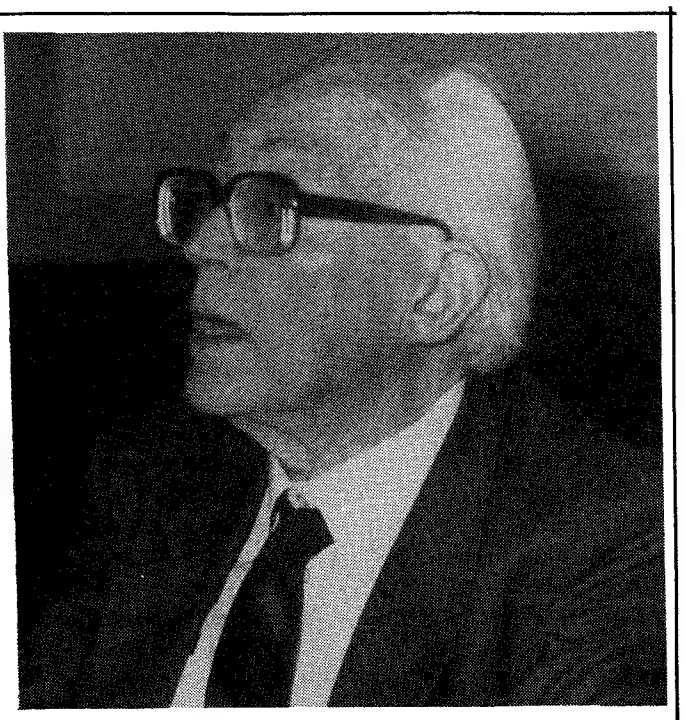
George Gordon Byron, nascido em Londres em 1788, tornou-se no sexto barão de Byron, quando o seu tio-avô morreu e lhe transmitiu o título. Estudou em Harrow e no Trinity College, em Cambridge, desde cedo se mostrou influenciado pela personagem de Ulisses, que mais tarde o marcou na composição dos seus escritos picarescos que o tornaram conhecido, particularmente o épico «D.Juan».

Durante algum período, Byron gozou de uma reputação respeitada, através do êxito obtido com «Childe Harold's Pilgrimage», mas a sua personalidade inconstante e a acção controversa no campo político grangearam-lhe inimigos que através de críticas avassaladoras à sua obra nos jornais o fizeram abandonar Inglaterra, em 1816, não voltando nunca mais. Fixando-se em Itália e posteriormente na Grécia onde morre em 1824, Byron envolveu-se apaixonadamente(característica típica da personalidade romântica), nos movimentos revolucionários de libertação daqueles países.

Michael Foot, na sua palestra de ontem fez referência ao processo de reabilitação a que a imagem de Byron está a ser alvo no seu país. «Durante muitos anos, Byron foi objecto das mais duras calúnias por parte da crítica literária inglesa e até a Igreja contribuiu durante muito tempo para o seu descrédito».

Conhecido pelas suas ideias liberais, Byron é considerado por Michael Foot como um precursor do movimento liberal e hoje e situar-se-ia politicamente, segundo Foot, na área «left-wing». Para o antigo ministro inglês, «a política e literatura estão intimamente ligadas, Byron não é o único exemplo disso, actualmente, existem escritores com essa orientação como Salmon Rushdie».

A imagem de Byron tem vindo a ser recuperada, através de investigações sérias que têm vindo a ser levadas a efeito por investigadores, como Doris Langleymore. As três principais causas apontadas para a recuperação da figura de Byron em Inglaterra são segundo Michael Foot as seguintes:1º-As pessoas leêm Byron de uma maneira totalmente diferente, sem censura, tendo assim a noção da amplitude arrebatadora da sua obra; 2º- A sua poesia começa a ser editada na íntegra, possibilitando a descoberta das convicções políticas de Byron e a sua expressão literária; 3º-As investigações feitas sobre a sua vida são agora mais correctas, desmistificando as ideias erróneas criadas à sua volta.



Michael Foot: A tradição liberal situa-se no século XIX com Byron também

Michael Foot espera que agora Byron se torne realmente o segundo melhor poeta inglês, logo a seguir a Shakespeare.

NUMA NOTA DE CEM

Carlos Porto

OLÁ FERNANDO, de Jaime Salazar Sampaio. Encenação: Augusto Tello. Cenografia/Figurinos: Vladimiro Franklin. Diaporamas: João José Bica. Interpretação: Vítor Pires, Manuel João Borges, José Mascarenhas e Conceição Gonçalves. Teatro de Portalegre. Estreia: Sala-Estúdio de Santa Clara/31-7-88 (30-9-88).

Para dizer como o outro: a descentralização existe, eu encontrei-a. Desta vez, outra vez, além de Évora, Portalegre, onde um pequeno mas esforçado grupo teima em manter-se vivo com uma actividade que lhe garante um lugar na geografia da descentralização teatral. Ao contrário do que acontece em Faro, e em Vila Real, e com o Teatro em Movimento parado em Bragança. É que a descentralização continua a perder velocidade: o programa governamental no sentido de evacuar o teatro fora dos grandes centros, em vez de criar condições para ampliar e fortificar o movimento descentralizador, parece estar a resultar. Registe-se, no entanto, a actividade do TAS, em Setúbal, do Centro Cultural de Évora, com os Bonecos de Santo Aleixo, da C.ª Cena em Braga, além da Companhia de Teatro de Almada, do Centro Dramático Almeida Garrett, do Teatro Experimental de Cascais, estes próximos de Lisboa. E parece que é tudo: é muito pouco. Será assim que se avança a todo o vapor para a Europa?!

O Teatro de Portalegre já se interessara por Jaime Salazar Sampaio, num bem bonito espectáculo com a peça «O Desconcerto» («DL«/19-12-87), e de tal maneira que pediu ao dramaturgo um texto compatível com as suas condições de trabalho, naturalmente precárias. Daí nasceu «Olá, Fernando» Pessoa, claro, mais um fruto da paixão que não tem nada de comemorativo, do dramaturgo pelo poeta, paixão de que resultou não só uma obra dramática, em que o poeta surge em pessoa e em poesia, «Fernando, Talvez, Pessoa» que Artur Ramos dirigiu no Teatro Nacional; («DL«/2-4-83), como menos directamente em atmosferas e esboços heteronímicos, versos, noutras peças, caso de «O Desconcerto», «O Sobrinho», «Junto ao Poço».

Deste cruzamento do Teatro de Portalegre com Jaime Salazar Sampaio e deste com Fernando Pessoa resultou desta vez uma proposta teatral de características fortemente didácticas, com todas as utilidades e com todos os riscos que a expressão implica. E não tenho a certeza de que estas não tenham vencido aquelas.

«Olá, Fernando» tem como ponto de partida o encontro de uma curiosidade e de um saber. O jovem Carlitos descobre numa nota de cem escudos a estranha figura de um senhor chamado Fernando Pessoa. Curioso porque nunca ouvira falar em tal senhor (prova de que a peça foi escrita antes das populares comemorações camarárias..), o Carlitos (lembra o «Aniki-Bóbó, não é?) quer que o seu amigo João lhe dê explicações. Mas João, que é o homem dos sete ofícios, não tem respostas para lhe dar, embora acabe por solucionar o problema da curiosidade do Carlitos. É que por cima da oficina do João vive um professor que é homem para os ajudar. Acontece que o professor, por sinal, tem também um problema: é que lhe compete dar uma lição sobre Fernando Pessoa e não sabe muito bem como há-de pegar-lhe. O interesse do Carlitos e também do João vai ajudá-lo a inventar uma aula e a testar a sua capacidade de tornar o poeta relativamente familiar a quem nunca ouviu falar dele e sobretudo a despertar a vontade de melhor conhecer a sua poesia. Para essa aula aproveita as próprias personagens, João, Carlitos e Lídia, uma sua sobrinha, que se desdobram nas personagens do teatro pessoano.

Este o ponto de partida e entre este e o ponto de chegada dá-se a passagem por uma discutível antologia pessoana em que é esquecido o papel do semi-heterónimo Bernardo Soares, sobrevalorizado o heterónimo Ricardo Reis e subvalorizado o heterónimo Alberto Caeiro. Isto tanto quanto me pareceu na economia do texto e do espectáculo que dura 50 minutos, isto é, rigorosamente o tempo de uma aula.

Não penso que possa deixar de ser redutível uma proposta como esta em relação à grandeza e complexidade de uma poesia como a de Fernando Pessoa. Admito, no entanto, que possa ser utilizada, nas escolas, como ponto de partida, para a descoberta mais ampla e mais profunda dessa poesia.

O uso de um elemento cenográfico que evoca uma televisão com a apresentação de uma telenovela (em que a apresentadora surge a comer chocolates como a pequena de «A Tabacaria»), uma das cenas mais vivas do espectáculo, um diaporama em que surgem destacadas algumas palavras e depois o mar, ajudam a tornar mais aliciante a entrega de um texto que é, na sua simplicidade e despretensiosismo, e como já se disse, uma proposta de trabalho didáctico sobre Pessoa, e não uma peça cuja densidade dramática a justifique como tal.

A encenação de Augusto Tellon foi prejudicada por um espaço demasiado exíguo que não permite dar ao texto a respiração que este exigiria. Esse aperto, agravado pela presença, talvez desnecessária, de vários elementos cénicos, prejudicou o espectáculo, que devia viver mais da relação directa com o público, como se de uma aula se tratasse. Aliás, o futuro deste texto consistirá provavelmente no seu aproveitamento em aulas de Português.

Se o espaço asfixia a possível vibração do texto, também os intérpretes não conseguiram resolver os problemas postos por uma peça cujas personagens não passam de esboços vivendo entre situações debilmente dramáticas e o recital de poesia.

Não se entende muito bem a composição naturalista da personagem João, em que essa componente é mais visível, que o intérprete, Vítor Pires, ajuda a tornar ainda menos aceitável; assim como o trabalho de José Mascarenhas, no professor, surge demasiado espartilhado, sem a força comunicativa, a empatia que a personagem pedia. O melhor trabalho, por vezes bastante agradável, é o de Manuel João Borges, um Carlitos convincente apesar da passagem da idade, aliás, bem acompanhado por Conceição Gonçalves, nova no grupo e que não me lembra de ter visto trabalhar, uma presença com alguma eficácia, desdobrando-se bem nas várias figuras, incluindo na apresentadora da TV.

Na noite em que vimos o espectáculo, a sala estava esgotada, e esgotada muito maioritariamente por gente nova. Embora se trate de uma sala bastante pequena, o facto deve registar-se como prova de que o espectáculo, como o texto de Jaime Salazar Sampaio, está a cumprir a sua missão de pôr as pessoas, os jovens, a saudar «Olá, Pessoa», sem receios nem pruridos, apenas como quem entra no mundo de um poeta, e está disposto a entendê-lo. E por aí a amá-lo. Com um amor que nenhum dinheiro do mundo, e muito menos uma nota de cem pode pagar.

Eunice: a homenagem da cidade de Lisboa

Eunice Muñoz foi homenageada ontem, ao fim da tarde, no Teatro S. Luís. Aproveitando o descerrar da lápide com o seu nome, a actriz tornou extensiva a homenagem aos seus mestres, Amélia Rey Colaço, Robles Monteiro e Francisco Monteiro. Agradeceu também à mãe, filhos, netos e amigos todo o apoio que lhe deram ao longo da carreira, pedindo-lhes perdão pelas frequentes ausências provocadas pela sua profissão.

A esta iniciativa do IFICT (Instituto de Formação, Investigação e Criação Teatral), associou-se o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, Vítor Reis, que concedeu a Eunice, em nome da CM, a "Medalha de Honra da Cidade", por serviços prestados à cidade e à Cultura.

Para além da actriz e do vereador Vítor Reis, usou da palavra o director do IFICT, Adolfo Gutkin, que numa breve intervenção fez o elogio do Actor para explicar a homenagem a Eunice Muñoz.

Presentes ao acto a dra. Maria Barroso, a secretária de Estado da Cultura Teresa Gouveia e algumas figuras ligadas ao Teatro. Ainda, como não podia deixar de ser, a mãe da homenageada bem como os seus filhos, netos e muitos amigos.

Foi uma homenagem simples, pouco comparável com aquela que o público, diariamente, lhe presta ao fim da sua admirável representação na peça "Zerlina", actualmente em cena no Teatro da Trindade.

"Papa-Léguas" em luta pelo direito à cultura

Membros da Cooperativa de Animação Cultural «Os Papa-Léguas» estão a fazer turnos de vigilância nas instalações para evitar o despejo por parte da Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica — disse uma fonte daquela Cooperativa lisboeta.

Mário Jorge, presidente da direcção da Cooperativa, disse, em declarações à agência Lusa, que sócios, pais e utentes estão dispostos a permanecer 24 horas por dia no edifício para evitar o despejo, na sequência de uma carta da Junta de Freguesia, datada de 26 de Setembro, na qual, «exorbitando poderes», aquela entidade «intima à desocupação das instalações».

Na carta, a Junta de Freguesia de São Domingos anuncia a intenção de denunciar unilateralmente o acordo celebrado pela anterior Junta de Freguesia e intima a cessação imediata de actividades, à desocupação das instalações no prazo de 15 dias e refere que será calculado, depois, um valor de indemnização, disse a mesma fonte.

Na opinião de Mário Jorge, na base do diferendo entre as duas partes está «uma divergência de orientação de política cultural», que para a Cooperativa privilegia «o desenvolvimento da criança, o fornecimento de actividades e processos de conhecimento que permitam à criannça formar as suas próprias ideias» e para a Junta assentará numa concepção de rendibilidade.

O presidente da direcção da Cooperativa de Animação Cultural disse que a recisão unilateral do acordo, celebrado com a anterior Junta de Freguesia, que — salientou — «politicamente tinha uma composição semelhante à actual» (PSD), só será possível, de acordo com o texto do documento, se os «objectivos e o espírito do contrato forem adulterados».

Mário Jorge considerou inaceitáveis as reivindicações da Junta de Freguesia, ao retirar a denominação da Cooperativa das instalações e exigir a extinção de todas as actividades não rendíveis, passando todo o material e a sala de oficinas de artes (construída pela Cooperativa) para a Junta.

O conflito arrasta-se há dois anos, e desde então o dirigente da Cooperativa afirmou que a Junta «vedou» a utilização da sala de espectáculos, mudou fechaduras do portão de acesso às instalações, recusando-se a dar a chave, e introduziu alterações no quadro eléctrico geral que não permitem à Cooperativa dispor de energia eléctrica suficiente para exercer a sua actividade.

A Cooperativa de Animação Cultural «Os Papa-Léguas» tinha, em 1987, 18 cooperantes, com uma equipa de trabalho que integra desde professores a psicólogos.

No conjunto das actividades que desenvolve, que vão desde pintura e modelagem, a música e impressão (para crianças) e joalharia, cerâmica, dança e pintura (para jovens e adultos), frequentaram «Os Papa-Léguas»), em 1987, cerca de mil pessoas.

Contactado pela agência Lusa, o presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, Gomes Branco, disse não confirmar nem desmentir qualquer intenção de despejo e declinou fazer declarações telefonicamente.

DL CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2
RASTO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
15.15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Alfa 4
PRETO NO BRANCO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Clube
CROCODILO DUNDEE II
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras

Amoreiras 1
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
FRENÉTICO
(maiores 16 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3
O MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4
VAMOS A ISTO RAPAZES
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Amoreiras 5
PESADELO EM ELM STREET 3
(maiores 18 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 6
BIG
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7
TEMPOS DIFÍCEIS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 8
PRETO NO BRANCO
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 9
CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 10
TALHADO NO CÉU
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Pub.

FRENÉTICO — O que começou por ser um fim-de-semana normal, acabou numa jornada de terror e emoção! Em exibição *NIMAS 7.ª ARTE AMOREIRAS 2*

Apolo 70
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
15.15, 18.15 e 21.30 h

Ávila
— T. 539930
HOLYWOOD 1929
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
ORGIAS DE MATA-HARI
(interdito men. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil
T. 530194
RASTO DE FOGO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso
PERSEGUIÇÃO QUENTE
(maiores 18 anos)
Pornográfico
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões
T. 324194
POLÍCIA DE CHOQUE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253
OS INIMIGOS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Cinemateca Portuguesa
SAMUEL FULLER
18.30 h
NAKED KISS
21.30 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anuska
AS PROFISSIONAIS DO SONHO
15.30 e 21.30 h

Estúdio Sheza
A LUZ DO DIA
(maiores 12 anos)
15.15 e 21.15 h

City Cine
— T. 549999
BIRD — FIM DE SONHO
(maiores 12 anos)
14.30, 18.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
BIG
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
RASTO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
ADEUS ÁFRICA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
LOS ANGELES A FERRO E FOGO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
RAMBO III
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
A FAMÍLIA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
PLAYTIME
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009
O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
COLORS – LOS ANGELES A FERRO E FOGO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
BIG
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
BIG
(maiores 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
OLHOS NEGROS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
SETEMBRO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 3
A BOA ESPOSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362
FRENÉTICO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
MARCADO PELO ÓDIO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
ELEIÇÕES SEXUAIS
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— T. 821933
LINGUAGEM DO AMOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
OLHOS DA NOITE
(maiores 13 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
JÚLIA E JÚLIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
ANO LOUCO DE HOLLYWOOD
(int. 13 anos)
23.30 h

Sala 2
TEMPOS DIFÍCEIS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
SUBTERRÂNEO
23.30 h

Sala 3
BIRD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
RUMBLETISH – JUVENTUDE INQUIETA
24.00 h

Sala 4
OLHOS NEGROS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
RECORDA O MEU AMOR
(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192
COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
(maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3
MADE IN HEAVEN
(maiores 16 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte
— T. 730715
FRENÉTICO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star
— T. 804210
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
VIDAS TROCADAS
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595
A BOA ESPOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
ESPERANÇA E GLÓRIA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
O ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Babilónia — «Laranja Mecânica», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Crocodilo Dundee 2», às 21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Polícia de Choque», às 15.00 e 21.30 (maiores 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Crocodilo Dundee 2», às 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais
ESTORIL — Casino Estoril — De quinta a sábado, às **21.30 h. Domingo, 17,30 h** «Obrigado pelo Amor de Você», encenação de Gracindo Júnior.

ALGÉS — Cinema 2000 — «O Último Imperador», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Adeus África», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).
Sala 2 — «Crocodilo Dundee II», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos).

NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Frenético», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Crocodilo Dundee II», às 15.30 e 21.45 h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Hollywood 1929», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Big», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «Crocodilo Dundee II», às 18.00 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Outra Banda
ALMADA — Cine-Estúdio de Almada — «Big»», às 15.30, 18.15 e 21.30 h, (maiores 6 anos).

ALMADA — Academia — «O Combate», às 15.30 e 21.30 h, (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Robocop – O Polícia do Futuro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —«Príncipe das Trevas», às 21.30 h (maiores 6 anos).

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Crocodilo Dundee II», às 15.45 e 21.30 h (maiores 6 anos).
Sala 2 — «Frenético», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Adeus África», às 15.00 e 21.15 h (maiores 6 anos).

O GIGANTE VERDE NA COMUNA

O "Teatro Espaço", a única companhia portuguesa de Teatro-Dança, apreenta neste momento na sala 2 da Comuna, à Praça de Espanha, o seu último espectáculo, constituído pela peça "O Gigante Verde", um original de Manuel Grangeio Crespo com encenação, dramaturgia e coreografia de Águeda Sena.

Trata-se de um espectáculo dividido em 8 estações, com estilos de representações difrentes e com respiração própria. O todo é um levantar de questões universais e perenes a qualquer homem face ao cosmos.

A cenografia está a cargo de 4 pintores da nova geração: Mateus Lorena, Sérgio Rebelo, Ivo Silva e Carlos Augusto Ribeiro. Os figurinos são de João Senna, a música original de Luís Bragança Gil e a execução de adereços de cena e dos figurinos é do colectivo do grupo.

No dizer do próprio autor, estamos perante "um espectáculo mágico, em que se torna concreta a distância entre o que o homem é e o que faz, entre o que o homem é capaz de receber e aquilo que ele recebe". Em jogo estão "as necessidades do homem, os seus desejos, as suas frustações que são o mais concretas possível, com elas é amassada a nossa carne todos os dias. São elas os únicos mitos válidos, e quanto mais directamente forem nomeadas maior é o nosso poder sobre elas. Pura magia".

Sobre o "Gigante Verde", que pode ser visto na Comuna de terça a sábado às 21,30 e aos domingos às 17 horas (até ao dia 16), escreveu aqui o nosso crítico Carlos Porto: « ... De resto, este espectáculo será especialmente um exercício dramático, de dança, de poesia. Um exercício de alto risco que é indispensável conhecer».

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março do próximo ano, a exposição temporária «Imagens do Tempo» - escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.

SINTRA: (Comemorações dos "Das do Centro Histórico"): no Hotel Central, "Roteiro Queirosiano de Sintra"; no Palácio Nacional, exposição arqueológica e de retrospectiva da área do Palácio Nacional de Sintra; na Sociedade União Sintrense, a exposição de Artes Plásticas "Expo-Jovem".

GALERIA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA: até 16 de Outubro, desenho e pintura de Luís Ralha.

GALERIA S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): até 29 de Outubro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13, Pintura de José faria

LOULÉ (Convento do espírito Santo): até 22 de Outubro, pintura de Cristina Basto, Cláudio Ferreira e Maria João.

GALERIA GRÃO PARÁ (R. Castilho, 50): até 20 de Outubro, pintura de Urbano Mena.

GALERIA ESPIRAL (R. Cândido dos Reis, 90-Oeiras): até 30 de Outubro, gravuras e desenho de Irene Ribeiro "Sinais de Paisagem".

BAR-RESTAURANTE BOHEMIA (Cª Marquês de Abrantes, 38-A): até 4 de Novembro, I Colectiva de Pintura com Francisca Carreto Gomes e Filó Neto.

CENTRO DE ARTE DE S. JOÃO DA MADEIRA: até 23 de Outubro, a mostra "Actividade 88", que engloba trabalhos de desenho, pintura, fotografia, escultura, tapeçaria e serigrafia, executados pelos alunos do cursos de formação artística.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 7 de Novembro, uma exposição intitulada "Marcas do Século", constituída por postais ilustrados e materiais, dos diversos aspectos (culturais, recreativos e lúdicos) da vida do início deste século, período que antecedeu a implantação da República.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): colectiva de pintura com trabalhos de Carlos Carreiro, João Vieira, Lagoa Henriques, Matilde Mrçal, Nadir Afonso, Rocha de Sousa e Rui Filipe.

LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2-B): até 5 de Novembro, de terça a sábado das 15 às 19,30, a exposição "Raspar as palavras", com desenhos de Xana.

GALERIA HOLLY (L. da Trindade, 17): até 5 de Novembro, pintura de Heloisa Novaes. Patente de terça a sábado das 11,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas das 15 às 19,30.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: até 23 de Outubro, "A Mulher na Arte Contemporânea Portuguesa", uma colectiva de pintura, desenho e escultura.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14): até 30 de Outubro, pintura de Tomás Henriques. Patente de segunda a sábado das 15 às 20.

COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): até 26 de Outubro, pintura de Manuel Oliveira e, em colaboração com a galeria Diferença, a exposição de fotografia de Ernesto de Sousa da série "Itinerários".

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: até 28 de Outubro, as exposições: "Exposição Sonora sobre as Literaturas Francófonas" e "Arc Lemanique", uma mostra de fotografias sobre o Lago Léman.

GALERIA CONVÉS (Praia de Quiaios-Figueira da Foz): até 9 de Outubro, "5 Pintores Naïfs".

INSTITUTO ALEMÃO (Campo Mártires da Pátria, 37): até 28 de Outubro, uma exposição de Heribert C. Ottersbach, "Duas Sequências". Paralelamente, na Galeria Arcada do Estoril, exposição de acrílicos e desenhos dste mesmo artista.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52): até 29 de Outubro, escultura de Catarina Baleiras e Pedro Campos Rosado. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19..

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 12 de Outubro, de segunda a sábado das 16 às 20, Pintura de Vaz de Carvalho.

GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): uma exposição de Pintura da espanhola Esperanza Huertas, outra de objectos de vidro da autoria de Dale Chihuly, que recentemente esteve na Marinha Grande.

GALERIA MUNICIPAL DE ALMADA: até 30 de Outubro, a exposição "Cerâmica na Quinta de S. Miguel", em colaboração com o AR. CO.

GALERIA MONUMENTAL (Campo Martires da Pátria, 101): até 9 de Novembro, escultura e fotografia de Amy Yoes.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até final de Outuibro a Junta de Turismo da Costa de Estoril apresenta uma exposição de desenho e pintura de Louro Artur, intitulada "Espaços de Falésia". Patente de segunda a sábado das 9 às 19, domingos e feriados das 10 às 18.

PALÁCIO FOZ (Restauradores): exposição de fotografia e e artesanato promovida pela Associação Cultural e Recreativa dos Amigos de Monsanto.

RESTAURANTE PARLATÓRIO (R. de S. Bento, 334): até 30 de Outubro, pintura de Fernando Silva, patente de terça a domingo das 12 às 24 horas.

GALERIA DO MONTE (R. Alexandre Herculano-Santarém): até 15 de Outubro, pintura de A. Morais Mendes.

GALERIA VOZ DO OPERÁRIO: até 18 de Outubro, de segunda a sexta das 10 às 19 e das 20 às 22, sábados das 15 às 19, Pintura de Gil Rodrigues e Fernando Silva.

ESCOLA SECUNDÁRIA MACHADO DE CASTRO: das 10 às 12 e das 14 às 16,30, a exposição "Asssim fomos abrindo aqueles mares", integrada nas comemorações dso 500 anos dos Descobrimentos, com trabalhos de cerca de 300 alunos do ano lectivo de 1987/88, com coordenação de duas professoras de História.

MUSEU DO ABADE DE BAÇAL (Bragança): em colaboração com a Câmara Municipal de Bragança, uma exposição de gravuras de Annie Rodrigues.

ALMADANARTE(Av. 25 de Abril, 53-B em Almada): com o apoio da Câmara Municipal, a exposição de fotografias de Paulo Sérgio sobre os temas "Vestígios da Arquitectura do Sul".

GALERIA DE ARTE ARCADA(Parque do Estoril): até 23 de Outubro, "Pôr debaixo do Céu", uma exposição colectiva de Escultura ao Ar Livre.

CASINO DA PÓVOA DE VARZIM: até 16 de Outubro, todos os dias das 15 às 24, Desenhos de José Rodrigues e Pintura de Julien Chaves.

BARREIRO: um conjunto de exposições com o título "Argonarte 88", que decorrerão na Biblioteca Municipal, antiga biblioteca do Barreiro, Livraria Du Bocage, Cine-Clube do Barreiro, Caixa Geral de Depósitos e Grupo Desportivo dos Ferroviários. Apoiam ainda esta iniciativa da Cooperativa Argonarte, a Câmara Municipal do barreiro, a Junta de Freguesia do Barreiro, a delegação de Setúbal do FAOJ e a Fundação Gulbenkian.

LIVRARIA ACADÉMICA (Porto): uma exposição bibliográfica com cerca de um milhar de publicações relacionadas com os Descobrimentos.

CASA DO INFANTE (Porto): até 30 de Outubro uma exposição organizada pelos serviços culturais da Câmara Municipal do Porto subordinada ao tema "A Rota do Cabo/Descobrimentos e Colonização Africana". Serão expostos documentos de arquivo, códices manuscritos, plantas, gravuras, moedas e medalhas.

ESCOLA ANTÓNIO ARROIO: (R. Coronel Ferreira do Amaral): «Experiências Plásticas», colectiva de professores e alunos, sinalizando um ano de atelier livre (dias úteis , até 30 de Outubro).

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): esculturas recentes de Alberto Carneiro.

ALLIANCE FRANÇAISE (R. Braamcamp, 13-1º): até 13 de Outubro, fotografias de Carlos Medeiros, nos dias úteis das 10 às 19,30.

AMADORA (Galeria Municipal e Recreios Desportivos): até 30 de Novembro, a I Bienal de Gravura à qual concorrem 153 obras de 67 artistas de todo o país.

GULBENKIAN (Galeria das Exposições Temporárias): até 13 de Novembro, das 10 às 17, excepto às quartas-feiras e sábados que encerra da parte da manhã e de tarde está aberta até às 19 horas, exposição do escultor Reuben Nakian, arménio naturalizado norte-americano.

GALERIA ALGARVE (Páteo da Aldeia, Areias de S. João-Albufeira): Pintura de Maria Velez.

ALVERCA (salão da Junta de Freguesia): exposição de pintura de Ana Paula Ribeiro e Helena Clara Rufino.

CINEMA

CASA DE SERRALVES (Porto): em colaboração com o Instituto Espanhol de Cultura e o Cine Clube do Porto, o Ciclo Carlos Saura. Às 18 horas, "Pepermint Frappe"/1967.

FORUM PICOAS: às 19 e 22 horas, "Veio do Outro Mundo" de John Carpenter.

CINEMATECA: às 18,30 "Front Page"/1931, de Lewis Milestone; às 21,30 "O Grande Escândalo"/1940, de Howard Hawks.

CENTRO CULTURAL D. MANUEL DE MELO (Bairro da Tabaqueira - Albarraque): às 21 horas Ciclo Steven Spielberg com "Poltergeist-O Fenómeno".

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: às 21 horas, "Anne Trister"/1986, de Léa Pool (Québec-Canadá).

MÚSICA

S. LUÍS: às 21,30 Ciclo Contrastes com "Música da Época de D. João V em confronto com a Arte do Século XX".

PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: às 21,30 "IX Jornadas de Música Antiga" com a Orquestra da "La Cappella Musicale Di San Petronio" a interpretar obras de G. A. Perti, G. Torelli, Leal Moreira e Marcos Portugal.

PAVILHÃO DO BELENENSES: integrado nos Festivais de Outono de Lisboa, às 21,30 um concerto de Pop Music com "Guitar Crusher" e "Johny and The Drivers".

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **AMOREIRAS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO: Veritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BEATO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Calvário**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **LUMIAR - QUINTA DO LAMBERT: Reis**, R. Pedro Bandeira, 2-A (T. 7597432); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **CONDE BARÃO: Açoriana**, L. do Conde Barão, 2 (T. 661330); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **JERÓNIMOS: Remísio**, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO JOSÉ - TIVOLI: Fernandes**, R. de São José, 187 (T. 326476); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, Pt. Fernando Pessoa, loja E, 36-B (T. 970660); **OLIVAIS BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, R. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDRO: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 127 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Fuzeta**, Av. da Bela Vista, BIE, 1-C (T. 72747). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 3477838). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Permanente; **Heleno**, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746). Até às 22 horas; **QUELUZ: Zeller**, R. da República, 83 (T. 950045). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

DL TEATROS

Estoril - T. Municipal Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo (ao Cruzeiro) — Tel. 267 03 20
De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**DOM JOÃO NO PAÍS DAS DELÍCIAS**», de Norberto Ávila. Pelo **Teatro Experimental de Cascais**. Encenação: Carlos Avilez. Cenários e figurinos: João Vieira.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 1
De terça a domingo, às 21.30; domingo, às 17.00

«**O GIGANTE VERDE**», de Manuel Grangeio Crespo. Pelo **Teatro Espaço**. Encenação: Águeda Sena. Intérpretes: António Fontinha, Ana Gaspar, Josias Insensé, João Luís Simiões, Cristina Paixão, Manuela Pedrosa, Gelson Schismanki e João Senna.

Sala 2
Sextas, às 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

«**NORA**», sobre um texto de Gonçalo Fernandes Trancoso. Pelo Bando. Dramaturgia, encenação e cenários: João Brites. Interpretação: Raul Atalaia, Bibi Perestelo, Antónia Ferrinha, Maria Emília Correia, Horácio Manuel, Tisa Gonçalves e Pompeu José.
6 anos

Sala Principal
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**ÉDIPO-REI**». de Sófocles. Encenação: João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro, João Mota, Jorge Guerreiro, Paulo Ferreira e Victor Soares.

Almada — Teatro Municipal

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**AS VELHACARIAS DE SCAPIN**», de Molière. Encenação: Júlio Castronuovo. Produção: Companhia de Teatro de Almada. Intérpretes: Vítor Gonçalves, Bibi Gomes, Fernando Jorge, João Azevedo, João Paulo Santos, José Meireles, Josefina Correia, Luzia Paramés e Paulo Duarte.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

«**ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA**», de Fuentes. Encenação, tradução e figurinos: José Blanco Xil. Cenários: Francisco Ferreira de Almeida. Intérpretes: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De terça a sábado, às 21.00; domingo, às 17.00

«**VIEUX CARRÉ**», de Tennessee Williams. Pelo **Teatro Hoje**. Tradução: Manuel João Gomes. Encenação: Carlos Fernando. Cenários: Dalton Salem Asseff. Direcção musical: Carlos Curto. Intérpretes: Luís Lucas, Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, João Romão, Manuel Mendes, Maria José, Maria José Pascoal, Fernando Gomes e Fernando José Oliveira..

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30 .

«**O BAILE**». Pelo grupo **A Barraca**. Guião e encenação: Hélder Costa. Intérpretes: Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula Sousa, Teresa Faria, António Cardoso, Luís Tomar, Victor Torres, Leonor Alcácer, Margarida Barão, Marta Tereno, João Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues e António Cruz.

Teatro da Trindade

R. da Trindade — Tel. 32 32 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00
«**O RELATO DA CRIADA ZERLINA**». Produção do Teatro Nacional D. Maria II. Encenação: João Perry. Cenografia e figurinos: Manuel Reis. Iluminação: Daniel del Negro. Intérpretes: Eunice Muñoz, Alexandre Melo e Luís Miguel Cintra.

Porto — Teatro S. da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 35 95

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.30 e 23.00; domingo, às 16.00 e 21.30

«**OLHA A BOLSA Ó ZÉ**». Revista da autoria de César de Oliveira. Intérpretes: Rita Ribeiro, Carlos César, Camacho Costa, Glória Cristal, Paulo César, João Rodrigo, Fátima Zeferino, Cristina Oliveira, Paula Nunes e Luís Testa. (Estreado em 14 de Fevereiro de 1988.) No Porto, em cena a partir do dia 29.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**AUTO DA FEIRA**», de Gil Vicente. Pelo Teatro da Cornucópia. Fixação de texto: prof. Luís Lindley Cintra. Dramaturgia e encenação: Luís Miguel Cintra. Apoio dramatúrgico: João Nuno Alçada. Cenários: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, matinée às 16.00
12 anos

«**A PROVA DOS NOVOS**», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes. Música de João Vasconcelos, Fernando C. Martins, Nuno Nazaré Fernandes e Fernando Ribeiro. Intérpretes: Marina Mota, Carlos Cunha, Vera Mónica, Carlos Ivo, Lena Coelho, Fernando Mendes, José Raposo, Maria João Abreu e outros.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B — Tel. 60 81 66

5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

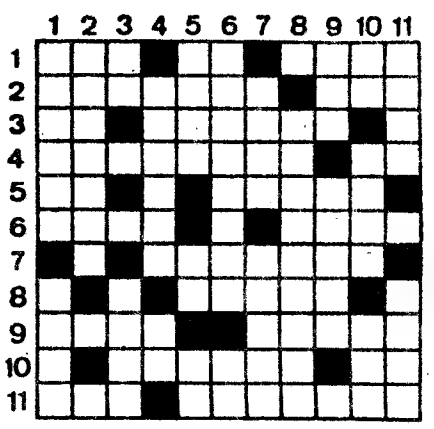
«**LISBOA MONUMENTAL**», de Fialho de Almeida. Encenação: Silvina Pereira. Darmaturgia: Manuel João Gomes. Cenografia: Henrique Nunes. Intérpretes: Alfredo de Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira. Repõe dia 22. Até 16 de Outubro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17464

HORIZONTAIS:

1 Frívolo. Artigo definido. Regra necessária ou obrigatória (pl).
2 Agressões. Cólera.
3 Nota musical. Dais urros.
4 Aumentaram a altura de. Interjeição brasileira.
5 Concede. Comas.
6 Serra de Portugal. Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria.
7 Professores.
8 Cidade espanhola da costa de África diante de Gibraltar.
9 Observo. Político francês que foi primeiro-ministro e ministro das Finanças.
10 Enfeitar. Interjeição de dor.
11 Aqui está. Inventas e espalhas (calúnias).



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho do Cartaxo. No lugar em que.
2 Serra de Portugal.
3 Preposição e artigo (inv). Prendes.
4 Desejam. Artigo definido.
5 Brisa. Era cristã. Apelido.
6 Cortasse com serra. Pertences.
7 Pequenos símos do Brasil. Instrumento musical (pl).
8 Introduzira (fig).
9 Aqui está. Dividir ao meio.
10 Caminhar. Empregas. Artéria.
11 Moeda indiana. Monarcas.

RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17463**

HORIZONTAIS:

1 PAI. Acabais.
2 Au. AVARENTO.
3 Iriai. Ruias.
4 Oi! São.
5 Pr. Atulhara.
6 Rã. Manhosos.
7 Cid. Arse.
8 Diego. Raera.
9 Raso.
10 Gand. FILHO.
11 Orão. Provar.

VERTICAIS:

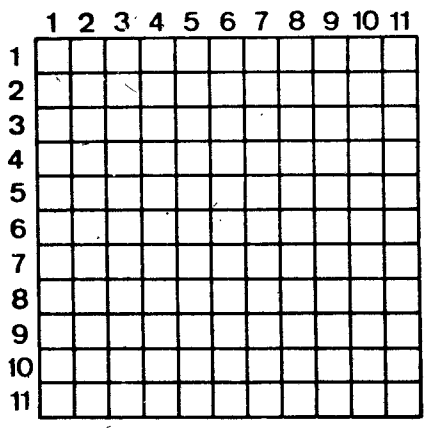
1 Paí. PRÓDIGO.
2 Aurora. Ar.
3 II. Cerna.
4 Aa. Amigado.
5 Avistados.
6 Ca. Nua.
7 Arrolhar. Fr.
8 Béu. Horário.
9 Animasse. LV.
10 Ita. Roer. Há.
11 Sósias. Amor.

PROVÉRBIO: Pai avarento, filho pródigo.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 277

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Guimarães.
2 Nome de mulher. Mulheres do filho em relação aos pais dele..
3 Gargalhada. Santíssimo Sacramento.
4 Ordinários. Tombas.
5 Freira.
6 Primeiro dos dois nomes do romancista francês autor de «Bel-Ami». Ligara.
7 Frutos secos. Senhor.
8 Ruim. Bruxulearia.
9 Tálio (s.q). Assaltado.
10 Vale espanhol nos Pirenéus. Reze.
11 O mesmo que uma (ant. e pop). Romper.



VERTICAIS:

1 Freguesia do conselho de Sintra. Ouro (s.q).
2 Despacha. Negra.
3 Cidade da Birmânia. Nota musical.
4 Antes de Cristo. Abreviatura que se usa em música. Sódio (s.q).
5 Região ao Sul de Espanha atravessada pelo rio Guadalquivir.
6 Fazes doação a. Filho de Neleu, rei de Pilo, o mais idoso dos príncipes que assistiram ao cerco de Tróia.
7 Érbio (s.q). Níscaro.
8 Rachar. Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço.
9 Ruínas. Batráquio.
10 Senhor em inglês. Antiga Sirtes, golfo do Mediterrâneo, na costa de Trípoli.
11 Deus dos pastores. Serrano.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 276**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Garabulhada.	1 Garau. Saul.
2 Apor. Violam.	2 Apitaremos.
3 Risota. Rime.	3 Rosadas. Ras.
4 Ata. Anais.	4 Aro. Co.
5 Radiantes.	5 Trancasse.
6 Ura. Cr.	6 Uva. Al. Er.
7 És. Cavilha.	7 Li. Ataviara.
8 Sm. Calim. Ar.	8 Horne. Impe.
9 Aoros. Ápice.	9 Aliás. Ina.
10 Usa. Serenai.	10 Dami. Chacal.
11 Soera. Al.	11 Amestrarei.

Rádio

Antena Um

17.00: Pequeno jornal e sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Cancioneiro popular português; **17.25**: Música portuguesa; **18.40**: Suite, n.º 3, em ré menor, de Haendel; **19.00**: Integrais; **19.50**: «Sinfonia Coral», op. 35, «Os Sinos», de Rachmaninoff; **20.40**: Duo, em si bemol maior, K. 424, de Mozart; **21.00**: A ciência e a vida; **21.30**: Sinfonia, em dó maior, de Bizet; **22.05**: Selecção, da ópera «Orfeu e Euridice», de Gluck; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Música de bailado, de Massenet e Milhaud; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; **17.00**: Média alta; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Espaço Lubritex; **20.00**: Espaço Inforgal; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Espaço musical; **21.30**: Tríduo preparatório da peregrinação a Fátima; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

10.00: Cem mais; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Voz de Lisboa; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Voz de Lisboa.

TELEVISÃO

RTP 1

17.10 - Brinca Brincado
«Piaf», «Tim-Tim» e «Livros Jovens»

17.35 - Little Roma
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.11 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.15 - Passarelle

6º Episódio: Armando e Raul conversam sobre a partida de Pedro e Ana Rita para o estrangeiro. No apartamento das professoras, Maria diz a Lena que vai encontrar dificuldades na escola da aldeia.

21.00 - Modelo e Detective

1º Episódio: David recebe uma inesperada visita do seu pai, David Addison, divorciado e estabelecido em Filadélfia. David vem anunciar-lhe o seu próximo casamento com Stephanie, uma jovem esplendorosa, e deseja que o filho seja o padrinho.

22.00 - Primeira Página
23.10 - Tribunal de Polícia
20º Episódio

23.25 - 24 Horas
24.00 - Remate

No 2º canal às 21.55, «Suicidio Premeditado» com Vanessa Redgrave em Cinemadois

1º Episódio da série «Modelo e Detective», no 1º canal às 21.00

RTP 2

16.55 - Helena
70º Episódio

17.35 - Trinta Minutos Com...
«Carlos Alberto Borrego»

18.05 - Music Box
«Via Rápida»

19.05 - Music Box
(Off The Wall)

19.55 - Clássicos da TV

«O Fugitivo»: Kimble é contratado por um homem que no passado estivera ligado ao mundo do teatro de comédia, e que, posteriormente, se envolvera em negócios pouco limpos. A complicar a situação, surge a namorada do ex-cómico. Paula, que depressa se apercebe dos receios de Kimble em relação à Polícia. Assim, resolve tirar proveiro do fugitivo, que mais uma vez se encontra em maus lençois.

20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
2º Episódio

21.55 - Cinemadois

«Suicidio Premeditado»: Wetherby, Yorkshire. Jean Travers, uma professora, recebe na sua quinta dois casais amigos. John Morgan chega ao mesmo tempo que um desses casais e, convencendo-se que ele os acompanha, Jean convida-o a entrar. Na verdade, ninguém sabe por que razão ele está ali. No dia seguinte, John reaparece a Jean, explicando que não passava de um intruso - ali mesmo, em frente de Jean, John suicida-se.

Interpretação: Vanessa Redgrave, Ian Holm, Judi Dench, Marjorie Yates, Tom Wilkinson.

Realização: David Hare

AMANHÃ

RTP-1

09.02 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Selva de Pedra
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Fama
14.15 - Viagem do Mimi
15.00 - Herbie Mann
16.00 - Missões de Paz
16.30 - Ponto por Ponto
17.30 - Brinca Brincando
18.15 - Tempos Modernos
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.11 - Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.15 - Passerelle
21.30 - Lotação Esgotada
23.55 - 24 Horas
00.25 - Remate
00.35 - Fátima - Procissão das Velas

RTP-2

15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Helena
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - A Rota da Seda
19.00 - Music Box
19.55 - Clássicos da TV
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
22.00 - Joana
22.50 - Fantasia e Realidade

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.

ESPECIAL FÉRIAS/88
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um programa especial "Férias 88" oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço
OUTUBRO NOVEMBRO E DEZEMBRO

Programa 1: 11 700$00 - 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.
Programa 2: 14 700$00 - 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.
13 500$00 - Programa 1 **16 800$00 - Programa 2**

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl: 1 000$00/dia/quarto em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado "ESPECIAL FÉRIAS 88", por escritopara CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Passerelle

RTP 2 — Jornal das Nove

Helena

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada — 1495 LISBOA
Telef. 419 75 70

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/ 2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/ 2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

O plenário do Conselho Nacional do Plano aprovou esta manhã, em Lisboa, com os votos contra do sector sindical, o parecer sobre as Grandes Opções do Plano para 1989 e 1989/92. Reunidos sob a presidência do prof. Manuel Porto, o conselho salienta, no parecer aprovado, o curto espaço de tempo que foi concedido pelo Governo para a análise das GOP

Estação de Almodôvar

continuação da pág. 1

foi apresentado ao Tribunal Constitucional por um grupo de 28 deputados, integrantes do PCP. Apenas uma das quatro normas — a última —, relativa à autorização para a instalação em Portugal de uma estação electro–óptica para vigilância do espaço exterior, foi declarada inconstitucional.

A declaração com força obrigatória geral do «acordo por notas» entre os dois governos, de 27 de Março de 1984, afecta a projectada instalação em Portugal, na zona de Almodôvar, de uma estação norte–americana de rastreio de satélites.

O acórdão do Tribunal Constitucional, hoje publicado em «Diário da República», considera que a aprovação de acordos internacionais deve ser feito por decreto, nos termos do artigo 200 da Constituição, a ser remetido ao Presidente da República, de acordo com o artigo 137 da Lei Fundamental.

Assinala que o Governo deve manter o Presidente da República informado sobre a negociação de tratados internacionais e «nada parece excluir que o Presidente aconselhe o Governo acerca de quaisquer negociações em concreto».

O Tribunal Constitucional decidiu, ainda, não tomar conhecimento do pedido de inconstitucionalidade relativos a acordos efectuados ao abrigo do Acordo de Defesa de 6 de Setembro de 1951 entre Portugal e os Estados Unidos, sobre facilidades concedidas nos Açores às forças armadas norte–americanas (Base das Lajes).

Decidiu ainda o TC «não tomar conhecimento» do pedido relativo à questão da inconstitucionalidade de normas do «Acordo entre o Ministério da Defesa Nacional de Portugal e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América», respeitante ao emprego de cidadãos portugueses pelas forças dos EUA nos Açores.

Os juízes Mário Brito e Raul Mateus produziram declarações de voto sobre a matéria, sublinhando o primeiro que o acordo EUA–Portugal; sobre GEODSS é inconstitucional, «antes de tudo por não ter respeitado os requisitos da formação constitucional dos tratados».

LOTARIA POPULAR

1º—029248.....	1 500 000$00
2º—311937.....	500 000$00
3º—210758.	250 000$00
4º—236303.....	150 000$00
Terminações em 248.....	60 000$00
Terminações em 937.....	10 000$00
Terminações em 758.....	2 500$00
Terminações em 303.....	1 000$00
Terminações em 64,16,25,23...	500$00

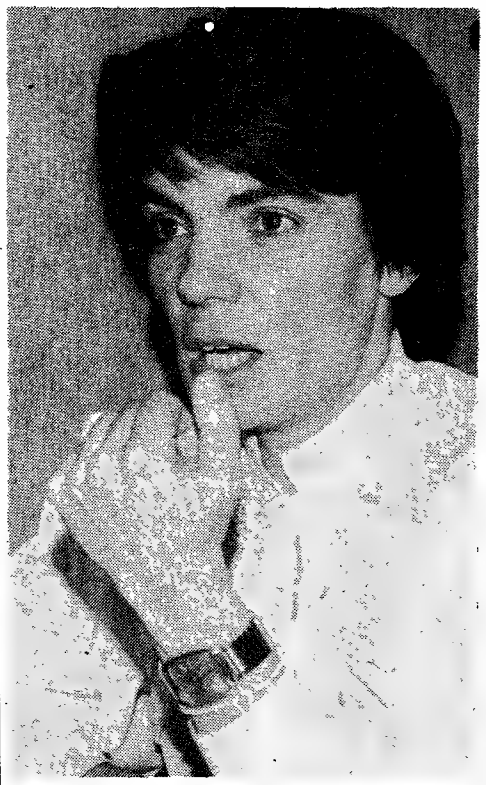
A.M.A. Auto Monumental de Aveiro Audi VW

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

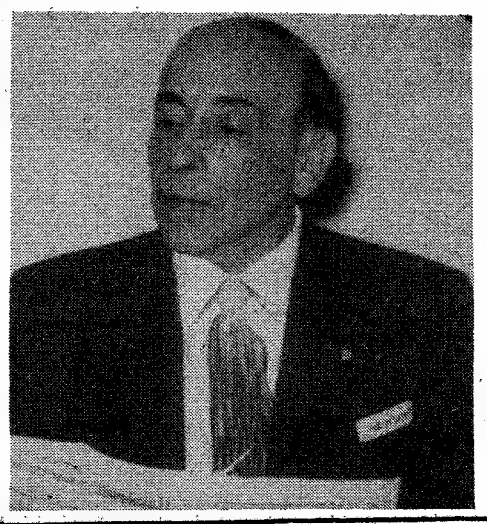
Av. Padre Manuel da Nobrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 804775

DECLARAS



ZITA SEABRA, no mesmo dia em que o Comité Central do PCP inicia uma reunião de dois dias, publica, no «Diário de Notícias», um artigo em que, sob o título «Lucidez», critica o discurso de Álvaro Cunhal no encerramento da festa do «Avante!». Zita Seabra, que faz a defesa de diversos dos nomes visados na campanha desencadeada pela direcção comunista, pergunta, a certa altura: «E como é possível que se insinue, como fez Miguel Urbano Rodrigues, glosando oficialmente o discurso do secretário–geral do PCP, que a festa do «Avante!» foi, afinal, uma prova de força contra... militantes comunistas (O Diário, 15.9.88)». E mais adiante: «Confesso que se tem uma estranha sensação, assim um misto de tristeza, indignação e espanto, quando um dia se acorda sob o peso da acusação de alimentar uma campanha inserida na ofensiva ideológica universal do imperialismo... Sente–se o peso dos anos passados e o vazio dos gostos que se foram deixando de lado, as rupturas sem retorno. Sente–se o peso do que se fez e o sentido defnitivo das opções. Dói». (...) «Como pesa saber que nada disto é original, que é uma repetição, a destempo, do que já se passou por muito lado, que tudo isto sujeito um colectivo a dramáticos custos humanos, políticos e ideológicos, quando o momento é de acabar definitivamente com tais métodos e limpar as marcas que deixaram... É–se quase tentado a pensar, numa visão egoísta e personalizada: «Felizmente sou vítima!».

HUMBERTO DELGADO foi um dos «tenentes do 28 de Maio», bateu–se pela Ditadura Militar, fez carreira no «Estado Novo». General jovem e prestigioso, compreendeu um dia que o regime de Oliveira Salazar não tinha futuro. Entrou em contacto com os meios oposicionistas. Aceitou ser candidato à Presidência da República, assumindo, a par do advogado Arlindo Vicente, o combate da Democracia contra o servidor salazarista, Américo Thomaz. As urnas, negaram–lhe a vitória que o Povo considerou alcançada. Humberto Delgado foi perseguido, demitido, por ter sido o porta–voz da esperança popular. Foi compelido a exilar–se. Mas no Brasil e na Argélia não abandonou o seu combate, lutando, com os seus critérios e métodos, pelo que considerava ser a via para derrubar o ditador. A pessoal coragem e o desejo de obter rápidos resultados, estiveram na origem da cidalada de Badajoz. Atraído pela PIDE a um encontro conspirativo junto da fronteira luso–espanhola foi, vilmente, abatido a tiro. O crime odioso ficou, praticamente, impune. A verdade apurada não deixa margem de dúvidas quanto à autoria policial e o conhecimento directo de Oliveira Salazar. Fez agora dez anos, no dia 9 de Outubro, que teve início o julgamento dos assassinos e seus mandantes no Tribunal Militar de Santa Clara. Longo e arrastado foi o julgamento. A nódoa de sangue marcou Oliveira Salzar e a sua polícia. Alguns dos assassinos tinham desaparecido, tinham–lhes facilitado a fuga. Mesmo em relação aos que se sentaram no banco dos réus, a Justiça foi benevolente. O crime — e a sua relativa impunidade — constituem um episódio dramático da vida política portuguesa. O general Humberto Delgado, e a sua breve cruzada contra o medo, pertencem à História de Portugal Contemporâneo.



Vale do Douro vai ter plano de ordenamento

O vale do Douro vai ser objecto de um plano de ordenamento do território, que visa evitar a degradação do ambiente e dos recursos naturais existentes.

Em comunicado, a Secretaria de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território informou que no plano regional de ordenamento do território para a zona envolvente do Douro procura-se regulamentar padrões de uso, ocupação e transformação do solo e salvaguardar e valorizar os recursos endógenos e valores da região.

Segundo a mesma fonte, que não especifica quando deverá ser implementado o **PROZED**, serão abrangidos 17 municípios que marginam o rio Douro, a montante da barragem de Crestuma-Lever.

Capela em Castelo Branco considerada monumento nacional

A Capela de S. Martinho, anexa à Universidade da Beira Interior, em Castelo Branco, e considerada monumento nacional, pode vir a ser reparada — disse uma fonte do Instituto Português do Património Cultural.

Entre os aspectos exigidos pelo Instituto contam-se o restauro e conservação das portas existentes, a reparação do telhado e a colocação de maneira mais conveniente de alguns azulejos do altar que estão levantados.

Os técnicos do IPC, que estiveram no local, são ainda de opinião que «os fragmentos de pintura mural existentes sobre os altares laterais deveriam ser objecto de observação por parte dos especialistas».

Centro Português de moda a funcionar no Porto

O secretário de Estado do Comércio Externo, Miguel Horta e Costa, anunciou no Porto, a criação do Centro Português de Moda, sediado na capital nortenha, numa iniciativa do Instituto do Comércio Externo Português.

«Para se entender plenamente a importância e o alcance deste novo instrumento — disse — basta debruçarmo-nos sobre as ameaças que pairam sobre a actividade exportadora têxtil portuguesa.»

Referiu que a iniciativa se enquadra «num tomar efectivo de medidas para enfrentar atempadamente a concorrência

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO "DIÁRIO DE LISBOA". SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO.
CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44, 1200 LISBOA.
TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 369

ARTE POSTAL

Senhora à janela

Fernando Guerreiro

Diz X: *«Claro que tem que ver com uma cena mais antiga. Falavas há pouco de uma tela de Friedrich...»*

Z: «Sim, precisamente, Senhora à janela. Penso que de 1822. Contudo sempre tive a impressão de que havia, pelo menos, duas versões deste mesmo motivo. Uma, com a senhora à janela, a mais conhecida, e outra, que de um mesmo ponto de vista, representava a janela, mas sem a senhora. Claro que, estando lá a janela, estava também a senhora - assim como a senhora só dava figura a algo (-chame-se-lhe cena ou quadro, fantasma ou imaginário) que a reconduzia , sempre, desde o início...»

X: *«Lembro-me de que, por essa altura, era nesses termos que falavas de Y. De como, na paixão, uma representação do objecto se configura...»*

Z: «Nessa altura, Y era, sem dúvida, essa figura. Partamos deste princípio. No início era a janela, o quadro, a cena da Representação, mas ela já se encontrava de tal modo pré-formada que, para que nela a questão do Objecto se reflectisse, ele necessariamente teria que se conformar às coordenadas (e ao sistema de representação) que lhe eram dadas pelo quadro. Nessa medida, é talvez ainda mais correcto dizer que é a própria questão do Objecto que situa a janela e que, num terceiro momento, então, é a própria configuração do Objecto que, no lugar que desde o início o espera, sempre se testa e configura. O objecto, a vir, seria sempre, um objecto-segundo. Desdobramento dos Objectos sem que, contudo, a cena da Representação tenha sido alterada desde o início...»

X: *«Os estudos de Friedrich sobre as duas perspectivas do seu atelier, a direita e a esquerda (a janela e o quarto, esses, são os mesmos), em certa medida permitem-nos assistir a essa divisão (espelhada) do Uno. Como se o próprio Sujeito, acompanhando o Objecto, em si mesmo se dividisse (lóbulo direito, lóbulo esquerdo) e da sua pintura (ou fotografia) nada mais fizesse do que a experiência desse momento de fractura em que se revela uma indiferença...»*

Z: «Sim, a representação (a paixão) seria isso. Não a confirmação de uma identidade, mas a constante prova de um desajuste, em que a diferença persiste... Uma diferença que, só nos momentos de maior iluminação e desperdício, e só por uns breves segundos, ante os nossos olhos, assim, se indistinguiria...»

X: *«Vindo antes (cenário da representação ou fantasma), o Objecto seria ainda o que estaria constantemente a surgir, nunca se estancando (coincidir com ele seria fazer a experiência do próprio real, do que é por definição irrepetível e que nos dilacera, alegremente, como um abismo), mas, ao mesmo tempo, lhe também constituiria aquilo que é constantemente capaz de nos chocar (de nos espantar) com a sua indiferença, magnífica...»*

Z: «Referes-te tanto à sua soberania como à sua imperturbável alteridade, diferença?

X: *«Sim, e daí a necessidade da Representação. Primeiro, a de ter de colocar uma janela: isto é, de arrumar um espaço que possibilite (e garanta) a sua presença. Depois, a vinda da própria figura, que tanto fixa o espaço da janela como, momentaneamente, lhe dá a consistência (é aí que reside, talvez, a inquietante estranheza deste título: Senhora à janela...) de uma aparente presença...»*

Z: «Por um lado, mas não só. Repara, também, no que, como quadro (obrigado) de Representação, a janela constitui. Sem dúvida uma "armadura"(estrutura) fictiva (o fundo branco em que se vêm colocar os personagens, para serem filmados ou fotografados, junto à tela/parede), mas também o desejoaéreo de um espaço em aberto: isto é, uma vontade, imaginária, de que, colocado o cenário, como numa epifania, o objecto apareça...»

X: *«Sei que estás a pensar nas duas versões da Melancolia: a de Durer (a fechada a "presa") e a de Cranach (quase uma "cena de género", que se rasga para a Natureza...)*

Mas também estás a referir-te, mais precisamente, a uma outra memória que evoca a fotografia. Na foto de Deborah Turberville, a figura feminina (veja-se a colocação do olhar, a posição das mãos, a quase sotaina e o fio que ela segura) traz até nós a imagem que de Joana d'Arc nos deram tanto o filme de Dreyer (talvez mais este, pelas condições gerais de luminosidade) como o de Bresson (este mais presente pelo modo como as diversas figuras a cena arrumam...)»

Z: «Sim, todo o objecto em certa medida é sacrificial, o que nele se celebra é um sacrifício (sobretudo o nosso, enquanto espectadores - construtores - da cena) e daí, também, essa vontade de superação (um desejo sem limites) que nele se manifesta -no próprio momento, note-se, em que, dando-se à representação (ou à ficção do desejo de um outro -é esse o seu sacrifício), ele parece prestes, mesmo, a perder-se... O sublime, seria isso.»

X: *«Essa vontade de superação que é a mais radical (e ao mesmo tempo a mais efémera) experiência dos limites... Em que, de tanto o atingir, esse limite (finito), por assim dizer, ante os nossos próprios olhos desaparece (se invisiliza) - ou então se dispara, já à procura de outro horizonte, destino...»*

Z: «Mas tudo sentido por dentro e explodido dentro dos seus próprios limites...»

X: *«Estás-te a referir ao filme do Huston (The Dead). Aos últimos trabalhos do Carlos. Àqueles textos-"alma" que, no Blitz, o Paulo tem escrito...»*

Z: «Sim, entre outras coisas. Penso também nos dois filmes de Leo Carax e no modo, talvez, como eles foram mal compreendidos. Enquanto no primeiro, Boy meets girl, se tratava, antes de mais, de "figurar" as marcas (os efeitos visíveis) da falta de um absoluto, neste último, Mauvais sang, era a própria vontade de sublime que se dava com a rapidez (violência - veja-se a sequência do Modern Love) que, ao mesmo tempo, torna a experiência do objecto poosível (a possibilita: a passa para os 'sentidos', a torna sensível) e, contudo, no próprio instante em que a procura deter como "estadio", "sentimento", "coisa", a irrealiza...»

X: *«Daí, para ti, a relação com o monólogo final do filme de Huston. Essa vontade de evanescência (de ser-pássaro - de uma "felicidade" mais rápida e simples do que tudo) em que a figura final, no filme de Carax, se precipita...»*

Z: «Porque o real (o Objecto), afinal, é o que não existe e aquilo que temos constantemente de construir, através das nossas Representações (cenas, paixões, figuras), constituem as únicas formas, ao nosso alcance, de poder ter ainda alguma prise sobre o seu ilusório fascínio...»

X: *«As três outras figuras, na fotografia, assim, perspectivam-nos. Fazem passar, no seu olhar, a Lei (o Olhar) do Outro...»*

Z: «A Lei do desejo do Outro. Mas também o modo como nós, nele, através da mediação de uma figura - e da encenação de um sacrifício -, nos colocamos numa ficção que para um outro nos representa e a nós próprios nos estrutura...»

X: *«Tudo isto numa fotografia?»*

Z: «Como numa canção. Num olhar. No sopro de um minuto. Na carícia, suspensa, com que o real nos despede ou saúda...»

Fernando Guerreiro

Nota - A foto (1977) é de Deborah Turberville. Todas as dedicatórias deste texto são cinematográficas: Huston (The Dead), Leo Carax (sobretudo Mauvais sang) e Olivier Masyas (Désordre). Sobre a mesa de cabeceira (se ela existir), apenas um disco: Lumière et tzahisons, dos Marc Seberg - e, junto ao candeeiro (se ele estiver aceso), um livro: de Marcel Iecomte, Les minutes insolites. Étude.

MALCOLM LOWOY

GHOSTKEEPER

Descrente de si mesmo, com obra feita e refeita na procura de todas as belezas da forma, de todas as perfeições da estrutura, não raro o escritor com este desenho constrói o seu reverso amargo, póstumo, traçado a grandes audácias e apaixonadas traições. De hesitação a outra, deixa atrás de si uma gaveta de inacabados textos inadaptáveis à bitola que ele próprio definia para si, perante si, antes de chegar às mãos do mundo. E a história prossegue num conhecido trilho: de viúvas, de viúvos — do casamento, da amizade, da oportunidade — que após vencerem o prazo longo ou menos longo das faltas de coragem, dão a tais obras da gaveta algum apuro e vão deitá-las à grande circulação, a prolongar no tempo da vitalidade do autor já morto. (De permeio costumam andar alquimias: técnicas, secretas, que o leitor está longe de poder devassar)...

Ao longo de uma vida curta e bastante sofrida em fortes exigências com a palavra escrita, pelo incansável refazer dos mesmos textos, Malcolm Lowry chegou a publicar dois livros: Ultramarina o primeiro, que teve de suportar como um espinho (disse-o numa carta a Albert Erskine: — «Se ao princípio ainda foi possível ser um logrado livro, acabou por não passar de imperdoável trapalhada que me envergonha desde há treze anos»), Debaixo do Vulcão, o segundo, a sua obra-prima escrita e reescrita por versões que somam quatro, cinco, seis, conforme a matemática dos biógrafos, e ficou exemplo único de seu texto «acabado».

Entre as várias obras da gaveta, um grupo de três pode no entanto separar-se como próximas de uma forma «final»: Lunar Caustic, novela um dia concluída, entregue ao editor e depois inviabilizada, quanto à sua circulação pública, com um pedido de devolução; The Bravest Boat e Strange Comfort Afforded by the Profession, duas histórias do livro Hear us O Lord from Heaven Thy Dwelling Place, que Lowry chegou, em momentos de maior entusiasmo, a aceitar como versões definitivas.

O resto — o que se acrescenta hoje à obra literária de Malcolm Lowry: outras novelas, outros contos, poemas, dois romances conhecidos por Dark as the Grave Wherein My Friend is Laid e October Ferry to Gabriola — chega-nos pelo crivo e por um trabalho de Margerie Lowry que ultrapassa muito a veleidade de simples retoque, da montagem lógica para um sentido global de fragmentos dispersos, e atinge a soma de uma criação literária que sobrepõe, que justapõe, outra criação.

Não se trata aqui de iludir que já Under the Volcano incluía pedaços de texto escritos por Margerie Lowry. Os frequentes períodos de incapacidade física de Malcolm Lowry conduziam a uma aquiescência deste tipo, tanto mais que a colaboradora conhecia de perto os propósitos de conteúdo e forma da sua criação, e tinha larga experiência de escrita obtida com guiões cinematográficos de Hollywood e com a publicação de uns quantos romances policiais. Pode, no entanto, garantir-se que o texto final de Under the Volcano surgiu com supervisão e total aprovação de Lowry, o què não sucede com a maior parte da sua obra vinda a público depois de ele morrer, resultado de confessada intervenção que intromete (sem deixar explícita, no texto, os passos onde tal faz) pedaços de prosa «à maneira de», pretensamente modelada por memórias, conversas, conhecimento enfim de intenções sobre as obras que Lowry tinha para escrever ou reescrever.

De uma vez, Douglas Day, biógrafgo de Malcolm Lowry, dirigiu-se a Margerie para obter esclarecimentos sobre «a autenticidade» da publicação póstuma de Dark as the Grave... A carta que recebeu como resposta começa por uma discreta confissão de consciência pesada perante a natureza do seu próprio trabalho de preparação do texto, logo depois resgatada por muito entusiasmo: «Penso, no entanto, que tudo isto é estúpido. Ao preparar a edição de Through the Panama e The Forest Path to the Spring já eu tinha escrito uma porção de passagens, de cenas, pelas quais me deram imensas felicitações; fartei-me de receber cartas a tal respeito, e nenhuma me censurava ou insinuava que eu tivesse, fosse no que fosse, prejudicado o Malcolm». Douglas Day acrescenta: «Depois de 1939, nada do que Lowry escreveu foi obra apenas devida, no mais estrito sentido do termo, à sua mão.» (1)

Vários anos passariam sobre a obra «corrompida» de Malcolm Lowry até ao novo momento de encontrá-lo intacto — desta vez espontâneo, oferecido antes de atingir o limiar das grandes batalhas da forma, exposto em pleno mistério da criação literária, ele vulnerável e perplexo com o desenho autónomo do texto a determinar-se aos poucos, a impor-se de traçado, por si próprio e contra o escritor, através do indomável corpo vivo dessa forma. (Registem-se aqui dois momentos de prosa epistolar, pequeno exemplo entre a criação mais extensa que seria possível fazer deste autor a braços com uma dúvida fluida, incapaz de reconhecer-se por completo nas suas ficções, nas suas palavras, constantemente a pôr-se em causa naquilo que escreve: — «A obra vive uma vida misteriosa, autónoma, que começa por confundir o próprio escritor. Quem escolhe a forma não é ele, é antes a forma que o escolhe a ele»; ou citando Ortega y Gasset de uma forma quase idêntica à que encontramos em Ghostkeeper: «O escritor tem por companheiro Ortega y Gasset, e vai forjando a vida conforme parte em busca da sua vocação... Mas ele o que sabe? Desconfia que quem escreve não é tanto ele, e bem mais anda a ser escrito do que a escrever»).

Ghostkeeper (que em Maio de 1973 surgiu, inesperadamente, a ocupar 34 páginas da *American Review)* era esse texto «salvo» porque parado assim, no seu primeiro impulso, num ponto do percurso que dissuadia veleidades correctoras e criadoras, texto de manter inédito ou de entregar ao público como estava, como era, mas fulcral por reflectir de tão perto as maiores obsessões do escritor, e reforçado nesta condição por somar outro nível de leitura — que a versão final anularia — ao texto imaginado para dois níveis; por outras palavras, transformando «a história do escritor que escreve uma história» na «história do escritor que escreve a história de um escritor que escreve uma história».

Mas não só: — apesar de pouco extenso, apesar de oferecido antes dos maiores apuros da orquestração final, texto como nenhum outro, entre os seus, ocupado tão centralmente pelo tema do próprio Autor e acompanhado — nesse conflito do criador com a sua obra a criar-se — pela nostalgia do «paraíso perdido» que, vida fora, Lowry agravou e complicou com uma sensação de impotência perante os sentidos ocultos das «coincidências» (como ele lhes chama) do quotidiano, com a obsessão pela geometria circular das «ficções da vida», ligadas à rotação da engrenagem cósmica que domina as «possibilidades da história» e as fará regressar ao ponto de partida.

Segundo a *American Review, Ghostkeeper* foi escrito na Primavera de 1953. Nessa altura, os Lowry já tinham percorrido o «inferno» mexicano das páginas do *Vulcão* e sonhavam com o paraíso do Dollarton, que viria reflectir-se inteiro nas páginas de The Forest Path to the Spring. Pensemos, portanto, neste *Ghostkeeper* como intermédio estado no círculo dos dois pólos, purgatório — jardim onde coexistem referências de inferno e paraíso. O quadro terá de ser — ler-se-á no princípio da novela — «invernal» mas «estival», como «um pesadelo» mas simultaneamente «muito agradável». No plano físico vai ser o Stanley Park de Vancouver (já antes conhecido, na obra de Lowry, com a novela *The Bravest Boat)*, jardim de redutos zoológicos de sinais contrários — o paradisíaco («sensação», diz o autor, «de qualquer coisa sobrenatural, celestial, como um Paraíso de pintura flamenga») e o infernal — cenário para a consumação do Pecado contra a inocência simbolizado pelo grupo de crianças que atiram pedras aos patos. É difícil não nos lembrarmos daquele aviso, em espanhol, que pertence às páginas de *Under the Volcano:* «le gusta este jardin que es suyo? Evite qu sus hijos lo destruyan!»

Purgatório, lugar ideal para conflitos do criador com a sua própria criação, para a tensão máxima da impotência perante as fatalidades da engrenagem cósmica — cerco de rodas, de rodas dentro de rodas — e muitos serão os símbolos da geometria circular: o destroço do barco que parece uma roda, a bicicleta gelada à beira da lagoa que expõe o seu «capricho» de rodas, o desfile permanente de relógios — máquinas que «fazem e desfazem o tempo».

«O conto-padrão», lê-se em Ghostkeeper, «revela-se bastante má representação da vida (...) por ser um fragmento de morte petrificada, uma espécie de borboleta espetada com um alfinete». Condenado, o autor de ficções só terá que agarrar-se ao que são as suas «certezas», em Lowry a «certeza» do amor, restituído — como ele o sonhava — ao paraíso que se enche de flores. «Rogai por elas!», diz a prece do final da novela, a desejar o impossível milagre dessa floração que a vida iria desmentir-lhe com agressividades de um conflituoso amor, pelo mergulho final — sagrado em Primavera, com música de Stravinsky — durante uma noite quente de Junho, em 1957.

A.F.

(1) Não deixa de ser curioso que as duas novelas citadas estejam entre o mais interessante que o autor nos deixou. No caso de *Through the Panama,* pode mesmo dizer-se que contém pedaços da mais singular orquestração verbal de toda a sua obra. Em muitos passos desta novela passada num barco, as palavras acrescentam àquilo que dizem uma força sonora ligada a reconhecíveis sons de um navio a vapor, jogo fonético que desafia toda a veleidade de tradução total. Em 1976, as Iniciativas Editoriais lançaram esta obra em Portugal, numa tradução de Ana Hatherly (trazendo abusivamente para a capa o título da recolha das sete novelas onde esta se inclui: *Ouve-nos, Senhor do Céu que é a Tua Morada)*, e pode ver-se, por exemplo, que a frase em *efes* toda ritmada por palavras com acento na primeira sílaba, *finny phallic furious face of Cape Flattery só é como barbatana fálica fusiosa face de Flattery* (pg. 10), ou que obsessivos «estribilhos» disseminados no texto, como *a lone loon* ou *the last lock,* moldados em monossílabos e em compasso ternário, são forçados a ser *um velho velhaco e a última eclusa,* respectivamente (pg. 51).

Nota

De Malcolm Lowry, conhece-se, praticamente, Debaixo do Vulcão. Assim, pois, Ghostkeeper (Hiena Editora) é, entre nós, uma novidade. Aqui apresentamos o que sobre esta novela escreveu Aníbal Fernandes.

JOHN STEINBECK

Sweet Thursday

REVISITAR John Steinbeck no seu renomado romance «Sweet Thursday» (1954) é, de alguma forma, revisitar a esperança que, tímida ainda face às densas nuvens que ensombravam o horizonte, logrou despontar no coração dos homens, nos EUA como em todo o mundo, uma vez vencido, na sua sanha mais odiosa, o sempre temíveld monstro da guerra. Para trás, ficava o longo — e, em tantos aspectos, a bem dizer inenarrável — rol de martírios, sofrimentos e aflições; os sacrifícios feitos por toda uma população apostada, em humana e patriótica determinação, na vitória sobre o louco sonho totalitário das potências do Eixo... A esses dias negros se referia já Steinbeck, em 1946, em romance cujo enredo antecede a acção deste.

Em «Sweet Thursday», como que se tratava de, passado o pior, fazer o levantamento da energia moral ainda subsistente, da crença em melhores dias, da vontade de vencer... Para tanto, o autor retorna a Monterey, na sua Califórnia, ao encontro da Rua da Sardinha e da gente simples que a habitava. Vamos ter, a partir daí, ocasião de assistir à pintura de um admirável fresco que trará até nós o que de mais significativo caracterizava o viver dos estratos sociais ali radicados. Rica em poder de evocação, dúctil, minuciosa, bem humorada, terna, a pena de Steinbeck retrata com maestria múltiplos ambientes e personagens. Do «Palácio», palco de tantos pequenos/grandes acontecimntos, à mercearia de Lee Chong (agora de Marie-Joseph), do laboratório biológico de Doc ao café «La Ida»... De criaturas que o Bem inspira (Doc, Fauna, Blaikey, Susy) a outras que do Mal se alimentam e nisso inclusivamente se comprazem (Marie-Joseph, por excelência)...

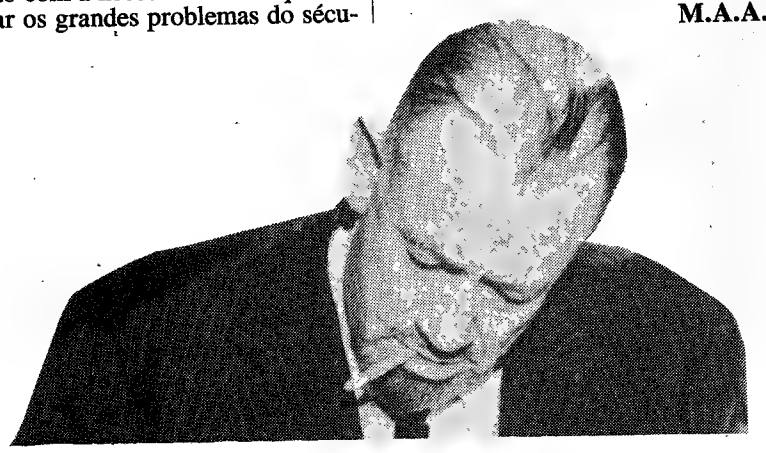
Escrito embora de forma suave, sem os acentos épicos que celebrizaram outros títulos de Steinbeck, «Sweet Thursday» não deixa de extremar, num esquema nitidamente dicotómico, posturas e opções. De um lado, o miserabilismo, o viver de expedientes, a prostituição, a ligação à produção e tráfico de estupefacientes (conotada, uma vez mais, com Marie-Joseph)... Do outro, ainda que por vezes tíbio, o propósito de ir mais além, de superar o clima de crise... Lado, este último, em que avulta a figura de Susy, a quem o espírito de sacrifício e o sentimento conferem uma determinação que deixam, tantas vezes, a perder de vista a de Doc ou a de Old Jingleballicks. De um lado, numa comezinha luta pela sobrevivência, o apego a um mundo de ilegalidades, desonestidade e corrupção. Do outro, a preocupação com a necessidade de equacionar os grandes problemas do século, problemas que obviamente permaneciam (como, aliás permanecem...), a despeito de, antes e depois dos dois grandes conflitos que o dilaceraram, o mundo haver registado tão importantes avanços na ciência e na técnica.

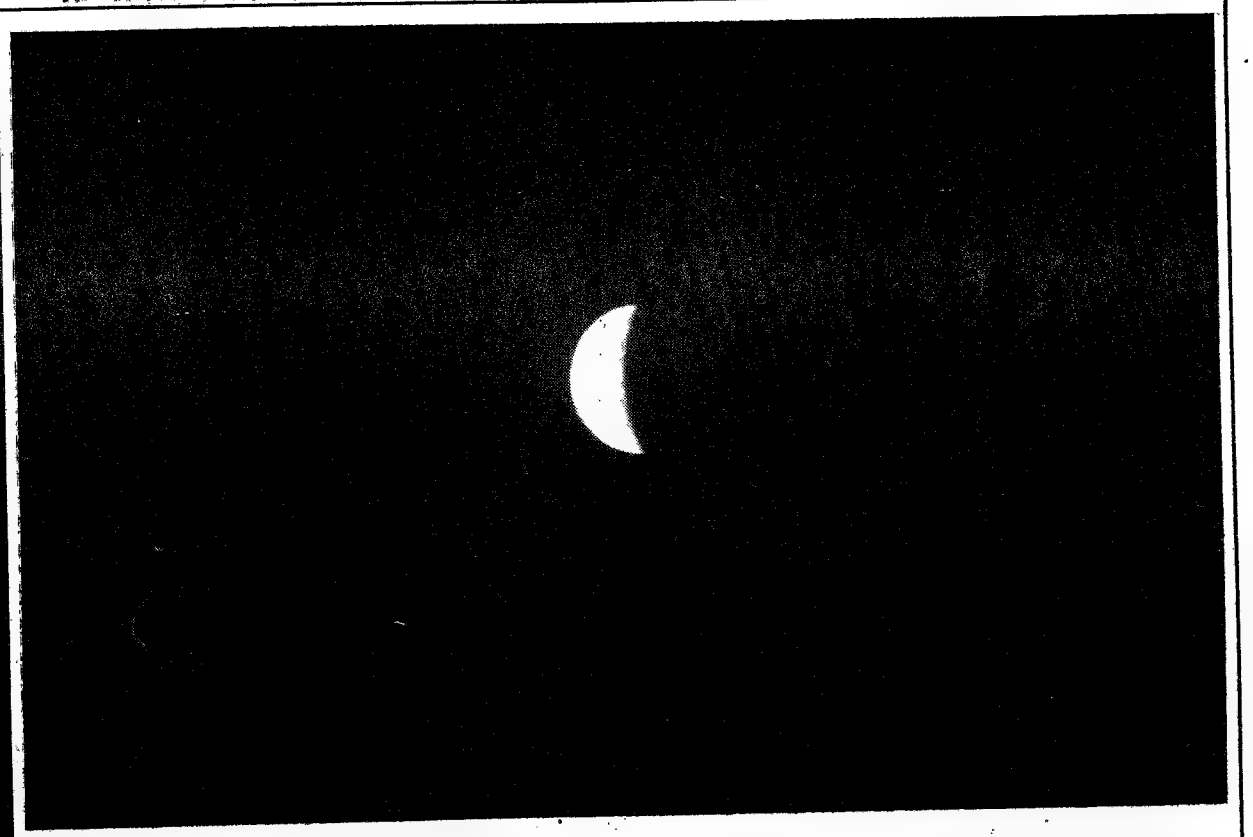
...E é Susy quem — por milagre do amor — irá propiciar que Doc reanimado, se resolva enfim, materialmente apoiado que ora também se encontra por essa extravagante figura que é Old Jingleballicks, a dar corpo ao projecto que, em sede de biologia marinha, havia muito alimentava — ou seja, desenvolver, em artigo científico, determinada tese sobre «sintomas que, nos cefalópedes, se assemelham aos da apoplexia»...

Doc e Susy — que, desde o início, como que objectos de um estranho e recíproco tropismo, vinham sendo atraídos um pelo outro — partem, finalmente, a caminho de La Jolla, onde o primeiro intenta levar a cabo experiências do maior interesse com vista à fundamentação da sua tese... E partem vergados de reconhecimento perante quantos, para com eles, tinham sido solidários: Fauna, Mack, Hazel... Dir-se-ia que, prenunciada em terna quinta-feira, os aguardava a felicidade, uma felicidade a que Doc fizera jus com o seu comportamento vertical — comportamento que o levara, sem olhar a consequências, a procurar castigar por sua mãos as sórdidas intenções de Marie-Joseph para com Susy...

Em aberto ficava apenas, ou sobretudo, o problema que, em instância de discurso científico, Doc vira abordado um dia em diálogo (sempre difícil, mas fecundo) com Jingleballicks: a evolução e destino das espécies, inclusivamente da humana. Mas esse era, como é, problema que só o amor e a razão, conjugados, deverão considerar e procurar resolver. Nunca a guerra.

M.A.A.





Antigamente, as pessoas eram menos súbitas

Antigamente, as pessoas eram mais demoradas. Diziam as palavras sílaba a sílaba, sorriam com vírgulas nos lábios, mostravam nos dentes um ponto de interrogação à laia de uma flor. Quer isto dizer que não faziam uma pergunta exigindo de imediato uma resposta. Esperavam esbeltas no tempo, fraternas, os olhos isentos de qual quer desafio...

Hoje, não. Hoje não nos sabemos demorar nos patamares, nos varandins eventualmente ainda existentes, nas margens desta ou daquela *situação*. Encontramo-nos todos, por assim dizer, no movimento de uma espiral. Se alguém nos acena, quase que não lhe podemos acenar. Se alguém nos mostra um objecto que o deslumbrou, só do objecto conseguimos apreender unicamente um resquício. Se alguém se lamenta de um morto querido, nem o nome do morto nós ouvimos...

Entrámos num tempo essencialmente profano, *contínuo*, implacável - e perdemos a noção da existência de um tempo *descontínuo*, de encontros vagarosos, de festa, de entendimento. Vivemos um tempo em linha recta, súbito - e não um tempo circular, descontínuo, que nos leve ao encontro de momentos que nos foram outrora agradáveis. Sim: vai caindo no esquecimento o tempo inicial, *sagrado*, ponto sempre de partida para uma caminhada nova. Estamos em fuga, ultrapassamos todos os possíveis encontros - e cada vez, embora de muitas coisas acompanhados, nos sentimos mais sós uns dos outros. Sem nos apercebermos, vamos tendo o deserto à nossa frente.

Antigamente, na verdade, as pessoas eram menos *súbitas*. Sabiam o significado de uma cadeira, de um livro desfolhado página a página, de uma janela que demoradamente se fechava. Uma cadeira não era, não, um objecto qualquer: antes era o respeito para com o nosso corpo, o começo de uma conversa, o diálogo com alguém sentado à nossa frente, ao nosso lado. Um livro não era lido em diagonal: cada frase era um degrau lento até à lição final. Vagarosamente se fechava uma janela - e isso porque, lá fora, a paisagem se mantinha infinda e vagarosa...

Havia dentro de nós uma pausa, uma pauta, o ponto a ponto de uma longa medida. Éramos (passe a expressão)a preto e branco. Quer isto dizer que tínhamos em nós a noite e o dia - e, porque assim éramos, não nos precipitávamos por qualquer coisa de nada. Sabíamos amanhecer e sabíamos anoitecer - e (maravilha das maravilhas!) conseguíamos ter em nós o tempo que vai do dia para a noite: a estendida e doce tarde da meditação do nosso contentamento. Ter em nós uma tarde era sermos mais amplos, mais abertos, mais circulares - e assim sendo, sendo assim, a nossa atenção por tudo se distribuía, a todos se entregava, de tudo se dava conta. «*Olha aquela formiga que ali vai!*» - pausadamente nos dizíamos como quem só conta o número um.

Porque embora estivessemos inseridos no *múltiplo*, e soubessemos da existência de multidões de coisas e de pessoas, possuíamos então essa rara sensibilidade que nos levava a ver cada pessoa e coisa demoradamente uma a uma.

E porquê, ó confusão dos dias de hoje...? Porque tínhamos do tempo uma noção descontínua, circular, inicial - e era sempre com um clarim de festa que olhavamos para tudo a seu tempo. Cada coisa e pessoa era o número um - e porque era o número um cada pessoa e coisa sobejava-nos tempo para a contemplação, para o diálogo, para o convívio. Não éramos súbitos, não. Sabíamos estar no seio da realidade sem atropelarmos a realidade. Residia dentro de nós o *círculo sagrado do tempo* - e de maneira nenhuma nos atrevíamos a profanar essa circularidade temporal. Sabíamos que a cada instante (dia, mês, ano) o tempo descontínuo, não súbito, era em nós uma íntima necessidade - e daí a festa, pois, de que se revestia o nosso encontro com alguém, o toque de um objecto, a palavra dita e ouvida. Estávamos sempre à escuta do mundo sentados numa cadeira... E, hospedeiros, dizíamos: «*Sente-se também e diga-nos o que o traz por cá.*» Que tempo de festa não era esse então!

Antigamente, pois, as pessoas eram menos súbitas. Diziam as palavras sílaba a sílaba, sorriam com vírgulas nos lábios, mostravam nos dentes um ponto de interrogação à laia de uma flor - e porque eram a noite e o dia, e tinham dentro de si uma longa tarde, lentas se davam, lentas sorriam, e lentas (uma a uma) entardeciam...

Pedro Alvim

Processo ao pouco de realidad

»... o que acontece em nós não depende da nossa vontade; da nossa vontade é a adesão incondicional ao que em nós acontece; da nossa vontade é a eliminação dos elementos aberrantes que nos contrariam e desviam disso... tudo se cumprirá implacavelmente [...] desde o primeiro encontro realizou-se o mais perfeito sistema de esgotamento [...] não desculpar, não se desculpar, não ter razões nem dar razões e acontecer com a precisão sucessiva do que acontece é o Traço-de-União.»

António Maria Lisboa

Aquele que *VÊ* (que possui essa capacidade única de *poesia*) saberá descobrir, para lá das nossas palavras, na nossa aventura, o que é mais importante — porque a aventura, sendo ainda as palavras, passa para lá delas, numa transgressão que é, afinal, a da nossa vontade de assumir esse dado único: a escolha de um desígnio e de um *destino*. Assim, não é surpreendente que conceitos como os de «vontade» ou de «liberdade» se nos apresentem sob a forma de *desejo* ou da *necessidade:* tudo se resume a uma cada vez mais precisa compreensão dos jogos e das aparências, como o único processo, que nos é acessível, de caminhar no positivo: de extrair por exaustão do pouco de realidade a realidade única e total das coisas, de forma a atingir um plano único de vibração — o nervo tenso que oscilando para fora de si contorna intimamente uma posição única de equilíbrio.

Como parecia desejar Rilke — caminhar em nós próprios durante horas sem encontrar ninguém —, há que partir desta verdade que é a nossa solidão, não esperar recompensas de onde só deve vir o ódio, continuar sempre (não olhar, não ouvir) até obter esse grau íntimo de «aridez» que força os deuses e no seu — nosso — lugar faz, enfim, desencadear — vir as grandes — chuvas. Toda a responsabilidade é só para com o que, com os nossos gestos, não soubemos tornar possível; da dificuldade do processo, assim como do seu maior ou menor grau de improbabilidade, nunca decorrerá motivo de desânimo ou o reconhecimento de que ele foi de todo inútil.

Mas o homem é já só um doente preso da sua própria mania de doença; sem o vírus, resta-lhe o hábito, a disposição encanta-o, a ternura que encontra nos gestos atenciosos dos outros, sempre comoventes, esse anestésico prazer de sentir os membros entorpecidos e de não precisar de se mover, embriaga-o: ou seja, ele TEM PENA DE SI PRÓPRIO.

Chama-se a este estado «histeria» e cura-se com um tratamento cuidado de CEPTICISMO, com a devida contrapartida de irónico PRAGMATISMO. O HOMEM LIVRE É O SEU PRÓPRIO EXCITADOR. As máscaras teatrais tomam, assim, o seu primitivo ofício de armadilhas de que os homens se serviam para desfeitear os deuses ou o destino. Ou, como diz o nosso *Hermes-Negro:* «nunca se tratou de saber o que está certo ou errado, quem erra ou acerta nunca foi um factor moral distintivo, mas sim COMO se erra (o grau de aproximação entre o gesto que conduz esse erro e a intenção ou a esperança individual que o indivíduo pôs nele): o homem é uma sempre errada aproximação de si próprio e nunca de qualquer hipótese de verdade válida apenas enquanto referida a uma outra ordem metafísica...» (António Maria Lisboa).

O actor veste o jogo e a tonalidade do drama, com as suas cores; por aí, ele incorpora na sua própria carne elementos de uma realidade seleccionada, tendo em vista os seus efeitos últimos mágicos de autocontrolo e de desafio (a sua potencialidade para desencadear o máximo de oculto). Sendo o maior sacrifício, o actor oferece-se também como o prémio do jogo: se não estiver suficientemente preparado para suportar o embate com as forças que ele próprio descontrola e activa, ele sofrerá o seu choque imenso — mas, mesmo assim, realizar-se-á implacavelmente e com utilidade o seu destino.

Mas, perguntam já os mais perspicazes: e a *liberdade?* Qual a dignidade daquele que aceita ser uma ficção e se oferece ao automatismo das forças desencadeadas? Qual a liberdade daquele que, afinal, apenas pretende melhor obedecer? No entanto, se aceitarmos com naturalidade a impossibilidade efectiva de na vida de cada um se resolver concretamente uma equação primordial de termos puros (aparência/*vs*/verdade), então, reconhecer-se-á que só por meio de uma COMPREENSÃO constante e progressiva dessa realidade *que não nos é dada* (desse *pouco de realidade*) o homem pode ter algumas esperanças de se vir a integrar no seu mistério: já que tudo é, enquanto *ficção,* pelo movimento (no fluir das aparências). E no entanto, a partir de determinado momento, o indivíduo deve ser tomado precisamente como o mais imóvel (o movimento é sempre exterior e isolado; independentemente mesmo daquele em quem se move, ele constitui essa pura ficção que a matéria, o corpo, enquanto verdade, em si, integra). Percebe-se como nos momento de maior rapidez e consciência o Ser se dissocia, pelo que o que então, no seu lugar domina é o PRÉ-ÍNTIMO (ou, mal nomeado ainda, o INSTINTO) que não só é «mundo», mas também a realidade e a essência coligadas e procriando, finalmente, a Forma e Futuro.

Estes são, portanto, os momentos do «destino»: de um destino que não é só o anterior mas o momento próximo e cheio de mistério em que o Ser se aproxima do seu íntimo.

Por isso, para nós: LIBERDADE=ADESÃO. Esta é a «fórmula» com que *nos* escrevemos.

Compreende-se agora, melhor, decerto, a natural evidência que pomos nas coisas (obnubilados os nomes). As rugas que nos pesam na cara constituem, por isso mesmo, os nossos melhores objectos de estudo — é mesmo da observância dessa secreta escrita física e una (em que agente, instrumento e receptor constituem um mesmo corpo) que nos pode vir um resto de serenidade e de segurança que nos confirme a prosseguir com estes meios de procura e de conquista. O maior perigo desta unidade orgânica é que tudo acaba por se lhe referir e os processos que intimamos nas palavras acabam por se realizar em nós, obedientemente, uma vez conseguida a tão desejada íntima unidade entre o EU-PALAVRA e o EU-VIDA.

Nesta aproximação em espiral do nosso destino, o mundo será interiorizável na medida do papel que ele desempenhar na nossa própria descoberta e conquista. Não só o falso será condição de vida como se actualizará o fim de qualquer dicotomia: qualquer posição que viermos a assumir só de acordo com a eficácia global ao nosso movimento deverá ser entendida. Em nós, só o quotidiano — as suas práticas — está, de certo modo, inevitavelmente comprometido (e com ele conceitos com os de «amizade», «integridade», «sinceridade», etc.), mas mesmo as coisas banais existem em nós com tal intensidade que a sua forma máxima de ser é desde logo também a sua utópica projecção (futura) como ruína. Entre nós e as palavras manteremos sempre uma defensiva distância em que todas as tácticas são permitidas: vivemos nessa zona para sempre ambígua em que a nossa própria revelação será a consequência lógica do pudor inicial que ainda possuímos e que nos impede de erguer a voz sobre esse campo, que em breve nos apressaremos a abandonar, repleto de detritos e de ruínas... Em boa verdade, mesmo essa nossa extrema boa vontade — que é também o nosso grito de aviso — surpreende-nos pelo que ela tem, em si, de inútil...

«A verdade não se pensa, sabe-se — o que se pensa é a explicação da verdade [...] o pensamento apenas serve ao indivíduo para lhe mostrar a evidência do que pretende.»

António Maria Lisboa

Quanto mais errado no mundo mais certo, necessário e objectivo em si (e na vida).

Eis que o erro nos surge noutra muito importante metamorfose: ele é a emotivação de um objecto que se experimenta ou uma emoção do eu que num objecto se concretiza.

Assim,

emoção — e r r o — objecto

Daqui resulta uma concreção, uma forma objectiva intermediária entre o *eu* e o *mundo-dos-objectos,* resultante sempre de uma transformação *in loco,* no corpo de cada um, dos dois pólos: o Encontro e a Proposta, o Íntimo e o Mundo... A Seta que atinge imóvel o Alvo e já reduziu toda a anterioridade a si: «A Seta já contém o Alvo, mas só percorre a Seta aquele que lhe conhece o Alvo.

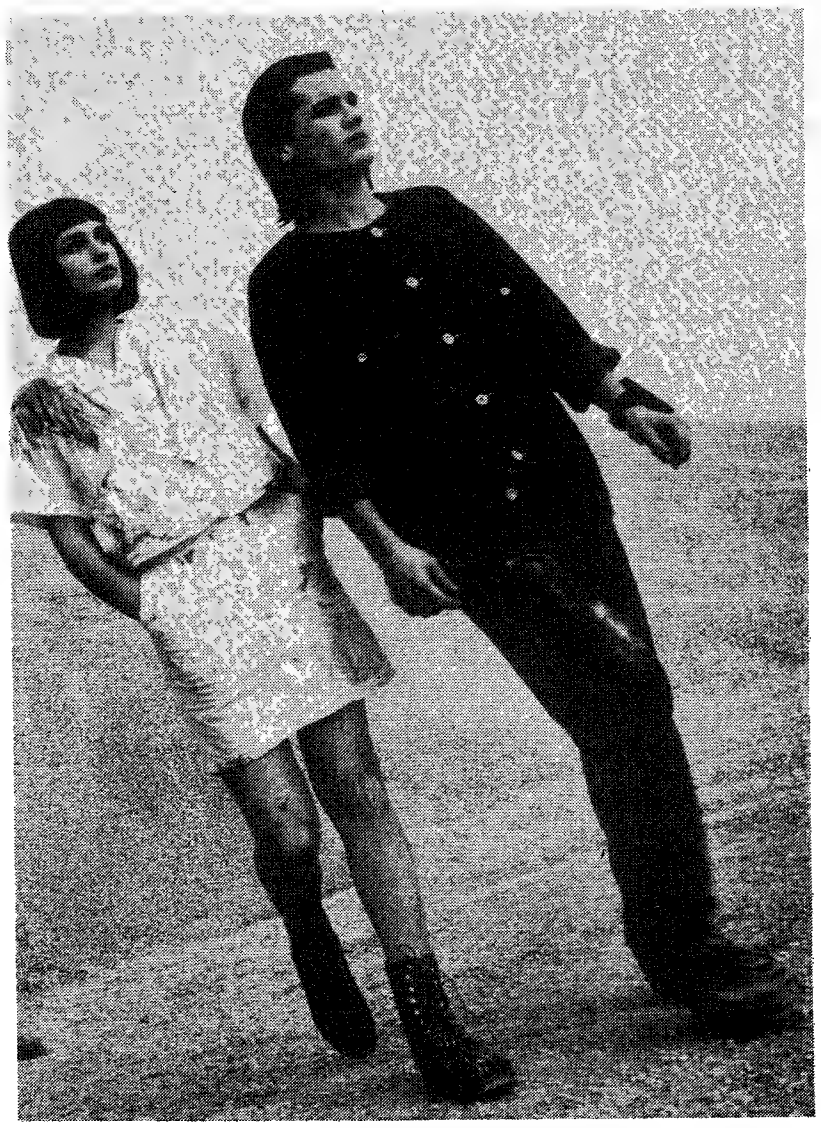
Assim é de olhos vendados que o Grande Atirador alveja» (António Maria Lisboa).

Sem mais, eis tudo o que é necessário saber, fixo numa das suas mais belas sínteses: no entanto, para os que ainda não o compreenderam, diga-se que embora tudo seja diferentemente e por si, tudo se passa como se fosse o mesmo, ou ainda a mesma coisa por três vezes repetidas já que nesse estádio multiplicidade e unidade não se opõem, nem sequer coexistem, pelo que ser uma coisa é já idêntico e equivalente a ser todas as outras (infindas).

É deste ponto de concreção que nos temos procurado aproximar, *pelo erro,* interpretando-o como o instante de poder e de transmutação por excelência. Já Novalis se admirava profundamente em como o mundo não se alterava pela sua simples vontade. Na verdade, os seus escritos tentam reproduzir e habitar esse plano único de vibração em que tudo é pelo que vibra e irradia ou em que tudo tende para um uníssono de vibração, graças a uma inteira iniciação poética, em que o ser é uma pura ficcionabilidade sem que tenda, agora, para coisa alguma. No cadinho do erro e do corpo de quem erra mudam-se o eu e o mundo; caminha-se sempre indistintamente no interior de ambos e o mundo dependerá cada vez mais da visão de quem, pelas suas forças de criação (de vida) e de resistência à morte (ou de restituição da morte — no caso desta ser o instinto, a mais exacta forma de vida), o assegura.

Dizia ainda AM Lisboa (a quem este capítulo é particularmente dedicado): «Trata-se de inventar o mundo» (o que não é correcto, já que nada há a inventar porque tudo já o é desde sempre). O próprio autor, aliás, o parece reconhecer quando, por exemplo, afirma: «O intimismo de cada um é o intimismo universal» (embora se deva também aqui referir que, no reino do pré-íntimo, tais diferenças, assim como a própria noção de identidade, deixam de existir).

A obra só é no cume de imediaticidade e urgência próprios de quem a produza. Não se defende aqui o princípio dogmático e subsistente de um puro-automatismo como o único, possível, caminho;



ade (fim)

ele
que
do
za.

ção,
ária
tos,
for-
ada
e a
. A
e já
si:
s só
co-

ue o
nio

ne-
suas
nto,
een-
udo
udo
mo,
ve-
ádio
se
pe-
ço e
tras

que
mar,
o o
uta-
s se
mo
sua
os
ir e
bra-
ra e
para
as a
em
bili-
para
ro e
se o
npre
am-
vez
suas
re-
ição
ins-
da),

uem
de-
r o
, já
udo
au-
ecer
«O
mis-
leva
eino
as-
len-

iati-
de
nde
sub-
smo
nho;

pelo contrário, a imediaticidade a que nos referimos, naqueles que a sentem, foi sempre árdua e dificilmente conseguida. Tudo é no que afirma e pela simples razão de que têm de ser (nem admite, sequer já outras dúvidas). A obra constituise, assim, como o Lugar-de-Encontro deste drama onde o exterior e o interior colidem e/ou não coincidem. Por um lado, interiorização do método e da escrita; por outro, exteriorização objectiva do que se reflecte na obra e na rede (fuligem) dos erros e dos desvios que, sentre si, se procuram. Processando-se tudo até uma identificação do gesto com a palavra, do objecto com a sua ideia ou imagem; até que, enfim, o sentido seja a compreensão dos seus rituais mais silenciados e mudos. Há que tornar a matéria cada vez mais apta a poder desencadear essas forças dissociativas: há, de facto, uma aprendizagem, um domínio seguro dos materiais, uma experimentação e um entendimento dos seus processos de funcionamento e de feitura. Resumindo: até que um *biopsiquismo* (ou organicismo) coincida com o *mecanicismo do discurso*.

Deste modo, entre o desejo e o destino (a ocasião e o resultado do *erro* ou do *[acto]* tínhamos assumido uma primeira imagem da vida como jogo ou aventura e, de certo modo, pelo que ela implicava de iniciação e de transmutação, também de magia. Ora, num sentido lato, e pelo *gosto* de manipulação das palavras, a poesia é essa corrente isolada e isoladora que, de qualquer modo, conduz em si, materialmente, tudo o que nessa concreção há sempre de magnífico.

As partículas anteriormente dissociadas e experimentadas, nas mais variadas ligações, podem enfim tomar as suas posições de melhor vibração e aí constituírem as únicas e as mais satisfatórias estruturas. Pode-se, assim, falar de um residual INORGANICISMO em oposição a tudo o que antes fora dado em formas biológicas de vida. Tendo-se tudo antes consumado nos seus devidos lugares, os corpos gozam agora da sua máxima intimidade e a matéria vê-se possuída nas veias empedernidas dos minerais, desencadeando-se as suas propriedades sem atritos.

Podemos, agora, regressar de novo à frase citada no início; saiba-se, no entanto, que tudo foi, na maior solidão e silêncio, implacavelmente, consumido: eis como o *eu-vida* aceita o jugo do *eu-palavra*, no caminho do objecto, da concreção e da ruína.

»....què cette fixation et ce gel, cette espèce de mise en mouvement de l'âme se produise pour ainsi dire Avant la Pensée».

A. Artaud

Tudo se reinicia e recupera na já afirmada analogia entre a *vida* (os processos do ser se inserir no mundo e agir-viver) e a *linguagem* (os processos do ser se inserir na palavra e de a proferir). Disse-se, ainda, que a similute das dificuldades e dos erros permitia enunciar uma noção geral (ou, antes, particular — porque é distinta em cada um) de ocupação e de presença do Ser no tempo e no espaço. Não estamos nem contra o tempo nem contra o mundo, apenas sucede que o nosso *estar* abole qualquer noção fragmentária de tempo e de espaço — estamos no preciso ponto em que tudo sem cessar se organiza e se reorganiza à procura (ao encontro) de um valor inicial de pensamento (Artaud), de linguagem e de vida: um plano uníssono de expressão e de conhecimento (ou seja de vida).

Destas e de outras proposições, atrás enunciadas, nasce a ideia de um Espírito-Orgânico (tanto um espírito-orgão como uma inorgânica-superior): uma unidade excitável por ambos os lados, respondendo simultaneamente, ou antes numa única resposta, às excitações que lhe vêm tanto do exterior como do seu íntimo. Uma única matéria (entidade) que reage sem dúvida de um modo único mas que nós, neste instante, apenas podemos cintilantemente apreender. Experimentar diferentemente essa única realidade, assumi-la e propô-la a diversas formas de exterior, é precisá-la em si mesma e nas suas relações connosco: trata-se, ainda, de equiparar os vários níveis de ser possuídos diferentemente pelas pessoas, linguagens e coisas; alcançar um plano igual de ressonância uníssona. O homem tornar-se-ia, assim — e desta vez, não metaforicamente —, *uma coisa entre coisas*, a elas equiparável nos seus modos de, em silêncio e em ordem, ocupar as diversas possibilidades pelo seu ser admitidas.

Há logo um estudo minucioso e complexo a constatemente pôr à prova, destruir e refazer; uma classificação múltipla e cíclica das relações entre as ideias e as coisas até ao seu total (mas, talvez, não final) ajustamento; uma disponibilidade atenta que recusa com o momento qualquer compromisso (compreende-se, assim, como as próprias estátuas de areia representam, para nós, um estado anterior ao da nossa actual consciência); podemos mesmo dizer que, sobretudo, nos «esquecemos» já que os ritmos que encadeiam a enunciação das palavras no nosso discurso se encontram tingidos por toda uma peste de piedade e de «usúria» acumulada ao longo das sepulturas. Esquecer para recordar, depois, sob a sua nova forma (de novo); atingir as raízes para deixar depois tudo frutificar e crescer segundo os seus naturais ritmos: uma ideia, talvez antiga e muito repetida, mas aqui descarnada de toda a sua ganga extática ou mística — nem «idade de ouro» nem «paraíso perdido», apenas, *terra, terra,* (in-)humano suor e (in-)humana alegria.

Uma obra, talvez, como a queria Artaud?

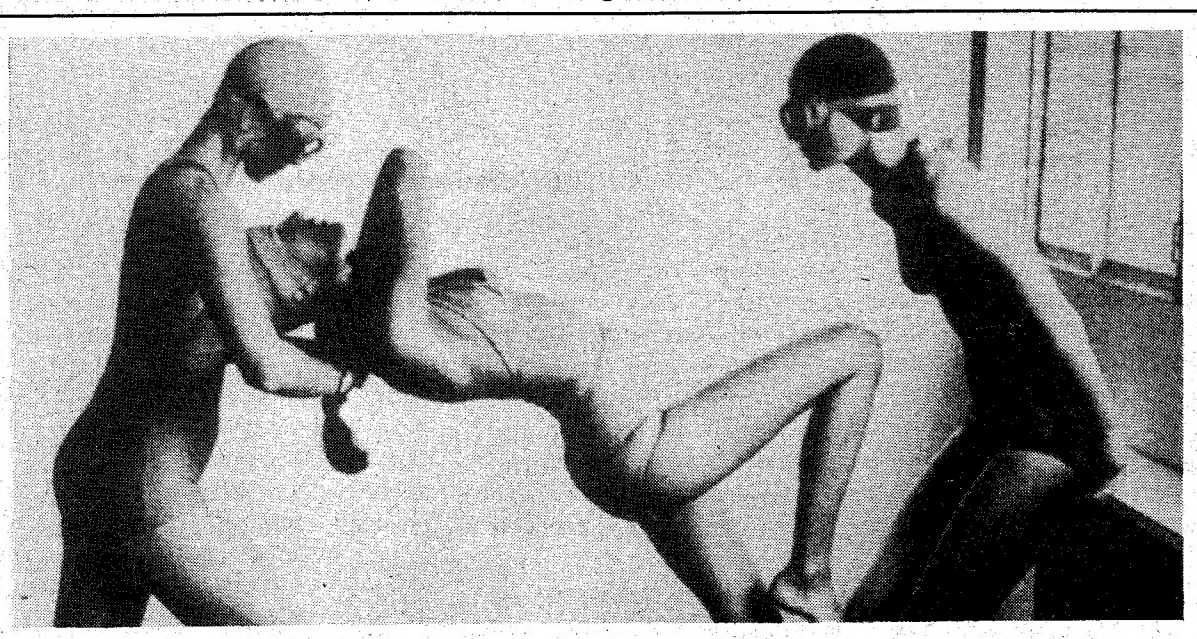
«Et je vous l'ai dit: pas d'oeuvres, pas de langue, pas de parole, pas d'esprit, rien

rien, sinon um beau Pèse-Nerfs.

Une sorte de station incomprèhensible et toute droite au millieu de tout dans l'esprit.»

KHERM! KHERM! KHERM!

Simplicissimus



Nu chuveiro

C encosta o chuveiro à pele (quatro dedos apertados em baixo e assentes sobre o ombro) e o jacto de água reparte-se entre a superfície das costas e a queda directa no fundo da banheira. Está absolutamente imóvel, desprotegido momento. A água salta e escorrega sobre a pele a que nenhum movimento quebra o curso da gravidade. A disposição dos furos no chuveiro aponta a água contra si própria, erguendo-se numa crista de espuma, muitos dedos brancos e prateados a cruzarem-se em leque.

Como *C* mantém o plástico negro que rodeia a saída da água com o cabo perpendicular às costas a crista borbulhante só toca a pele numa das arestas. A outra solta um fio torneado como uma coluna que percorre o ar com um acompanhamento de pequenas gotas volantes. Estas — e apenas estas — tocam a pele das nádegas onde ficam presas por um segundo à espera da água que, da outra aresta da crista, escorrega pelas costas e as leva ao longo das coxas para o mármore branco. A pressão do chuveiro contra o ombro abre a torrente de água em *V* invertido.

Do lado esquerdo, uma serpente brihante salta o osso da omoplata que, porque está erguida para fora empurrada pela torção do braço que segura o chuveiro, atira alguma água para cima, ao longo do pescoço estreito e arbóreo, quase até ao rabo-de-cavalo louro que, da cabeça de *C*, cai como luz sólida, pendente das pontas molhadas, rival da água. Saltando o osso, a maior parte da torrente escorre ao longo da coluna vertebral, nesse jeito de só seguir o que já foi tocado e respeitar invisíveis fronteiras, rodeando as vértebras e sobrepondo-se-lhes, colar de pérolas fugazes sobre o silêncio da pele. O cateto direito do triângulo traçado pela água entre o vértice de onde sai e o chão — ou as nádegas de *C*, melhor corpórea e carnal escolha — cai mais na vertical sobre a omoplata e o flanco, tão ligeiramente curvado que engana a água hesitante no fundo das costas entre o percorrer como um lenço de luz coada a nádega que a espera ou descair pela anca, um ligeiro ondear que a faz quase uma mão que apoia e abre. As nádegas de *C* têm quase a mesma largura do tronco mas a água é desviada da vertical a que se habituou nas costas pelo modo como a carne se estende para trás, como se *C* estivesse permanentemente inclinada. Luzem as nádegas e a sua carne é tão leve, tão frágil de pétala ou pupila, que os fios de água que a percorrem a fazem tremer, uma vibração de fibra e vidro, de vida e brilho, milhares de pequenos dedos sôfregos e incapazes de cobrir e possuir uma superfície que é a película translúcida do céu ao fim da tarde.

C muda o chuveiro para o outro ombro, trocando a mão que o segura e assentando o peso do corpo na perna esquerda. Um intenso segundo, inapreensível, em que subitamente se levanta a outra omoplata, a água escorre um traço final pela espádua direita deixando num repente o âmbar da pele a respirar directamente o ar, cada pequeno poro a fechar-se, manchas mais rosadas a vibrarem como mármore vivo e a nádega que, liberta do esforço do músculo, se distende, fica tão branca que a casa de banho escurece e se dilata para dar lugar ao sol. Uma pequena prega distingue agora a carne solta e macia da auréola de gordura que *C* ainda tem na coxa, sinal de imaturidade, íman do olhar, idade madura dos olhos. Como se um espelho se tivesse de súbito interposto, *C* — sempre imóvel — é agora a imagem reflectida do que fora antes e a abertura parda entre as nádegas, larga e escavada como se albergasse uma caverna de tesouros sangrentos, atrai os fios mais audazes da água, pelo lado direito desta vez e termina numa precipitação líquida de reflexos na curva inferior, aurora boreal, no carnívoro bordo da coxa, no imaginado suplício da vagina sempre aberta que a água arrepia e contrai. Cá em baixo, sobre a pedra branca, as gotas tentam inutilmente voltar à pele que as aqueceu, em saltos irregulares crespados de espuma.

C volta-se repentinamente como se alguma coisa a queimasse, lhe perfurasse a pele e o esqueleto. Um gesto rápido, apenas do tronco e da cabeça, levando o pé direito a erguer o calcanhar e a coxa a obliquar-se para a frente. Depois, pousa o chuveiro no descanso e, rodando a cintura, procura talvez o sabonete. Solitária ordem das coisas que assim te exibes! Mais fina ainda, o impossível em carne, salientes os ossos dos quadris, os acrômios levantados como se encolhessem uma qualquer indiferença.

Desaparecendo as nádegas, brilha agora tudo para dentro, lâmpada de luz negra e autofágica. Duas gotas esperam na ponta dos mamilos de que ainda não chegou a hora. As coxas, muito mais longas sem a coroa das nádegas, imobilizam-se, nevoeiro de pele e tentação. O braço direito estende-se para a frente, a mão aberta e o polegar em baixo, à espera de se opor à queda dos graves. Toca a borda da banheira, desliza para a direita e agarra o sabonete com apenas três dedos, lei do menor esforço da manhã. O pé esquerdo trabalha o equilíbrio erguendo os artelhos e fazendo da coxa uma membrana esticada e fremente de onde a água, ainda e sempre, relutantemente se esvai.

C segura o sabão entre o peito e a concha da mão, local da pele mais branca em que as costelas se levantam para aquém dos seios. Fá-lo depois deslizar, primeiro à esquerda numa oval que passa sobre o mamilo, desce o flanco balouçando nas costelas, gira no começo da anca e se amolece na carne do ventre. Ergue-o, de seguida, até à clavícula e, girando-o na mão de modo a fazer ver a letra impressa na massa cor-de-rosa, fá-lo descer devagar, na vertical, até à junção da coxa. Daí, num gesto preguiçoso, cobre o início dos lábios expostos e afastados da vagina e a mão desaparece entre as pernas avançando um pulso, agora só osso e nudez, pescoço partido sobre o precipício.

C está outra vez imóvel. O braço esquerdo foi abandonado num ângulo quebrado no ar e a mão, inútil e pendente, esconde-se por detrás do polegar e do indicador que, tocando-se nas pontas, formam um olho de vapor de água junto à parede. O pulso direito espera. O chuveiro murmura para o mármore. As coxas de *C* contraem-se de três em três segundos, única parte alerta de um corpo de olhos fechados.

Heliogábalo

Ferreira de Castro no Brasil

As homenagens ao autor de *A Selva*, iniciadas em 1980, culminam este ano com as manifestações programadas no Brasil para Novembro próximo, por iniciativa da Associação dos Amigos de Ferreira de Castro e da Perfeitura da cidade de Humaitá, afirmou à agência Lusa Eurico Alves. Presidente da Associação, fundade em 1979 em S. João da Madeira pelo escritor e pintor brasileiro Moacir de Andrade, Eurico Alves disse que «a Perfeitura de Humaitá, localidade onde se situa o seringal "Paraíso", palco do romance *A Selva*, deliberou prestar múltiplas homenagens ao escritor, ainda a pretexto do cinquentenário da publicação da primeira edição do célebre romance.»

Ferreira de Castro será então proclamado cidadão honorário da municipalidade do interior amazónico e o seu nome vai ser dado a uma artéria da cidade, bem como a Biblioteca e ao mais importante Colégio de Humaitá.

Pela mesma altura será inaugurado, numa praça fronteiriça ao seringal "Paraíso", o busto do autor de *A Selva*, da autoria de mestre António Duarte, oeferecido pela Associação dos Amigos de Ferreira de Castro.

Entretanto, e atendendo a que foi na cidade do Porto que *A Selva* se publicou pela primeira vez, a Associação ofereceu, recentemente, a Cidade Invicta, uma estátua do escritor, da autoria do escultor mestre José Rodrigues, a ser inaugurada brevemente.

Que dizer, pois, e a propósito, deste escritor? Que a universalidade de Ferreira de Castro é um facto incontroverso? É verdade que alguns intelectuais ditos "universitários" têm complexos e disparam-lhe dardos.

Não é grave.

Muitos deles não ultrapassarão o anonimato da pia baptismal; outros, autores de obras cujo novoriquismo formal os tornam menos que ilegíveis, fenecerão (as obras e eles) logo no dia imediato à notícia da sua morte.

Percursor
do neo-realismo

Percursor do neo-realismo, Ferreira de Castro construíu uma obra onde o homem foi o ponto de partida: o homem e um certo destino social miserável que o vem perseguindo desde as origens.

Mas o autor de *A Selva* não padecia dos excessos formais que tanto atormentam os que hoje querem fazer da linguagem romanesca um autêntico laboratório de fosmalismos linguísticos de tal forma exagerados que obscurecem obras que pretendem passar por as mais modernas, inivadoras, renovadoras e esquisitas.

A questão reside nisto: a escrita é a base do texto literário. E o texto literário está sujeito, tal como a vida, a uma evolução na busca de uma revalorização dessa esctria que é o instrumento da linguagem. Por sua vez, a linguagem é a forma directa da comunicação. Comunicar é, portanto, o princípio de tudo.

Comunicar foi a preocupação de Ferreira de Castro - comunicar com os outros homens, alertando-os e consciencializando-os perante a infelicidade e o desajuste social.

Concorda-se que o autor de *A Selva* não foi, nunca, um estilista, um rebuscador do estilo. Para ele a escrita era o meio para atingir um fim: denunciar e testemunhar o sofrimento humano.

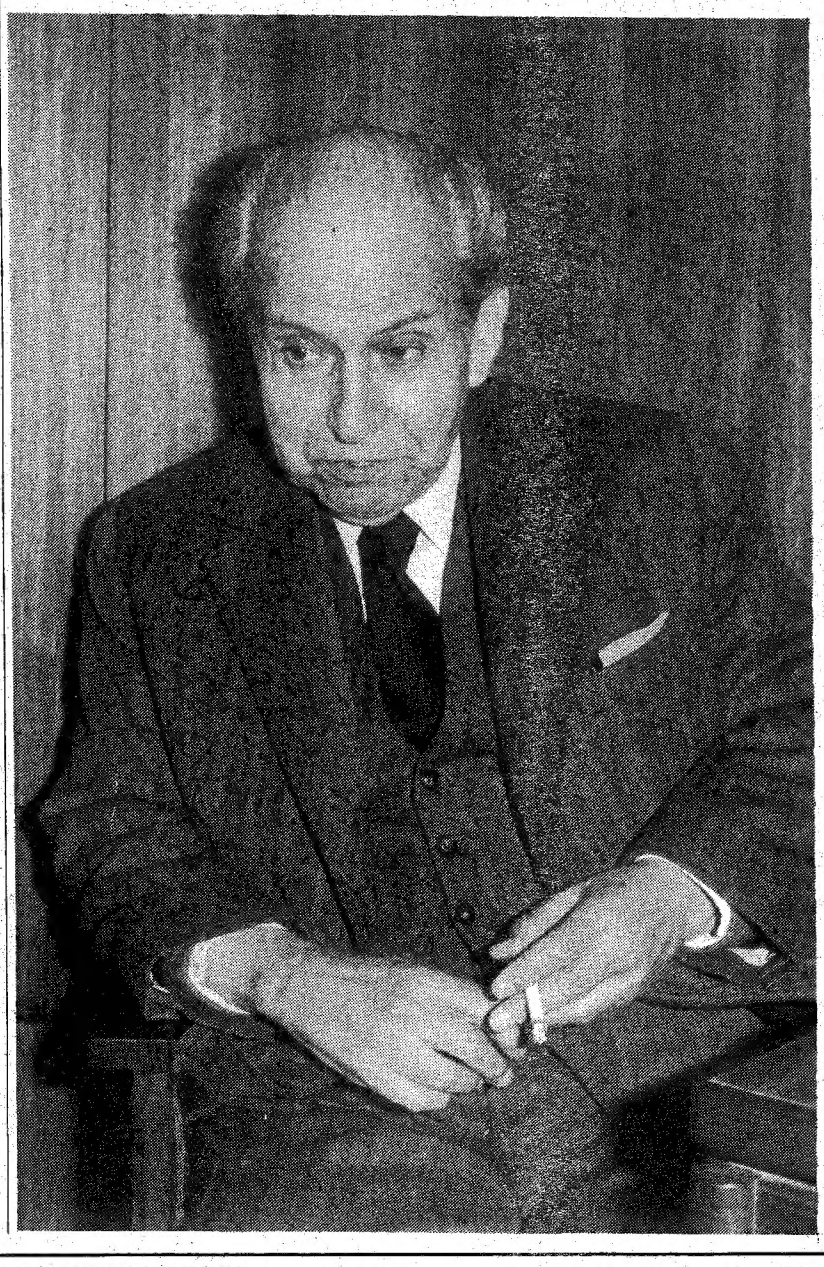
Daí que a sua escrita não se assumisse **como ponto de partida mas como ponto de chegada**. Um estilo dessorado, preocupado em "noticiar" esse fatalismo endémico que privilegia uns em desfavor de outros - conduzindo o homem pelas veredas da desigualdade e da indiferença, em total contravenção com os princípios democráticos que Ferreira de Castro respeitava e defendia. A obra do autor de *A Selva* tem de ser compreendida e aceite como aquilo que ela própria é: unívoca como documento contestatário e como testemunho.

Ouçamos alguém

Foi, aliás, o que fizeram os neo-realistas dos tempos heroicos, embora hoje alguns deles o pretendam esconder como pais envergonhados da prole.

Ferreira de Castro não renegou nada. Pelo contrário: desbravou e abriu o caminho que os neo-realistas haviam de percorrer.

A sua presaença universalista continua perene na Literatura portuguesa por muito que custe aos que têm o gosto de trair as suas próprias origens em nome de nefelibatismos inconfessáveis.



Sobre *A Selva* e, de um modo geral, sobre a obra de Ferreira de Castro, o que é que pensam os intelectuais portugueses?

Para Óscar Lopes, a publicação de *Emigrantes* e de *A Selva*, respectivamente em 1928 e 1930, *representa mais do que a consagração de um dos escritores portugueses de maior projecção internacional.*

Pelo seu espírito e pela sua experiência real a que dão forma fictiva, esses romances são, simultaneamente, o testemunho directo e a elevação à mais alta dignidade literária do próprio e genuíno povo português e, em especial, de uma das suas fracções ainda hoje mais sacrificadas, numa emigração com raízes históricas seculares que vêm até aos nossos dias, pelo mundo em pedaços repartida, conforme diz Camões no mais português e mais pungente dos seus versos.

E a concluir: *(...) O fôlego humanista dos seus livros de consagração mantêm hoje a sua mais radical actualidade.*

Luis Forjaz Trigueiros por sua vez corroboa: *(...) Desde que o conheci pessoalmente nunca mais deixei de associar o homem ao escritor, em ambos a mesma veemência contra as injustiças sociais feitas de amor ao próximo em primeiro lugar, uma solidariedade humana natural em que se associavam, simultaneamente, coerência sem quebra e tolerância sem fraqueza. Por isso todos o respeitavam.*

E mais adiante: *Pelo nosso lado, não podemos esquecer que numa época em que não havia glórias literárias pre-fabricadas como hoje, A Selva levou rapidamente a todo o mundo em dezenas de traduções a literatura portuguesa no que lhe é mais peculiar: a autenticidade da aventura e da experiência.*

Como que no seguimento das palavras de Trigueiros, Àlvaro Salema considera que o romance *A Selva*, constitui *um dos grandes marcos da moderna Literatura portuguesa. Quase sessenta anos decorridos sobre a sua publicação (1930), os perenes valores que o fizeram irradiar no mundo permanecem com a integridade que lhe assegurou tão singular destino.*

E prosseguindo: *Contra a maré contagiante dos subjectivismos e sinuosos psicologismos que se difundiu nas Literaturas de quase todos os países depois da Guerra de 14-18, Ferreira de Castro assumiu nesse romance (A Selva) de franca intenção ético-social, de denúncia das injustiças e de verdade humana concretamente experimentada.*

Mas - e o homem?

É Serafim Ferreira quem nos afirma que *com a sua morte física, se perdeu, para quem teve o privilégio de o conhecer, esse sorriso aberto e cordial, esse aperto de mão franco e sincero que Ferreira de Castro estendia aos mais jovens como forma de estímulo ou de compreensão nunca regateada.*

E de seguida: *(...) Não sabemos se a geração de 60 deve pouco ou muito à obra de Ferreira de Castro. Todavia, sim, podemos dizer que, na sua expressão superior e no exemplo e grandeza da obra que nos legou, o autor de A Selva está vivo e caminha (ainda) a nosso lado, como acontecera poucos dias antes de morrer, nesse inesquecível Primeiro de Maio em liberdade.*

A concluir, João Bigotte Chorão tece considerações críticas à obra do autor de *Emigrantes*, acentuando: *Com A Selva, temos um caso típico de romance de ambiente, tanto a natureza assume aí o papel de protagonista - a natureza tentacular que, de madre, se faz madrasta do homem. Depois da mentalidade optimista que, à luz das luzes, via o homem dominando, pela força só da razão, medos, superstições e catástrofes, eis que, com o romantismo, se regressa à realista concepção do homem como um pobre ser sujeito a todas as potências maléficas da natureza, apostadas em o perder.*

E acrescenta:

É um eco longínquo desse pessimismo romântico que se ouve ainda n'A Selva, romance de uma época trágica que assiste ao fim do processo do humanismo. A selva tropical, a vegetação luxuriante, a fauna exótica, o bom selvagem, não servem aí de cenário a páginas de um colorido exotismo. Diante da natureza, diante do inferno verde, o homem não se toma já por demiurgo, por alguém que impõe a ordem ao caos, porque se tem, camonianamente falando, como um bicho vil e pequeno. No fim desse processo do humanismo, o indivíduo - ele que fez a fortuna do romance - como que desaparece, absorvido pela selva. É toda essa desumanização e aviltamento do homem que dá à epopeia de Ferreira de Castro a sua grande força dramática e, por assim dizer, exemplar.

Mário Dias Ramos

Poema Azul

Hoje é o dia em que me sinto exacta
com místicas begónias entre os dedos
Em que modelo poemas nos rochedos
e alinho asas pelos céus de nata

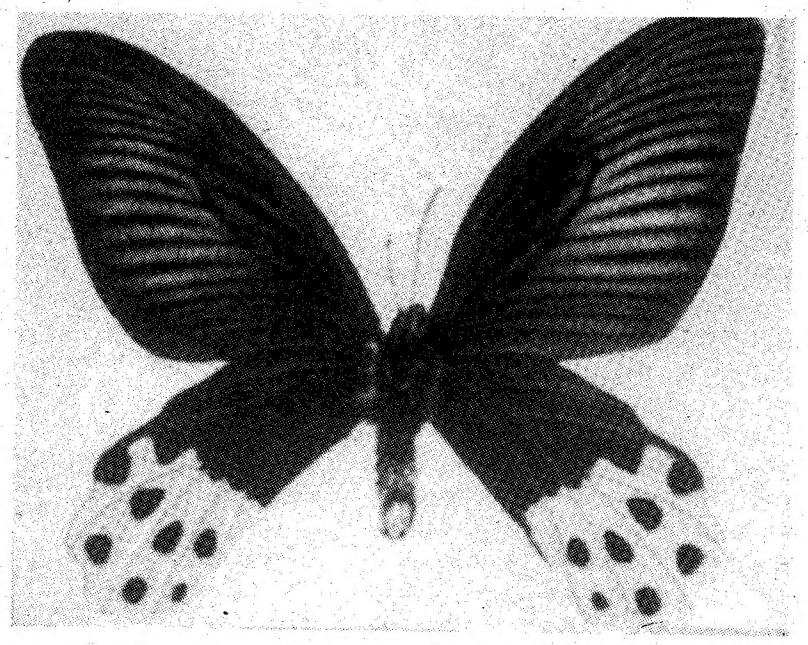
Em que sou ninfa pelos arvoredos
ou insecto a morder nuvens de prata
Em que me sinto leque de fragata
dobrado ao peso de ávidos segredos

Hoje é um dia azul dentro de mim
com bunganvílias rubras alecrim
e um mar ébrio de cor ébrio de mastros

Com papoilas submissas ao pescoço
devasso enigmas que não sei nem ouço
e ordenho o leite de rebanhos de astros

Maria Natália Miranda

(*) Do livro Uma rosa em cada gesto
(Espiral, 1988)



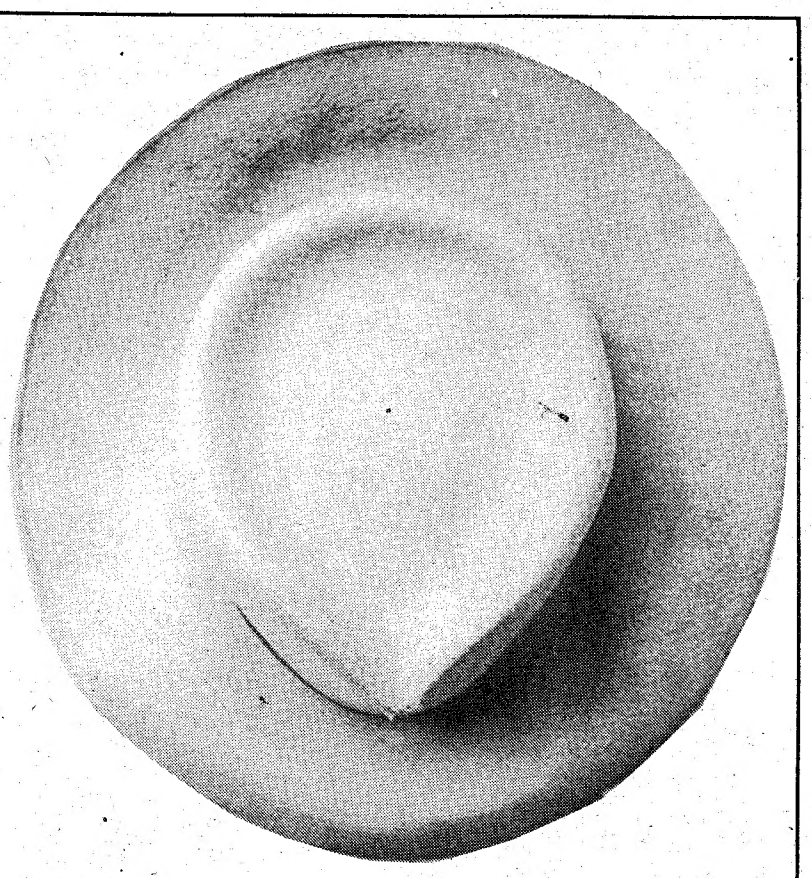
Leão

Já o Outono
se entorna
pelo chão.

Como rugem,
rubras,
calcadas,
as folhas
pelo solo!

Já o Outono
se ergue
como
um leão.

(De um anonimo,
de ponto em branco,
indo-se pelos campos)

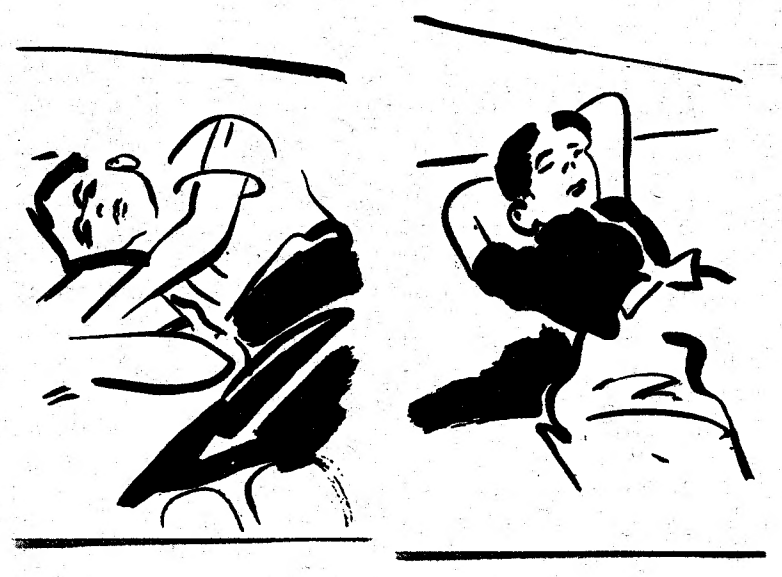


Só isto

Às vezes penso que vale a pena viver
só para se usufruir de certos momentos como este!
Entre mim e a luz eis que se estabelece um diálogo,
a manhã quase se perde na outra metade do dia,
mas o sentimento é tão puro e raro
que sinto vergonha de dizer ou sugerir que vivo!
Não me abstraio do mundo e das coisas,
todos os sentidos recebem os sinais usuais,
mas neste silêncio há uma coincidência
entre quem sou e tudo o mais que existe cosmos
ou universo ou apenas o que se vê e se pressente.
Não é um êxtase, nem um arrebatamento anímico.
Aproxima-se mais de uma serenidade dentro do possível,
um estado de graça sem que a metafísica dite a origem
ou a razão de tal acontecimento periférico,
trata-se do verdadeiro efeito do espelho,
em que o objecto, que sou eu, não se reflecte
como imagem paralela e correspondente no inexistente fundo,
mas coincide, é este o verbo, com a realidade do mundo!
Tudo o que vejo me é exterior e longínquo
como uma alma que se perdeu ou ainda não se ganhou,
sou tudo ou tudo me é, se há centro ou limite ou fronteira
é porque a língua o exige para ser compreendida!
Não recebo nenhum terror do carisma das coisas,
a loucura é um passo passado e talvez essencial,
mas não se aplica a este momento sem revelação,
porque nada sussurra ou se diz,
mas tudo vive do mesmo ritmo e da mesma respiração.
Não sabendo o que é a perfeição dificilmente
poderei chamar a isto um momento perfeito!
O que sucede e é palpita de normalidade sensível,
embora o sentido no corpo através da consciência
se isole do Tempo na sua casualidade causal
para surdir como um sentimento de pacacidade.
Nenhum medo, mas a alegria de conter em mim um segredo,
uma inominável renúncia, como se viver fosse só isto,
e tudo o mais a malha confusa do tumulto da Vida!

Silva Carvalho

Todo o acordar



Todo o acordar é interior
começando por ser amplamente
uma larga atenção às coisas íntimas.
Todo o filão tem um princípio
e um fim e o seu mineiro
que sedento lhe procura o princípio
mas tarda em encontrar-lhe o fim.
Nenhuma coisa se esgota
- tudo muda: e
consoante muda rememora
de maneira diversa aquilo que passou.
Estas palavras que foram outras antes
serão outras depois.
Só por isso as digo como as digo
- e digo-as:
tu és a tentação,
eu a serpente.

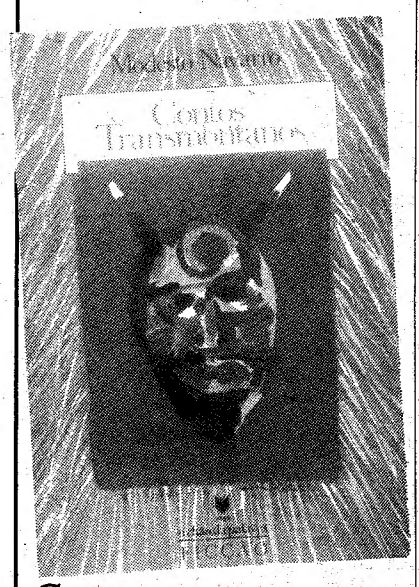
Bernardo Frey

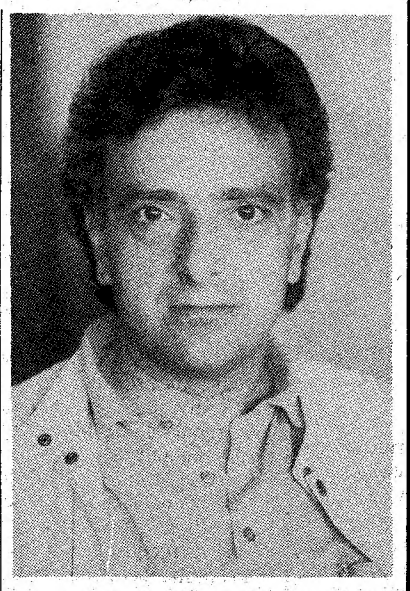
Quanto rende
a publicidade feita
em suportes
especializados?
Faça a experiência

Acabados de Chegar

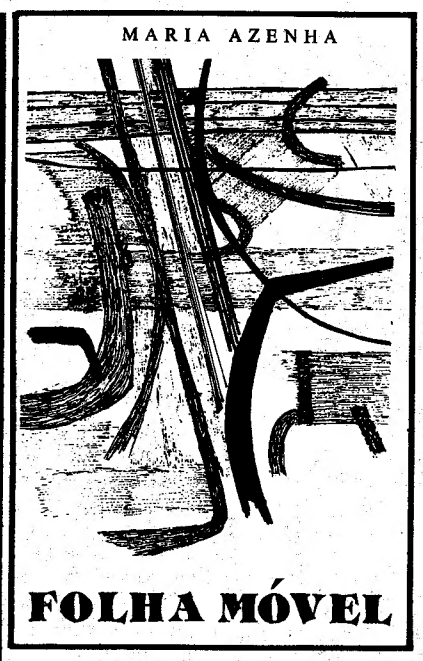
Arte da Respiração, Casimiro de Brito, Publicações Dom Quixote

Sob qualquer das suas formas o humanismo é uma estação do terrorismo. As leis e os códigos morais, receptáculos do sagrado, defendem o poder e a glória do homem e dos deuses que o homem criou à sua imagem. Se os homens fossem castigados pelos seus crimes a sua raça desapareceria de um dia para o outro. Um dia virá. Embora não haja crime para a grande respiração animal - apenas uma obscura arrtmia -, um dia virá. Assim se expressa Casimiro de Brito em **Arte da Respiração**, no seu mais recente livro. E mais adiante: *Poco e mal viaja quem vê apenas a forma fugaz das coisas, essa que, segundo Boécio, «fenece e muda como as flores do campo ao surgir o outono»; pouco e mal julga quem diz ter encontrado a verdade, o amor, a casa ou a sua própria imagem porque de imediato se começa a perder o que se julga ter enconrado.*» E ainda, assumindo o trágico da existência: *«Deverei cintinuar a escrever? Se nem sequer posso compreender o gato, a nuvem?*» Voltaremos a este livro.



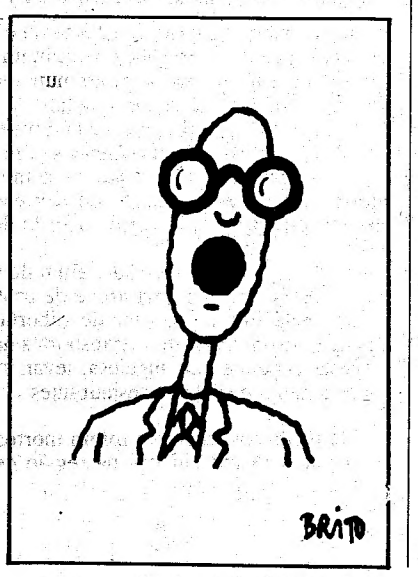


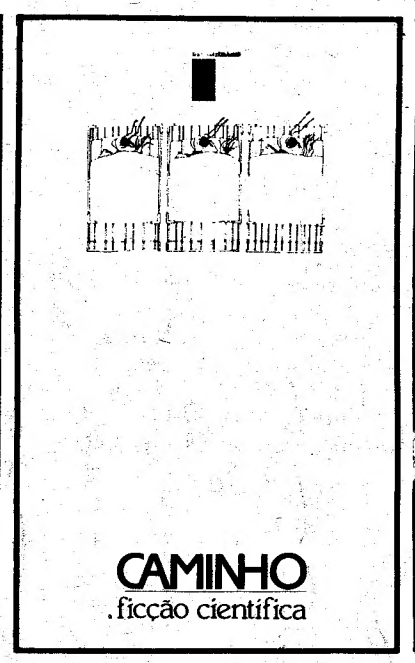
Contos Transmontanos, de Modesto Navarro, saíu agora em segunda edição, com a chancela da Vega. Livro e autor foram apresentados na Casa de Trás-os-Montes. Muita gente interessada. O perfil de Modesto foi traçado pelo escritor José Ernesto Rodrigues, que, como é óbvio, também se pronunciou sobre o conteúdo do livro. *Contos Transmontanos* compreende vinte e duas estórias, distribuídas por três partes: *Vila Amarga da Fantasia, Terra Quente* e *Violência Cega Antes de Ser Livre*. Assírio Bacelar, editor da Vega, abrindo a sessão, teceu pertinentes considerações sobre a política de publicações da casa de que é responsável. *Contos Transmontanos* integra-se na Colecção O Chão da Palavra - e desde já podemos afirmar que é livro que merece leitura.



Folha Móvel, Maria Azenha, Átrio

«Os objectos não são inocentes. Maria Azenha surpreende-os a participar, embora passivamente, numa determinada ordem social. Na poesia de Maria Azenha, como nos filmes de Martin Scorsese, os objectos conquistam uma densidade de invulgar, uma existência sublime» - assim escreve João Craveiro como guia para a leitura do título de Maria Azenha. Licenciada em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra, e presentemente professora efectiva do Ensino Secundário, a autora merece de Paulo Brito e Abreu, entre outros, o seguinte juízo: «(...) o Álvaro de Campos que aqui nos aparece é um Álvaro de Campos filtrado pela revolução surrealista de André Breton e de António Maria Lisboa.» Oportunamente, *Ler Escrever* transcreverá um dos poemas de Maria Azenha. Que também desenha, e, desenhando, alguns traços apresenta no livro que ora nos oferece. - Capa de Artur Cordeiro.



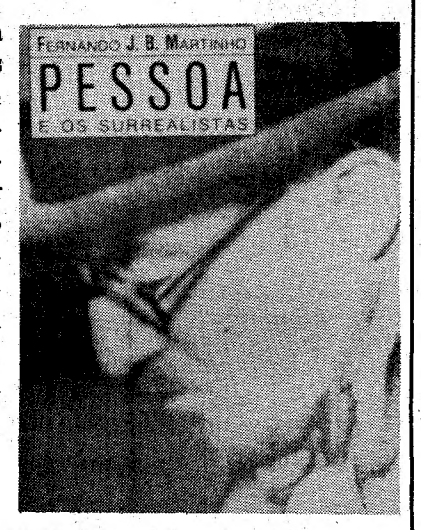


Nem Lágrimas de Cristal, Alan Dean Foster, Caminho

Ficção Científica. Alan Dean Foster é um escritor sobejamente conhecido do público leitor português. Sobretudo, a obra que a Caminho de Bolso já dele publicou, *Por Amor da Não-Mãe*, consagrou-o definitivamente como autor de livros repletos de aventura, de maravilhoso e de profundo interrezse humano. De livros, em suma, originais e atraentes. *Nem Lágrimas de Cristal* é uma notável história em que o heroi está muito longe de ser humano. Ou muito perto, afinal. Começa assim: «É duro ser larva...» Lida a primeira página, ter-se-à de ir até à última. É verdade: sem parar. - Tradução de Luis Dionísio e capa de Henrique Cayatte.

O Vale da Montanha Mágica, Graça Matos Sousa, Vega

Trata-se do Prémio Revelação da Literatura Infanto-Juvenil-1986 e só agora nos escaparates das livrarias. Integrado na **Colecção Grandes Pequeninos**, da editora acima mencionada, é um livro, sem dúvida, pleno de imaginação, susceptível de agradar aos jovens da camada etária para quem foi escrito. Ilustrações, de ficar nos olhos, de Adelaide Penha e Costa (Curso de Pintura da ESBAL). - Edição patrocinada pelo Instituto Português do Livro e da Leitura.

Pessoa e os Surrealistas, Fernando JB Martinho, Hiena Editora

«No ano em que se dá início à publicação das **Obras Completas** de Fernando Pessoa, 1942, travam conhecimento e começam a reunir-se no Café Herminius, em Lisboa, alguns daqueles que irão ser os protagonistas do movimento surrealista português...» - Escusado será adiantar que o presente livro é de leitura obrigatória para todos quantos prezam uma das maiores expressões da poética portuguesa. Sublinhe-se ainda a autoridade do autor no nosso campo ensaístico. - Capa de Augusto T. Dias.